



JANAINA SOARES

*Muito* **ALÉM**  
**DOS** **TEUS** *Olhos*



PERIGOSAS NACIONAIS

*Muito* **ALÉM**  
**DOS** **TEUS** *Olhos*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

JANAINA SOARES

*Muito* **ALÉM**  
**DOS** **TEUS** *Olhos*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Copyright © 2018 Janaina Soares

**Capa:** Décio Gomes

**Revisão e Diagramação:** Carla Santos

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte dessa obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma, meio eletrônico ou mecânico sem a permissão da autora e/ou editora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.



## *Sumário*

Capa

Créditos

Dedicatória

Agradecimentos

Epígrafe I

Epígrafe II

Prefácio

Prólogo



# PERIGOSAS NACIONAIS

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

# PERIGOSAS ACHERON

# PERIGOSAS NACIONAIS

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Epílogo

Nota da autora

Biografia

Obras

Notas

# PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

*Dedico a história de Bento e Olívia aos meus  
leitores.*

PERIGOSAS ACHERON



## *Agradecimentos*

A Deus, pelo milagre da escrita e por tudo o que me proporcionou durante os quase dois anos em que passei com esta história na mente.

A minha família por ser tão especial.

À Andressa Miotto, um agradecimento especial: você foi a primeira a ler e opinar sobre Bento e Olívia. Suas considerações sobre a trama foram de grande ajuda para mim.

À Gabriela, por betar este livro e me ajudar com suas ponderações.

## PERIGOSAS NACIONAIS

À Tânia e Sara, pela ajuda com o parentesco do casal. Vocês me mostraram que eu estava na direção certa ao escolher Bento e Olívia como protagonistas deste enredo.

Ao Marcos e Maria. A ajuda de vocês foi excepcional. Moldar a rotina de Bento, suas dificuldades, seus dilemas no cotidiano só foi possível porque me receberam em sua casa, e se dispuseram a ser entrevistados.

Ao Daniel Ladea, pela ajuda com as questões de moda.

À Carla Fernanda, pela amizade e por todo o trabalho com este livro.

Ao Décio Gomes por arrasar nesta capa: você captou tudo com o seu trabalho.

Agradeço, de coração, aos meus leitores. Vocês são peças fundamentais para a realização deste sonho.

## PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

*“Tenho medos bobos e coragens absurdas.”*

**Clarice Lispector**

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

*“Nunca subestime o medo de uma pessoa.”*

**Janaina Soares**

PERIGOSAS ACHERON





## *Prefácio*

Sente-se na areia, e traga consigo uma ansiedade tremenda a qual seja transbordada como as águas do rio banhando-te, querido leitor, da insaciável busca.

Ouçá sons, escute risos, e, a princípio, comova-se com a brincadeira de dois primos, sinta-se criança outra vez.

Queira participar do casamento puro e ver onde duas vidas poderão se cruzar novamente.

Mergulhe no singelo momento de infância, aspirando por um novo recomeço de tal amor nunca

rompido pelo tempo.

Entrega-te ao diferente no transcorrer de tantas idas e vindas, juras quebradas, mágoas resgatadas, amores sinceros, e segredos a serem desvendados pela ânsia de vê-los acertarem o alvo da conciliação.

Agora, com a brisa afagando-te o rosto, prepara-te o assento áspero na areia, a escrita estende-lhe a mão, e segue contigo para que essa imensidão de sentimentos te seja compreensível...

Caro leitor, tenha coragem e vontade de se aventurar em grandes exemplos de superação. Não se vá antes de entender que tudo se resume a uma vida separada.

No entanto, eu que andei por essa orla, continuarei andando, apreciando a destreza de minha escritora refletida nos teus passos de leitor curioso pela história, enquanto presencio o riso e a felicidade de crianças destinadas e sentenciadas

## PERIGOSAS NACIONAIS

pelo destino criado por terceiros, os quais tentarão infringir as leis do inevitável.

Conheça a trama, permita-se se emocionar, porém não se engane: Olívia é mais forte do que aparenta, e a teimosia de Bento não ultrapassa sua grande beleza de atitudes.

Esteja convidado para ir mais fundo, atire-se com eles no escuro e junto deles seja confiante, amigo, fiel e companheiro.

Digníssimo leitor, crio em ti a esperança, e desejo-te uma ótima experiência nas seguintes páginas para que tenhas no final: a alma formada!

*Andressa Miotto*

## PERIGOSAS ACHERON



## Prólogo

*Era a Chapeuzinho Amarelo  
Amarelada de medo  
Tinha medo de tudo, aquela Chapeuzinho.  
...Mas o engraçado é que,  
assim que encontrou o LOBO,  
a Chapeuzinho Amarelo  
foi perdendo aquele medo...*

*Chico Buarque*

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



## Capítulo 1

**PRESIDENTE EPITÁCIO**

**OUTUBRO DE 1995**

— CORRE, BENTO, OU VAI se atrasar para o nosso casamento! — grito para o meu primo, que anda até mim com dificuldade, os óculos de fundo de garrafa caindo sobre seu nariz pequeno e vermelho.

Ele me olha atravessado, xingando baixinho. O terno que roubei do guarda-roupa do meu pai está grande em seu corpo miúdo e franzino, a gravata colorida com figuras de ursinhos está torta, a

camisa que deveria ser branca está suja e amassada, as calças arrastam-se pelo gramado, e os sapatos sociais antes pretos agora estão com uma cor estranha e não identificável.

— Que saco, Olívia! A gente tinha combinado mais tarde. Por que quer casar tão cedo?

Seus olhos amendoados por trás das lentes me encaram, emburrados. Típico de um menino de dez anos. Típico do meu Bento...

— Porque minha mãe vai ficar até mais tarde na pousada hoje, e consegui sair sem ela me ver... e...

— faço uma pequena pausa, ajeitando o vestido de noiva — porque ouvi a vó Teresa conversando com sua mãe.

De imediato, atraio sua atenção e sorrio triunfante.

— O que você ouviu?

— A vó disse que o único jeito da gente ficar juntos seria se casando. Então, aqui estamos. —

## PERIGOSAS NACIONAIS

Aponto para o jardim da minha casa, como se aquilo bastasse para Bento.

Ele para ao meu lado, os cabelos cacheados castanhos bagunçados por conta do vento da primavera. Engancho meus braços rechonchudos em meu primo, e seguimos até o pequeno altar improvisado que montei no quintal de casa: um banquinho de madeira velho, uma Bíblia de Princesas que ganhei de aniversário da vovó e algumas pedras que achei pelo quintal. Vitório, meu irmão de quatro anos, nos espera impaciente. Ele fará o papel do pastor, e sua expressão contrariada me diverte. Prometi um pote de balas de morango a ele, que aceitou vir aqui e não contar para nossa mãe. Ela me mataria se nos visse assim.

Caminhamos devagar pela fileira do pequeno jardim, que leva até meu irmão. Bento pisa em meu vestido, sujando a cauda branca de terra. O vestido de noiva foi da minha mãe e eu peguei emprestado.

## PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

Espero que ela não perceba as manchas imundas. Assim que casarmos, vou devolver à caixa grande e pesada que fica em cima do guarda-roupa do quarto dos meus pais.

Todos estamos impacientes, e quando ajoelhamos diante do banco de madeira velha que serve de altar, Vitório dá um suspiro irritado.

— Estamos prontos. Anda logo com isso, reverendo — Bento debocha, e eu o belisco por baixo do terno. Ele não parece notar.

— “Quelo” as balas de “molango” — reclama meu irmão caçula, olhando para a porta da cozinha como se estivesse prestes a fugir de suas obrigações.

Encaro-o, séria.

— Eu sei, mas a gente combinou. Só vai ganhar as balas depois que casar a gente.

Vitório concorda com a cabeça, os cabelos loiros e lisos caindo em sua testa cheia de sardas.

## PERIGOSAS ACHERON

Ele abre um gibi da Turma da Mônica e olha para nós dois.

— O que é isto? — Bento quase engasga de tanto rir, apontando para o gibi nas mãos de meu irmão.

— É a “Blíblia”. A Tata disse que eu tinha que “tlazer” uma — ele responde, as palavras enroladas pela pouca idade.

Arranco o gibi de suas mãos miúdas e pálidas, irritada.

— Eu trouxe a Bíblia, Vitório. Gibi não vale! — retruco, enfezada. Este casamento está demorando bem mais do que eu pensava. Se minha mãe aparecer aqui...

— Mas é de menina. — Vitório aponta para a Bíblia sobre o banco, mas me obedece e deixa o gibi de lado.

E então, a cerimônia começa. Estou tão animada, porque nunca mais seremos separados.

## PERIGOSAS NACIONAIS

Finalmente, poderei ficar com Bento. Porém, três minutos depois, Vitório aponta para nós dois e diz que estamos casados. E, sem dizer mais nada, sai correndo para dentro de casa.

Traidor! Judas!

Ajeito o véu do vestido sobre minha cabeça, mas ele prende na presilha que molda minhas tranças compridas, e faço uma careta. Bento me olha, entediado.

— Posso ir também? Combinei com os meninos de jogar bola no campo antes de anoitecer. — Bento começa a se afastar, mas eu o agarro e chacoalho a cabeça.

— Não! Agora somos casados e temos que ficar juntos. Você não pode me largar aqui para jogar bola.

— Olívia, que saco! Você está igualzinha a sua mãe quando ela começa a encher o tio Conrado.

## PERIGOSAS ACHERON

Você só tem sete anos, e eu dez. Se a tia Marisa pegar a gente desse jeito...

— E cadê minha aliança? Bento, como vou provar para a minha mãe que a gente casou, se nem uma aliança eu tenho?

Ele encolhe os ombros, confuso. Olha pelo jardim e seu rosto se ilumina pelo sol quando ele vê alguma coisa no chão de terra. Bento se abaixa e pega uma linha branca caída em meio à sujeira do quintal molhado. Dá um nó nela e coloca em meus dedos curtos e gordinhos.

— Pronto. Posso ir?

— Mas...

— Olívia!

A voz estridente e determinada de minha mãe ecoa pelo jardim. Encaro Bento, que me abraça pela cintura, os olhos tão arregalados quanto devem estar os meus. Nós dois já conhecemos a fúria de

## PERIGOSAS NACIONAIS

minha mãe. Tento me soltar dele, o medo do que ela vai fazer comigo me deixando apavorada.

— Corre, Bento. Corre! Sai daqui... — peço, ouvindo os saltos dela baterem no concreto atrás de nós.

— Não, vou ficar aqui com você. Agora somos casados. E ela não pode mais separar a gente. — Ele se coloca mais à frente, bloqueando minha visão.

— Não! Melhor ir! Depois a gente se fala. Vai logo. — Empurro seu corpo magricelo para fora do quintal, e então ele sai correndo, desaparecendo atrás do muro branco, arrastando o terno do meu pai, deixando-me sozinha com um problemão.

Evito os olhos de minha mãe, enquanto aguardo sua explosão, contando seus passos até que eles param. Estou com o vestido de noiva dela, sujo de lama, e ainda peguei uma tiara de brilhantes de seu porta-joias. Ela vai me matar.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Mas o que... o que você está fazendo aqui com meu vestido, Olívia? E meu véu...

Olho para o chão, tremendo. Estou muito encrencada.

— Eu... eu... eu queria casar com o Bento, e aí peguei seu vestido. Mas eu ia devolver, mãe — balbucio, arriscando um olhar amedrontado para seu rosto.

Ela para diante de mim, seus cabelos loiros ondulados balançando nos ombros. Seus olhos azuis estão arregalados, incrédulos.

— De novo isso, Olívia? Já disse que não pode casar com ele porque são primos. Quantas vezes preciso explicar isso aos dois?

— Mãe, a gente quer ficar junto. Deixa, mãe?

Irritada, ela pega em meu braço e me arrasta para dentro de casa, e vejo Bento atrás do muro, olhando para mim. Aceno para ele ir embora, mas

## PERIGOSAS ACHERON

ele não se mexe. Quando entramos em casa, ainda consigo vê-lo pela porta, à espera.

— Olívia Perrone, juro que vou te bater até você esquecer esta história de Bento e de casamento. E depois vai esfregar meu vestido até sair toda a lama, entendeu? Está proibida de ver seu primo pelos próximos anos, sua teimosa.

— Mãe...

— Cale a boca antes que eu quebre seus dentes!

Quando chegamos ao banheiro, ela me empurra para dentro do box, fechando a porta com um baque surdo. Ninguém vai ouvir meus gritos. Fecho os olhos, esperando a primeira chinelada.



**MAIO DE 2003**

— Bento, não é uma boa ideia. Se minha mãe pegar a gente aqui...

PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Shhh... a gente só vai pegar algumas coisas pra não morrer de fome.

Suspiro, cansada.

Hoje será o dia da nossa fuga. O grande dia, como Bento fica dizendo. Vamos passar a noite em um dos quiosques na orla, e amanhã bem cedinho pegamos um ônibus para Dourados. Finalmente, poderemos ficar juntos, sem minha mãe para atrapalhar nossa vida, uma pedra enorme em nossa relação.

Estamos nos arriscando muito aqui, na cozinha da pousada onde minha mãe e avó trabalham. Se ela ao menos sonhar que estamos roubando comida, vai pirar. Porém, Bento é um cabeçudo e não me escuta.

— Precisamos daqueles miojos instantâneos, que a gente coloca água quente e fica pronto rapidinho — ele fala baixinho, abrindo um dos

## PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

armários e pegando uma caixa de cereais. — Aqui, encontrei.

Sorrio, resignada. Ando até ele pelo espaço curto da cozinha pequena, tentando não fazer barulho para não chamar atenção.

— Bento, isto é cereal, não miojo.

— Ah! — ele diz, derrotado, devolvendo a caixa ao lugar.

— Onde estão seus óculos?

Ele balança a cabeça, os cabelos castanhos cacheados se arrepiando ainda mais.

— Não sei onde deixei, e não quero encontrá-los — ele sussurra, tateando o balcão perto da pia.

— Bento, qual é! — digo, irritada. — Não seja teimoso. Você precisa dos óculos. Como vamos fugir se você nem consegue encontrar o maldito miojo! — retruco, enfezada com sua teimosia.

Ele dá de ombros, fingindo desinteresse.

— Para isso, tenho você.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Infelizmente, sua visão está cada dia pior. Ele sofre de glaucoma desde que nasceu, e tia Agnes sempre diz que é um milagre ele ainda enxergar, mesmo que parcialmente. Não entendo muito dessa doença horrorosa, mas sei que meu primo é orgulhoso demais e se recusa a usar os óculos, como os médicos recomendam.

Ele encontra o miojo e sorri.

— Pronto! — Sua voz sai alta, em contraste com o silêncio mortal do ambiente.

Imediatamente, coloco meus dedos em seus lábios. Ele me puxa para mais perto, e me beija de supetão, pegando-me desprevenida. Agarro seu pescoço e me aperto ainda mais nele, seus braços nus enlaçam minha cintura descoberta pela regata vermelha que estou usando. Um barulho vindo do andar de cima me assusta, e tento me desvencilhar dele, que me segura firme em seus braços.

— Para, Bento. Aqui não. É perigoso.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Antes de me soltar, ele morde minha orelha, e meu corpo todo se arrepia com o toque de sua língua morna.

— Mais tarde, então — ele fala, me puxando para fora da pousada.

De bicicleta, com sacolas cheias de suprimentos para uma semana inteira, vamos até o outro lado da cidade, perto da orla. Está quase escurecendo, e os quiosques já estão fechados. Como a gente queria.

Descemos e caminhamos até o pequeno cômodo de tijolos vermelhos, a brisa da prainha soprando em meus cabelos loiros, balançando os fios de modo constante, que roçam de leve minha coluna. Eles estão grandes demais e minha mãe se irrita diariamente quando os vê soltos, suados e frisados pela temperatura sempre quente daqui, mas me recuso a cortá-los. Não ainda, pelo menos. Meu primo diz que eu fico bem mais feminina com os

## PERIGOSAS ACHERON

cabelos compridos, e a opinião dele é a mais importante.

Bento solta minhas mãos e vai mais à frente, largando nossas mochilas perto da bicicleta, que deixou jogada na areia. Ele tira os chinelos de dedo e desce o barranco íngreme e com pedras que leva até o rio, estreitando os olhos para enxergar melhor. Sua regata branca está grudada em seu corpo magro por conta do vento, e seu short preto faz um barulho de plástico enquanto ele se move.

Paro a alguns metros, ainda no topo da orla, observando sua silhueta se mover em direção à margem do rio. Está começando a esfriar e só trouxe uma jaqueta velha, que consegui pegar sem deixar suspeitas para trás, mas Bento veio desprevenido. Minha mãe já surtada vai enlouquecer quando se der conta de que fugi com o sobrinho que ela mais odeia na vida, e com certeza vai enlouquecer meu pai e minha avó Teresa, sem

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

falar no que vai aprontar com tia Agnes, mão de Bento.

Ando devagar até meu primo, escorregando pelo caminho tortuoso até ele, deixando meus chinelos espalhados para trás. Não é muito seguro ficar aqui, ainda mais porque a água logo ganha profundidade, mesmo próxima à margem; contudo somos dois adolescentes cheios de energia e rebeldia, então os detalhes acabam sendo ignorados.

A água está fria e dou um gritinho de susto quando ela toca meus pés descalços. Fito meu esmalte, distraída. O verde está impecável, como todo o resto. Do jeito que minha mãe acha que deve ser. Ela gosta de controlar tudo quando o assunto sou eu e meu irmão, e sempre diz que uma dama deve ser uma dama em qualquer lugar. É o que tento fazer apenas porque sua voz contrariada e suas frases cheias de sermões explícitos me dão dor de cabeça.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Vê? — Bento me pergunta, os olhos fixos no pôr do sol.

Sigo seu dedo e sorrio, admirada. As nuvens envolvem o círculo redondo alaranjado como se fossem duas mãos protetoras. O reflexo na água é de tirar o fôlego, e me apoio em Bento, esperando.

— É lindo — ele sussurra, quebrando o encanto do silêncio, a voz suave e calma. Bento ama o pôr do sol, e me pergunto se é porque sua visão está mais fraca com o passar dos anos.

— É sim, muito lindo — concordo baixinho.

— É mais do que isso, Olívia. É... é sublime e encantador — ele continua, admirando a vista. — E... não sei por quanto tempo verei algo tão belo. Preciso gravar esta imagem no meu cérebro, para nunca esquecer.

Nego com a cabeça, enlaçando meus dedos em seu pescoço.

## PERIGOSAS ACHERON

— Isso não vai acontecer. Ouviu? A cirurgia vai dar certo, não fica pensando nisso, Bento.

— Você sabe que a cirurgia é só uma desculpa que minha mãe usa para me enrolar, Olívia. Não tem cura. Um dia, eu não verei mais nada. Nem você.

Dizendo isso, ele se vira para mim, como se estivesse me vendo pela última vez. Delicadamente, acaricia meu rosto com os dedos frios. Nossos olhares ficam presos um ao outro por tanto tempo, e vejo uma lágrima solitária escorrer em seu rosto bronzeado. Engulo em seco para não chorar também. Sei que ele tem razão. Sua doença não tem cura, e mesmo que ele se submeta a muitas operações, a perda da visão é iminente, porque as chances são mínimas. Mais cedo ou mais tarde, ela vai acontecer.

— Pequena, quero que saiba que não importa o que vai acontecer comigo. Mesmo se eu não puder

PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

te ver, mesmo se nunca mais puder olhar para seu rosto, eu ainda vou te amar. Ainda vou querer você. Ainda vou querer nós dois juntos, como sempre quis. Você é meu primeiro pensamento pela manhã e meu último antes de pegar no sono. Você é a melhor parte de mim, sempre foi. Você, minha pequena rebelde, é a razão de eu nunca desistir.

Encosto meu rosto em seu peito, e ouço suas batidas aceleradas. Fecho os olhos, querendo guardar este momento para sempre em minha memória ainda adolescente. Quando estiver velha, enrugada, cheia de histórias para contar aos meus netos, quero que a primeira pessoa a evocar seja ele. *Bento*. Quero que, mesmo depois de anos, décadas, ele ainda seja meu primeiro pensamento, meu primeiro e único amor.

Ele beija meus cabelos enquanto me aperta mais ainda em seus braços. Não sei por quanto tempo

## PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

ficamos ali, mas a magia do momento que compartilhamos é quebrada pelo barulho de sirenes.

A princípio, parece algo distante, e ficamos na mesma posição, com a brisa da água doce soprando em nossos corpos colados, mas o barulho vai se aproximando, e nós dois nos viramos para o alto, a grama acima de nós cobrindo boa parte de nossa visão. Aqui embaixo não é possível ver muito além do mato que cresce e margeia o rio.

Bento decide subir, e me ajuda, puxando-me com força até a areia, onde nossas coisas estão, ainda jogadas e inertes. Olhamos para a rua, e há um grande movimento de carros e luzes que me cega momentaneamente, iluminando o prédio à distância. Os faróis iluminam nosso rosto, e instintivamente, coloco-me atrás de Bento, que enlaça minha cintura, para me proteger, sem tirar os olhos da rua.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Dois carros de polícia freiam de repente, como se tivessem enfim encontrado seu objeto de procura. Logo atrás, vejo o Uno branco dos meus pais, que estaciona com uma freada brusca atrás das viaturas. E, se a cena toda não pudesse ser mais bizarra e constrangedora, minha avó Teresa surge de bicicleta, com um vestido longo que agora está erguido por conta do vento da praia, o rosto corado pelo esforço, as rugas de preocupação enrustidas em sua face à medida que ela se aproxima.

Minha mãe salta do veículo antes que meu pai pare de vez o automóvel, e vem furiosa até mim. Bento dá um passo à frente, corajoso, e meu corpo começa a tremer com as possibilidades. Agarro-me a ele, com a tensão do momento sendo substituída pelo medo agudo do que ela vai fazer comigo. Conosco.

Meu primo olha por sobre os ombros e pisca para mim, reconfortando-me:

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Vai ficar tudo bem, pequena. Vou dar um jeito nisso. — Sua voz é firme e alta, alta o bastante para chegar aos ouvidos atentos de minha mãe.

Sei que ele está tentando me acalmar, porém suas palavras só enfurecem ainda mais minha mãe, que começa a gritar tão alto que por um momento imagino que ela tenha roubado um megafone de algum lugar e esteja falando comigo através dele.

— Olívia, por Deus, menina, o que pensa que está fazendo?

Eu me encolho toda, sentindo-me vulnerável e insignificante, prestes a obedecê-la sem pestanejar. Ela tem um poder devastador de me manipular e fazer com que eu ceda, sem lutar.

Meu primo tenta apaziguar a situação; entretanto, minha mãe está firme e muito irritada, uma frugalidade diante de nós que me assusta. Suas sobrancelhas perfeitas estão arqueadas, e ela se aproxima agora mais devagar, cautelosa.

## PERIGOSAS ACHERON

— Tia, nós...

— Cale a boca, seu marginal! Quero você longe da Olívia.

Com um movimento rápido, ela me puxa em sua direção e sai me arrastando pela areia, meus pés descalços agora pisando em todo tipo de tranqueira que os turistas deixam na orla. Já na rua, ela me joga dentro do carro, onde meu pai aguarda, calado. Ele nem ao menos desceu do veículo para me defender, para sequer deixar claro sua opinião diante de minha relação com Bento. Tento me desvencilhar de seu empurrão, porém ela atinge meu rosto com um tapa dolorido, suas unhas grandes arranham minha pele clara, e já sei que terei marcas na face por alguns dias.

— Ele já tem dezoito anos, espero que o mantenham na linha! — ela grita para os policiais, exigindo de modo implícito que o tratem como um sequestrador; eles, obedientes, seguram os ombros

## PERIGOSAS NACIONAIS

de Bento, enquanto ele grita meu nome repetidas vezes.

Dentro do carro, minha mãe bate a porta e meu pai arranca com o veículo, sem que eu consiga ver meu primo. Sem que nenhum som coerente saia de minha boca. Ouço sua voz ficar mais distante enquanto meu pai acelera.



Minhas malas estão arrumadas, dispostas ao pé da escada de minha casa. Minha mãe anda de um lado a outro, sua imponência e seriedade me causam arrepios, parecendo a rainha da cocada preta. Ela fala freneticamente ao telefone, e o que era para ser italiano transformou-se em um idioma ainda não conhecido pelo ser humano. Estou aninhada nos braços de minha avó, que acaricia meus cabelos, seu toque delicado é o único gesto

## PERIGOSAS ACHERON

capaz de acalmar meus gritos histéricos de poucos minutos antes.

Não vejo Bento desde aquela tarde na prainha. Meu celular está sob o controle rígido de minha mãe, e ele está proibido de me ver. Desta vez, ela enlouqueceu.

— Não quero ir. — Solução nos braços de minha avó, e afundo meu rosto em seu pescoço enrugado. Seu cheiro de talco é forte e um calmante para meus nervos. Neste momento, só posso contar com ela, pois meu pai é um ser inerte e sem vida, hominizado em sua própria inaptidão para lidar com a estupidez de minha mãe, incapaz de contrariar Marisa Perrone. Não tenho mais ninguém.

— Você vai gostar de Milão, Olívia. É uma cidade linda e seu avô vai adorar recebê-la. Pense bem: é só um ano. Passa tão rápido que, quando

chegar a hora de voltar, você vai chorar como está fazendo agora.

— Se fosse tão incrível assim, a senhora não teria vindo parar neste fim de mundo — respondo, mal-humorada. Tão logo as palavras saltam da minha boca, sinto-me arrependida pela grosseria com minha avó. — Desculpe, vó. É só que...

— Está tudo bem — ela me interrompe, carinhosa como sempre. — Mas a minha história é diferente, Olívia. Eu voltei por outras razões. — Minha vó mexe nos meus cabelos repetidas vezes, com o olhar vago. — Tudo vai se resolver, e logo você estará de volta. E eu prometo ser a primeira a te esperar no aeroporto.

Soluço ainda mais, e ela me segura forte em seus braços, seus cabelos loiros e levemente grisalhos caindo em meu rosto banhado em lágrimas.

Desde que minha mãe descobriu que Bento e eu tramávamos fugir, saiu à nossa procura, e, quando nos encontrou, os demônios adormecidos dentro dela despertaram para me assombrar. De imediato, ela entrou em contato com meu avô Rocco, que mora na Itália, levou-me obrigada para tirar um passaporte, arrumou minhas malas sem meu consentimento; e, pelo visto, estou de partida para Milão. Sua intenção é que eu passe um ano lá com meu avô e coloque a cabeça no lugar, como ela vem repetindo desde aquela noite em um mantra irritante e sombrio, como se isso fosse mesmo acontecer. Não importa para onde ela me mande, Bento sempre estará comigo.

Ela e tia Agnes, mãe de Bento, brigaram para valer, e qualquer contato com ele está terminantemente proibido. Meu pai, claro, não diz nada, não faz nada, nem ao menos conversa comigo. Ele observa meu choro incontável a

## PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

distância, e age como se nem pertencesse a esta família. Se tem um estranho em minha família, é ele, já que minha mãe faz jus ao título de louca de pedra.

— Seu avô estará no aeroporto te esperando, em Milão. Em São Paulo, tia Arlete vai ficar com você até o voo para a Europa. Não há riscos de você se perder, Olívia. — Minha mãe entra na sala como um furacão, olhando fixamente para mim, cuspiendo as palavras todas de uma vez, ignorando os baldes de lágrimas que já chorei.

Tão rápido como entrou, ela sai batendo os saltos altos no assoalho de madeira velha.

Meus avós maternos são separados desde que me lembro. Minha avó Teresa veio para o Brasil com minha mãe e minha tia Agnes pequenas, deixando meu avô para trás. Ela conta que foi uma briga boba que tiveram, e que se arrependeu no

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

instante em que pisou no Brasil. Orgulhosa, nunca teve coragem de voltar para a Itália.

Conheço meu avô apenas por fotos. Ele é um homem muito bonito, um coroa daqueles que chamam a atenção. Seus cabelos de um dourado brilhante e seus olhos verdes devem encantar ainda muitas senhoras italianas. E, mesmo sem nunca termos nos visto, agora serei obrigada a morar com ele. Minha mãe com certeza passou dos limites desta vez. Suas atitudes impensadas para me afastar de Bento só pioram nossa relação já bastante desequilibrada. Ela é uma megera, aquele tipo de mulher insuportável, e mesmo meu pai tem aversão pelas coisas que ela costuma fazer. Ele só não diz. Para ser sincera, ouvir a voz do meu pai é quase uma honra, um privilégio destinado a poucos, considerando sua inércia conosco. Nem mesmo com Vitório, ele costuma conversar.

## PERIGOSAS ACHERON

— Nunca mais vou ver o Bento, vó. Nunca mais.

Choramingo ainda mais, agarrando meus joelhos trêmulos com força sobre o sofá de couro. Só de pensar que não vamos nos ver por tanto tempo entro em pânico, e sinto o suor escorrer e se misturar às lágrimas.

*Bento.* O que será que ele está fazendo agora? Será que está pensando em mim? Será que tentou vir me ver, mesmo correndo o risco de ser escorraçado pela ira da minha mãe?

As perguntas sem respostas me assombram, e o fato de que ninguém pode me ajudar, nem mesmo minha avó, deixam-me ainda mais assustada. As pessoas desta família não costumam enfrentar Marisa Perrone. Nunca.

Fito os olhos azuis de minha avó, que sorri, compreensiva. Acho que, no fundo, não há mesmo muito o que fazer.

— Olívia, princesa, preste atenção: você só vai ficar um ano em Milão. Não é para sempre, e, a bem da verdade, você não está indo para a forca, meu amor. Pare de agir como se estivéssemos na época da inquisição e seu destino trágico fosse a fogueira. Eu já tive sua idade e entendo seus dramas, mas isso não é o fim do mundo. É Milão, pelo amor de Deus! Tem noção de que muitas pessoas passam anos planejando uma viagem assim, sem nunca conseguir? Você tem quinze anos e vai para a Europa, do outro lado do Atlântico. Aproveite este tempo para conhecer uma nova cultura, aprender um idioma diferente, visitar lugares desconhecidos. Além do mais, um ano passa rápido. E o Bento não vai fugir e ambos podem manter contato, tenha dó. Mande e-mails, cartas, cartões-postais, ligue para ele. Sua mãe não precisa saber disso. — Ela pisca para mim, e limpa as lágrimas que ainda escorrem pelo meu rosto com

PERIGOSAS ACHERON

dedos carinhosos. — Prometo que darei um jeito de o contato ser mantido. — Ela sorri, maliciosa.

Forço um sorriso. Minha avó é a melhor pessoa do mundo. Quer dizer, ela só perde para o meu primo.

— Vó, por que ela não gosta do Bento? Por que eu e ele não podemos namorar? Eu o amo, e nem adianta dizer que é porque somos primos. Isso não cola, vó. A tia Agnes liberou nosso namoro, disse que ficava muito feliz, mas minha mãe é uma tremenda chata.

Minha avó me encara muito séria, como se sua resposta fosse realmente mudar minha vida para sempre. Prendo a respiração, em expectativa. O que quer que ela tenha a dizer, soa importante demais.

Ela estreita os olhos claros para mim, e fala, serena.

— Olívia, a sua mãe não gosta de ninguém. Provavelmente, nem dela mesma.

Caímos na gargalhada, e ela me puxa para um abraço de avó, fazendo cafuné em meus cabelos. Depois de alguns instantes, ela me força a olhar para seu rosto e diz:

— Sua mãe tem um jeito de resolver as coisas. Um jeito Marisa de ser. — Ela ri, meneando a cabeça. — Ouça, ela só quer o melhor para você. E isso não significa, em hipótese alguma, que ela odeie o Bento. Somos todos uma família, Olívia, e o Bento é filho da única irmã dela. Vocês são primos, e eu penso que ela só quer que você tenha mais opções, conheça mais o mundo. Esta sua paixão pelo Bento talvez esteja mais para um sentimento de primos, não de um casal. Sabe, Olívia, a sociedade, infelizmente, não costuma aceitar este tipo de relacionamento... vocês dois são primos, querida.

Agora estou brava. E brava com minha avó. Afasto-me dela, olhando feio para seu rosto

## PERIGOSAS ACHERON

tranquilo.

— Não me importo nem um pouco com o que a sociedade pensa a respeito disso, vó, porque Bento e eu nos amamos. — Respiro fundo, tentando controlar meus nervos. — Eu já tenho quinze anos, vó. Já podemos namorar, e o que sentimos um pelo outro não tem nada a ver com sentimento de primo. Ao contrário, é muito mais que isso. Estou cansada de todos acharem que eu gosto dele como parente. Não é isso.

Não ligo a mínima para o fato de sermos primos nem para os olhares reprovadores das pessoas da cidade, que encaram nossa relação como um incesto, um ultraje à ética e caráter da família Perrone. Tudo o que quero é ele. Ele é o garoto mais incrível que já conheci, o mais divertido, alegre, apaixonado pela vida, cheio de confiança, e lindo de morrer. Que menina não iria se apaixonar?

## PERIGOSAS NACIONAIS

Minha avó apenas balança a cabeça, calada. Então, lembro-me do que ela disse sobre me ajudar a manter contato com ele.

— Vó, se eu deixar um bilhete para ele, você entrega? — pergunto, esperançosa.

É a única forma de fazê-lo entender que o amo, que odeio minha mãe por me obrigar a viajar, e que só quero que ele me espere. *Um ano*. Assim que passar esse tempo, volto para cá e, ela querendo ou não, não será capaz de me impedir de ficar com ele.

Minha avó Teresa abre um sorriso de orelha a orelha, sua cumplicidade me dá alguma esperança. Será um inferno ficar longe dele por um ano; entretanto, se pudermos manter contato, se ele entender que precisa me esperar, talvez a situação não seja tão infeliz.

— Eu prometo. — Ela cruza os dedos na minha frente, em sinal de juramento.

## PERIGOSAS ACHERON



Volto para seu colo aconchegante, enquanto o choro vem, aos poucos, tomando conta do meu corpo pela enésima vez no dia.



É muito cedo ainda. Não são nem quatro da manhã. Estamos a caminho do aeroporto de Presidente Prudente. O Uno branco do meu pai ganha velocidade na pista molhada da Raposo Tavares. Choveu a noite toda, e eu só consegui pegar no sono porque minha avó ficou comigo, ignorando a expressão contrariada de minha mãe. Parece que o céu também chorou a minha partida.

Meu pai mexe distraído no volume do rádio, e uma música antiga do Roberto Carlos invade os alto-falantes do automóvel compacto. Minha mãe suspira pesado, o coque impecável mantendo-se no lugar. Ela está vestida como se estivéssemos indo a uma ceia de Natal: um vestido de mangas

PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

compridas laranja, acinturado com um laço preto embaixo de seu busto grande, saltos altíssimos caramelo e uma bolsa combinando com o calçado. A maquiagem leve e os brincos de brilhantes falsos que ganhou do meu pai dão um toque final ao seu visual elegante demais para o momento. Ela gosta de se exhibir, exhibir uma família que não existe, que nunca existiu. Aparentar uma condição social que não temos, assim como uma felicidade inexistente.

Quem a vê e meu pai juntos jamais diria que são um casal. Ele usa calça jeans desbotada, tênis de corrida e uma jaqueta velha. Os cabelos loiros e lisos estão bagunçados, e sua barba é de alguns dias, um detalhe que sei que minha mãe detesta, mas que meu pai insiste em contrariar toda semana. Os dois são um contraste tremendo, como preto no branco. Meu pai tem uma aparência leve, descontraída, feliz, o tipo de cara que não esquenta com nada, que não se importa muito com os

## PERIGOSAS ACHERON

dilemas da vida. Acho que ele nunca sonhou muito com o futuro, ou talvez apenas tenha desistido. No fundo, ele é um homem vitorioso só por suportar minha mãe. Tem um emprego mediano como motorista da Santa Casa da cidade, com um salário que dá para pagar as contas e nos permite alguns passeios de vez em quando. Quando pergunto qual é o sonho dele, ele diz apenas que é não ter uma mulher para encher sua paciência. Uma brincadeira com um fundo de verdade.

Olho pela janela do carro, a esperança de que minha mãe mudaria de ideia se esvaindo à medida que nos aproximamos do aeroporto. Se minha avó tivesse vindo, ela poderia falar com minha mãe, tentar persuadi-la, mas claro que ela foi proibida de vir, assim como Vitório. Ao menos, consegui deixar o bilhete para o Bento com minha avó. Ele vai entender essa viagem estúpida, e vai me esperar. Voltarei para ele.

No aeroporto, meus pais assinam inúmeros papéis autorizando minha viagem. Como ainda sou menor de idade, existe uma grande burocracia para viajar sem a companhia de um adulto. Minhas malas são pesadas e despachadas, e fico apenas com minha mochila dos Rebeldes e uma blusa de moletom roxa. Quando o voo é anunciado, meu coração começa a bater rápido, minhas mãos suam tanto que mal consigo segurar as alças da mochila, minha testa está molhada e meus cabelos loiros compridos estão grudados nela. Nunca andei de avião, e, embora a viagem até São Paulo seja curta, o que me angustia é o trajeto de São Paulo a Milão. Será um pesadelo, tenho certeza.

Começo a implorar para minha mãe desistir disso, que vou me comportar, que serei uma filha muito melhor; entretanto, seu olhar deixa explícito que não haverá negociação. Sua decisão está tomada. Sou arrastada por seus braços até a sala de

## PERIGOSAS ACHERON

embarque, e meu pai me olha como se não pudesse fazer nada. Sua postura é a mesma de quando deixamos Epitácio.

— Escute bem, Olívia. Em São Paulo, sua tia Arlete vai ficar com você até o voo para a Itália decolar. Já acertamos tudo. Assim que chegar ao aeroporto, procure por ela, e, se ela se atrasar ou algo assim, apenas espere. Em Milão, seu avô estará à sua espera. Mantereí contato para saber como foi tudo. — Ela me dá um beijo quase invisível no rosto e, com uma sutileza impressionante, me empurra para a sala de revistas, onde há uma pequena fila se formando. De longe, meu pai apenas acena para mim, o olhar vago, inexpressivo, como se nada importante estivesse acontecendo.

Então, antes de colocar minha mochila na bandeja, ouço meu nome sendo pronunciado tão alto, e me viro, procurando pelo dono da voz. Sei

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

quem é antes de vê-lo. Lá está Bento, os cabelos bagunçados, o rosto corado, correndo em minha direção. Ele abre um sorriso gigante quando nossos olhos se encontram, e saio em disparada até ele, deixando a mulher de uniforme boquiaberta.

Minha mãe tenta me impedir no caminho, mas eu desvio e logo estou agarrada a ele, nossos corpos colados, nossas respirações entrecortadas pelo esforço, a alegria incontida pelas nossas lágrimas. Ele distribui beijos por todo o meu rosto molhado, aperta meus braços e afunda o rosto em meu pescoço. Senti falta disso, como se há anos não o visse.

— Bento eu... eu sinto tanto. Me perdoa — soluço em seus braços, e ele balança a cabeça, dispensando minhas palavras.

— Shhh... está tudo bem, pequena. Eu recebi seu bilhete — ele sussurra em meu ouvido

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

esquerdo, e sinto a presença de minha mãe mesmo antes de me virar.

Ela está parada atrás de nós, a voz grave e alta ecoando pelo aeroporto. Algumas pessoas estão paradas, encarando-nos.

— Eu vou voltar, você leu no bilhete, eu vou voltar Bento, você precisa acreditar em mim e me esperar...

— Eu sei, não chore, linda. Tá tudo bem. — Ele me beija nos lábios, a pressão de sua língua quente me faz esquecer, por um minuto, o horror de tudo isso.

— Olívia, seu voo já está de partida. Não me faça te arrastar pelos cabelos até o maldito avião, pois não hesitarei se isso for mesmo preciso! — minha mãe grita, puxando meu braço com força. Ela dá um empurrão em Bento, que quase cai para trás com o susto.

## PERIGOSAS ACHERON

— Marisa... por favor — tia Agnes tenta interferir, mas o olhar gélido que minha mãe lança a ela é tão frio que até eu ficaria assustada. Apesar de ser a irmã mais velha, minha tia parece murchar perto da bruxa da minha mãe.

Nem tinha notado a presença de minha tia.

— Cale a boca, Agnes! Não se intrometa nisso aqui. Achou que trazer seu filho iria resolver alguma coisa? Você é patética, sabia? — Ela dá uma risada amarga, que combina tanto com ela que não fico surpresa com a crueldade em seu tom de voz. — Os dois, na verdade.

Sou levada à sala de embarque, e olho uma última vez para Bento. Tia Agnes está com os braços em volta dele, que está chorando, com os olhos quase fechados.

Imploro com o olhar para que meu pai tome uma atitude, e então o vejo trocando olhares com minha tia, alheio a mim. Grito o nome de meu

# PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

primo, mas as mãos de minha mãe abafam o som alto, e ela mantém as mãos em meus lábios até eu passar pela fila do embarque. Coloco minha mochila nas costas, derrotada. Não há mais nada que eu possa fazer. Viro o rosto para trás mais uma vez, mas não vejo nada. Não vejo Bento. Não vejo mais ninguém.

## PERIGOSAS ACHERON



## Capítulo 2

***TREZE ANOS DEPOIS...***

**JANEIRO DE 2016**

A COMISSÁRIA DE BORDO anda pelo amplo corredor sorridente, um sorriso que está colado em seu rosto desde o instante em que entramos no avião. Minha vontade é arrancar esta expressão satisfeita de sua face e fazê-la entender como é irritante. Ela é irritante. O piloto é irritante. Francesco, meu noivo, sentado confortavelmente ao

meu lado, é irritante. Espera. O piloto não é tão irritante. Ele é até bonzinho e espero que saiba o que está fazendo, já que a vida de muitos passageiros, inclusive a minha, está sob seu controle.

Remexo-me na poltrona apertada, minhas coxas grossas batem de leve nas coxas finas de Francesco. Ele me olha e sorri, com sua boca rosada e fina cheia de brilho labial que ele insiste em usar, afirmando com o olhar que está tudo bem. Não está.

Sinto o suor frio escorrendo do meu rosto carregado na maquiagem. Meus cabelos loiros grudam na testa, frisados e arrepiados como há tempos não ficam. É uma imagem péssima, considerando minha posição no mundo da moda. Maldição!

Pego meu espelho pequeno em minha bolsa *Versace* vermelha, olho meu reflexo pela centésima

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

vez, contrariada. Estou horrorosa.

— Vamos pousar daqui a pouco, Olívia, meu bem. Relaxe, *mi amore*. — Meu noivo dá batidinhas suaves em meus joelhos, sua postura emana calma e serenidade. O mundo pode estar desabando sob os ataques da Terceira Guerra Mundial, zumbis poderiam invadir a Terra ou então sermos sequestrados por seres alienígenas que Francesco não perde a paciência nem se abala com os conflitos ao seu redor.

Suspiro, irritada.

— Não, não vamos. Ainda faltam três horas. Três malditas horas! Sem falar, claro, no voo de São Paulo a Presidente Prudente. Meu Deus, Francesco, será que vamos sobreviver? E se o avião pegar fogo? E se o comandante dormir ou se embriagar? E se formos raptados pelo estado islâmico? E se...

## PERIGOSAS ACHERON

— Ei, ei, ei... calma aí, mocinha. Que isso? Para de paranoia. Estamos bem até agora e chegaremos bem ao nosso destino.

Ele aperta meus dedos frios e olha para frente, como se eu não estivesse mesmo tendo um ataque de pânico em cima do Oceano Atlântico. Como ele não percebe a angústia estampada em meu rosto pálido? Como ele não vê o medo infiltrado em cada partícula do meu corpo? Será que é tão difícil ele se dar conta de que uma crise de ansiedade se aproxima e meu cérebro só registra o horror de estar aqui em cima?

Lembro-me dos exercícios costumeiros que realizo semanalmente com minha terapeuta, Gianella, e respiro fundo, lentamente. Preciso me acalmar. Meus calmantes não fizeram muito efeito hoje, justo no dia em que eu necessitava ficar a viagem toda sedada. Devo ter cochilado por alguns

minutos, porque o restante da viagem está sendo um grande suplício.

Aceno para a comissária feliz e peço um uísque com gelo, mesmo sabendo que nunca, em hipótese alguma, posso ingerir bebida alcoólica com a quantidade de calmantes que costumo tomar. Mesmo assim, dane-se! Quando ela me serve, bebo tudo de um gole e, depois do primeiro copo, ainda tomo mais três, seguidos. Estou prestes a pedir o quinto quando Francesco se intromete, advertindo de modo cauteloso.

— Olívia, não é uma boa ideia você chegar bêbada ao velório de sua avó, *mi amore*.

Pronto. As palavras dele são como facas afiadas em meu peito, retorcendo cada pequeno músculo dentro de mim. As lágrimas surgem nos cantos dos meus olhos, e não sei se já é o efeito do uísque ou o fato de que estou voltando para a minha cidade para enterrar minha avó, o que sei é que não consigo

frear os soluços intermitentes que chacoalham meu corpo na poltrona. Francesco, sem graça, faz aquela expressão de compreensão que eu tanto odeio, como se, só por ser meu noivo, ele pudesse compreender meus dilemas.

O retorno para Presidente Epitácio depois de treze anos longe seria suficiente para abalar meu emocional já bastante frágil. Sou uma pessoa fraca e medrosa, ansiosa com cada maldita tarefa que tenha que realizar, minha mente sempre alerta com tudo. Meu coração acelera quando sou convidada para um evento de moda, quando meu nome sai nas revistas e jornais do mundo todo, quando uma noiva maluca reclama do meu trabalho, e, no final, agradece minha obra-prima. Sou uma pessoa atormentada pelo medo há doze anos. Porém, nada é pior do que o motivo que me fez comprar duas passagens de avião às pressas, engolir meu pânico de voar, jogar tudo dentro de quatro malas gigantes,

## PERIGOSAS ACHERON

embarcar em um avião e percorrer 5913 milhas para ver minha avó... em um caixão.

A última lembrança de minha família ainda está gravada em meu cérebro, como se tivesse sido ontem. Minha mãe me arrastando pelo aeroporto pela madrugada úmida, meu pai inerte à situação. A voz de Bento gritando meu nome, eu correndo até ele...

*Bento.*

Depois daquele dia, nunca mais os vi. Estava com raiva demais dos meus pais para cogitar manter contato. Quando minha mãe telefonava, eu deixava que ela tagarelasse com meu avô Rocco. Nunca respondia aos e-mails e mensagens de voz que ela tanto insistia em mandar. Meus únicos elos foram com minha avó, tia Agnes e Bento, e com Vitório aleatoriamente, já que ele era apenas um adolescente quando parti. E meu primo só manteve contato comigo no primeiro ano de minha ausência.



Quando eu declarei, em um e-mail cheio de símbolos e lamúrias, que não poderia voltar, ele desapareceu. Tia Agnes, muito discreta, nunca falou dele, mesmo com minhas inquisições.

Será que ele se casara? Tivera filhos? Será que ele tinha uma família? Será que, dentro dele, havia guardado nossa promessa de adolescente? Logo eu saberia.

E, mesmo distante, mantive contato com ambas, a despeito de Bento. Elas pareciam muito interessadas em minha vida na Itália, principalmente minha avó, que, muito sutilmente, questionava-me sobre vovô. Posso dizer que ele foi uma tábua de salvação em minha nova vida. Ele era incrível, engraçado, cheio de uma energia que eu não entendia direito. Acordava de madrugada para se exercitar, obrigava-me a acompanhá-lo pelos pontos turísticos em Milão quando eu não conhecia nada na cidade. Foi com ele que conheci o *Duomo*,

## PERIGOSAS ACHERON

o *Castelo Sforzesco*, a *Pinacoteca de Brera*, a *Galeria Vitorio Emanuele II* (meu lugar preferido na cidade), a *Casa degli Omenoni*, a *Piazza Mercanti*, o *Teatro Allá Scala*<sup>1</sup>, entre outros lugares. Vovô Rocco ainda guarda essa vivacidade, apesar da idade avançada e dos cabelos cada dia mais brancos. Ele era sempre o primeiro a saber de todas as novidades que me aconteciam, e, depois de ouvir tudo com atenção, ele me obrigava a ligar para vovó e para tia Agnes e contar tudo.

Elas souberam do concurso que ganhei como melhor estilista na categoria júnior da cidade; que entrei para o Instituto Marangoni<sup>2</sup> antes do tempo previsto, com notas muito acima do esperado; contei a elas, eufórica, do meu primeiro emprego em um ateliê, onde eu trabalhava servindo cafés; mostrei meus primeiros desenhos de vestidos de noivas para elas; contei sobre minhas primeiras clientes, e, com o tempo, as clientes famosas que

PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

vinham até mim, enlouquecidas por um vestido de noiva com minha assinatura; contei a elas quando Nina Zilli, uma cantora famosa na Itália, me procurou para desenhar seu vestido de noiva. Resumindo: minha vida em Milão era de conhecimento de ambas.

E, quando tia Agnes entrou em contato comigo ontem para contar sobre a morte de minha avó Teresa, tudo o que eu tinha de seguro e confortável ruíra pelos ares. Todo o medo e ansiedade que eu vinha controlando havia anos com remédios e terapia voltou como um tsunami, deixando-me vulnerável e ansiosa, o pânico familiar rondando pelas frestas quase fechadas de meu cérebro.

Tive que usar de uma determinação que nem eu mesma conhecia para embarcar em um avião depois de treze anos e encarar uma viagem sobre o oceano para o velório de minha avó. *Teresa Perrone.*

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Fecho e abro os olhos, apertando as mãos magras de Francesco, que agora dorme ao meu lado. Encaro sua expressão tranquila: seus cabelos muito loiros, quase brancos, ainda preservam o penteado arrepiado que ele fez antes de sairmos da cidade, um topete que me lembra muito o Pica-Pau, do desenho; muito vaidoso, seus cabelos são sua prioridade, além de suas roupas. Ele usa uma jaqueta de couro preta, pois estava muito frio quando saímos de casa, calça vinho apertada e sapatos combinando. Seus lábios estão rosados e muito realçados pelo brilho, além de uma máscara de cílios, que deixa seus olhos escuros ainda mais negros. Este é meu noivo, a imagem de um belo metrossexual vívida em seu estilo. Todos dizem que fiz uma ótima escolha, pois ambos combinamos estilo e classe como casal. No fundo, temo que só tenhamos isso em comum.

Fecho os olhos mais uma vez.

## PERIGOSAS ACHERON

Estou quase fazendo xixi nas calças, mas tenho medo de levantar e acontecer alguma coisa com o avião, e ser sugada pela privada. Então, mantenho-me sentada, firme e ansiosa, o coração apertado, como se tudo fosse acabar aqui em cima.

Só preciso aguentar mais algumas horas. E é o que farei.



O voo de São Paulo até Presidente Prudente foi um grande e infundável pesadelo, onde quarenta minutos transformaram-se em horas. A cada minuto, eu tinha a nítida impressão de que o avião estava caindo, de que havia faíscas escapando das asas, de que todos iríamos morrer. Meu coração batia tão alto e incontrollável, que tive certeza de ser ouvida a quilômetros.

Minhas reclamações e gritos atingiram o ápice, e acabei sendo levada à força para os fundos do

PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

avião; Francesco enfiou tantos remédios em minha boca de uma só vez que me sinto leve como uma pluma, meus olhos estão fechados, e ouço a distância o barulho do motor do táxi percorrendo a rodovia rumo a minha cidade natal. Os comprimidos, pelo visto, começaram a fazer efeito tarde demais.

Abro os olhos com muita dificuldade, observando a paisagem monótona da pista, leio as várias placas dispostas nos canteiros, fito o céu límpido e muito azul acima de nós. Meus olhos fecham e abrem, como se eu não pudesse controlá-los. Quando passamos por uma placa grande verde, vejo que estamos perto: 10 quilômetros de Presidente Epitácio. Muito perto. Mesmo sonolenta, a sensação familiar de ansiedade vai ganhando vida: meu coração acelera, minhas mãos começam a suar e meus joelhos estão moles.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Tenho medo de como será este encontro. Ou reencontro. Com certeza, não era assim que me imaginei voltando para o que um dia foi minha casa. Embora tenha se passado tanto tempo, o que vou sentir quando me deparar com minha avó, morta em um caixão? Só de pensar, meu estômago se revira. Uma coisa que aprendi durante esses anos de terapia foi que, mesmo que a situação externa pareça ruim, nós só podemos controlar o que se passa internamente, e é com esse controle que não entramos em pânico. Não importa o que esteja acontecendo ao nosso redor, o que se passa dentro de mim é muito mais forte do que o que se passa fora. Contrariamente, aprendi também que a teoria é bem mais fácil que a prática, mesmo que eu dependa sobremaneira da terapia para não surtar. Neste momento, no entanto, não posso deixar a situação degringolar, não mais do que já degringolou desde que deixei Milão.

## PERIGOSAS ACHERON

Encosto minha cabeça nos ombros de meu noivo, que digita freneticamente em seu celular de última geração. Ficamos sem sinal por mais de uma hora, e ao mais insignificante contato com a civilização urbana, seu telefone começou a apitar incansavelmente, recebendo e enviando mensagens sem fim, vídeos do último desfile em Paris, áudios de clientes malucas porque não estou em Milão. Estou muito grogue, então fecho os olhos, as pálpebras pesadas, e aprecio o vento seco que vem da janela do táxi. Meus cabelos estão voando sem parar à minha frente, mas ignoro minha aparência relaxada. Só por hoje, vou me dar este descanso.

O motorista até tentou uma comunicação conosco, porém mal consigo abrir a boca, imagine então articular um pensamento coerente e transformá-lo em frases conexas. Francesco, por outro lado, está bem mais interessado nas últimas notícias de Milão, e sei que ele está apreensivo com

## PERIGOSAS ACHERON



o próximo desfile que haverá mês que vem. Aguardamos este evento todo ano, e é sempre um frenesi de tecidos, modelos anoréxicas chorosas, e meu noivo berrando comigo, além dos desenhos que tenho que aprontar de última hora, quando sou requisitada por mais de uma agência. As discussões em torno do tecido ideal, da modelo ideal, bem como dos convidados a serem chamados são apenas uma parte da loucura que é dentro dos bastidores de um desfile de noivas.

Com o pensamento longe, meus olhos viram chumbo e durmo no restante do trajeto.



Já estamos em Presidente Epitácio, o táxi percorre a avenida principal da cidade, Presidente Vargas, bem diferente de minhas lembranças de adolescente. Há um fluxo contínuo de pessoas e de carros cruzando a avenida, a maioria dos prédios

PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

comerciais, lojas, autopeças, farmácias, igrejas. O semáforo fica vermelho e me endireito no banco, ainda zonza, porém, curiosa. Desço o vidro do carro, e observo o cotidiano destas pessoas, a maioria agitadas e com pressa, contrastando com o tamanho da cidade.

Passamos pelo Terminal Rodoviário, onde alguns ônibus dão sinal para ganhar a rua. O taxista para em um posto de gasolina, na esquina, abastece o carro e pergunta onde fica o velório. Parece bem mais perdido do que eu. A única coisa que disse a ele, quando entramos no veículo, foi para me levar até a pousada. Só isso. Ele volta ao carro e seguimos caminho.

O Velório Municipal da cidade está lotado. Não sei muito bem lidar com tumultos, e Francesco, sempre atento às minhas reações, segura minha mão direita o tempo todo. Peço ao motorista para

## PERIGOSAS ACHERON

deixar as malas na Pousada Porto Feliz, e ele balança a cabeça, confuso.

— Moça, não tem nenhuma pousada com este nome aqui não, só se você estiver falando do hotel que fica perto da prainha — ele tem um sotaque forte do interior, puxando o “r” com tanto fôlego como se fosse a única letra da palavra.

Olho para ele, franzindo a testa. Quando deixei a cidade, minha mãe e avó cuidavam de uma pousada simples e pouco rentável. Vovó nunca falou muito dos negócios comigo, então presumo que o motorista deva estar certo. Pode ser que agora seja um hotel.

— Bem, deve ser este mesmo. Por favor, deixe nossas malas lá, e avise que sou filha da dona.

Francesco paga pela corrida, e vou andando na frente até o portão que dá passagem ao velório. O prédio parece novo, pintado em um tom escuro de amarelo, escondido atrás de uma grande árvore, em

## PERIGOSAS NACIONAIS

uma esquina, uma rua afastada do centro da cidade. Atravesso a rua com cautela, como se estivesse no centro de Milão. Há muitos carros estacionados na calçada, o que me deixa ainda mais intimidada. A maioria dos rostos que vejo ali são desconhecidos, pessoas mais velhas, provavelmente amigos de minha avó. Logo, sinto os braços de meu noivo ao redor de meus ombros nus, confortando-me. Olho para ele, buscando ajuda. Ele sorri, encorajando-me, os dedos ainda digitando no celular. Francesco tem este péssimo hábito, e mesmo com minhas reclamações, ele continua fazendo a mesma coisa. Seus cabelos loiros agora estão duros, o arrepiado denotando a quantidade absurda de gel que ele passou. Nem um tufão moveria os fios do lugar. Seus olhos negros estão muito vermelhos, e agradeço apenas com o mover dos meus lábios por ele estar aqui, comigo.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Quando adentramos o local, a primeira pessoa conhecida que vejo é tia Agnes, sentada em uma cadeira próxima às coroas dispostas em frente ao caixão. Quando nossos olhares se encontram, imediatamente corro para ela, e seu abraço é caloroso e receptivo, e me deixo ser abraçada por minha tia, as circunstâncias desse encontro pesando mais e mais.

Minhas lágrimas molham seus cabelos curtos e lisos, enquanto respiro com dificuldades. Ela também começa a chorar e, juntas, choramos no meio do salão, atraindo olhares das pessoas que estão por ali.

— Sinto muito — digo apenas, os soluços balançando meus ombros enquanto ela me afasta de modo delicado, olhando bem no fundo dos meus olhos, mas tia Agnes meneia a cabeça, dispensando meu comentário.

## PERIGOSAS ACHERON

— Você também a perdeu, querida, então não sinta mais por mim do que por você. Ela era importante para nós duas. — Ela me abraça de novo. — É bom tê-la aqui, mesmo que desse jeito — completa, chorosa.

— É estranho estar de volta — confesso, entre soluços e olhares de esguelha das pessoas.

— É mais estranho estar aqui. — Tia Agnes aponta para a sala lotada, piscando em meio às lágrimas.

Concordo com um aceno de cabeça. Permanecemos grudadas uma na outra. Francesco está ao meu lado; no entanto, usa de toda a sua discrição e aguarda o momento certo para se apresentar. De repente, mais um par de braços nos envolve. Tento olhar por entre as lágrimas e vejo Vitório, meu irmão, chorando como nós. Fecho os olhos com força, o tempo e a distância que nos separou pairando em nossas cabeças. Passei tantos

## PERIGOSAS ACHERON

anos longe destas pessoas, mas agora, agarrada a elas, é como se eu as tivesse visto ontem. Eles são a minha família, a que mais amo neste mundo.

Levanto meu olhar com cautela para meu irmão e minha tia. Ela está mais bonita e jovem do que eu me lembrava, como se o tempo tivesse parado. Seus cabelos loiros e lisos estão curtos, acima da orelha, e sua pele clara está impecável, embora não veja nenhum traço de maquiagem. Seus olhos castanhos estão vermelhos, e vejo que ela ganhou alguns quilos.

Vitório é o oposto de tudo que eu tinha na memória sobre ele: seus cabelos loiros estão espetados, em uma tentativa de fazer um topete moderno e juvenil, sua pele está muito bronzeada, contrastando com o loiro dos fios, e seu rosto ainda carrega as sardas da infância. Ele é bem mais alto do que eu, o que é cômico. Quando deixei a cidade, ele era apenas um pirralho magricelo, que batia na

## PERIGOSAS ACHERON

minha cintura, e agora se tornou um homem lindo e atraente. Sua camiseta preta está apertada no peito, e percebo como ele é forte e malhado por baixo do tecido.

— Tata. — Ele me aperta forte, e tia Agnes se afasta um pouco, observando-nos. Choro em seu peito, e ele seca minhas lágrimas com firmeza, sorrindo tristemente para mim.

— Vitório, pelo amor de Deus, o que andou tomando, moleque? Olhe só para você.

— Ele tem tomado cada coisa. Melhor você não saber, Olívia — tia Agnes comenta, com ironia.

— Eu só cresci, Tata. Você passou muito tempo longe...

— Eu sei... — começo a me explicar, mas sou interrompida pelos sons de meu noivo.

Então me dou conta da presença de Francesco, que agora está em um canto, olhando para as pessoas em volta de mim. Faço um gesto para que



ele se aproxime, e todos são apresentados. Tia Agnes logo fica encantada com meu noivo, e ambos começam uma conversa sobre cidade pequena.

De mansinho, Vitório me conduz até a porta lateral do velório. O vento frio do ar-condicionado sopra meus cabelos enrolados, e é um alívio. Está muito quente aqui, e tenho a sensação de estar sufocando.

Olho na direção do caixão. Nunca estive em um velório antes. Nunca. Quando eu era mais nova, minha mãe não permitia que eu e meu irmão entrássemos em um; quando adolescente, não estava muito interessada em defuntos. Este, portanto, é o primeiro.

O caixão é preto, grande e toma conta do salão. Há sete coroas em volta dele, todas com dizeres solenes sobre minha avó Teresa. Meu coração aperta quando me dou conta de que é ela quem está

ali dentro, sendo velada. Não um estranho, ou um conhecido muito querido, mas ela: minha avó, a sorridente, destemida, divertida Teresa Perrone, aquela que eu sempre achei ser imortal, ou ao menos minha mente infantil desejava que fosse. Penso em meu avô Rocco tão distante: quando soube da notícia, ele chorou baixinho no quarto, como se eu não fosse perceber toda a sua dor.

Desvencilho-me dos braços de meu irmão e caminho até o meio do salão, pairando sobre o rosto imóvel de minha avó. O soluço escapa sem que eu perceba, e logo outros vêm em seguida, assomando meu corpo em ondas esporádicas de desespero. Encosto meu quadril no caixão com medo de cair. Engulo o nó que se forma em minha garganta, e deixo as lágrimas quentes escorrerem até caírem em cima dela, o líquido incolor e salgado umedece a renda branca que cobre seu corpo agora sem vida. Sem vida. Minha avó ainda é

## PERIGOSAS ACHERON

ela mesma, como se estivesse apenas dormindo um sono profundo. Sua expressão é tão serena que me sinto levemente confortada em saber que ela não sente mais nada. Não há mais dor, nem sofrimento, nem perigo. Ela está a salvo. O câncer a deixou em paz, finalmente.

De todas as vezes que me imaginei voltando para casa, nenhuma delas era parecida com esta. Minha avó seria a primeira pessoa que eu gostaria de ver, a primeira a me abraçar, a primeira a rir comigo, a primeira capaz de entender meu alívio em estar de volta. Ela estaria me esperando no aeroporto, como prometido, os braços abertos e um sorriso no rosto. E agora ela está em um caixão, inerte.

Coloco minhas mãos sobre seu rosto, a pele fria como gelo me faz recuar. Um soluço agudo ecoa pelo salão abarrotado de pessoas, e sei que fui eu. Logo, os braços de Vitório estão em meus ombros,

## PERIGOSAS ACHERON

e ele me leva até uma das cadeiras, do lado de fora do salão. Sentados, afundo meu rosto encharcado em lágrimas em sua camiseta, e ele acaricia de leve meus cabelos bagunçados.

De relance, vejo minha mãe se aproximando de onde estamos. Imponente, ela caminha decidida, os saltos altos batendo na cerâmica do velório, a postura ereta e confiante. Seus cabelos loiros estão presos em um coque elegante, seu rosto está muito maquiado e seu vestido de seda preta finíssimo parece ter acabado de sair da loja. Meu irmão abre espaço, e ela se senta ao meu lado, olhando-me como se tivéssemos acabado de nos ver no corredor, e não há treze anos. Tão fria e distante como sempre foi, ela me dá um abraço rápido e constrangido, e quando fala, sua voz combina perfeitamente com sua postura.

— Olívia.

— Mãe — soluço, tentando respirar.

Encaramo-nos por breves segundos, e então solto um sintoma muito oscilante, a voz baixa e intimidada pela presença dela.

— Não mais que eu, Olívia. Não mais que eu. Isso eu garanto.

Marisa Perrone continua a mesma vaca egoísta que sempre foi, o que, estranhamente, não me surpreende nem um pouco. Toda essa ausência que vivenciamos em treze anos só me mostrou o quanto fui feliz em não manter contato com ela. E, assim como uma tempestade indesejada ela sai, pisando firme. Só posso sentir alívio, dentre tantas emoções que me assomam hoje.

Olho para Vitório, que dá de ombros e volta a me abraçar. Francesco volta com minha tia, e se senta no lado oposto, segurando minhas mãos e acariciando meus dedos com o polegar.

Vejo mais pessoas, familiares distantes, amigos da Terceira Idade de minha avó. Vejo meu pai, bem

## PERIGOSAS ACHERON

mais descontraído do que quando saí daqui. Ele me abraça forte, segurando-me em seus braços por tempo demais, mas não contesto. É bom vê-lo. Alfredo, seu filho com tia Agnes, também me é apresentado. Sim. *Esta é uma longa história.*

Observo as pessoas entrando e saindo do salão. Os pêsames dirigidos a nós, e permaneço ali sentada, do lado de fora. Não quero mais olhar para o caixão. Sei que minha expressão é lastimável, e meu vestido preto na altura dos joelhos está todo amassado pela longa viagem, a meia-calça rasgada, mas nada disso importa hoje. E não vai importar por muito tempo.

Já é tarde quando fazemos a curta caminhada até o cemitério da cidade, que fica em frente ao velório. Vou a pé com tia Agnes, Vitório e Francesco. O sol começa a dar lugar à noite, embora o calor seja uma presença marcante na cidade, difícil de suportar. Minha mãe vai de carro,

## PERIGOSAS ACHERON

atrás do carro da funerária, como se precisasse se aparecer mesmo sob estas circunstâncias. Ela não mudou nada. Recuso-me a entrar no cemitério, então me posiciono do lado de fora, escutando as últimas palavras do pastor sobre minha querida avó.

O cortejo fúnebre vai se esvaziando, as pessoas voltando para suas casas, retomando suas vidas. Como farei isso? Mesmo a distância, eu sabia que sempre poderia falar com minha avó, recorrer a ela, mas e agora? Como o mundo vai continuar sendo mundo, como esta cidade vai amanhecer diariamente sem a presença de Teresa Perrone? Não entendo e me recuso a aceitar que vou sobreviver sem ela.

E então, quando estamos voltando para a pousada, tomo consciência de que não vi Bento. Nem no velório nem no enterro. Nenhuma vez. E, dadas as circunstâncias, prefiro não fazer

## PERIGOSAS ACHERON

perguntas. Estou cansada, suja, sonolenta, descabelada e tudo o que quero é um bom banho e uma cama para me recuperar.



Há treze anos, quando deixei a cidade de Presidente Epitácio rumo à Europa, minha mãe e avó cuidavam de uma pousada, simples e discreta, com rendimentos tímidos. Um lugar pitoresco e com móveis rústicos que minha avó comprava quando ia a outras cidades, localizado em frente ao Figueiral, um estabelecimento privilegiado e que sempre atraía muitos turistas no verão pela proximidade e hospitalidade, mas principalmente, no carnaval e réveillon.

A Pousada Porto Feliz era um ambiente pequeno, com apenas cinco quartos para os hóspedes, uma cozinha menor ainda que servia uma única refeição, um salão de jogos e uma sala com

PERIGOSAS ACHERON



uma televisão antiga. Toda a parte burocrática e administrativa era realizada em minha antiga casa, em um quarto transformado em escritório para este único fim. Foi com essa visão que deixei a cidade e com ela que voltei.

No entanto, quando meu irmão estaciona em frente a um luxuoso hotel, encaro seu semblante, a testa franzida.

— Chegamos — ele diz, saltando do seu Corola prata e me ajudando a descer.

Olho para o prédio alto e majestoso à nossa frente, incrédula. O hotel é imenso, grande demais para o lugar isolado da cidade onde se localiza. É como se não houvesse sintonia com sua magnitude e o entorno. Ele preenche o espaço de um quarteirão inteiro, mesmo que ao redor só exista pasto e gado. Sua fachada é toda em vidro escuro, e uma placa alta em gesso traz o nome do hotel, fincada em uma grama bem aparada: *Hotel Porto*  
PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

*Feliz.* Noto, mais incrédula ainda, o grande fluxo de pessoas entrando e saindo do lugar, a maioria usando roupas de banho, atravessando a pista que dá acesso ao Parque Figueiral. Estamos em janeiro, o auge do verão e a época de férias, ou seja, o período mais propício para os turistas e moradores da cidade se refrescarem no rio, a grande atração de Epitácio.

Lá dentro, a recepção é tão glamorosa quanto a área externa, e o piso brilha tamanha a limpeza do ambiente refinado. Uma área adjunta à recepção tem algumas poltronas reclináveis, pufes na cor creme e uma televisão do tamanho da tela de um cinema. Uma mesinha de vidro está repleta de revistas dispostas em círculos, e, em uma delas, vejo meu rosto estampado em uma manchete sobre moda.

Meu irmão segue meu olhar, e sorri, malicioso.

— Quem manda ser famosa.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Uma bela forma de me recepcionar — brinco, tentando sorrir.

Vitório toca de leve meu ombro, carinhoso e brincalhão ao mesmo tempo.

— Ela não ia perder a chance de ganhar vantagem com a sua visita, Tata.

— Quem?

— Nossa mãe — ele responde, distraído.

Vitório faz um gesto para a moça que está na recepção e subimos pelo elevador. Chego mais perto de Francesco, que entende meu terror a lugares fechados e acaricia meus ombros.

— Você mora aqui? — pergunto a Vitório, que me encara com uma expressão de horror, como se eu o tivesse ofendido.

— Tá brincando, né? Sou um homem de 25 anos, Tata. Claro que não moro aqui. Se com esta idade ainda morasse com nossa mãe, estaria

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

tomando remédios fortíssimos para controlar meus nervos e fazendo terapia.

Solto um suspiro pesado. *Tomo remédios fortíssimos e faço terapia. E nem moro com nossa mãe*, penso, mas não revelo nada. Não quero tocar neste assunto.

— E onde você mora, então? — questiono, empinando meu queixo em sua direção.

— Aqui perto, mas não perto o bastante para que tenha contato com ela diariamente, e também não fica muito próximo à prainha. Comprei uma casa já tem uns três anos, acho. A mãe fica aqui no hotel, na cobertura.

— E nossa antiga casa?

— Ela vendeu quando nosso pai foi embora morar com a tia Agnes.

— Quantas mudanças! — ironizo, apoiando-me em meu noivo enquanto o elevador faz um barulho fraco.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Meu irmão me encara, pensativo.

— Você nem imagina. E ainda nem viu tudo. —  
Seu tom é misterioso, porém não faço mais perguntas. Estou cansada demais para lavar a roupa suja de nossa família. Da família Perrone.

Por ora, basta saber que meu pai largou minha mãe assim que cheguei a Milão, para viver com minha tia. Na época, não consegui aceitar bem a história. Mas parece que havia coisas demais escondidas por baixo dos panos, segredos antigos que rondavam nossa família e que nós, os mais jovens, não tínhamos conhecimento. Soube, superficialmente, que tia Agnes era um amor antigo do nosso pai, um suposto idílio, e que ele só se casara com minha mãe porque ela estava grávida de mim. Não quis saber mais. Não era da minha conta, e eu era jovem e imatura para querer ir a fundo. Alfredo veio depois, um irmão com quem nunca

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

convivi. Um irmão que me unia ainda mais ao Bento.

*Bento.*

Seguro-me para não falar sobre ele. Quando as portas espelhadas do elevador se abrem no quinto andar, Vitório sai na frente, e abre uma porta branca no final do corredor.

— As malas de vocês foram colocadas aqui. É um dos melhores quartos, depois da cobertura. Espero que fiquem bem instalados — ele diz, polido e fazendo um floreio para que entremos no quarto.

Francesco e eu o seguimos, entrando no aposento grande e bem iluminado. É bem maior e elegante do que nós dois precisamos. Ainda não sei quanto tempo vamos ficar, mas, mesmo assim, o quarto é um exagero, que imagino ter sido ideia de minha mãe. Há espaço demais para poucas pessoas.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Ensaio um protesto, ao que meu irmão me cala com suas palavras adiantadas.

— Nem adianta, Tata. Até parece que você não conhece a mãe que tem. Ela faz questão que fique aqui, com seu noivo, enquanto estiverem na cidade. Se eu fosse você, não discutia.

Olho ao redor, derrotada.

— É perfeito, meu caro. Perfeito — Francesco diz, e some dentro do banheiro.

Vou até meu irmão, penduro-me em seu pescoço, e agradeço pelos cuidados.

— Já sabe quanto tempo vai ficar?

— Ainda não. Tenho um desfile importante mês que vem em Milão, então não posso me demorar muito — confesso, um pouco tímida por falar em desfiles quando acabamos de enterrar minha avó.

Ele acena com a cabeça, mas não parece feliz com minha resposta.

— E o boca metálica, vai cuidar bem de você?

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— O que disse? — Encaro seu rosto, confusa.

Vitório solta uma gargalhada contrastante com a quietude do quarto, e eu recuo, perdida.

— Tata, você tem certeza de que vai se casar mesmo com aquele cara?

— Eu...

— Ele usa brilho na boca, caramba, Tata, nem você usa isso. — Vitório tomba o corpo grande para trás, e agora entendo o apelido grotesco que ele deu ao meu noivo.

Furiosa, empurro-o para longe, e ele cai na cama, ainda rindo.

— Ele é vaidoso, Vitório, não me enche — retruco, enfezada.

— Vaidoso porra nenhuma! Aquele brilho chama mais a atenção do que a luz do sol — meu irmão zomba, e cruzo os braços no peito, tentando mostrar o quanto estou brava, mas falho miseravelmente, acompanhando sua risada.

## PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

— Pare, Vitório, é sério. Ele é metrossexual, por acaso você sabe o que é isso? E nem pense em chamá-lo assim perto dele. Francesco é um homem sensível — digo, puxando meu irmão para fora da cama.

Ele se levanta, o rosto muito vermelho pelas risadas, as sardas em seu nariz ainda mais visíveis, e se endireita, tentando manter-se sério.

— Primeiro acho que você se confundiu com o prefixo aí, Tata, e segundo... — Ele faz uma pausa, pensando. — Precisamos descobrir se ele é homem.

— Chega, Vitório, sai daqui! — grito com ele, empurrando seu corpo para a porta.

— Como quiser.

Ele dá uma piscadinha para mim antes de deixar o quarto e, quando o faz, sinto-me sozinha e amedrontada sem meu irmão por perto, ignorando meu noivo no banheiro. Exausta demais, desabo na

## PERIGOSAS ACHERON

# PERIGOSAS NACIONAIS

cama alta com a mesma roupa que enterrei minha avó Teresa.

# PERIGOSAS ACHERON



## Capítulo 3

DESPERTO COM UMA fina camada de luz queimando meu rosto. Abro os olhos lentamente, e noto de onde vem a claridade incômoda. A luz intrusa vem do banheiro, que está com a porta escancarada. Pisco algumas vezes, tentando me adaptar à claridade. O *jet lag* está pesando sobre meu corpo desacostumado a tanto tempo sentada, horas infindáveis de viagem, e sinto meus músculos duros, enrijecidos e travados pelo tempo que passei em uma poltrona de avião, ansiosa e com medo. Meu corpo parece ter levado uma surra, e estico

meus braços para o alto, alongando-me. Em Milão, eu teria acordado muito cedo e ido para a academia fazer ioga, sentindo o ar fresco da cidade italiana aplacar minha ansiedade costumeira. É relaxante, como sugeriu minha terapeuta, e o que é melhor: não fico suada e fedorenta, sentindo-me um lixo humano com os cabelos bagunçados e a pele vermelha, exausta. Odeio suar, ou me sujar, ou qualquer coisa que modifique minha imagem. Eca!

Rolo para o lado e o travesseiro de Francesco está arrumado e vazio, como se ninguém tivesse dormido ali. Deve ser bem tarde, pois ele odeia acordar tão cedo. Levanta-se, com frequência, depois do meio-dia.

Piso na madeira fria, e levo um pequeno choque com o contato repentino. Vasculho o quarto à procura de meus chinelos: odeio ficar descalça. Morro de medo de pegar alguma doença contagiosa, ou pior: furar-me com algum objeto

## PERIGOSAS NACIONAIS

inapropriado. Bem embaixo de meu nariz, vejo minhas pantufas coloridas e calço-as, aliviada. Respiro fundo e saio da cama.

Vou até o banheiro espreguiçando-me pelo curto trajeto, entro no cômodo iluminado por um lustre que pende do teto cor de pérola. Ainda estou cambaleante, e bato a porta.



Ainda estou zozza quando desço para o salão de refeições, faminta. Encontro alguns hóspedes pelo caminho, e uma mulher bem-vestida e maquiada me reconhece sabe-se lá de que meio de comunicação. Ela, muito educada, fala um italiano arrastado comigo, desnecessariamente. Pede um autógrafo e diz que adoraria que eu desenhasse o vestido de noiva de sua filha, que tem apenas dez anos. Prevenção não chega nem perto de definir

## PERIGOSAS ACHERON

esta mulher. Trocamos contatos e digo que será um prazer.

*Em italiano.*

Mantenho minha cabeça abaixada até chegar ao salão, que está parcialmente cheio, e minha memória da antiga cozinha da pousada deixa claro o quanto as coisas mudaram por aqui. A diferença é surreal. O espaço amplo tem um ar familiar, mas é só. Tudo neste salão é bem mais requintado, brilhante e estiloso. A refeição é servida em pratarias desenhadas e tão limpas, que consigo ver meu reflexo. A cor usada nas paredes largas é de um bege claro, com quadros contendo ilustrações de comidas e bebidas adornando e completando o visual requintado. Mesas de vidro, ao centro, colaboram para um ambiente contemporâneo e acolhedor ao mesmo tempo. Há uma variedade descomunal de pães, doces, geleias, leite, café, chás coloridos, sucos de vários sabores, sem contar na

PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

infinidade de petiscos dispostos em bandejas de prata. Um cheiro doce no ar faz eu me recordar de minha infância, quando minha avó fazia panquecas para mim e Bento, escondida de minha mãe. E, apesar disso, minha mãe serve panquecas em seu hotel. Quanta mudança!

Procuro um rosto conhecido ao redor, e então vejo Francesco conversando com meu irmão em uma mesa redonda ao fundo do salão. Caminho preguiçosamente pelo piso de madeira escura, meu vestido curto e florido de azul balançando em minhas coxas. Sirvo-me de um café bem reforçado e ando até eles.

— Bom dia, flor do dia — meu noivo me cumprimenta, alegre, e me dá um beijo na bochecha. Sinto a textura do brilho sujar meu rosto, agora incomodada.

Só espero que meu irmão não faça piadinhas de novo.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Bom dia — resmungo, e tento esconder a nécessaire que carrego contendo meus calmantes de meu irmão. Não quero um interrogatório a esta hora.

Francesco parece relaxado e recuperado da viagem, uma aparência bem melhor que a minha, sem dúvida. Seus cabelos loiros estão molhados, e ele usa uma bermuda jeans com uma camiseta amarela larga. Nunca o vi de bermuda em todo esse tempo que estamos juntos, e seu estilo é tão diferente dos ternos sob medida que ele costuma usar em Milão, que sorrio, admirando seu visual.

— Dormiu bem, Tata? — Vitório se inclina e me beija no rosto, acariciando meus cabelos.

— Bem, eu acho. Ainda estou confusa com o horário, mas vou me adaptar — respondo, engolindo meu leite com café, que queima minha língua.

## PERIGOSAS ACHERON



— Hum, que bom. Nossa mãe ficou enchendo meu saco ontem, querendo saber se você estava bem instalada, se tinha gostado do quarto, essas merdas todas.

— E por que ela não apareceu, afinal? — Levanto meus olhos e encaro meu irmão, curiosa.

Vi minha mãe no enterro de minha avó, ontem. Depois disso, desde que pus os pés no hotel, nem notícias dela eu tive. Vitório, ao que parece, ficou incumbido de ser o grande anfitrião enquanto eu estiver na cidade. Sorrio para ele, zombeteira.

— Ela anda muito ocupada com algumas formalidades que a vovó deixou para ela resolver; porém, assim que ela estiver mais desocupada, vai querer grudar em você como chiclete.

— Então você vai cuidar de mim durante minha estadia aqui, certo?

— Claro, irmãzinha. E pretendo te levar para o mau caminho, só para você saber que comigo não  
PERIGOSAS ACHERON

tem essa...

— Sei, mau caminho — interrompo-o, fazendo uma careta para meu noivo, que observa nossa interação, sorrindo.

Vitório pisca para mim, cúmplice.

— Não é todo dia que vejo minha irmã mais velha, rica e famosa. Portanto, preciso aproveitar — ele diz, animado.

— Também quero aproveitar — concordo, suspirando à breve menção de que, mesmo sem querer, eu preciso voltar para a minha vida em Milão.

Meu irmão se inclina para me dar um beijo na bochecha, carinhoso. Não me lembrava desse lado de Vitório. Quando mais novo, ele tinha um espírito rebelde, e agora tenho um irmão que não desgruda de mim. Ah, esses treze anos...

— Bem, cuidarei de você e de seu noivo boca metálica pelo visto — ele repete, com gracinha, e

PERIGOSAS ACHERON

eu o belisco por debaixo da mesa, contrariada. — Mas só se me prometer não usar estas roupas espalhafatosas por aqui. Presidente Epitácio é uma cidade pequena, Tata, não sei se ainda se lembra, e esse seu jeito de se vestir é bem esquisito por aqui. — Ele faz um gesto vago com as mãos, apontando meu corpo. Francesco me olha por cima dos copos na mesa, um sorriso irônico se formando em seus lábios.

Olho para meu visual. Escolhi um vestido curto azul-marinho, de alcinhas, com uma faixa de um azul mais escuro que cobre minha cintura fina. Nos pés, uma sandália dourada baixa. Embora tenha passado maquiagem, foi leve e discreta. Eu jamais sairia assim em Milão, mesmo em um dia de supermercado. Meu irmão deve estar de brincadeira comigo.

— O que há de errado com minha roupa? Não vou trocar! — retruco, ainda olhando minhas

PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

roupas. Ouço uma risada baixa, e ergo meu olhar, apenas para constatar que ambos estão trocando olhares cúmplices, como se fossem velhos amigos, embora meu noivo nem sonhe com as piadas de Vitório sobre sua vaidade.

— Deixo passar por hoje, mas acho que você deveria dar uma olhada nas lojas daqui e escolher algumas peças enquanto estiver habitando a pequena cidade turística. — Vitório pisca para mim, brincalhão.

Bem, adoro compras. Talvez seja uma boa ideia dar uma espiada nas lojas, afinal.

Como um pedaço de pão doce com manteiga, bebo um copo de suco e observo a calma típica da vida em uma cidade pequena. Epitácio ainda é pacata e monótona, como eu me lembrava. O tempo parece ter outra sintonia aqui. Nem sei que horas são.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Que horas são? — pergunto, procurando o pulso de Vitório.

— Quase onze — Francesco responde, engolindo seu café com tanta vontade que parece que não vê uma boa refeição há dias.

— Achei que as refeições nos hotéis iam até às dez — especulo, olhando em volta. A esta hora, já tão perto do almoço, ainda há pessoas descendo dos quartos para tomar café da manhã, mesmo tão tarde. Minha mãe deve ser muito paciente mesmo. Ou apenas uma ótima empresária.

Francesco dá de ombros, concordando. Vitório é quem se adianta para explicar.

— Dezembro e janeiro são meses de alta temporada. As pessoas estão de férias, não querem saber de horário, por isso a cozinha funciona até mais tarde. Essa farra acaba em março, quando a temperatura muda, e os clientes diminuem — ele encerra, todo pomposo.

## PERIGOSAS ACHERON

Sorrio para ele, empurrando seu ombro musculoso.

— Vitório, ainda não entendo porque não vive aqui com nossa mãe. Você entende muito dos negócios.

— Uhum, sou um cara multifuncional, só isso. Gosto de saber das coisas, e às vezes ela precisa de ajuda, então eu me intero do hotel. Mas vamos parar por aqui, ok? Eu só sei do que preciso saber, Tata, só isso.

— Eu amei tudo isso aqui, meu caro! Adorei a paisagem, a vida simples... — Francesco entra na conversa, animado.

Conheço meu noivo há três anos e tenho certeza de nunca o ter visto tão à vontade como ele está agora. Nossa vida em Milão é uma mistura de cafés da manhã corridos, almoços rápidos e jantares sofisticados com clientes em potencial, a maioria vindos de outros países. Geralmente, nossos cafés

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

são bem distintos do que temos aqui hoje. Sempre pedimos café puro, um brioche e muitas frutas, já que ele é louco por uma alimentação saudável, e as frutas não podem faltar. Quando começamos a sair, eu achava estranho ele incluir frutas em tudo: no café, no almoço, no jantar. Entretanto, não sei se pela convivência ou por também querer uma vida mais saudável, acabei aderindo ao seu hábito. Quando temos algum tempo, dirigimo-nos à Confeitaria Marchesi para tomar um bom café. A decoração do lugar é assinada pela Prada, e confesso que tenho uma queda especial pelo ambiente chique.

Termino meu café e volto a me servir, a fome de ontem outrora esquecida pela adrenalina da viagem somada a estar de volta para um velório agora parece se apossar de mim. Volto para a mesa com o prato repleto de pães, e meu noivo zomba de mim.

## PERIGOSAS ACHERON

— Dormiu amarrada, amor? Acho que nunca vi você comer tanto, *mi amore*. — Ele ri, apontando meu prato.

— Só hoje.

— Quanto tempo vocês vão ficar? — Meu irmão coloca os cotovelos na mesa, repetindo sua pergunta de ontem, e olha para mim.

Dou de ombros.

— Ainda não sei, mas pouco. Na verdade, temos um desfile importante de vestidos que desenhei final do ano mês que vem. Será um grande evento, e nós o realizamos duas vezes ao ano. É uma loucura só, e preciso estar de volta para organizar tudo.

Estou sendo sincera. Este evento é o mais esperado em meu ateliê e arrecadamos mais dinheiro em um evento desses do que a venda de todas as bolsas e carteiras que levam meu nome durante um ano. As noivas surgem de todos os

## PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

cantos do país, esfuziantes como só uma noiva pode ficar, e então vendemos cada modelo a preços exorbitantes, apenas por terem meu nome. *Olivia Perrone* se tornou muito mais do que uma pessoa: é a minha marca, e uma marca de grande sucesso na Itália e no mundo. São milhões de euros depositados em minha conta, e não posso negligenciar meu negócio.

Vitório concorda com a cabeça, distraído.

— Não sei se alguém comentou com você, mas a vovó deixou um testamento, e precisamos estar presentes quando o advogado fizer a leitura. Honestamente, nem consigo imaginar o que ela poderia deixar para nós, contudo a mamãe faz questão que todos do clã estejam presentes para ouvir e tomar conhecimento do que quer que tenha restado... dela — meu irmão gagueja esta última frase e seus olhos se enchem de lágrimas, embora ele tente se recompor.

## PERIGOSAS ACHERON

Encaro seu rosto contorcido, incrédula, sentindo um aperto no peito pela ausência dela, pela realidade de que, de fato, minha avó não está mais entre nós. A dura realidade de que só estou de volta porque precisei enterrar a única pessoa que nunca achei que me deixaria. Respiro fundo e falo, tentando soar casual, mas meus batimentos me denunciam.

— O que quer dizer? — questiono, a voz embargada pelo choro.

Vitório me encara, um sorriso triste se formando em seus lábios.

— Bem, o que eu disse. Tia Agnes quem me contou, ontem. Um advogado foi contratado pela nossa avó meses antes dela... — Ele engole em seco, e sei que está tentando conter as lágrimas. — Bem, enfim, há um testamento, de qualquer forma, e você sabe como é a nossa mãe. Ela vai querer que você esteja presente também.

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, mas não imagino que ela tenha deixado algo para mim. Ao menos, não algo sabe... de valor.

— Ah, mas é claro. Tinha me esquecido de que você é famosa e milionária e não precisa de nada da vovó — sibila meu irmão, deixando-me surpresa e assustada com suas palavras duras.

Olho para Francesco, que se ajeita na cadeira, desconfortável com a cena. Fecho os olhos e suspiro, irritada.

— Vitório... — meu tom é de advertência, mas ele me ignora e continua falando, a voz elevada e as mãos levantadas para o alto enquanto abro meus olhos lentamente.

— Treze anos, Olívia. Não me diga que realmente exista algo tão importante assim que não possa esperar. Você demorou muito para aparecer e agora vai sair correndo? É isso? Sabe o que é pior em tudo isso? Saber que sua visita só teve como propósito enterrar nossa avó.

## PERIGOSAS ACHERON

Respiro fundo, o pânico começando a se instalar sorrateiramente.

— Não fale assim comigo. Você não sabe nada da minha vida, não sabe o inferno que eu enfrentei quando fui arrastada daqui pela nossa mãe...

— Claro que não sei! — explode ele. — Não vindo de você, pelo menos. Tudo o que sei é o que vejo na televisão, em sites de fofocas, nas redes sociais ou naquelas revistas estúpidas de moda. Sei que minha irmã se transformou em uma estilista famosa e rica, que desenha vestidos para noivas e cobra preços obscenos por eles; sei que saiu daqui há treze anos prometendo voltar em um ano, mas nunca apareceu. Então não me venha com frescuras, Olívia. Tente relaxar e aproveitar um pouco mais os dias aqui, já que ninguém espera que você volte depois que partir.

A esta altura, meu pânico já atingiu proporções catastróficas. Estou suando e tremendo, os

# PERIGOSAS ACHERON

espasmos incontrolláveis balançando meu corpo de modo perceptível. Francesco se aproxima de mim e segura minhas mãos.

— Calma, Olívia, é só uma crise. Lembra de tudo o que aprendemos sobre isso. É apenas seu cérebro te pregando uma peça. Respire fundo e solte devagar. Não vai acontecer nada, porque estamos seguros. Você está segura.

Ele passa os braços freneticamente pelos meus, tentando aliviar minha crise de ansiedade. Ele tem acompanhado meu tratamento desde o início, e só ele sabe como me acalmar nestes momentos perturbadores e de escuridão, onde eu tenho a sensação de que vou morrer sufocada.

Aos poucos, começo a me acalmar, a sensação de que vou morrer se esvai. Abraço meu noivo e começo a chorar em seu ombro. Vitória nos olha como se fôssemos loucos, emudecido pela cena incomum. Ele não sabe nada do meu problema, não

## PERIGOSAS NACIONAIS

sabe das minhas crises, nem dos inúmeros comprimidos que tomo. Quando saí da cidade, era uma pessoa confiante e corajosa. A Olívia que está de volta passa bem longe da que fui um dia.

Seus olhos estão arregalados, nos encarando. Ele está em choque.

— O que está havendo, Tata? — Seu tom é carinhoso e preocupado, como se ele fosse o irmão mais velho, o oposto de sua explosão de minutos antes.

Olho para Francesco, seus olhos escuros atentos a mim, esperando.

— Você pode ir ao quarto buscar meus comprimidos enquanto eu converso com meu irmão?

Ele aponta para a bolsinha que está sobre meu colo, onde guardo meus remédios.

— Qual você esqueceu? — ele pergunta, carinhoso.

## PERIGOSAS ACHERON

— Da cartela rosa — minto, sentindo as batidas do meu coração mais lentas. Como meu noivo continua sentado, segurando minhas mãos, soo mais incisiva, embora esteja apavorada. — Por favor.

Francesco percebe a urgência em minha voz e assente, movendo-se devagar.

— Claro, amor. Já volto. Tem certeza de que vai ficar bem? — ele insiste, ao que eu assinto, concordando.

Ele se levanta e sai, sem dizer mais nada.



— Quando saí daqui, há treze anos, saí decidida a cumprir minha promessa — começo, sentindo as mãos de Vitório acariciando as minhas por sobre a mesa. — E só posso dizer que, apesar de todo o terror de enfrentar uma vida nova em outro país, a experiência foi incrível, Vitório. Nosso avô é doido

PERIGOSAS ACHERON

de pedra! — exclamo, apontando para o alto, sentindo muita saudade dele.

— Deve ser de família, então — meu irmão zomba, balançando minhas mãos no ar.

Olho para o seu rosto, constatando o quanto ele se parece com nosso avô.

— Sim, não é por menos, né.

— E a mais louca é a nossa mãe — ele solta as palavras entre gargalhadas e gritos.

— Deixa ela te ouvir...

— Ela já sabe o que penso dela. — Ele faz uma pausa, encarando-me. — Mas conta mais...

— Ok. Bem, quando o tempo terminou, eu falei com vovô. Ele estava incubido de cumprir o trato. Era só um ano, e pronto. Ele me levaria ao aeroporto, e me desejaria boa viagem assim que eu embarcasse. — Suspiro, fechando os olhos.

As lembranças daquela noite ainda estão muito vívidas em minha mente. Doze anos de terapia e

# PERIGOSAS ACHERON



remédios não apagaram meu passado, o pesadelo que vivi durante duas horas naquele lugar, achando que morreria. Foi a pior crise de todos os tempos, e meu coração martelava tanto dentro do peito, que tinha certeza de que todos os tripulantes ouviam meu desespero.

— Nossa mãe também cumpriu a parte dela. Vovô me levou ao aeroporto, pagou um lanche para mim, disse que logo me visitaria no Brasil, e eu entrei no avião, chorando muito porque já estava com saudades — confidencio, secando as lágrimas que começam a descer e borrar minha base caríssima.

Meu irmão aguarda, ansioso.

— Não é uma história linda, Vitório. É triste. Quando entrei no avião, comecei a passar mal. Muito mal. Terrivelmente mal. — Pisco para afastar as lágrimas e retomo, lembrando de tudo. — Tive a certeza, sei lá de onde, de que o avião ia

cair. De que todos morreríamos, de que ninguém sairia dali vivo. Meu coração estava apertado demais dentro da roupa de frio, o peito subia e descia, eu suava ao mesmo tempo que sentia frio. Comecei a me sentir zozza, e a comissária teve que chamar o piloto, pois eu comecei a gritar.

— Mas o que você estava sentindo?

— Tudo. Foi muito louco, Vitório. É difícil fazer alguém entender se nunca passou por isso. Eu só queria sair daquele avião, porque achei que morreria se não o fizesse. A polícia foi acionada, nosso avô chegou a tempo de eu ser levada ao hospital mais próximo. Depois de duas horas, o avião decolou — explico, olhando para a cozinha agora vazia. — Sem mim.

— E então você desistiu do voo — ele completa, a voz baixa.

Passo as mãos em meus cabelos, colocando os fios no lugar. O ar-condicionado do refeitório foi

## PERIGOSAS ACHERON

desligado, e já estou suando. Não é tão simples assim: foi mais que desistir de voltar, foi uma necessidade de nunca mais entrar em um avião, um pânico terrível e avassalador. Meu irmão não pode compreender a magnitude do problema, por isso meneio a cabeça, quase concordando com ele.

— Mais ou menos, ou talvez sim. Só sei que, no hospital, a médica disse que eu havia tido um ataque de pânico. Me receitou um calmante e me mandou para casa. Como se tudo fosse se encaixar, de alguma forma.

— E se encaixou?

— Ah, claro que sim — desdenho, batendo na coxa dele. — As coisas só se estabilizaram no sentido de eu saber que tinha um problemão para enfrentar: as crises de pânico voltaram depois disso, e quando mencionei que não poderia voltar, nossa mãe nem ligou muito. No fundo, ela queria me manter longe de... — Pauso, engolindo em seco.

Meu irmão assente, esperto. Ele abre a boca para dizer algo, mas eu preciso, e quero terminar esta história.

— Foi isso. Eu entendi que entrar em um avião era grandioso e assustador demais para mim, mesmo sob efeito de remédios. Vovô ficou muito feliz por eu ficar, e retomei minha vida. Voltei aos estudos, aos cursos, a uma vida que nem sabia que poderia gostar tanto — encerro, tentando esboçar um sorriso.

Vitório me abraça, compreensivo. Ficamos em silêncio enquanto meu passado paira sobre nós, um intruso. Depois de um longo silêncio, ele e solta, retomando sua fala.

— Por isso você não parece a mesma.

— Mas eu nunca mais fui a mesma. É difícil explicar mais do que isso, Vitório. — Faço um gesto com as mãos, frustrada. — Eu vivo com Síndrome do Pânico desde o instante em que

precisei voltar para casa, há doze anos, e fui impedida pelo medo. A menos que já tenha passado por algo parecido, seria incapaz de compreender.

Interrompo minha narrativa, e tomo um copo com água gelada. Francesco trouxe meus remédios, mas não quis ficar. Voltou para o quarto com a desculpa de que precisava dormir mais. Fito Vitório, que está calado e pensativo, o que é bem atípico para um tagarela como ele.

— Eu não sabia de nada disso. Sinto muito que tenha esta doença, ainda mais longe de casa e sozinha. Eu não fazia ideia, juro.

Ele faz uma pausa e coloca suas mãos bronzeadas sobre as minhas, com firmeza, e sinto um conforto enorme com seu gesto. Ele sorri, triste.

— Quem mais sabe disso?

— Bem, basicamente Francesco e o vovô Rocco. E agora você. Odeio falar sobre isso, sabe, embora tenha aprendido na terapia a sempre

enfrentar os problemas de frente. E, para deixar bem esclarecido, eu nunca fiquei sozinha. Nosso avô cuidou de mim espetacularmente bem, ele foi incrível. Não queria ir para Milão porque não sabia como seria, o que iria encontrar, se ele seria uma pessoa boa, mas...

Sinto meus olhos arderem. Pensar em meu avô é meio mórbido neste momento, pois eu sempre o associei à minha avó, agora morta. Depois de conhecê-lo, pude compreender porque, um dia, ela o deixou para trás. Apesar de ser maravilhoso, ele é impetuoso e difícil de lidar. No início de minha estadia em Milão, eu ficava nervosa com ele, vivia fazendo minhas malas e ligando para táxis, pronta para voltar ao Brasil mesmo contra a vontade de minha mãe. Vovô Rocco parece ter duas personalidades, e a pior delas sempre surge quando brigamos. Ele queria me controlar em tudo, me seguia quando eu saía com amigos, me colocava de

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

castigo como se eu fosse uma criança teimosa, ou seja, ele me tirava do sério. Porém, ele me ajudou muito nos momentos de crises. Era para ele que eu ligava na escola, chorando, e ele ia correndo me buscar. Era a ele que eu recorria quando não conseguia pegar o trem para trabalhar, e ele ia comigo, segurando a minha mão dentro da cabine lotada. Era ele quem se deitava ao meu lado, no meio da madrugada, para dormir comigo quando eu entrava em pânico. E, mesmo depois de conquistar minha independência e ir morar sozinha do outro lado da cidade, era ele quem aparecia quando eu precisava.

No fundo, eu tinha esperança de juntar os dois em alguma missão secreta; agora, entretanto...

Outras lágrimas voltam a escorrer pelo meu rosto. Vitório chega mais perto e me abraça, fraternal.

## PERIGOSAS ACHERON

— Eu fui uma covarde o tempo todo, Vitório. Depois que este incidente aconteceu, perdi o controle de minha vida. Ainda sou, na verdade. A Olívia Perrone que as pessoas veem na televisão e nas revistas não têm nada de confiante ou segura. Sou uma farsa, uma mulher adulta que precisa tomar mil comprimidos para viajar de avião. Esta viagem até aqui foi uma tortura para mim, você nem imagina. Eu sou medrosa, chorona, e mal consigo sair de casa sozinha. Francesco cuida de tudo para mim. Graças a Deus! Estes eventos chatíssimos a quais tenho que participar por conta da minha grife me deixam aterrorizada sempre. Não durmo e não como direito antes, mas ele se encarrega de me deixar sossegada enquanto as coisas estão rolando. É ele que fala com a imprensa, que faz a abertura e o fechamento dos desfiles, que praticamente coordena tudo. Sou muito grata por tê-lo em minha vida. — Suspiro



## PERIGOSAS NACIONAIS

pesado em seu peito, o choro se transformando em soluços agudos.

Sinto seu meneio de cabeça, discordando de mim.

— Nunca mais diga uma bobagem desta magnitude, Tata. Juro que, se ousar dizer isso de novo vai levar um beliscão, como nos velhos tempos. — Ele ri, e continua, a voz mais baixa: — Você é a pessoa mais corajosa que conheço. A mais guerreira. Pelo amor de Deus, sair de uma cidade pequena aos quinze anos, contra a sua vontade, e encarar uma vida fora do seu país, fora de sua zona de conforto com um avô quase desconhecido foi uma mudança que só uma pessoa forte conseguiria suportar. Eu não sei de onde você tirou essa ideia absurda e deformada que tem de si mesma; porém, garanto que está errada. Se tem um substantivo que te define, Tata, é força, e não covardia.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Ele se afasta de mim, segurando meu queixo na direção de seus olhos castanhos.

— Tata, seu nome hoje é conhecido em todo o mundo. Você se tornou uma das celebridades mais queridas da atualidade. Do nada, conquistou um império. Olívia, além de uma estilista incrível e competente, você enfrentou tanta coisa.

Faço uma careta, desconfiada. Ele sorri malicioso para mim.

— Tenho acompanhado sua vida, Tata, não só eu mas todos nós. Nossa mãe tem um altar forrado de fotos suas, matérias, modelos de vestidos. Ela juntou uma grana durante quase um ano para comprar uma bolsa de sua grife, sabia?

— O quê?

— Acredite se quiser, ela tem muito orgulho de você. Todos temos. Sinto muito pelo que disse há pouco. Eu sei que, quando saiu daqui, não queria

## PERIGOSAS ACHERON

contato com ninguém. Mas eu nunca pensei que fosse por medo. Desculpe.

Concordo em silêncio.

Meus primeiros anos em Milão foram os mais difíceis. Quando cheguei à cidade, sozinha e desgostosa com aquela maldita viagem, só queria ficar um ano e voltar para o Bento. Mas, quando não fui capaz de embarcar, causando um grande rebuliço no voo, fui forçada a me adaptar a um estilo de vida inicialmente pavoroso. Servia cafezinho nos ateliês até um dia um esboço meu ser visto por uma estilista de nome, e minha vida profissional sofreu um giro de mais de 180°.

Hoje, quando vejo meu nome assinado nos vestidos mais caros da Itália, além de minha grife de bolsas e carteiras caríssimas, posso reconhecer que, ao menos nessa parte, fui uma grande vencedora. Talvez meu irmão tenha razão. No fim das contas, não podemos ter tudo, e eu tenho a vida

## PERIGOSAS NACIONAIS

profissional que muitos sonham. Que um dia sonhei.

— Quer dar uma volta? — Vitório quebra o silêncio, e já está de pé antes que eu possa responder, puxando-me para fora do hotel. Passamos pela recepção e deixo minha bolsa lá, segura de que ao menos com meu irmão a par de tudo, posso me desfazer dos comprimidos por alguns minutos.

O dia está quente, como eu já esperava. O céu brilha em um azul límpido, quase sem nuvens, e o mormaço atinge com força meu rosto, cegando de leve meus olhos. Não tomo sol há, provavelmente, treze anos, e me preveni no quarto com camadas de protetor solar cor da pele. Pego os óculos de aviador das mãos de Vitório e coloco em mim. Ele é grande demais para meu rosto pequeno, mas não me importo.

## PERIGOSAS ACHERON

De carro, ele me leva até ao centro da cidade, o ar quente do asfalto me deixa irritada. Caminhamos de mãos dadas pelas ruas, como um casal, e as pessoas nos olham com atenção, alguns até acenando com a cabeça para meu irmão, que dá gargalhadas diante da curiosidade dos habitantes da cidade. Muitos não devem se lembrar de mim, e aqueles que me reconhecerem vão estar mais interessados na minha fama do que no meu parentesco com a família Perrone. A maioria, no entanto, me olha de cima a baixo, examinando meu visual, a vista detendo-se em minhas mãos entrelaçadas às de Vitório. Em Milão, geralmente sou cercada por fãs, clientes, futuros clientes, ex-clientes, pessoas que me reconhecem do mundo da moda. Sempre saio com algum segurança e Francesco em minha cola. Não há um lugar que eu não vá que não seja reconhecida; contudo, aqui, neste momento, sou mais uma turista conhecendo a

## PERIGOSAS ACHERON

cidade com um homem bonito.

Encho meu irmão com inúmeras perguntas: o que ele faz, onde trabalha, se tem namorada, que tipo de lugares frequenta, ao que ele vai respondendo tudo com paciência, do jeito dele. Não tive muito contato com ele da Itália, por isso sei bem menos a seu respeito do que vice-versa. Ele só tinha doze anos quando parti, e estava mais interessado em jogos e meninas do que na irmã.

— Ah, me diz o que faz nesta cidade para passar o tempo? Tudo aqui parece tão monótono, Vitório.

— Acho que já fiz de tudo um pouco. Trabalhei como vendedor, motorista, professor. — Paramos na calçada e esperamos um ônibus de excursão passar. — Agora, tenho um Pet Shop. Abri faz um ano, com o Bento. Tem dado certo, e a melhor parte são as visitas em domicílio.

— Hum, não imagino como isso possa ser tão interessante, a julgar pela sua expressão de alegria.

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Ah, porque você nem imagina que tipo de donas tem os meus clientes.

Ele pisca para mim, abrindo um sorriso safado.

— Seu pervertido! Não acredito que usa seu negócio para arrumar encontros.

— Mas é claro que uso, e o Bento também. Acredite, nós sabemos como agradar...

*Bento.* Tenho evitado qualquer menção ao nome dele, com medo do que venha a descobrir. Ele me apagou de sua vida assim que soube que eu não voltaria, e não sei nada sobre ele. O fato de ele e meu irmão terem um negócio na cidade só pode significar que ele ainda vive aqui, que não foi embora. Internamente, sinto um profundo alívio e uma alegria genuína por chegar a esta conclusão.

Atravessamos a rua, em direção ao carro. Um vento forte bate em minhas pernas e levanta meu vestido. Dou um gritinho agudo, seguida de Vitório, que ri de mim. Seguro a barra com as

## PERIGOSAS ACHERON

mãos, atenta ao próximo vento. De carro, seguimos até a orla, um dos lugares que mais gostava quando mais jovem, e minha última lembrança daqui me remete a Bento e nossa fuga desastrada de treze anos atrás. O que nós, dois adolescentes imaturos, pensávamos quando decidimos fugir e nos esconder em um quiosque? Foi o dia mais excitante e divertido de minha vida. Ainda posso me lembrar de Bento sorridente, na cozinha da pousada, procurando o miojo e se confundindo com o cereal; seu jeito doce de me olhar, seu beijo carinhoso e seu sorriso sincero e cheio de significados. Bento e eu falávamos pelo olhar, e ele sempre sabia como eu estava só pela forma como eu encarava seu rosto.

Quando chegamos à orla, descemos do carro e caminhamos um pouco pelos quiosques. Vitório, como um bom guia, vai me contando as principais mudanças, e eu vou enchendo meu irmão de

## PERIGOSAS ACHERON



perguntas bobas, as quais ele apenas sorri e responde de má vontade.

Paramos perto de um parque, com alguns brinquedos funcionando. Estou evitando até agora a pergunta que tem me corroído desde que cheguei, quando enfim disparo, gaguejando de modo perceptível.

— E... e o Ben-Bento, co-como ele está?

Vitório abre a boca para falar; no entanto, surgindo sei lá de onde, um cachorro grande e com pelos dourados corre até nós, saltitante e latindo muito, e se joga nos braços de Vitório. Meu coração vai parar na boca e meus joelhos ficam bambos. Por um milésimo de segundo, tive certeza de que ele ia me atacar. Apoio-me em um balanço, meus saltos baixos afundando na areia seca.

Meu irmão, por outro lado, diverte-se com meu susto. Ele se ajoelha em frente ao cão, acariciando seus pelos. A cena é um tanto bizarra: Vitório

## PERIGOSAS ACHERON

agachado na areia enrolado em um cão enorme. Não conhecia esse gosto singular dele por animais, mesmo sabendo, há pouco, que ele tem um Pet Shop.

O cão está preso por uma coleira, e parece feliz por encontrar Vitório.

— Tango, ei, amigão, calma! — meu irmão grita para o bicho, acariciando o focinho dele com carinho.

Fico onde estou, longe. Nunca fui muito fã de animais, muito menos cães. Confesso que eles me causam certo pânico, como quase tudo em minha vida, ainda mais este, com toda esta presença. Se ele ficar em pé, deve ser bem mais alto que eu.

— Cadê o Bento, hein, garotão?

Sigo com o olhar quando o cachorro sai correndo de novo, na direção oposta. Alguns metros adiante, vejo Bento e uma morena peituda agarrada a ele, e meu coração para de bater.

*Bento.*

Coloco as mãos contra a lente escura dos óculos, na esperança de ver melhor. O homem que se aproxima é uma visão diferente da que eu imaginei quando pensava, hipoteticamente, em reencontrá-lo. Dizer que ele é alto não faz jus ao comprimento do meu primo; ele é quase do tamanho de uma árvore, e não estou usando metáforas. Seu corpo grande e cheio de músculos saltados por todos os lados caminha a passos lentos pela orla, as pernas tão altas quanto o resto do corpo. Seus cabelos estão bem curtos e, surpreendentemente, preservam a mesma cor castanho de outrora. Ele usa óculos escuros e, quanto mais se aproxima, mais sinto sua presença com intensidade, como se, mesmo à beira-rio, ele tomasse conta de todo o lugar. A barba está rala, e ele sorri para a moça ao seu lado. A regata branca e o short de piscina dão um toque rebelde à sua

PERIGOSAS ACHERON

aparência, e fico sem palavras. Tão diferente, mas ainda é ele. Bento Perrone... meu primo...

Treze anos e não estava preparada para isso. Em que momento da sua vida alguém te prepara para reencontrar a única pessoa que foi capaz de fazer seu coração saltitar dentro do peito? Onde a gente aprende a controlar as emoções quando a vontade é esquecer os bons modos e deixar que tudo venha à tona, de novo? Meu coração bate tão acelerado no peito, como antes, quando saíamos escondidos de minha mãe, a adrenalina de nossas fugas nos puxando para uma relação perigosa. Sem pensar muito, saio correndo em sua direção, as sandálias sendo puxadas pela areia. Passo por Vitório e me jogo nos braços de Bento, gritando sem parar seu nome. Uma saudade do que vivi com ele, como primo e como meu primeiro amor dominando meus sentidos, impedindo-me de ter qualquer bom senso. Ele se assusta com a intromissão, como se nem

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

tivesse me visto, como se eu fosse uma intrusa em sua rotina. Bento quase cai para trás com a pressão de meu corpo e me segura apertado em seus braços, até ouvir minha voz, em choque.

— Bento — falo em seu ouvido, ainda agarrada a ele. — Bento.

Seu corpo se enrijece ao meu toque, e suas mãos, antes protetoras em volta de minha cintura, se soltam, nervosas. Ele me afasta bruscamente, e bato de costas no peito de meu irmão.

— Olívia, espera aí.

Meu irmão me segura pelos ombros, suspirando, como se eu tivesse feito algo de muito errado. Ignoro sua atitude e a mulher ao lado de Bento, e me aproximo dele ainda mais.

— Bento, sou eu, Olívia.

Levanto as mãos para tocar em seu rosto, ao que Vitório me detém a meio caminho.

— Não, Tata.

## PERIGOSAS ACHERON

Olho para ele, contrariada. O que está acontecendo aqui?

— O que está fazendo? Me solta!

E, pela primeira vez em anos, ouço a voz de meu primo.

— Olívia.

Seu cumprimento é evasivo, distante, frio. Não sou idiota a ponto de esperar uma festa de boas-vindas, porém seu gesto me deixa a cada segundo mais confusa e transtornada.

Encaro seus óculos escuros grandes, seu semblante inexpressivo. O acessório não me permite decifrar seu olhar, e tento mais uma vez, a voz baixa:

— Bento, sou eu. Não está me reconhecendo? Meu Deus, olhe para mim. Estou aqui. Sou eu, Olívia.

Ele vira o rosto, como se procurasse por minha voz. Vitório fecha os olhos com força, e a mulher

## PERIGOSAS NACIONAIS

ao lado de Bento estreita os olhos para mim, incrédula.

— Eu ouvi da primeira vez, Olívia. Fiquei cego, não surdo! — ele grita, e sua voz fica ressoando pelos meus tímpanos como uma bala disparada, atravessando meu cérebro e meu raciocínio.

*Cego.*

*Cego.*

*Cego.*

*Cego.*

Suas palavras reverberam em meus ouvidos, e balanço a cabeça freneticamente, negando. Não pode ser. Não! Isso não!

Vitório encara a praia em silêncio, confirmando tudo. Faço menção de me aproximar de novo, mas sou amparada pelos braços de meu irmão.

— Deixa ele, Tata. Melhor irmos.

— Não!

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sou Bianca, acho que me lembro de você.  
— A mulher ao lado de Bento estende a mão para mim, porém não vejo mais nada. Sou tomada pela escuridão e um pânico crescente dentro de meu peito, inflando meus pulmões e deixando-me com falta de ar. Sinto a areia em minhas pernas quando desabo no chão, e tudo perde o foco.



Devo ter desmaiado com o choque porque, quando abro os olhos, estou em um lugar fechado. Aos poucos, vou me conscientizando das coisas ao meu redor. Estou em uma sala, e está uma verdadeira bagunça, parecida com um daqueles tsunamis que arrastam casas e pessoas, deixando para trás apenas destruição. Rolo para o lado e caio de cara no chão de cerâmica escura. Levanto-me de um pulo, alarmada. Que lugar é este?

## PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

Minhas rugas de preocupação logo se suavizam quando vejo meu irmão encostado no batente da porta, gargalhando. Desgraçado!

Tudo é tão ridículo que acabo rindo também, esfregando minha testa.

— Machucou? — Vitório vem andando até mim, uma bandeja em sua mão esquerda com canecas e biscoitos.

— Não, só a minha dignidade — retruco e me sento com cuidado no sofá fúcsia. Espera. Fúcsia? Vitório, sem sombra de dúvidas, precisa de um decorador nessa casa.

Ele coloca a bandeja em uma mesinha suja e me entrega uma caneca.

— Você lavou isso aqui, Vitório?

— Sim, com a água da privada.

— Você é nojento, sabia?

— E você cheia de frescuras. Toma logo o café.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Quem me garante que não está envenenado?  
— alfineto ainda mais, segurando a caneca com cuidado.

Meu irmão me lança um olhar que diz muita coisa, e me encolho, achando graça.

— Sim, além da água da privada, peguei um pouco da água do rio. — Ele abre um sorriso torto para mim, revirando os olhos. — Como nos velhos tempos, Tata.

Franzo as sobrancelhas, pensativa.

— O que quer dizer com “como nos velhos tempos”?

— Bem, você nunca foi uma irmã mais velha superdescolada. — Ele ri enquanto articula as palavras. — Confesso que me vinguei algumas vezes quando você me obrigava a fazer coisas de menina.

Arregalo os olhos, perplexa.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Nunca te obriguei a nada. E não me venha com machismos...

— Beba logo o café antes que esfrie — ele me interrompe, com gracejos.

— Tem como piorar? — brinco, ao que ele não diz nada.

Olho dentro da caneca e tomo um pouco do líquido fumegante. Está bom, com leite, do jeito que gosto. Embora não se compare aos cafés que costumo tomar em Milão, não vou reclamar. Meu nível de esnobice já deu por hoje. Vitório já me acha fresca o bastante, e não preciso piorar a imagem que ele tem de mim.

Ele se senta na mesinha à minha frente, nossos joelhos se tocando de leve com a sua proximidade, e bebe seu café, encarando-me.

— Esta é sua casa? — questiono, e mostro a sala bagunçada com a mão livre.

— Sim, bem-vinda ao meu lar.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Está mais para uma zona de guerra, Vitório. Ainda bem que não mora mais com nossa mãe. Ela iria pirar com sua incapacidade de manter as coisas limpas e arrumadas — censuro-o.

Os móveis de cerejeira possuem uma camada grossa de pó. Cerejeira, quem ainda usa isso? Quanta breguice!

— Ei, Tata, sou limpinho, viu? Pobre, mas limpinho. A mulher que vem limpar aqui para mim ficou doente esta semana. Não é sempre assim.

Quase engasgo com o café.

— Uma semana? Está brincando? Isto aqui não vê uma vassoura e um pano há séculos. Sua faxineira deve ter morrido e você nem percebeu.

Ele se finge de ofendido, e coloca biscoito no meu colo. Os farelos se espalham pelo vestido, e acabo me rendendo e como tudo. São de manteiga de amendoim, e nossa infância logo me vem à

## PERIGOSAS ACHERON

mente. Vovó fazia esses biscoitos para nós quando éramos mais novos.

Engulo em seco, pensando nela. Pensando em Bento. Vitório parece perceber meu desconforto, porque começa a se desculpar, tagarelando desenfreadamente.

— Tata, eu sinto muito pelo Bento. Quero dizer, sinto muito por você não sa-saber so-sobre... — ele gagueja, nervoso — sobre a cegueira — diz por fim e olha para mim.

Coloco a caneca na mesinha e me levanto, a descoberta me deixando mais inconformada do que irritada.

— Como puderam esconder isto de mim, Vitório? Como? Nunca, em um milhão de anos, eu o imaginaria daquele jeito. Meu Deus, eu fiz um tremendo papel de idiota hoje!

Passo as mãos pelos cabelos, bagunçando-o todo, enrolando ainda mais meus fios já frisados

pelo calor insuportável desta sauna. O choque esquecido agora volta com tudo, e a raiva por ter sido enganada durante todos esses anos me deixa zozza. Que tipo de familiares eu tenho?

— Tata, ninguém realmente queria contar. Mentira — ele se corrige. Sentado, meu irmão se vira e me encara do outro lado da sala. — A vovó queria te contar assim que aconteceu, mas a tia Agnes a impediu na época. Depois, com o passar dos anos e aceitação de todos sobre a deficiência visual dele, nossa tia acabou cedendo. Lembro-me de que nossa avó chegou a pegar o telefone para ligar, porém foi Bento quem disse que você estava vivendo uma vida feliz e longe da família e que não queria que soubesse de nada.

— Por quê? Por acaso, eu sou uma estranha? Uma hóspede nesta droga de cidade? Eu tinha o direito de saber, Vitório, isso foi injusto e de uma crueldade imensa comigo. Eu sou prima dele, mas

PERIGOSAS ACHERON

que merda! Não é o bastante? Eu poderia ter voltado, eu poderia ter ajudado de alguma forma! — vocifero, tentando compreender a situação de um outro ângulo. Faço uma pausa, articulando meus pensamentos desenfreados. Será que eu realmente poderia ter feito algo de útil por Bento? — Ele foi... nós fomos... — deixo o restante da frase morrer no ar. Reviver aquela paixão desenfreada que tivemos só vai piorar meu estado emocional.

Respiro com dificuldades e vou até a janela, sentando-me no peitoril e olhando para fora.

— O que ele foi para você, Olívia? Diga! — Vitório insiste.

Não ousou encará-lo, mas as palavras escapam de meus lábios em uma confissão frenética:

— Ele foi meu mundo durante muito tempo. A gente teve uma história, Vitório, mesmo que seja necessário esquecê-la. E o fato em questão é a

PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

omissão da cegueira dele, não do que tivemos. Bento está cego, andando com um cachorro guia...

— Cão guia — ele me corrige, franzindo a testa.

— Que seja. E eu nem tinha ideia. Meu Deus, Vitório, como ele deve ter sofrido quando perdeu a visão. O Bento era incrível, alegre, apaixonado pela vida, louco por aventuras e...

— Tata, o Bento não morreu. Não fale dele como se agora ele não prestasse para nada. A perda da visão foi apenas mais um desafio que a vida trouxe para ele, que, a propósito, ele tem driblado muito bem.

Continuo olhando pela janela. O Bento que eu vi hoje não se parece em nada com aquele primo das minhas recordações, o garoto de dezoito anos, brincalhão, descontraído e muito amoroso comigo. O Bento que eu vi hoje estava mais para uma pedra de gelo, um limão dos mais azedos.

## PERIGOSAS ACHERON



Observo algumas pessoas passando na rua, a vida da cidade pacata se desenrolando em câmera lenta. Engulo em seco e finalmente pergunto:

— Há quanto tempo?

— Três anos.

— Hum. Ele tentou algum tratamento? Algum meio alternativo para a doença? Tia Agnes sempre falava das possibilidades da cirurgia.

Vitório se levanta e vem até mim, os braços caídos ao longo do corpo grande. Quando encosta em meu ombro, bagunça meus cabelos de leve.

— Ele tentou duas vezes. Contudo, fracassou em ambas. A primeira foi logo que aconteceu. Não deu certo, mas ele estava determinado a continuar tentando sabe, tipo uma missão especial ou coisa que o valha. Ficou triste, porém fez mais uma tentativa. Quase um ano depois, apareceu uma oportunidade de uma cirurgia em São Paulo. Era como um experimento, e tia Agnes e nosso pai, que

PERIGOSAS ACHERON

já estava com ela, não queriam que ele fizesse. Era perigoso, porque, se desse errado, Bento corria o risco de morrer na mesa da cirurgia. Mas ele quis ir, e eu o acompanhei, pois ninguém se voluntariou. Sem resultado de novo. Quando voltamos, ele desistiu, disse que não valia a pena e aceitou sua condição. O Tango foi um presente da vó Teresa. Ele era um filhotinho, e foi muito bem treinado para cuidar do Bento. Você precisava ver como eram aqueles dois no começo. Nossa, o Bento não aceitava o cão, de jeito nenhum. Era até cômico.

Viro meu corpo para olhar meu irmão, que me aperta em seu peito.

— Ele sofreu muito, mas hoje consegue fazer tantas coisas. Cuida do Pet Shop, vai à prainha, sai com mulheres, ele não é um recluso. Ao contrário, as mulheres daqui disputam o coração dele.

Está explicado a morena peituda ao lado dele, grudada como se fosse naufragar e ele fosse seu

## PERIGOSAS ACHERON

único socorro. Choro nos braços de meu irmão. Faz um dia que estou na cidade e passei a maior parte do meu tempo chorando. A morte da vovó, a cegueira do meu primo, minha incapacidade de lidar com tudo isto, além de me sentir uma completa inútil nesta família.

Temo que acabe voltando para Milão uma pessoa mais doente do que já sou depois dessa visita.



## Capítulo 4

UMA SEMANA, SETE dias, 168 horas. É tempo demais.

Tempo demais que estou longe da minha casa, da minha cidade, do meu país, da minha vida normal, ao menos a vida que aprendi a reconhecer como minha. As tarefas no ateliê estão uma loucura com a aproximação do desfile. Minha assistente, Jasmine, está surtando ao telefone e toda vez que ela me liga, perco a paciência e grito com ela, um jeito de fazê-la calar a boca e me ouvir. Ela quer a minha presença, por isso Francesco e eu vamos

voltar. Hoje, após a leitura do testamento de minha avó, retornaremos a Milão, e provavelmente não volto mais. Não vejo sentido em voltar quando as únicas pessoas que poderiam me querer não se importam mais... exceto meu irmão maluco.

Nossas malas estão prontas, nossas passagens compradas e tomamos café da manhã no salão do hotel. Minha mãe, Francesco e eu.

Desde que cheguei, confesso que hoje é um dos dias mais quentes. Estou suando em bicas, mesmo depois de um banho gelado, e esta roupa preta que escolhi para a ocasião não ajuda muito. Meu vestido curto sem mangas está grudando em meu corpo, e meus cabelos loiros e enrolados estão presos em um coque, mas pareço uma aberração, não a mulher rica e poderosa que deveria ser.

— Sinto tanto que tenham que voltar assim, às pressas, como dois fugitivos — minha mãe lamenta, os olhos pregados em meu noivo, sempre

o medindo dos pés à cabeça. Ele retribui o olhar, educado.

A verdade é que ela está encantada com ele e esta semana se resumiu a beijos, abraços e elogios sem fim ao “homem que escolhi para casar”, como ela fica repetindo atrás de mim.

Ignoro seus comentários, seus gestos, ignoro-a por completo.

— Sim, sim, mas Olívia e eu precisamos mesmo estar lá quando o desfile acontecer. Nós não temos escolha, não é, *mi amore*?

— Sim, impossível ficar com tanta coisa acontecendo tão longe — falo distraída, e tomo meu café com leite, apreciando a bebida quente.

Minha mãe concorda, os olhos brilhando por ter toda a atenção dele para si. Cínica e teatral como sempre, e ainda assim, mesmo camuflada, consigo perceber sua impetuosidade por trás dessa aparência de boa mãe.

— Mas espero manter contato dessa vez, e também tem o casamento, não é? Quando pretendem oficializar a união?

Abro a boca para responder, mas ela não deixa, e se adianta, tagarelando como uma maritaca.

— Ah, por favor, só espero que não queira realizar seu casamento aqui. Já me programei para visitar a Itália quando chegar o dia da cerimônia, e seria um evento grande e importante demais para esta cidade estúpida, Olívia. Tenho certeza de que Francesco concorda comigo, não é, filho? Claro, seria um evento de grandes proporções, e você é famosa, então imagino que pense em convidar muita gente rica como você...

— Mãe... — falo entredentes, e ela continua falando, dispensando meu tom de advertência.

— E também há a questão da entrada. Eu me recuso a entrar com seu pai na igreja, Olívia, então você precisa organizar bem isso. Seria de uma

PERIGOSAS ACHERON

tremenda falta de tato me colocar perto dele e daquela mulher...

— Tia Agnes — acrescento.

— Ora, não ouse pronunciar o nome dela aqui. Já basta tudo o que passei.

— Mãe, chega. Francesco e eu ainda não falamos sobre nada disso. Você será devidamente informada quando chegar o dia, não se preocupe.

— Mas...

— Chega, mãe — retruco, levantando-me da mesa e puxando Francesco pelos ombros. — O advogado já deve estar chegando.

De mãos dadas, saio com Francesco do salão, deixando minha mãe sozinha à mesa, perplexa por minha ousadia em ignorá-la ainda mais.



A leitura do testamento de minha avó será feita aqui mesmo, no hotel. Minha mãe, claro, não

PERIGOSAS ACHERON



permitiu que fosse feita em qualquer outro lugar, controladora e manipuladora como sempre. O escritório que ela usa para administrar o negócio é grande e muito espaçoso, com uma decoração vintage. As paredes são pintadas de creme, como todo o hotel, e os móveis são antigos, cada peça contando uma história peculiar. A mesa de carvalho está cheia de papéis, dispostos em uma miniprateleira, e um dos garçons do restaurante do hotel coloca uma bandeja à mesa com água e café.

Quando entramos, a sala está vazia, mas logo o advogado chega, esbaforido e suando. Ele nos cumprimenta com apertos de mão calorosos, e, assim que me reconhece, implora que eu desenhe o vestido de noiva de sua filha mais nova.

— Ela é louca pelos seus vestidos, senhorita Perrone. Seria uma honra pa-para mim se pudesse pro-proporcionar isto a ela — ele gagueja, como se realmente estivesse emocionado.

Olho para Francesco, que ri ao meu lado.

— Claro, será um prazer.

Instantes depois, tia Agnes chega com Bento e Tango, que entra no escritório e vem até mim me cheirar. Encolho-me na cadeira de medo, pois ele é muito grande.

— Ele é bonzinho, Olívia — minha tia fala, rindo.

Corro até ela e a abraço forte, assentindo. Nem nos falamos direito no funeral, e vejo o quanto ela está abatida por estar aqui. Seus olhos castanhos possuem olheiras profundas, e ela está mais magra também. Deve ter perdido peso esta semana.

— Como você está? — ela me pergunta, acariciando meu rosto de leve.

— Bem, e a senhora?

— Treze anos na Itália e desaprendeu a me chamar de você — ela brinca, passando as mãos pelo meu rosto.

## PERIGOSAS NACIONAIS

Sorrio.

— Está bem, você.

— Melhorou. Eu estou indo, né. Não queria vir, mas sua mãe não me deixaria em paz.

Concordo. Francesco se levanta para cumprimentar minha tia e eu o apresento a Bento, que está em um canto, calado.

— Bento, este é meu... meu noivo, Francesco. Francesco, este é Bento, meu primo e filho da tia Agnes. — Minha voz soa como me sinto: nervosa.

— Muito prazer, Francisco — debocha Bento, que faz um aceno com a mão na direção de onde estamos. Sua expressão é de tédio e cansaço, como se também não quisesse estar aqui. Ele mantém os óculos no rosto, e está mais formal do que na última vez que o vi: uma camiseta polo verde, calças jeans claras e tênis. O que não mudou é seu jeito irritante e prepotente como se comporta quando está perto de mim.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Eu já mencionei o quanto Francesco não se importa muito com essas bobagens? Logo, ele sorri para Bento, como se fosse natural a atitude grosseira de meu primo, e dá batidinhas em seu ombro, a voz baixa.

— O prazer é todo meu. — E se senta, voltando sua atenção para as notícias em Milão.

Ignoro meu nervosismo, e me aproximo de Bento.

— Bento — insisto, aproximando-me mais ainda dele quando minha tia vai cumprimentar o advogado. Ele recua, debochado e sarcástico.

— O que você quer?

— Eu... eu... — ele me deixa sempre tão nervosa, que não consigo terminar a frase. Fico ali, observando-o.

— Esqueceu como se fala aqui no Brasil, priminha? Não tem escolas em Milão? Ou você

## PERIGOSAS ACHERON

passou tanto tempo desenhando vestidos que esqueceu os bons modos?

Sua voz é baixa, mas seu tom é cruel e desnecessário. Sei, no fundo, que ele só quer me ferir com suas palavras, e tento pensar na sua raiva incontida todos esses anos. Doze anos esperando para descarregar em mim seu ódio pela promessa quebrada. Eu só queria poder me explicar. Entretanto, meu primo não está nem um pouco interessado em minha vida, tampouco em minha presença.

— Se não tem nada a dizer, com licença, priminha.

Bento se afasta, apalpando o ar com uma bengala e se senta, do outro lado.

— Dê um tempo a ele — tia Agnes me diz, dando um tapinha no meu ombro.

— O tempo que quiser — minto, reprimindo as lágrimas. Já chorei o bastante nesta cidade para

# PERIGOSAS ACHERON

encher o rio. Já chega de tanto sofrimento. Bento Perrone pode estar certo em muitas coisas, mas não vai me ferir desta forma. Concorde com a cabeça, e minha tia abre um sorriso triste.

Minha mãe chega apressada assim que me sento ao lado de Francesco, que mexe no celular sem parar. Ele saiu de Milão, mas parece que Milão não saiu dele, e quando seu celular toca ele pede licença e sai do escritório. Noto a hostilidade entre todos: minha mãe fuzila minha tia com os olhos e ignora Bento, mas sorri de orelha a orelha para o advogado. Ela consegue ser uma vaca quando quer.

Então, a leitura começa. Um texto sobre morte e vida após a morte é lido, e só percebo que estou chorando quando minha tia me estende um lenço de papel. Não gostaria de passar por isso. Não quero saber o que minha avó tinha, nem o que vai deixar para quem. Só quero ela, aqui, com a gente. Acho tudo isso tão desnecessário e não vejo a hora de ir

embora. Vou me entupir de remédios e pretendo acordar em Milão. Só de pensar em enfrentar uma viagem de volta entro em pânico.

E então ele começa a leitura dos bens. O hotel, claro, ficou para a minha mãe. Vejo um sorriso triunfante em seus lábios vermelhos, como se fosse a vitoriosa do dia, e seus olhos azuis disparam em direção a minha tia, que dá de ombros, como se já soubesse deste fato e não desse tanta importância a ele. Uma chácara (minha avó tinha uma chácara?) fica para tia Agnes, que chora ao meu lado.

— Vovó tinha uma chácara? — sussurro para ela, que apenas meneia a cabeça.

Caramba! O tempo que fiquei longe de fato mudou muita coisa por aqui, e não foi só com o humor de minha família.

— A quantia de oitenta mil reais será deixada para o senhor Vitório Perrone Malquior, solteiro,

## PERIGOSAS NACIONAIS

vinte e cinco anos e proprietário do estabelecimento...

— Uau, vovó tinha grana! — Ouço a voz de meu irmão, que está ao fundo da sala, os olhos arregalados.

Sorrio para ele.

— E, por fim, a casa da falecida, Teresa Perrone, será deixada para os netos Bento Perrone Andrade e Olívia Perrone Malquior, o primeiro solteiro...

Ele continua falando enquanto meus ouvidos estão zumbindo. As últimas palavras fazem eco em meus tímpanos. Ela deixou a casa dela para nós dois, Bento e eu, nós dois. Não para um ou outro, mas para os dois. Ela se isentou de escolher um dos netos e deixou um imóvel, o que foi seu lar durante anos, para nós, Bento e eu. Seus netos que mal se falam.

## PERIGOSAS ACHERON



Fito-o do outro lado da sala e sua postura é rígida, seus punhos estão cerrados sobre os joelhos. Bento deve estar bem irritado, e eu estou confusa. Por que ela faria isso?

— Você herdou uma casa, *mi amore*, parabéns.

— Francesco está de volta, e me cutuca com sarcasmo, a notícia ridiculamente esquisita não causa nenhuma reação nele.

— Sim.

— Bem, você não precisa, deixe-a com seu primo.

— O quê?

— Ora, amor, não está pensando em ficar com a casa, está? — meu noivo sussurra, e ouço chamarem meu nome para assinar um papel.

Assino várias páginas, sem ler nada, a vista embaçada pelo choque, pela ansiedade iminente, pela confusão estampada em meu rosto, pelo tremor que me assoma quando seguro a caneta

dourada entre os dedos. Estou mortificada. Com que propósito minha avó deixaria uma casa, *a sua casa*, para mim e Bento? Olho para ele mais uma vez, que está impassível sentado, enquanto Vitório fala com ele agachado a seu lado. Ele me odeia, mal fala comigo, e agora temos uma casa em comum. Que pesadelo! Pior: estou de partida para Milão.

Aproximo-me dele, e Vitório se levanta e sai, rindo de mim.

— Bento, eu... — tento articular as palavras, mas elas saem confusas e me agacho ao seu lado, querendo mais privacidade em nossa conversa.

— Sei que você é milionária, mas não vou vender minha parte da casa. Teremos que dar um jeito nisso, Olívia — ele fala bruscamente, se levanta e sai devagar do escritório, com Tango à sua frente e a bengala batendo em alguns móveis.

## PERIGOSAS NACIONAIS

Ele tromba na porta, que faz um chiado alto, e xingando baixinho, deixa o cômodo.

Observo a porta aberta, e balanço a cabeça, estupefata.

Ainda agachada, a mente a mil, resigno-me a balançar a cabeça, tentando extrair algo de útil do meu cérebro. Sinto um fastio tomar conta de meu corpo, e jogo a cabeça sobre o braço da poltrona, onde antes meu primo estava sentado. Fecho os olhos, em uma tentativa ridícula de acordar em minha casa, na Itália, bem distante dessa família: tenho uma avó caridosa, uma mãe louca, um irmão safado, um primo cuja empatia por mim desapareceu há décadas, e nem vou falar do relacionamento de meu pai com minha tia.

Sinto os dedos de meu noivo tocarem de leve meu ombro direito, e levanto o olhar, frustrada.

— Não posso voltar agora — justifico-me para Francesco, que me encara de volta, descrente.

## PERIGOSAS ACHERON

— Mas... nossas malas, o desfile, você precisa estar lá, *mi amore*.

Meneio a cabeça, com firmeza.

— Você vai cuidar de tudo, tenho certeza — afirmo mais para mim mesma do que para o meu noivo.

Ele fecha os olhos, irritado, e também deixa o aposento.



Aos poucos, a brilhante ideia de permanecer na cidade por mais alguns dias torna-se estúpida e irresponsável. A semana de moda em Milão é fantástica e encantadora para quem vai apenas assistir e ver as modelos desfilando as tendências; para quem trabalha, é agressiva e, quando a gente vê, todo nosso esforço já passou em um piscar de olhos. Este ano, ousei um pouco mais com meus desenhos e as costureiras que trabalham para mim

PERIGOSAS ACHERON

aprovaram minhas escolhas de tecidos, cortes e decotes. Francesco e eu estamos na expectativa desde setembro, para ser sincera, e a cara emburrada dele ao meu lado, enquanto Vitório nos leva ao aeroporto, é um sinal exato do que ele pensa a respeito de eu ficar.

— Ainda não acredito que vai ficar aqui, *mi amore*. O que posso fazer para você mudar de ideia? — Francesco insiste, exaurido por toda a situação.

Aperto sua mão, emudecida.

Meu irmão dirige tranquilo, cantando alguns trechos de uma música sertaneja, eu presumo. Ele se ofereceu para nos levar ao aeroporto, e, com as últimas notícias, acabou que foi bem-vinda esta carona. Estou ainda em estado de transe, estupefata por ter herdado uma casa junto ao meu primo. Isto é ridículo e infantil e minha avó, que Deus a tenha,

deveria estar bêbada ou drogada quando teve esta ideia ultrajante.

— Olívia, *mi amore*, pense bem. Você sabe que é a protagonista disso tudo. Deixe esta casa com seu primo, oras, não precisa do dinheiro. Nem precisa vender. Deixe como um bom presente, e ele será grato eternamente — Francesco repete o mantra pelo trajeto todo. Estamos na rodovia movimentada, e o ar condicionado do carro não é suficiente para secar o suor do meu corpo. Rendi-me a dois calmantes antes de sairmos, pois estava ficando meio doida com a história desconexa e incoerente de herdar uma casa, ainda mais com Bento.

Olho para meu irmão pelo retrovisor, e ele está sorrindo. Ele sempre está sorrindo. É irritante.

Suspiro, o sono esperado está demorando a aparecer e me arrancar desta realidade paralela.

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Não posso fazer isto, Francesco, não se trata de valores, trata-se de ter sido da minha avó. Ela morou praticamente a vida toda naquela casa, e escolheu deixá-la para mim.

— Errado! Ela deixou para dois netos, você e seu primo bravo — meu noivo me corrige, insatisfeito.

Pelo visto, ele não foi muito com a cara de Bento.

— Ele não é bravo, só está passando por uma fase difícil.

— Ou uma década difícil, eu suponho! — meu noivo contesta, a expressão emburrada.

Nem sei por que me dou ao trabalho de defendê-lo. Bento tem sido um ogro maldoso desde que nos encontramos, e sabe como ser um tremendo imbecil. Depois da leitura do testamento, ficou chamando Francesco pelo nome errado, só para nos irritar, como uma criança desagradável.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Bem, isso não importa, Olívia. O que realmente importa é o desfile, amor. Resolva isto logo, e volte para Milão. Nem pense em não estar presente na semana de moda, ou juro que quem vai precisar de remédios sou eu.

Ofendida com sua comparação, passo o restante do trajeto em silêncio.

No aeroporto, me despeço do meu noivo, com a promessa de logo estar de volta a Milão, pedindo mil desculpas por não ir no momento, usando de toda a persuasão para que ele não se sinta excluído da minha vida.

— Vou sentir saudades. Mantenha-me informado de seu retorno, e volte o quanto antes — Francesco repete, e entra na sala de embarque, acenando para mim e Vitório.

Quando ele some de vista, meu irmão solta uma das suas pérolas.

## PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

— Ficou marca de brilho no seu rosto, Tata. O boca metálica precisa usar um batom nude.

— Cale a boca, Vitório! — resmungo, e voltamos para o estacionamento.



Já são quase oito da noite quando voltamos para Epitácio. Previsivelmente, os remédios começam a fazer efeito tarde demais, quando meu estado de nervos já recuperou o equilíbrio e consigo respirar. O crepúsculo ganha contornos alaranjados, e o sol toca de leve o rio quando passamos pela vicinal que leva ao hotel, mil lembranças invadem meu cérebro de formas distintas. Para meu espanto, Vitório não entra na passagem que leva ao hotel. Em vez disso, faz o caminho inverso.

— Aonde estamos indo? — pergunto a ele, que dirige cada vez mais devagar, apreciando a vista.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Ao figueiral. Vamos mudar um pouco de ares, você está muito tensa e pensativa, além de estar suja de batom. Precisa relaxar e vou cuidar disso.

Reviro os olhos para seu comentário irônico.

— Hum, e quem te incumbiu dessa tarefa?

— O boca metálica, claro! — Ele ri, malicioso.

— Com certeza não estamos falando do mesmo noivo, porque Francesco nem sonharia com isso — confesso, e ele me olha, as sobrancelhas claras franzidas. — E pare de chamá-lo assim.

— Ele é ciumento?

— Não isso, mas ele odiou a cidade, o calor, a monotonia. Está mais acostumado com a correria de Milão. — Dou de ombros, sentindo o vento da noite tocar de leve meu rosto.

Vitório dirige ainda mais devagar, mexendo os lábios.

— O que disse?

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Que seu noivo afeminado poderia ter levado nossa mãe para conhecer Milão. Uma passagem só de ida, que tal?

Dou um tapa forte em seu braço direito, forçando-me a não rir. Meu irmão nunca vai crescer, pelo visto.

— Para começo de conversa, ele não é afeminado, Vitório. Que coisa!

Ele ri ao meu lado, negando com a cabeça.

— E para terminar a conversa, você também queria que ele tivesse levado Marisa Perrone, Tata.

— Sua risada sai alta e gostosa, e acabo rindo também, incapaz de discordar.

Está uma noite linda de verão, e quando Vitório passa pela portaria do parque, percebo a quantidade grande de carros estacionada, o caminho arenoso cheio de entulhos que as pessoas insistem em não jogar no lixo.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Desculpa aí, senhorita Perrone. Mas, se ficou em silêncio, é porque tenho razão — ele zomba de mim, e estaciona o carro em uma vaga.

— Ah, não me chame assim. Aqui, sou apenas eu, está bem?

— Claro — ele concorda, rindo e bagunçando meu cabelo.

De mãos dadas, descemos até a prainha, passando por um restaurante majestoso e lotado, o cheiro de comida e bebida misturando-se ao ar doce da noite quente de verão. As pessoas ali nos olham com curiosidade, e Vitório passa os braços pelos meus ombros, aconchegando-me mais a ele e piscando para mim, dando a entender que somos um casal. A maioria daqueles rostos não se encaixa em nada familiar a mim, mas ouço a distância sussurrarem meu nome, como se fosse algo sagrado. É difícil esperar não ser reconhecida em uma cidade de apenas 43 mil habitantes.

## PERIGOSAS ACHERON

Lembro-me de quando estive em Paris, a trabalho, logo que meu nome deslanchou no mundo da moda. Francesco e eu descíamos de uma limusine em um evento de moda, na parte central da cidade, e fomos recebidos por uma multidão que gritava meu nome e me pedia autógrafos ou mesmo desenhos. Foi meu primeiro contato com a fama, e fui tomada por uma crise de ansiedade tão grande que quase precisei sair do local em uma ambulância, tamanho meu pânico naquela noite.

E, aqui, pelo jeito as coisas não serão diferentes. Vitório entra em um bar arejado, com algumas mesas de madeira do lado de fora. Ele cumprimenta algumas pessoas, mas não se detém: caminha para o interior do ambiente. Lá dentro, a luz está fraca e alguns clientes tomam suas bebidas enquanto assistem a um jogo de futebol na televisão enorme que fica no alto. Está estranhamente lotado para uma noite de quarta-feira, e sinto meu nervosismo

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

tão comum chegando de leve. Aperto os braços de meu irmão, e ele sorri para mim, confortando-me.

— Não vamos ficar muito, prometo. Se você se sentir muito mal, te levo para o hotel.

— Obrigada — agradeço, e dou um beijo em sua bochecha.

No balcão comprido, ele pede duas cervejas e nos sentamos. Vasculho minha mente procurando a razão de nunca beber nada alcoólico, exceto as doses de uísque no avião. Os remédios, claro.

— Eu não bebo, Vitório. — Sacudo a cabeça, e peço uma água mineral para a mulher de costas.

— Por que não? Caramba, Tata, você precisa relaxar, parece uma estátua de cera de tão tensa! — ele diz, cutucando-me com o braço.

— Os remédios são muito fortes e estou proibida de beber até terminar o tratamento.

— E quando termina?

— Nunca — retruco, triste.

## PERIGOSAS ACHERON

Esta é a pior parte em se ter uma doença como esta. A Síndrome do Pânico não é algo que a gente consiga tratar rápido, como uma gripe. Faço terapia e uso de remédios há anos, e nem consigo me imaginar sem eles. São meu apoio, meu socorro quando as crises aparecem das sombras.

Vitório pisca para mim, solidário.

— Então melhor não beber, mesmo.

— Aqui. — A morena peituda no bar coloca nossas bebidas no balcão, e eu a reconheço instantaneamente, o que é recíproco.

— Olívia? Meu Deus, menina, é você mesma!

Ela dá a volta no balcão e vem me abraçar, esmagando-me contra seu corpo grande e cheio de curvas. Uau!

— Olhe só para você — ela diz, e me abraça de novo, a voz alegre.

— Brenda, quanto tempo — tento falar, mas sou sufocada por mais abraços, até que me solto dela,  
PERIGOSAS ACHERON

constrangida.

A cidade parece gostar muito dessa coisa de abraços.

Olho para ela, que está parada à minha frente, os olhos escuros examinando cada parte de mim.

— Você está linda, maravilhosa, de verdade — ela balbucia, com voz de choro. — Sinto muito por sua avó, Eu estava fora da cidade e não consegui ir ao funeral — ela emenda, e senta ao meu lado, em um banco alto de madeira, ignorando os pedidos dos clientes no balcão.

— Tudo bem, eu entendo. Obrigada mesmo assim. Tem sido estranho, sabe. Muito esquisito, Brenda, nunca me imaginei voltando para cá para enterrar minha avó. Ela era meu único contato com meu passado, além da tia Agnes. Estou confusa e perdida, e nem sei o que vou fazer.

Engulo o choro que se forma em minha garganta. Não aguento mais chorar, já que é só o

# PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

que faço desde que cheguei. Meus olhos estão sempre vermelhos e inchados, meu nariz se assemelha a de um palhaço e minha maquiagem está sempre borrada. Sinto tanta falta de minha avó, e tudo o que quero é correr e ligar para ela, mas não posso. E Brenda é a primeira pessoa com quem realmente quero conversar sobre isso. Ela era minha melhor amiga, depois de Bento. Formávamos uma dupla incrível, e senti muito a falta dela.

— Imagino, Olívia, mas não fique assim. Você foi embora, fez sua vida em outro país, e tenho certeza de que jamais imaginou passar por isso.

— Não — concordo.

Tomo minha água e ela volta para o outro lado do balcão, atendendo aos clientes que pedem bebidas sem parar. Vitório me deixa ali com ela e vai falar com uma moça.

## PERIGOSAS ACHERON

— Então... você é dona de um bar? — questiono Brenda, que balança a cabeça, negando.

— Não, mas quase. É do Anthony, meu marido.

— Você casou com ele?

— Sim. — Ela ergue o dedo e me mostra a aliança no anelar da mão esquerda.

— Meus parabéns! Nem acredito que estão juntos desde aquela época.

— Nem eu — ela confidencia, rindo alto, escandalosa como sempre.

Anthony foi o primeiro e único namorado dela, desde o colégio. Ele era da turma do Bento, e ela da minha. Eles viviam se agarrando pela escola, e passavam tanto tempo na direção por mau comportamento que minha mãe tentou me proibir de vê-la.

— Faz tempo?

— Seis anos, na verdade. E foi a melhor coisa que fiz em minha vida, sabia? Nunca me arrependi,

né, amor? — ela grita com um homem alto e moreno, e ele se aproxima e dá um beijo em sua boca, todo meloso.

— Lembra da Olívia? — Brenda pergunta a ele, que estende a mão e me cumprimenta calorosamente.

— Claro, Olívia Perrone, quem não conhece? — ele grita, e alguns rostos se viram em minha direção.

Ah, não!

— Só Olívia, Anthony, por favor — suplico com a voz baixa para não chamar a atenção.

— Oh, claro, me desculpe.

Ele aperta minha mão mais uma vez e sai para atender um cliente.

Encaro Brenda, que me olha de volta.

— Você está tão diferente, tão mudada.

— Hum, a gente muda, Brenda, ou é obrigada a mudar. Sei lá. — Faço um gesto vago com as mãos,

olhando ao redor.

Será que mudei tanto assim?

— Como é sua vida lá? — Brenda me pergunta, enquanto me ajeito no banquinho.

— Boa, mais corrida do que glamorosa. Todo mundo acha que vivo uma vida de celebridade, mas não é assim que funciona. Trabalho igual uma condenada, se quer saber. É uma correria, Brenda, de cedo à noite eu estou pendurada ao telefone, digitando e-mails, fazendo esboços de vestidos, organizando eventos, uma verdadeira maluquice. Acho que é por isso que é tão estranho estar de volta. Aqui é tudo tão parado.

— Só é mais lento, Olívia, diferente do que você tem hoje. Você gostava daqui. — Sua voz tem um tom de acusação e olho para minha garrafinha de água. — Ah, eu soube que herdou a casa da dona Teresa.

## PERIGOSAS NACIONAIS

Claro que ela sabe. Nesta cidade, todos parecem saber mais da minha vida do que eu.

Levanto meus olhos e fito seu olhar negro.

— Herdei, eu e o Bento. Minha avó deveria estar bêbada quando fez aquele maldito testamento! — retruco, zangada.

Não deveria falar mal dela assim, ainda mais porque ela está morta, mas o que ela estava pensando quando fez isto comigo?

Brenda ri da minha cara feia, e encosta no balcão, seu decote já exagerado revelando bem mais ainda de seus seios.

— Será uma bela disputa, porque eu soube que ele não vai abrir mão da parte dele.

— Nem eu — confesso, tomando todo o conteúdo da garrafa e jogando-a no lixo aos meus pés.

Brenda cai na gargalhada e olha por cima do meu ombro, satisfeita.

## PERIGOSAS ACHERON

— Por falar em disputas...

Viro para trás, e vejo Bento entrando no bar com a morena peituda daquele dia. Ela usa uma calça de couro preta na altura das axilas e um top vermelho justo nos seios. Por Deus, eu nem teria coragem de dormir com algo assim, que dirá sair de casa. É um homicídio à moda. Ela está grudada nele, que está usando uma regata verde com bermuda jeans. Não vejo Tango, seu cachorro assustador, mas ele usa uma bengala e se aproxima do balcão.

Não consigo parar de olhar para ele, e Brenda pigarreia atrás de mim.

— Ora, ora, quem resolveu dar o ar da graça em meu estabelecimento hoje — Brenda fala, e some ao fundo.

Ele encosta ao meu lado, tão perto que sinto seu cheiro: um cheiro de suor misturado a protetor. Sem revelar minha presença, permaneço sentada, PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

sem me mexer. A morena peituda me reconhece, e grita meu nome, vindo até mim.

— Olívia Perrone, que honra conhecê-la pessoalmente! — Ela se joga nos meus braços e quase caio do banco.

Mais abraços!

— Oi — digo, tímida. — A gente se conhece?

— Olívia, só porque você ficou famosa agora esqueceu das velhas amigas, hein? Eu sou a Bianca, lembra? Irmã da Brenda e da Beatriz.

Mas é claro! Bianca, uma das trigêmeas, a mais atirada se bem me lembro. Fazíamos parte da mesma turma no colégio, todas da mesma sala desde o início. A direção quis separá-las, mas a mãe delas, Sônia, reclamou que elas eram muito unidas e então ficaram todas na mesma turma. Beatriz era a mais tímida e recatada, vivia pelos cantos, lendo e estudando, por isso afeiçoei-me

## PERIGOSAS ACHERON

mais à Brenda, aventureira e rebelde, como eu era na época.

Sorrio para Bianca, que me solta e corre para o lado de Bento. Ele continua usando os óculos escuros, mesmo sendo noite. Não que isso faça diferença para ele, afinal.

— Bento, sua prima famosa está aqui. Diga um olá — Bianca incentiva-o, grudada nele, porém ele se retrai à menção do meu nome: apenas balança a cabeça, e pede uma bebida à Brenda.

— É tão chique ter você aqui, em nossa cidade. Nossa, aqui nunca acontece nada, e ter uma celebridade é, com certeza, a notícia mais interessante em anos — Bianca dispara, enrolando os fios dos cabelos compridos e escuros nos dedos. Ela se ajeita no banco ao lado, sem desgrudar de Bento.

— Não sou celebridade, Bianca, e tenho certeza de que as pessoas não estão achando o máximo

## PERIGOSAS ACHERON



minha visita. Eu só vim para o funeral.

— Bem, mas agora que herdou a casa de sua avó vai querer ficar um tempo conosco, não é, Bento? — Ela faz um beicinho, interrompendo-me, e logo muda sua expressão ridícula.

Olho para ele, que toma a bebida, calado, como se não estivesse ouvindo nada do que a maluca ao seu lado está dizendo. Chego mais perto e toco seu braço, chamando sua atenção.

— Você contou a ela da casa?

Bento afasta o braço com força, atingindo meus dedos, que estalam ante a sua brutalidade.

— Não, Olívia, não precisei falar porque todos já sabem. — Sua voz é alta e grave, e logo ele volta à sua bebida, alheio à minha presença.

Como ele consegue me ignorar desse jeito? Como ele pode ser tão indiferente a mim, depois de tudo o que vivemos no passado? Será que ele não percebe como fico tensa e assustada quando ele

## PERIGOSAS NACIONAIS

está por perto, com medo de fazer alguma coisa errada e irritá-lo ainda mais? Ele mexe comigo, com todos os sentidos do meu corpo, aguçando meu pior e melhor lado. Quero gritar com ele, que é um imbecil, mas engulo minha raiva e me levanto, saindo dali.

— Brenda, depois nos falamos. Me procura no hotel da minha mãe para a gente marcar algo! — grito em meio ao barulho dos clientes, que me olham com atenção.

Ela acena para mim, ocupada demais para responder, e desaparece em uma nuvem de drinques e pedidos.

Uma última olhada para trás: vejo Bento virando o rosto em minha direção, como se quisesse ter certeza de que estou indo embora. Saio do bar a passos bruscos, e encontro meu irmão agarrado a uma ruiva encostados a uma árvore. Argh, que ótimo! Agora vou ficar presa aqui.

## PERIGOSAS ACHERON

Sem querer atrapalhar, decido ir andando para o hotel, apesar de ser uma longa caminhada.



Estou andando há mais de meia hora, e, surpreendentemente, tenho a impressão de que estou perdida. Não consigo chegar à entrada do Parque Figueiral, e está muito escuro. Aqui nunca teve muita iluminação, pois raramente funciona durante a noite. Vitório me mandou uma mensagem de texto perguntando onde eu estava, porém meu celular não emite sinal aqui, e acabei ligando a cobrar para ele de um orelhão. Disse que estava indo embora, e que amanhã nos veríamos.

Contudo, não encontro o hotel. Tudo aqui parece um labirinto de caminhos sem fim, conhecidos até certo ponto. Por fim, a entrada surge à minha frente, mas minha vontade de me trancar em um quarto desaparece. Por um milagre, meu

PERIGOSAS ACHERON

celular funciona e ligo para um táxi, decidida a ir para a cidade, deixando o negócio imponente de minha mãe para trás.

O motorista anda pelo centro devagar, e abaixo o vidro para sentir o vento da noite em meu rosto. Passamos por muitas ruas, muitas casas, até chegarmos em uma e eu sentir um aperto no peito. A rua me parece familiar, conhecida, mas não sei bem de onde, até eu parar em frente à casa pequena e colorida, e todo o meu medo ir embora. É a casa de minha avó, Teresa. A casa do arco-íris, como eu chamava quando vinha aqui, na infância.

Desço do carro e gesticulo para o motorista ir embora. Como vou voltar para o hotel não é uma questão a ser discutida agora; só quero ficar aqui, com ela. *Com ela*. Sinto o nó em minha garganta ao pensar que estou aqui, mas ela não. Começo a chorar sem parar, constatando a veracidade dos fatos, dando-me conta, tarde demais, de que a

# PERIGOSAS ACHERON

perdi. Ela era o meu porto seguro, minha amiga e confidente, a quem eu contava tudo sem medo de ser julgada. Minha avó era alegre, divertida, engraçada, forte, desafiadora, sempre com uma solução para os meus dramas. Como vou ficar sem ela?

Não me dou ao trabalho de me controlar. Deixo que as lágrimas lavem minha alma ferida e meu coração partido. Como alguém sobrevive após a morte de um ente querido? Não sei, mas, pelo jeito, terei que descobrir da pior forma que existe.

Abro o portão de madeira, que range e me dá passagem aos três degraus que levam à porta laranja. A casa parece saída daqueles desenhos animados, em cores fortes e alegres, que cobrem toda a extensão de madeira do chão ao teto, na horizontal. De cima para baixo, há tons azuis, verdes, amarelos, laranjas e vermelhos, com janelas e portas brancas. A casa foi pintada quando eu

## PERIGOSAS ACHERON

tinha uns oito anos, e nunca mais minha avó mudou a tonalidade. Ainda lembro da expressão furiosa de minha mãe quando viu a casa, e suas palavras duras com minha avó, ordenando que ela mudasse aquela aberração. Minha avó apenas deu risada e disse para a minha mãe cuidar da própria vida. Ela era corajosa, bem mais corajosa do que já fui.

Ergo-me e passo as mãos pelo batente da porta, e não fico surpresa quando encontro o que procuro: o molho de chaves. Vovó nunca foi muito boa com esconderijos.

Coloco a chave dourada na fechadura, giro a maçaneta redonda e descascada e entro. Está escuro e tato em busca do interruptor, sentindo alívio quando a luz se acende. Odeio escuro. Morro de medo. Fico como uma criança assustada quando falta luz. O cheiro de talco invade minhas narinas, e me encosto na parede, chorando ainda mais, as lembranças dela atinge minha mente em flashes de

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

tudo o que vivi nesta casa. Era aqui onde eu me escondia quando minha mãe queria me bater; era para cá que eu vinha quando queria encontrar o Bento, os dois como fugitivos escondidos, loucos para se verem um pouquinho; era aqui que minha avó me servia chá e bolacha, quando minha mãe me xingava e me colocava de castigo por dias, apenas com o intuito maquiavélico de me manter afastada de meu primo; foi nesta casa onde fui mais feliz, bem mais feliz do que na minha ou na antiga pousada, porque não era como se ela fosse mágica. Agora, uma mulher adulta e cheia de problemas internos, eu percebo que era apenas por ter minha avó comigo, um bálsamo para minhas feridas, uma luz quando minha mãe era a própria treva e meu pai um tonto, incapaz de falar mais alto que a esposa, impenetrável como uma rocha, não me dando margem para uma aproximação.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Sob as lágrimas, vejo o interior do ambiente: a sala é pequena, com dois sofás vermelhos, dispostos nas paredes, e uma mesinha de centro antiga e conservada, de mogno. Acho que nem se usa mais este tipo de móvel. Nas paredes, todo tipo de fotos: minhas, de Bento, tia Agnes, meu pai segurando Alfredo, Vitório correndo nu pela praia, tão novinho e bochechudo, minha avó sorrindo e tricotando; Bento e eu abraçados, com o rio ao fundo como paisagem, tia Agnes segurando Bento no colo, ele chorando, o rosto em chamas; meu pai, eu e minha mãe, de mãos dadas, caminhando perto da orla; meu irmão vestido de marinheiro, em alguma festa da escola; tia Agnes e vovó cozinhando em um sítio, acho. Tantas lembranças de uma família de quem vivi longe metade de minha vida.

Toco os quadros delicadamente, a poeira acumulada grudando em minhas unhas esmaltadas.

## PERIGOSAS ACHERON



*Minha família.* Minha única e preciosa família, a despeito de tudo.

Ando pelos cômodos: vou até a cozinha, limpa e arejada, as coisas de minha avó todas arrumadas. Será que alguém veio aqui para limpar ou ela deixou assim? Ela era a pessoa mais limpa e organizada que eu conhecia, e acho que herdei isso dela. Já Vitório... ela ficava brava e possessa quando meu irmão vinha para cá e derrubava as coisas no chão ou sujava seus móveis. Era o único momento em que ela perdia a compostura. Era engraçado vê-la correndo pelo quintal com uma frigideira na mão, atrás dele. Sorrio diante da lembrança repentina. Nem sabia que me recordava de tudo isso com tantos detalhes. Chega a ser assustador ter tanto desta família ainda dentro de mim.

Subo as escadas em L, o piso rangendo sob meus pés. Lá em cima, olho os dois quartos de

## PERIGOSAS ACHERON

hóspedes, tão arrumados e alinhados quanto lá embaixo. O banheiro está cheirando a água sanitária, então tia Agnes deve ter passado aqui para limpar. Passo reto pelo quarto de minha avó, a covardia de sempre toma conta de mim e me obriga a fugir. Ainda não estou pronta para este confronto. Ver o cômodo com as coisas dela, tudo o que ela gostava sabendo que ela não vai mais voltar é doloroso demais, e hoje não quero passar por isso. Não hoje.

Desço as escadas e me sento no sofá, perdida em pensamentos. “O que vou fazer sem você, vó?” Repito a pergunta mil vezes, até que um barulho do lado de fora da casa me assusta, e pulo do sofá, atenta.

Ele não bate, apenas entra, preenchendo o lugar com sua silhueta grande e forte, como um atleta. Bento sabe que estou aqui, consigo sentir sua tensão e sua repulsa, embora ele não me veja. Ele

## PERIGOSAS ACHERON

está com a mesma roupa de mais cedo, no bar, com a diferença de que Tango, seu cachorro gigante, faz companhia. Tango vem até mim, cheira meus pés e pernas, late baixinho e se senta aos meus pés, tranquilo.

— Olha só quem já veio reivindicar a herança. Quem diria que você seria tão ambiciosa, hein, priminha? — Bento agora está na sala, em pé, os óculos escuros escondendo seus olhos. Ele apalpa o ar e se senta ao meu lado, irritado.

— Não é nada disso. Só queria ver a casa e acabei entrando um pouco — digo, uma vontade esmagadora de lhe dar um soco. Como ele consegue ser tão idiota?

Levanto-me e ando pela sala, desorientada. Bento, no passado, era meu mundo, meu colo, meu conforto; hoje, ele é um pesadelo em forma de homem, uma pessoa má e com tanta raiva dentro dele que parece um vulcão, prestes a entrar em

## PERIGOSAS ACHERON

erupção. Infelizmente, ele parece guardar sua fúria para despejá-la em mim.

Ele dá uma risada longa e sarcástica, o rosto ficando vermelho. Seu corpo musculoso balança todo, e ele também se levanta, com Tango agora em seu encalço.

— Bem, é o que parece. Nem descobriu que ganhou uma casa e já está aqui, olhando tudo. Até sua viagem foi cancelada para Milão — ele diz a última palavra com desprezo, e sorri.

Como alguém pode ser tão perverso? Este não é o Bento que amei um dia. Que prometeu me esperar, que correu atrás de mim no aeroporto, que me jurou amor eterno.

— Eu não quero nada disto, Bento. Nada. Por que pensa isto de mim?

— Você quer sim, Olívia, quer tudo. Mas saiba que não vou abrir mão do que eu também herdei.

## PERIGOSAS NACIONAIS

Nem com todo o seu dinheiro estúpido vai conseguir tirar esta casa de mim, ouviu?

— E quem disse para você que se trata de dinheiro, seu imbecil? Trata-se de amor, de afeto, de apego ao que a casa representou para mim no passado e para a vovó enquanto ela morou aqui — disparo, aproximando-me dele.

Ele recua, mas eu o seguro pelos ombros, o que o deixa mais nervoso ainda. E surpreso.

— Não me toque, Olívia!

— Não me interessa o que você pensa de mim, ou da minha vida, ou do meu dinheiro. Acredite, Bento, se eu quisesse mesmo brigar com você, ah...

— Aperto seus ombros ainda mais. — Você não teria a menor chance, seu idiota estúpido e infantil. Mas eu não quero brigar, já cansei disso com você. Podemos entrar em um acordo, porque eu não vou abrir mão dela, não mesmo.

## PERIGOSAS ACHERON

Assim que digo as palavras, elas se tornam mais intensas e reais. Quando recebi a notícia mais cedo, fiquei perdida e estava disposta a ceder minha parte ao meu primo. No quesito dinheiro, Francesco tem razão: eu não preciso de nada para acrescentar ao meu patrimônio, tenho bens até demais e pouco tempo para desfrutar de cada um deles. Entretanto, com meu primo aqui, fazendo este papel tão repulsivo, qualquer possibilidade de me desfazer da casa ficou para trás. No fundo, a Olívia briguenta do passado está dando as caras.

Ele, estranhamente, fica calado por pouco tempo. Quando fala, seu tom de voz é como um trovão, alto e assustador:

— Você é uma metida a rica e a celebridade, que está habituada a todos fazendo o que quer, manipulando tudo, mas saiba, Olívia, que nesta cidade a banda toca de outra forma. Acha que seu dinheiro me assusta? Acha mesmo que fico

## PERIGOSAS NACIONAIS

intimidado com sua fama e poder? Ah, não mesmo. Aqui, você é apenas a Olívia, a covarde que foi embora e nunca mais voltou.

Ele me empurra e eu caio no sofá, de costas. Sai andando, com o cachorro à frente, porém eu o sigo, a raiva fervilhando em mim como fogo. Agarro seu braço direito e o encosto na parede. Ele franze a testa, como se não esperasse por esta atitude grosseira.

— Sabe de uma coisa, Bento? Quando soube que você tinha ficado cego, fiquei pensando que seria bem mais útil para todos se você tivesse ficado mudo. Eu, com certeza, agradeceria se esta língua afiada não pudesse dizer mais nada.

Solto-o e saio da casa, a brisa leve da noite agitando algumas folhas na calçada. Antes de sair do portão, porém, grito para meu primo, que ainda está no mesmo lugar, imóvel:

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu odeio brigar, priminho, mas quando sou forçada a entrar em uma briga, nunca perco. Nunca.

Passo pelo portão e ligo para um táxi, a ansiedade se forma em minha boca do estômago. Na entrada, caminho até o hotel, uma sensação de vitória e euforia arranca um sorriso dos meus lábios. Ainda estou trêmula e agitada quando chego ao quarto, dez minutos depois, a adrenalina do encontro deixa-me sem ar. Pego os comprimidos na mesinha ao lado da cama, encho um copo com água e paro, a meio caminho da boca. Se eu tomar estes remédios, toda a raiva que estou sentindo será apagada pelos calmantes, e, provavelmente, vou me arrepender do que disse a ele quando meu corpo estiver sob o torpor das fórmulas.

Eu quero mesmo me sentir arrependida? Eu quero mesmo ficar dopada? Sedada da raiva que consome minha mente neste momento?

Não. Apenas por hoje, não.

## PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

Bento é um cretino, um tremendo idiota, e não merece que eu recue só porque ele não sabe lidar com meu retorno.

Devolvo os comprimidos ao potinho branco e me deito na cama, estranhamente caindo no sono instantes depois.

## PERIGOSAS ACHERON



## Capítulo 5

APÓS DOZE ANOS intoxicada com tantos comprimidos e fórmulas contra o pânico e a ansiedade, essa foi a primeira noite que dormi sem ingerir nada. Surpreendentemente, tive uma noite comum, e acordo tarde. Passa das dez quando desço para o café, e encontro minha mãe, que faz questão de tomar café comigo, mesmo sem ser convidada para isso.

O ar gelado do ar-condicionado no quarto não me enganou desta vez. Está um dia quente e muito abafado, e algumas nuvens se formam ao longe,

## PERIGOSAS NACIONAIS

prometendo chuva grossa no dia. Vasculho minha mala e acabo cedendo a um short jeans curto e uma blusinha regata colada ao corpo, verde-oliva. No pé, coloco uma rasteirinha que ganhei de presente de uma cliente em Milão, toda dourada e com pérolas, e prendo meus cabelos enrolados no alto da cabeça, de modo que não toquem em meus ombros.

Se, há alguns dias, alguém tivesse me dito que eu estaria usando short jeans e rasteirinha, eu teria uma síncope na hora. Meu estilo em Milão é sempre muito elegante e cobre bem meu corpo, e tenho sempre o cuidado de não expor minhas pernas, principalmente minhas coxas grossas, mas aqui, preciso me adequar a este calor infernal que faz constantemente. Até a maquiagem eu dispensei. Suo o dia todo, e minha pele fica toda manchada, com resquício dos inúmeros produtos que preciso usar.

## PERIGOSAS ACHERON

Já minha mãe parece uma árvore de Natal em seu terninho amarelo e saltos pretos. Ela se senta e me chama, enquanto escolho o que vou comer hoje. Sem nada para fazer, tenho sentido tanta fome que comeria até pedras. Encho meu prato com pães doces e salgados, tortas, e uma tapioca, e coloco leite e café em uma xícara, me encaminhando até ela, um sorriso falso pregado nos lábios.

— Bom dia, Olívia. Queria mesmo falar com você sobre alguns detalhes importantes da casa de sua avó. Ontem você saiu e não te encontrei — minha mãe dispara logo cedo, e sua voz fina me causa arrepios.

— Hum...

— Então, sabendo que você não precisa da casa ou do dinheiro da venda, aconselho que deixe com seu primo, sabe. Ele ainda mora com sua tia, coitado, e precisa de certos cuidados. Como ele conhece a casa, presumo que seria um bom jeito de

PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

se mudar para lá. Não que eu me importe com algum deles, porém, filha, me importo com você, e não é bom para sua imagem ter uma casa nesta cidade. — Sua voz é casual, mas ela não me engana. Está tentando me ludibriar, me levar em sua conversa fiada de boa mãe.

Paro de comer, chocada. Treze anos antes eu estaria cedendo como um ventríloquo, mas agora? Minha mãe não deve estar em seu juízo perfeito.

— Mãe — começo, respirando fundo. — Não sabia que tinha se formado em Direito — ironizo, mordendo meu pão e dando um tempo a ela de pensar sobre meu comentário.

Marisa Perrone, como sempre, está com o queixo empinado.

— Eu não fiz faculdade — ela confessa, aparentemente confusa.

Mastigo devagar, saboreando minha refeição.

## PERIGOSAS ACHERON

— Hum. Talvez de Conselheira, então? Psicóloga?

Ela me olha, despertando seu cérebro adormecido.

— Eu... — Ela meneia a cabeça, os cabelos impecáveis como sempre. — Eu... eu não tenho nível superior.

— Hum, que coisa, não. Então, me diga: por que acha que pode me aconselhar em alguma coisa, principalmente, na minha herança? — desdenho, sorvendo minha bebida quente.

Ela pensa por um instante, porém logo retoma sua postura de mandona, disparando as palavras de modo frenético:

— Imagine, Olívia, eu só quero ajudar. Você é milionária e famosa, deixe a casa com ele. E, caso realmente faça questão do dinheiro, venda a sua parte, não que eu acredite que ele tenha condições de comprar, mas seria um meio de se livrar desse

contato desnecessário com ele e você poderia voltar logo para a Itália. — Minha mãe faz uma pausa, piscando os cílios claros para mim. — Ouça, o que devemos fazer agora é começar os preparativos para o seu casamento com o Francesco; e nossa, filha, que homem educado e inteligente, e muito polido também. Nunca tive muitas esperanças de que você fosse encontrar alguém digno de você, Olívia, mas você caprichou na sua escolha. Francesco é o melhor para você, e, com toda a fama que tem, imagino que queira um casamento extravagante e caro. Eu trouxe algumas amostras...

Ela tira um fichário preto do colo e dispõe sobre a mesa cheia de comida. Reviro os olhos.

— Mãe, chega. Chega — balbucio, tentando me controlar. Esta mulher não pode estar falando sério, agindo como se fôssemos grandes amigas. Não é possível que os treze anos que passei sem lhe

dirigir a palavra tenham sido apagados de sua memória. Se foram, da minha não foi.

— Ouça, filha, quero ajudar. Sou sua mãe e é meu dever te orientar na coordenação do casamento. É um dia...

— Mãe — aviso, já de pé, largando meu café da manhã de lado, a fúria transbordando. — Não se meta na minha vida, está bem? Eu voltei por outras razões e nenhuma delas incluía alguma preocupação com você. Eu estou noiva, e não marcamos a data ainda, então pare de agir como a mãe do ano e cuide do que é seu.

Jogo o guardanapo na mesa e saio pisando duro. Ela ainda tem o poder de me tirar do sério, mesmo eu sendo uma mulher adulta e dona do meu próprio nariz. Que grande merda!

O sol está insuportável em todos os sentidos, e fecho os olhos com a claridade em meu rosto. Há uma lojinha dentro do hotel que vende artigos de

PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

praia, e compro um chapéu enorme, que fica horroroso em mim. Mesmo assim, não há nenhuma chance de eu me queimar.

Vou de táxi até o centro da cidade, pois qualquer tentativa de passar um dia agradável na piscina majestosa do hotel foi pelos ares. Não quero estar no mesmo ambiente que minha mãe, não quando ela se recusa a agir como uma pessoa sensata. Na rua, pergunto a um morador que passa onde fica o Pet Shop da cidade, mais especificamente o de meu irmão, e então sigo suas instruções. Caminho pelas ruas estreitas, trombando de vez em quando em alguém mais distraído que eu, admirando o centro comercial urbano. A cidade, apesar de tantas mudanças, conservou sua essência: a vida praiana, onde sempre podemos encontrar uma família indo em direção ao figueiral com roupas de banho, ou então ciclistas pedalando pela

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

orla, um boné na cabeça, ou então turistas fotografando a cidade.

Interrompo minha caminhada, parando perto de uma loja que vende artigos de praia, bem maior que a lojinha do hotel. Penso nas inúmeras vezes em que saía com minha avó e Bento, escondidos de minha mãe, e vovó gastava horrores conosco: biquíni, sunga, cadeiras reclináveis, guarda-sol, protetor; penso no modo de vida singular ao qual fui criada, em quantas vezes Bento e eu fugíamos para o rio, para namorar escondido. Quantas vezes ele me jogava na água, de brincadeira, só para depois me resgatar e me beijar intensamente. Faz tempo, mas, que coisa, tenho estas lembranças ainda tão vivas dentro de mim que é como se fossem de ontem.

Estou de volta à minha cidade natal. Estou de volta a tudo o que um dia eu quis para mim. Porém,

## PERIGOSAS ACHERON

aquela Olívia que deixou a cidade aos prantos não existe mais.

Algumas pessoas se aproximam de mim e pedem para tirar uma foto. No fundo, vou acabar me acostumando com esta atenção tardia. Em Milão é mais fácil, pois meu rosto vive estampado em outdoors, na televisão, em programas; aqui, é como se fosse tudo inédito, não é como se eu fosse de fato uma celebridade, apenas uma antiga moradora que retornou ao lar. Tento ser simpática, e, claro, duas das moças que me cumprimentam vão se casar em agosto. Adorariam ter um vestido desenhado por mim. Blá-blá-blá. Marcamos um encontro para o dia seguinte, no hotel, e sigo meu caminho. Terei muitos desenhos para fazer enquanto estiver por aqui, tentando encontrar uma saída para a casa que herdei. *Que herdamos...*

Um corredor passa por mim a toda velocidade, suando e o corpo todo molhado. Ele segura uma

# PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

garrafinha de água na mão, e segue atrás de um cachorro. *Tango*. Viro minha cabeça para olhar de novo, só para me certificar, e é ele mesmo. O filho da mãe é gostoso pra caramba, as pernas fortes e tonificadas, as coxas mais grossas do que as minhas forçando os pés no chão. Sua regata branca está ensopada e sua bermuda vermelha gruda em seu corpo, revelando uma visão de dar água na boca. De onde saiu este homem? Dos meus sonhos, provavelmente.

Ah, não! Eu estou cobiçando o babaca do meu primo. Era só o que me faltava. Confesso que não consigo desviar meus olhos, e me abano com as mãos. Preciso me lembrar de que ele me odeia, que estou noiva e que ele é um tremendo escroto.

Recomeço minha caminhada, suando mais ainda.



## PERIGOSAS ACHERON

O Pet Shop “Parque dos Animais” é, literalmente, como um parque de diversões para os bichinhos. Ele é espaçoso, e há muitas prateleiras espalhadas ao longo dos corredores, formando filas sem fim de objetos animais. Em uma prateleira, consigo identificar casas de todo tamanho e preço para cães e felinos; há almofadas bordadas, bichinhos de pelúcia (um bichinho para outro bichinho?), chaveiros, roupinhas, coleiras, sacos e mais sacos de rações, produtos para higiene, bolsas. Tanta coisa.

O lugar está cheio a esta hora, e Vitório me cumprimenta do lado oposto do balcão com um aceno de cabeça, e continua atendendo. A maioria são mulheres, muito bem-vestidas, devo acrescentar, com cachorros, gatos, passarinhos, coelhos e até uma tartaruga no colo, esperando sua vez. Sinto-me um pouco desleixada com meu visual tamanha a elegância das clientes.

Ando pelos corredores, aguardando. Embora a cidade seja pequena, imagino que os clientes consigam encontrar tudo aqui. Há uma variedade infinita de artigos para animais e, pelo sorriso bobo das clientes, devem ser muito bem tratadas. Ouço uma delas perguntar por Bento: que horas ele chega, quais dias trabalha na semana, e até se meu primo precisa de alguma assistente na loja; meu irmão dá de ombros, olhando para mim por entre as prateleiras.

— Daqui a pouco ele estará aqui — ele responde, passando o troco para uma loira alta e oxigenada, que segura um coelho preto no colo e uma sacola com suas compras.

*Bento.* Será que é por isso que o estabelecimento faz tanto sucesso? Rio com essa possibilidade, e continuo fuçando as prateleiras. Em uma delas, encontro uma casa enorme, de pelúcia, cor-de-rosa, com letras grandes que dizem PERIGOSAS ACHERON

bem-vindo. É uma casa para um... cachorro? Deve ser. Intrigantemente, gostei disso. Uma casa luxuosa para um cachorro. O mundo me surpreende cada vez mais com sua modernidade.

Do outro lado da loja ficam os animais que estão à venda. O lugar tem um cheiro acre, e os cachorrinhos latem sem parar, olhando para mim, em expectativa. Não sou muito fã de bichos, mas me rendo a um cão pequeno, miúdo na verdade, que late baixinho tentando chamar minha atenção. Ele está dentro de uma espécie de gaiola, na parte inferior, e me agacho para ver de perto. Ele é lindo, os pelos caramelos voando com o vento do ventilador, e ele ergue o focinho para mim.

Acaricio-o, hesitante.

— Oi... cachorro — digo, sem saber ao certo como me dirigir a um animal.

— É Liam. — Uma voz grave ecoa atrás de mim, e levanto de um pulo, assustada. É Bento,  
PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

parado com as mãos na cintura, o corpo suado pela corrida que vi há pouco, a bengala à sua frente, e Tango deitado no chão, aos seus pés. Seus óculos escuros estão embaçados, e uma parte de sua barba castanha e grossa está branca, como se tivesse passado protetor demais.

Endireito meu corpo, sentindo a tensão entre nós presente como uma massa pegajosa.

— Hum, não sabia que davam nomes aos bichinhos. Eles não ficam por muito tempo, certo? — inquiri, olhando para ele.

— Bem, não, mas este é especial, por isso demos um nome — ele se explica, e apalpa à sua volta até encostar-se à prateleira, que faz um barulho com o peso de seu corpo.

— Por que ele é especial?

— A mãe e os irmãos morreram de uma epidemia, e ele foi o único que sobreviveu — Bento continua, paciente.

## PERIGOSAS ACHERON



— Faz sentido.

— Sim, mas até agora não foi vendido.

— Ele foi contaminado? — pergunto, aproximando-me dele.

Mesmo sem me ver, ele parece pressentir cada movimento meu, e se esquiva, de modo sutil, o corpo grande batendo na prateleira atrás de si.

— Não, só ainda não apareceu o dono certo.

Continuo olhando para ele, os olhos pregados em seu rosto. O fato de ele não me ver é bizarro demais, como se isso fosse uma piada de muito mau gosto e, em algum momento, ele fosse revelar sua brincadeira estúpida. Respiro fundo, consciente de sua insatisfação com a minha presença.

— Como sabia que era com Liam que eu estava falando? — questiono, franzindo as sobrancelhas de modo hostil, embora eu precise me acostumar a não fazer tantos gestos desnecessários perto dele. Minhas caretas perto do meu primo são uma grande

## PERIGOSAS NACIONAIS

perda de tempo: Bento não me vê, e só fico mais tensa tentando impressioná-lo com estas atitudes.

Ele endireita o corpo, o rosto se virando para o som da minha voz.

— Todo dia é assim, então já me acostumei. Liam é o queridinho daqui, por isso sei que, quando alguém começa a falar mole, é com ele.

Torço o nariz. Desde que cheguei, esta é a primeira vez que estamos tendo uma conversa sem gritos ou insultos, como dois seres civilizados. Presumo que estejamos avançando.

— Eu não estava falando mole, se me permite dizer...

— Tanto faz — ele dispensa minhas palavras com as mãos no ar, e sai andando devagar, com a bengala esbarrando nas prateleiras, Tango sempre à sua frente. O cão pula nos braços de Vitório, latindo, e vou até eles.

## PERIGOSAS ACHERON

O movimento na loja diminuiu, e só há duas mulheres andando pelos corredores, com cestinhas nas mãos.

— Bom dia — cumprimento meu irmão, que vem até mim e me dá um beijo na bochecha. Eu me penduro em seu pescoço esbelto, e ele sorri em minha orelha, fazendo cócegas em mim, os cabelos loiros espetados para o alto em um penteado juvenil. Não sei por que meu irmão agora tem usado o cabelo assim, porém é engraçado vê-lo tão preocupado com a imagem.

— Bom dia, Tata. Desculpe por ontem, eu acabei me distraíndo. — Ele ri e me solta. Tango se senta a seus pés, e Vitório se abaixa no chão para acariciar os pelos do animal.

Sorrio com seu pedido de desculpas. Foi estranho aparecer na casa da vovó daquele jeito; mais estranho ainda foi ter que aturar a raiva de Bento, mas não vim aqui para ficar grudada em

## PERIGOSAS ACHERON

ninguém. Só preciso de alguns dias para resolver o que farei com a casa, e depois volto para a Europa.

— Tudo bem. Foi bom dar uma caminhada pela cidade de carro à noite. Tinha me esquecido do quanto a prainha fica linda com as luzes da cidade. E fui ver a casa da vó — admito, o rosto corando.

Meu irmão me encara, a cabeça inclinada de leve. Bento pigarreja ao seu lado, sentado em um banco, as mãos sobre o balcão, escutando tudo.

— Por que foi lá? — Vitório me pergunta, e olho para Bento, que parece muito desconfortável. Ainda assim, ele não se levanta.

— Eu não sei. Saí andando do Figueiral e, quando percebi, estava lá, dispensando o táxi, sozinha e... — Faço uma pausa, constrangida pelo olhar desconfiado de meu irmão. Suspiro. — Só sei que, quando me dei conta, estava na casa.

— Hum... — Ele olha para mim e depois toca no ombro de meu primo, que se endireita para ouvir

PERIGOSAS ACHERON

melhor. — O que vocês dois vão fazer com a casa?

A pergunta de um milhão de dólares. Pela primeira vez desde que cheguei, Bento está sem palavras, o que chega a ser um alívio já que ele sempre tem algo afiado para me dizer. Suas ofensas devem estar em modo espera, ansiando o instante em que ele vai me atingir duro com mais insultos e frases ultrajantes. Agora, porém, sua incapacidade de dizer algo arranca um sorriso dos meus lábios.

Respiro fundo, atenta aos seus movimentos. Ele mexe as mãos e balança os pés, mas se nega a responder.

— Bem, eu praticamente cresci naquela casa. Era meu refúgio de infância e adolescência, meu arco-íris depois de uma tempestade. Foi uma surpresa herdar algo material de nossa avó, então estou perdida e nem sei como funciona esta história de herança. Não quero brigar na justiça nem nada — confesso, agora falando na direção de Bento. —

## PERIGOSAS NACIONAIS

Só quero aproveitar o lugar, ficar lá e sofrer um pouco a ausência dela. Depois, volto para Milão e a casa pode ficar com você, Bento — encerro, algumas lágrimas escorrendo dos meus olhos, a veracidade do que eu acabei de dizer se materializando entre nós. É isso, a casa ficará para ele, afinal.

Pensar em minha avó ainda é doloroso e nocivo para os meus nervos, ambos na mesma proporção. A todo momento, tenho vontade de ligar para ela, de correr até seus braços, de desabafar tudo o que está entalado na minha garganta. Contudo, logo vem a certeza de que ela não está mais entre nós, de que não verei mais seus olhos azuis e seu sorriso caloroso. É difícil e, quando falo de novo, estou soluçando:

— Nunca pensei que isto fosse realmente acontecer, sabe. A primeira pessoa que eu ansiava

## PERIGOSAS ACHERON

rever quando pensava em fazer uma visita era ela. E agora...

Vitório me abraça, assentindo. Somos todos netos, mas não sei se eles sentem a falta dela como eu. Afundo meu rosto molhado em sua camiseta polo laranja, e ele me aperta, até ter que me soltar para atender uma cliente.

— Já volto — ele diz e sai.

Bento e eu permanecemos ali, em silêncio. Ele não faz nenhum movimento, e aguardo algum comentário espirituoso e maldoso de sua parte; entretanto, quando fala, sinto um alívio por não ser mais uma de suas sentenças agressivas contra mim.

— Não sei bem por que ela fez isso, Olívia, mas acho que ela gostaria que você ficasse com a casa. Entendo que tenha que voltar, mas, enquanto estiver aqui, aproveite ao máximo o lugar. Estou disposto a brigar pela casa, a dividi-la, seja lá o que

precisar, mas não vou fingir que não gostei do fato de você desistir assim.

Assinto, embora ele não possa me ver.

— Então eu posso ficar lá enquanto estiver aqui? Sem problemas? Só para aproveitar um pouco o que restou dela?

— Sim, fique à vontade — ele sussurra.

A trégua em suas ofensas me atinge e me comove. Vejo um pouco do Bento do meu passado, aquele que fazia tudo por mim, que estava disposto a enfrentar minha mãe apenas para ganhar um beijo na praia, ou que colocou o terno do meu pai, um dia, e se casou comigo de mentira. Meu coração se aquece com parte de nossa história, uma história que ninguém nunca levou muito a sério, como se fosse algo de criança. Talvez tenha sido, afinal. Quem sabe.

O silêncio se estende entre nós por mais alguns minutos e, como Vitório não aparece, Bento pega a

## PERIGOSAS ACHERON



# PERIGOSAS NACIONAIS

bengala a seu lado, no chão, e sai da loja, sem dizer mais nada.

# PERIGOSAS ACHERON



## Capítulo 6

DUAS SEMANAS. QUATORZE dias. 336 horas. Finalmente, ligo para meu avô Rocco, que está a passeio na Índia, e trocamos algumas confidências sobre minha estadia na cidade de Epitácio. É difícil ir embora, e ainda não sei responder quando minha mãe me pergunta com a expressão de uma bruxa, por que estou aqui, presa a este lugar pequeno e monótono. No entanto, continuo na cidade. Embora tenha chegado com quatro malas repletas de roupas e bugigangas, a cidade é quente demais para o que escolhi trazer. Na pressa de embarcar, não tive

## PERIGOSAS NACIONAIS

tempo nem cabeça para escolher roupas adequadas ao calor infernal que faz em Epitácio. Grande parte do que joguei na mala são ternos bem cortados e vestidos longos. Onde eu estava com a cabeça?

Assim, fui obrigada a comprar alguns itens para a minha estadia estendida. Fui ao centro com Brenda, no início da semana, e comprei roupas mais frescas, chinelos, uns três frascos de protetor solar que uso como se fosse água, espalhando em minha pele muito branca e translúcida, com um pavor assombroso de me queimar; mais um chapéu, itens de higiene pessoal, lingerie, papéis Canson, lápis de cor, canetinhas hidrocor, caneta nanquim preta, giz pastel seco (meu preferido), tinta acrílica branca e um lápis de cor aquarelável, que uso com muita frequência além de um caderno grande para meus desenhos. O mais impressionante foi encontrar todos estes objetos aqui.

## PERIGOSAS ACHERON

Por falar neles, enviei vários esboços de vestidos e sugestões de modelos e tecidos para Francesco. O dia do desfile em Milão se aproxima, e meu noivo está histérico, cada dia mais complicada fica nossa comunicação. Ele insiste em usar o italiano como língua quando me liga, uma tentativa de me intimidar, de apressar meu retorno, embora ele seja carioca. Não funcionou. Algo me prende à cidade, e não sei se é a casa de minha avó e sua morte, minha família dividida em duas, ou Bento.

Durante esta semana atípica, desenhei alguns vestidos para moradoras locais, que vão se casar no começo de abril, em um casamento comunitário. Um casamento comunitário! É raro ver isto em outros lugares, por isso fiz questão de participar deste evento tão incomum para mim. Beatriz, irmã trigêmea de Brenda, também é uma noiva, como descobri logo, e me pediu, junto a mais sete noivas

## PERIGOSAS ACHERON

sorridentes, se eu poderia, por favor, desenhar algo para elas, que seria uma honra ter meus vestidos, e toda aquela ladainha que ouço há duas semanas. Muito tímida, Beatriz me disse que poderia vender algum móvel que já ganhou de presente para pagar o desenho; discordei veementemente, até porque os preços dos meus desenhos giram em torno de muitos dígitos. Será um presente meu, para ela e para as outras. Brenda, como uma costureira boa e aplicada, costurará cada vestido, e eu me dispus a ajudá-la. Será divertido passar mais tempo com ela.

Estou no quarto de hotel, o ar-condicionado ventilando na temperatura mais baixa que consegui regular. Deitada na cama, as folhas de alguns esboços espalhadas em minhas pernas e colo, rabisco mais alguns modelos. É uma sensação diferente de quando estou em Milão, a todo vapor, desenhando freneticamente e cobrando o olho da cara por cada detalhe. Sempre que me escondo para

## PERIGOSAS ACHERON

desenhar, penso em toda a logística que o vestido pronto trará: a primeira é o preço. Envergonho-me de admitir, entretanto é o que me motiva a caprichar mais ou menos nos desenhos. Quando sei que um cliente não tem muita condição, não dou o melhor de mim, apenas faço algo que agrade, e nada mais. Segundo: os tecidos que serão usados; se tule ou renda; mangas ou cavado; com decote ou sem; longo ou curto; sereia ou princesa. É a parte mais divertida em minha opinião, e a experiência como estilista esses anos todos me mostraram que agradar uma noiva é uma tarefa desafiadora, mas recompensadora quando vemos a alegria delas ao ver o modelo tanto no papel quanto costurado.

Estranhamente, agora desenho com a maior concentração, observando as fotos das noivas em seus perfis do Facebook e no Instagram, que Brenda me passou. Ângela, por exemplo, é gordinha e tem uma queda por cetim, por isso optei

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

por um tecido mais leve e menos colado ao seu corpo, um modelo que não marque tanto sua silhueta. O modelo terá um corte evasê em cetim italiano sobreposto por gazar fosco com aplicações de renda rebordada com vidrilhos. O busto será bem coberto por uma peça de alças bordadas. Vai ficar fantástico! Ariana é alta e muito magra, com seios fartos, então desenhei um decote em coração, onde a renda empresta toda a sua sofisticação para as mantilhas, com mangas longas e rendadas, dando ao corpo liso da noiva um toque sensual; Vicença é uma mulher mais velha, que está em seu terceiro casamento, por isso meu esboço é um modelo mais simples, porém com uma elegância que molde seu estilo mais tradicional, com um charme atemporal: o desenho pontua o tom bege, com flores que são o grande destaque da produção, acentuando a feminilidade e delicadeza da noiva, o corte é reto em um tecido musseline; Anabela e Berenice são

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

magras e baixas, com pernas curtas e braços musculosos, pois malham compulsivamente, então, para elas, escolhi um modelo curto tomara que caia, que vai expor o corpo malhado, com aplicações de flores no busto, todo rendado e com um leve decote em V para dar um charme ao busto pequeno e uma cauda de tule; Elis e Geórgia são mais ousadas, jovens e com corpos mais curvilíneos; deixaram claro que gostam de decotes e querem dançar a noite toda, por isso meu desenho mostra vestidos de alça, e uma saia mais curta, que não fique arrastando pelo salão, onde o tecido será um tule na parte da frente, para não ficar escandaloso. Por fim, Beatriz, a mais recatada do grupo distinto, quer algo simples e tradicional, e desenhei um vestido longo, com uma saia sobreposta ao corpete colado ao corpo, com renda e nada de transparência. Sorrio ao ver as folhas rabiscadas e pintadas, e assino meu nome em cada uma delas. Preciso repassar tudo

## PERIGOSAS ACHERON



para Brenda, para comprarmos os tecidos e dar início à costura.

Guardo em um envelope amarelo e escrevo “noivas Presidente Epitácio”. Coloco em um canto, e volto para meu caderno, as próximas folhas em branco. Estou cansada, mas quero desenhar mais algumas coisas. Minha mãe faz questão de expor o tempo todo para os hóspedes a minha identidade, e já perdi as contas da quantidade de noivas com quem tenho falado, seja pessoalmente, seja por telefone ou e-mails, ou Facebook, Instagram, WhatsApp. Elas parecem se multiplicar, e ainda preciso pensar em Milão.

*Milão.* Quando terei coragem suficiente para embarcar em um avião e voltar? Não sei. E, em vez de me ater a tantas tarefas, deixo tudo espalhado na cama e vou para o banheiro.

Tomo um banho gelado, envio uma mensagem de texto a Francesco, que me responde com um

## PERIGOSAS ACHERON

gélido “ok”, coloco uma saia curta verde e uma blusinha de babados branca, passo protetor até o vidro esvaziar, pego meu chapéu e saio do hotel.

Hoje é um daqueles dias feitos para a praia, mas tenho medo de ir sozinha e me afogar. Sei nadar, mas, com tantos anos levando uma vida reclusa e minhas crises de ansiedade me atacando em momentos tensos, prefiro não arriscar. Quando era mais nova, minha mãe tinha que me arrastar do rio, puxando meus cabelos, para eu poder sair. Era a parte mais gostosa: depois de um dia quente e suado, aproveitar a água doce do rio, pegar uma marquinha de biquíni ou tomar uma água de coco; prazeres tão pequenos, mas que hoje me causam medo.

Minha mãe está na recepção, atendendo alguns hóspedes, então saio de fininho, sem dar margem a ela para me atormentar. Atravesso a pista movimentada com atenção, o dia quente e

## PERIGOSAS ACHERON

agradável de um verão típico do oeste paulista, o sol bloqueado pelo meu chapéu grande e colorido, os óculos escuros cobrindo meus olhos da claridade do dia. Algumas pessoas já me conhecem por aqui, por isso apenas sorriem, sem muito alarde. Sorrio de volta.

O táxi que pedi já está aqui, e sorrio para o motorista, que me leva para a cidade. Chego rápido ao Pet Shop, e dou de cara com Bento, que fala ao telefone. Meu irmão não está na loja, e meu primo parece uma presença imponente e confiável, sentado atrás do balcão, com Tango aos seus pés enquanto ele gesticula para o ar. Ele ainda usa os óculos, e quando o sininho da loja apita anunciando minha entrada, ele tensiona o corpo, e se despede da pessoa na outra linha.

Imagino como deve ser, para ele, ficar aqui, sem Vitório. Como ele faz para atender aos clientes, vender os produtos com sua deficiência. É estranho

## PERIGOSAS NACIONAIS

e egoísta pensar isso, mas não é fácil, para um cego, conseguir emprego.

Ele sorri cordialmente, e fala, com a voz alegre:

— Olá, em que posso ajudar?

Aproximo-me dele e o cão vem até mim, saudando-me como de costume. Porém, em vez de sair correndo e ignorar este cão enorme e assustador, abaixo-me, ficando na altura do animal, e o cumprimento como se fôssemos grandes amigos.

— Oi, Tango. — Acaricio seus pelos macios, hesitante. Ele gosta e se encosta mais em mim, e entendo como um pedido para repetir o gesto.

— Olívia — Bento diz meu nome, a expressão indecifrável.

Levanto-me devagar, com Tango ainda muito próximo. Chego mais perto do balcão e toco o braço de Bento de leve, ao que ele se assusta, mas não recua.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Oi.

— Seu irmão não está aqui — ele diz abruptamente, o tom de voz seco e objetivo, demonstrando claramente o quanto minha presença o incomoda.

— Percebi — digo, tímida.

— Você quer alguma coisa? Não sei se posso ser muito útil — ele diz, gesticulando em minha direção.

— Só estou andando por aí, sem muita coisa para fazer — confesso e percebo que ainda estou tocando em seus braços, sem que ele recue.

Ele sorri, sarcástico.

— Hum, sinto muito decepcioná-la, priminha, mas aqui não é Milão, nem o centro da moda. As coisas por aqui são mais lentas, se já esqueceu.

— Sim, são, mas sei lá... talvez eu estivesse precisando de umas férias, afinal. Só tenho me

## PERIGOSAS ACHERON

sentido meio inerte aqui, parada, sem objetivo — evidencio, chegando ainda mais perto.

O sorriso em seus lábios grandes desaparece, e me corrijo rapidamente.

— Não quis ofender, Bento, é só que em Milão eu tenho uma vida corrida, atarefada a semana inteira, sem muito tempo para pensar...

— E você não gosta de pensar?

— Não muito — admito, e ele aperta de leve meus dedos, atraindo minha atenção para nossas mãos.

Bento respira fundo, e quando fala, seu tom é mais carinhoso do que suas patadas as quais estou me acostumando.

— Entendo. Você não quer pensar, está ociosa e se sente inútil. — Ele faz uma pausa, dramático. — Tenho uma proposta para você, priminha.

— Bento, não me chame assim, eu detesto! — retruco, apertando seu braço, ao que ele começa a  
PERIGOSAS ACHERON

rir, como se realmente fosse engraçado.

— Ok, *Olivia* — ele enfatiza meu nome, e prossegue: — Como eu estava dizendo, tenho uma proposta para você. Por que não vem correr comigo, antes do sol nascer? Eu estou treinando para uma maratona, e seria legal ter companhia. — Ele faz uma pausa e indica o cachorro, agora deitado aos seus pés. — Não que ele não seja, mas é que nossa comunicação é bem limitada, e adoraria ter alguém com quem dividir a corrida.

Meu coração dispara na hora, e minha vontade é aceitar de imediato. Bento me destratou muito no início, porém agora tem se mostrado mais gentil comigo do que eu poderia imaginar; a ideia de passar mais tempo com ele me agrada imensamente, mais do que deveria, e poderíamos compartilhar tantas coisas boas de nossas vidas separadas; por outro lado, um sentimento de que

isto seria errado, de que seria uma traição com meu noivo me passa pela cabeça, e eu fico em dúvida.

— Não sei se gosto muito de atividades ao ar livre, Bento. Suor, sol, calor não é bem um programa divertido e convincente; pior ainda se eu tiver que levantar antes de o sol nascer para isto.

Ele sorri, na defensiva.

— A gente não vai ficar fedendo a suor e protetor o dia todo, Olívia, é só durante a corrida, e sabe, vai te fazer bem. Além do mais, dizem que você está muito magra, então...

Olho feio para ele, até me dar conta, de novo, de que ele não pode me ver. Preciso fazer uso de outros sentidos para me comunicar.

— Não estou muito magra coisa nenhuma. A comida na Itália é uma tentação, um banquete dos deuses. Como muito bem, obrigada.

Inconscientemente, pego suas mãos e coloco-as em volta da minha cintura, ficando de frente para



ele, do outro lado do balcão. Ele engole em seco enquanto envolve toda a extensão do meu quadril com os dedos grandes, e sinto seu cheiro tão característico invadir meus sentidos, com uma força descomunal. Não recuamos, mas é tão nítida a atração entre nós que por um momento tudo volta como antes: nossas fugas, nossos beijos roubados, nossas brincadeiras, nossas conversas, a forma como ele me olhava quando eu estava distraída, o jeito como ele me tocava, suave e lento, quando não tínhamos muito tempo para ficar juntos. Fiquei tanto tempo longe que parece ter sido uma outra vida, com uma outra pessoa.

— Hum... bem, sim, você não está tão magra, afinal — Bento diz, soltando-me, sem graça. Bento sem graça é uma novidade inusitada para mim. Afasto-me um pouco mais, e volto para meu antigo posto, mantendo uma distância segura entre nós. Estou um pouco envergonhada também.

— Sim, nem tanto.

— Então, e a corrida? Você topa?

A ideia de correr, suar e ficar cansada não é a mais convidativa de todas; ainda assim, tenho andado muito ociosa por aqui. Uma atividade física vai me fazer bem, me deixar cansada, mais saudável, e tenho certeza de que minha terapeuta aprovaria a prática. Por isso, aceito.

— Tudo bem, mas você não pode correr muito à minha frente, pois estou acostumada com ioga, um exercício mais monótono. Não tenho pernas suficientes para te acompanhar — falo, e ele sorri, irônico.

— Ioga? Tá falando sério? Por que você faz ioga?

— Porque não fico suada nem fedendo, e não me sinto cansada quando a aula termina.

— Olívia, pare de ser mimada e fresca; só porque você se transformou em uma estilista rica e

## PERIGOSAS ACHERON

famosa, não significa que precise ser tão esnobe o tempo todo. Nunca tinha ouvido falar que ioga se encontrava na categoria de atividade física — ele conclui, rindo de mim.

Mimada e fresca? Será que é isto que meu primo pensa de mim? Será que todos pensam isto a meu respeito? Coço a cabeça, o suor do dia se acumulando em meu couro cabeludo, o protetor com base manchando de leve minhas mãos. E eu ainda nem comecei a correr, penso, com tristeza.

— Está certo, eu vou, mas não prometo que vamos fazer disto um hábito. Se eu não gostar, não vou mais.

— Combinado.

Aceno com a mão, despedindo-me, mas Bento permanece imóvel. É ainda muito estranho me acostumar com sua cegueira. Acaricio Tango e grito um tchau agudo quando já estou na porta, de saída. Bento grita de volta, e saio da loja.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



## Capítulo 7

UMA MÚSICA IRRITANTE e alta toca ao fundo, nos meus sonhos. É um som italiano que eu amo, os acordes ganhando vida aos poucos, os tons subindo e descendo em notas perfeitas. Neste instante, porém, quero arrancá-la de minha cabeça e voltar a sonhar com Bento. Em meu sonho, estávamos correndo na orla, como dois adolescentes apaixonados, e eu gostava da sensação da corrida. Porém, a música irrompeu no meio da atividade, assustando-me. Quero que ela pare, olho para

Bento, mas não faço ideia de onde vem o som intruso.

Abro os olhos. É meu celular, despertando-me.

Estico meu braço e cancelo a música. São 05h, pelo amor de Deus! Quem, em sã consciência, levanta da cama tão cedo para correr? Costumo acordar bem cedo em Milão, mas isto já é demais até para os meus padrões de mulher ocupada. Eu poderia cancelar, dizer a ele que isto é ridículo e que não preciso de corrida de madrugada, que logo voltarei para a correria da minha vida, porém não quero desapontá-lo. Ele está se esforçando para não ser um tremendo imbecil comigo, então posso fazer minha parte também, mesmo contrariada e sonolenta.

Espio pela janela do hotel, e ainda está escuro lá fora. A escuridão me assombra, contudo preciso me lembrar de que Bento não vai deixar nenhum mal acontecer comigo.

## PERIGOSAS NACIONAIS

Tomo um banho rápido, gelado, embora consciente do quão inútil possa ser tomar um banho quando se vai suar feito uma doida; escovo os dentes, coloco um macacão curto, de lycra, uma peça que costumo usar em minhas aulas de ioga em Milão, e tênis de corrida que trouxe de última hora. Desço para o saguão e o café já está sendo servido. Que sorte! Tomo um café leve, pois uma corrida é uma atividade de grande impacto e posso ter alguma congestão se comer demais.

Minha mãe já está de pé, dando ordens para todos os lados. Quando me vê com roupas de ginástica, vem até mim, franzindo a testa, as sobrancelhas perfeitas emoldurando seu rosto maquiado em um arco loiro.

— Aonde você vai tão cedo, Olívia?

— Bom dia para você também, mamãe —  
revido, infantil. — Vou correr. — Caminho

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

apressada até as portas fechadas do hotel, mas ela me segue, incomodada.

— Não sabia que gostava deste tipo de atividade, e ainda mais tão cedo. — Ela coloca as mãos nas portas duplas, impedindo minha passagem.

Sua atitude mandona do passado ainda está ali, nítida e sufocante como sempre. Endireito meu corpo e tento soar casual, embora esteja amedrontada por dentro.

— Eu não gosto, mas o sedentarismo não faz bem à minha saúde e estou muito parada aqui, sem muito o que fazer. Uma corrida diária será de bom grado. — Tento abrir as portas, e ela me impede, o olhar frio direcionado a mim.

— Olívia, o que está fazendo?

Suspiro, irritada.

— Já disse, mãe. Vou sair para uma corrida.

## PERIGOSAS ACHERON



— Sozinha? — ela insiste, os olhos azuis estreitos fixados nos meus.

— Não, não vou sozinha. Vou com o Bento, por quê? Algum problema?

Minha voz sai alta, e ela recua um passo, assustada. Ótimo!

— Não sei se isto é uma boa ideia, não. E o Francesco? Não acho que ele iria concordar com isto, Olívia. Imagino que seu noivo educado e refinado não iria aprovar esta atitude, ainda mais pelo que você e seu primo... — Ela faz uma pausa, emburrada.

Minha mãe é realmente inacreditável. Ela tenta me intimidar adicionando meu noivo a uma conversa que não diz respeito a ele. Sair com Bento para uma corrida não é nada de mais. Somos primos, o que de mal pode acontecer?

— Eu gostaria muito, se não for te atrapalhar, que não se metesse na minha vida enquanto eu

PERIGOSAS ACHERON

estiver na cidade, mãe. Sou adulta e faço o que bem entender. Pago minhas contas, trabalho e não preciso que me diga o que é certo ou errado, pois tenho pleno discernimento disso. Se me dá licença, depois conversamos. — Puxo a porta com força e saio do hotel, impaciente, deixando uma Marisa incrédula, os lábios vermelhos boquiabertos. Finalmente, algo da Olívia rebelde que fui começar a ganhar vida.

O dia começa a clarear, e ouço ao longe algumas galinhas cacarejando. É engraçado, como nos velhos tempos. Não costumo ouvir sons tão característicos do interior em Milão, sons tão naturais, pitorescos. Meu dia começa repleto de buzinas, xingamentos em italiano, a sintonia típica de uma cidade grande e turística.

Peço um táxi e sigo para a orla. Bento me espera próximo ao anfiteatro, onde antes nos encontrávamos escondidos. As lembranças sempre

## PERIGOSAS ACHERON

aparecem e não consigo me desfazer delas. Percebo, com certo pesar, que desde que voltei Bento nunca entra no hotel, e mesmo quando éramos mais jovens, a antiga pousada não era um lugar que ele costumava frequentar. O táxi estaciona e desço apressada, como uma criança em seu primeiro dia de aula. Atravesso a rua correndo, e Tango vem até mim, soltando-se das mãos de meu primo.

— Bom dia — cumprimento a ambos, e acaricio os pelos macios do cachorro. Ele já não parece mais tão assustador quanto ontem e, mesmo sendo maior que eu em altura, é um cachorro dócil e alegre, que gosta de carinho.

— Bom dia, bela adormecida. Achei que não vinha mais, já estava quase indo sozinho.

Faço uma careta para ele. Bento está todo esportivo, como um verdadeiro atleta. Ele usa uma camiseta cinza com escritas em inglês pretas, e um

## PERIGOSAS ACHERON

short azul largo nas pernas. Os óculos estão ali, como sempre. Ele parece bem, confortável, embora eu esteja um pouco nervosa. Não sei se vou aguentar esta corrida.

— Foi difícil acordar. Achei que estava sonhando quando meu celular despertou. Demorei uma eternidade para entender que era realidade.

Ele assente e começa a caminhar. Acompanho seus passos tímidos, enquanto vamos mais para a orla da prainha. A cidade está completamente intacta, e não há sinal de nenhum carro, nem pessoas a esta hora. Bento segura firme na coleira de Tango, e eu o sigo atrás, trotando de leve enquanto ele tagarela sem parar.

— Então o sonho deveria estar bom demais para você não acordar. — Ele faz uma pausa e eu sorrio, tímida. Espero que ele não me pergunte o que eu estava sonhando. — Primeiro, vamos devagar, até você se acostumar com o ritmo, depois corremos

um pouco, andamos, corremos, andamos. Como você não tem prática, melhor intercalar, caso contrário vai se cansar muito rápido e nunca mais vai querer me acompanhar — ele diz por fim, e eu balanço a cabeça, incapaz de falar, porque, sinceramente, já estou doida para voltar para a cama.

Os pequenos trotes curtos e espaçados já estão me cansando, mas ainda é cedo para reclamar. Sigo meu primo em silêncio, admirando parte da cidade do meu passado. As mudanças são nítidas, mas, ainda assim, consigo me recordar de tantos detalhes, como por exemplo o armazém do seu Lino, onde eu e Bento íamos comprar doces com as moedas que nossa avó nos dava. A gente gastava tudo em balas, chicletes, pirulitos. Depois, íamos para a beira do rio e devorávamos tudo, em questão de minutos. Minha mãe proibia doces e afins em casa, pois dizia que me deixavam gorda e flácida, e

## PERIGOSAS ACHERON

até tia Agnes era contra, por isso tínhamos que nos esconder.

O antigo armazém não está mais lá; noto que a orla se transformou em uma parte muito afastada da cidade, e provavelmente só há movimento em épocas de festa. Os quiosques permanecem ali, com algumas barraquinhas dispostas na rua, dando ao lugar um clima de cidade praiana.

Seguimos pela orla, topando de vez em quando com algum ser tão louco quanto meu primo. Alguns o cumprimentam, e ele acena, alegre, como se tudo estivesse em seu devido lugar. Constato que não reconheço a maioria destes rostos, o que me incomoda um pouco. Será que fiquei tanto tempo assim distante, ou minha aparência que mudou demais?

Tango corre alegre pela pista, e Bento o segue com destreza, como se este fosse o caminho mais fácil do mundo. Ele não titubeia, não tropeça, não

## PERIGOSAS NACIONAIS

se perde e nem pede orientação. Quem não o conhece e o vê correndo assim, tão confiante, nem imagina que ele seja um homem cego.

Acelero meus passos para acompanhá-los; no entanto, estou muito cansada, suada, e meus pulmões ardem. Olho meu relógio de pulso e percebo, horrorizada, que estamos correndo há apenas dez minutos. Paro de correr e coloco as mãos nos joelhos, respirando com dificuldade.

— Bento, espera! — grito, e ele para, esperando.

— Mas você já se cansou? Estamos apenas nos aquecendo, Olívia.

— Não aguento, por favor, espera um pouco, preciso descansar — imploro.

Bento, porém, não se comove. Ele faz a volta, com o cachorro sempre a sua frente, e vem até mim, a expressão séria.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu disse que este lance de ioga era pura fachada. Nem conta como atividade física. Você não tem resistência nenhuma. Vem, vamos logo.

Ele me puxa pelos braços, arrastando-me pelo calçado.

— Bento — tento uma última vez, sendo ignorada.

— Olívia, estou treinando para uma maratona, não posso parar.

— Maratona?

— Sim, eu já disse, a São Silvestre, em São Paulo. Vamos, deixa de moleza.

Rendo-me a ele, seguindo-o. Logo, a caminhada ganha um ritmo lento de corrida, e, em seguida, uma corrida mais pesada. Nossos tênis fazem barulho no asfalto, e Tango late de vez em quando, alegre. Tento parar em alguns pontos estratégicos, talvez uma fuga despercebida, ou de repente pegar carona com algum bom samaritano e me esconder

PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

de Bento para sempre. Ele, porém, tem outros planos.

— Posso colocar a mão no seu ombro? — Bento me pergunta de repente.

— Deixo se você me deixar descansar um pouco — tramo minha saída dessa loucura de corrida, a respiração pesada por conta da exaustão.

Ele ri, mas não cede. Pego sua mão e a coloco em meu ombro direito. O toque é firme, como se ele não quisesse, mesmo que eu parasse. Ganhamos mais velocidade, e, à medida que percebo que não vamos parar de jeito nenhum, esqueço o quanto estou morta e suada e cansada, e corremos. Não há necessidade de conversa, apenas alguns murmúrios de satisfação ou de cansaço. Quando chegamos perto de uma lanchonete, no extremo oposto, Bento dá uma pausa, para meu profundo deleite.

O dono vem falar com ele, que pede duas garrafas de água mineral para nós.

## PERIGOSAS ACHERON

— Como você sabia que tínhamos chegado até aqui? — pergunto, sem conseguir ser discreta. Não compreendo como ele é capaz de ter esta noção de lugares e pessoas, mesmo sem enxergar. Toda essa logística da vida de meu primo é um mistério para mim.

Ele me entrega uma garrafinha, que bebo de um gole só.

— A gente se acostuma, Olívia. Não há muita escolha. Ou nos acostumamos a viver assim, conhecendo cada ponto da cidade, as vozes, os cheiros, os sons, ou então ficamos enfurnados em casa, morrendo de tédio enquanto a vida passa sem você perceber. Eu escolhi não morrer de tédio, então cada dia é sempre um desafio, mas estou disposto a enfrentar.

— Isto é muito bom.

O sol aparece, majestoso e quente como deve ser. Passei bastante protetor, mas esqueci-me do

## PERIGOSAS ACHERON

chapéu. Voltamos pelo mesmo caminho, e a água me deu um novo fôlego. Sem avisar, pego as mãos de Bento e coloco no mesmo lugar. Ele não diz nada, e corremos de volta ao anfiteatro, com Tango à frente.

Ao chegar ao ponto de partida, Bento agradece pela minha companhia, com um sorriso no rosto. O fato de ele não me tratar mais com tanta hostilidade deu um ar mais jovial a ele, mais gentil, e gosto disto.

— Te encontro amanhã, no mesmo horário? — questiono, já me afastando rumo à porta do táxi, onde o motorista me espera pacientemente.

Bento franze a testa, confuso, como se estivesse negando minha fala.

— Não vai querer mais minha companhia? Nossa, será que fui tão ruim assim? — ele brinca, mas sinto que o ofendi de alguma forma.

— Desculpe — digo, constrangida.

— Não é isso, só achei que nos veríamos mais tarde, ainda hoje.

— Ah.

— Olívia! — Ouço gritarem meu nome, distante, e quando vejo, tia Agnes está correndo até nós, os cabelos loiros bagunçados por conta do vento. Não a vejo desde a leitura do testamento, e me sinto mal por isso. Eu deveria tê-la visitado, e acabei nem aparecendo em sua casa, ficando reclusa no hotel.

— Oi, tia. — Dou um beijo leve em seu rosto, e ela sorri.

— Não sabia que tinha ficado na cidade. Achei que já tinha partido há dias.

Olho para Bento, que parece nem ouvir nossa conversa. Ele está agachado, brincando com o cachorro.

— Hum, pois é, eu fiquei. Francesco foi sozinho, mas devo voltar em breve, tia. Só fiquei

para resolver a questão da casa... — digo, envergonhada.

A casa. A casa que era da minha avó, mas que agora é minha e de Bento. Quanta loucura!

— Vocês decidiram o que vão fazer com ela? — tia Agnes pergunta, olhando fixamente para mim.

Sinto meu rosto enrubescer. Dentro de mim, já havia decidido deixar a casa para o meu primo. Não preciso do dinheiro, nem da casa, nem vender minha parte para ele. Seria o mais correto a se fazer. Contudo, há uma força inexplicável que me mantém aqui, na cidade, e me faz relutar em deixar a casa para ele. É como se eu estivesse abandonando, jogando para o alto um presente carinhoso da minha avó. Não sei no que ela pensou quando fez aquele testamento, mas sinto que há algo mais que eu precisaria descobrir antes de ir embora, mesmo que não consiga explicar. Não tem

nada a ver com ganância eu ter ficado, tem a ver com... sei lá.

Dou de ombros.

— Ainda não decidimos, tia. Provavelmente, só vou ficar lá alguns dias antes de ir embora. Bento também é o herdeiro, por isso o mais sensato é que ele fique com ela depois que eu partir — confirmo, com a voz embargada. — Né, Bento?

— Sim — ele responde, distraído.

— Entendi. Bem, espero que tudo se resolva. Mas, na verdade, eu fiquei muito feliz em ainda estar aqui, Olívia. Hoje é aniversário do Alfredo, e vamos fazer uma festinha em casa, no quintal mesmo, coisa simples. Queria muito que você aparecesse por lá já que ainda está na cidade — minha tia fala, animada, gesticulando com as mãos.

Alfredo, meu irmão. Mais uma notícia com a qual preciso me acostumar. Olho para Bento, que ainda está agachado, conversando com Tango. Ele

## PERIGOSAS NACIONAIS

estará lá, claro, e meu pai, e parte da minha família. Seria bom passar um tempo com eles, com meu irmão caçula que mal conheço.

— Claro, tia, será um prazer. O que devo levar?

— Nada, apenas sua presença já será uma honra para nós. — Ela pisca para mim, dá um tapinha nas costas de Bento e atravessa a rua correndo, com uma roupa de ginástica ridícula e fones de ouvido, sumindo de vista.

Cutuco Bento com os dedos, que fica de pé, atento.

— O que eu dou de presente para nosso irmão?  
— questiono-o, e ele ri, achando graça.

— Bem, com certeza ele não ficará feliz com um de seus vestidos de noiva. Que tal um brinquedo?

— Quantos anos ele está fazendo? — ignoro seu comentário sarcástico a respeito da minha profissão.

## PERIGOSAS ACHERON

— Onze.

Penso por um instante. O que se dá a uma criança com esta idade? Seguro Bento pelos braços e saio andando com ele, nossos corpos suados misturando o líquido quente de nossa corrida. Em outra época, eu jamais teria coragem de tamanha ousadia. Tocar em outro homem, assim, do nada, seria um sacrilégio, mas Bento desperta reações em mim que nem eu mesma entendo. Ele não retruca nem recua, apenas se deixa arrastar por minhas mãos suadas.

— Vamos às compras! — declaro, empolgada, empurrando meu primo para dentro do táxi.



Uma tarde de compras, para uma estilista, seria o paraíso. Eu gosto de, além de caprichar em meus desenhos para noivas exigentes, escolher os tecidos, as cores, fundir tons inimagináveis com o

PERIGOSAS ACHERON



branco comum, dar vida a uma peça sem graça, trocar um corpete apertado por um tubinho com bom caimento, e esta tarefa é tão corriqueira em meu estilo de vida que faço sem problemas. Quando temos um evento importante, trabalho dia e noite no ateliê, como minhas assistentes, ajeitando, costurando, tirando, acrescentando, moldando as peças para que fiquem deslumbrantes nos desfiles, e, posteriormente, ganho milhões em arrecadações obscenas, de tão caras. É o que faço, é o que sei fazer, e sou muito bem paga para isso. Olívia Perrone é uma grife de luxo e estilo próprio.

No entanto, comprar um presente para um irmão que você acabou de conhecer é outra história. Alfredo era um desconhecido para mim, até eu conhecê-lo, com dez anos de idade, por fotos. Nunca convivi com crianças, ao menos não em minha fase adulta. Francesco é filho único, e toda a sua família vive no Rio de Janeiro. Conhecemo-nos

## PERIGOSAS ACHERON

na Universidade, quando fizemos amizade, e ele praticamente é meu único contato com o universo masculino, além de meu avô Rocco. Então, Bento e eu levamos mais de duas horas para encontrar um presente que me agradasse, e que recebesse o aval do meu primo.

Rodamos a cidade, a pé, o sol torrando nossos miolos, o suor escorrendo pelos nossos corpos, mas não me deixei abater por estes pequenos detalhes. Posso ser um pouco mais rebelde e ousada aqui, longe dos holofotes e dos flashes de Milão.

Eu descrevia cada peça que encontrava para meu primo, e ele, muito prestativo, me dizia se era adequada ou não ao nosso irmão. Vi roupas, brinquedos, jogos, sapatos, um celular (que Bento me proibiu de comprar), um notebook (Bento disse que sua mãe me mataria se eu desse algo desse preço a Alfredo), um jogo de videogame (Olívia, pare, foi o que Bento me disse), pipas, carrinhos de

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

rolimã, skate, patins, e muitos outros objetos. Por fim, ele me deixou comprar uma bicicleta, porém desconfio de que ele nem tenha gostado tanto, só estava cansado das compras e do calor escaldante do final da sexta-feira.

A bicicleta azul, com aros pretos e um cano largo me agradou, e acabei comprando um jogo educativo para acompanhar o presente. Meu primeiro presente para meu irmão. *Nosso irmão.* Bento me disse que comprara um cachorrinho para o irmão, e que estava ansioso para ouvir os gritos enfurecidos de sua mãe quando Alfredo abrisse o presente inesperado.

Passamos uma tarde agradável juntos. Depois das compras, compramos rosquinhas doces e café na padaria e levamos para o Pet Shop, onde comemos com meu irmão. Deixei os dois lá, e fui para o hotel me arrumar para a festa.

## PERIGOSAS ACHERON

Minha mãe, nem preciso dizer, passou grande parte do tempo em que fiquei no hotel atrás de mim, as mãos na cintura, os olhos flamejantes de raiva pela postura absurda que eu estava tomando, como se eu, a filha ausente, estivesse tomando partido na história dela com meu pai, ou no que foi a história deles um dia. Tentei lhe explicar que eu não fazia parte da briga dela com tia Agnes, que Alfredo era meu sangue e que tinha passado pouco tempo com meu pai. Ela, porém, disse palavras duras para me ofender, como fazia antes, quando queria me impedir de encontrar Bento. Senti pena dela, no fundo. Aquela família era minha, mas minha mãe, a matriarca, não fazia mais parte daquele clã. Pela forma como ela fechou a cara quando citei o nome de Alfredo, percebi que ela nutria o mesmo ódio que nutria por Bento pelo caçula, e não retruquei. Minha mãe, toda imponente e cheia de si, havia sido trocada pela irmã, e, para

PERIGOSAS ACHERON

piorar, o ex-marido conseguira arrumar mais um filho. Tudo isso, por si só, já era motivo suficiente para ela odiar todos eles. Eu a compreendia, de verdade, e não queria tomar partido, como fiquei repetindo enquanto escolhia uma roupa adequada para a ocasião. Despedi-me dela com um beijo em seu rosto, ao que ela me olhou espantada.

— Volto mais tarde, mãe. Qualquer coisa, estou com o celular.

Ela ficou parada, estarecida, no meio do meu quarto, emudecida pelo meu gesto de carinho. Esbocei um sorriso enquanto descia as escadas, por finalmente ter calado a tão poderosa e intimidadora Marisa Perrone.



A casa da minha tia fica do outro lado da cidade, sem exageros. Embora Presidente Epitácio não seja uma metrópole, como Milão, eu estava de

PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

salto e vestido curto, maquiada e pronta para uma festa, e Vitório me disse que chegaria mais tarde, por isso peguei um táxi, como venho fazendo há dias.

Há uma grande movimentação na frente da casa quando desço. Começa a escurecer no horizonte, e há um varal improvisado de fora a fora no jardim, com luzes coloridas piscando, como se fosse Natal. Crianças de todas as idades correm de um lado a outro, gritando. Uma cama elástica grande está fincada no gramado bem aparado; e, na outra extremidade, um escorregador gigante, de enchimento, cobre a lateral do jardim. Mesinhas brancas, destas de quermesse, estão dispostas pelo corredor retangular de cimento que leva até a porta da cozinha, com pratos e copos de plástico azuis. Uma música toca ao fundo, e suponho que seja sertanejo.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Bento é a primeira pessoa que vejo quando entro pela frente da casa, passando pelos convidados mirins, ou talvez a primeira que meu cérebro quer registrar a presença, e vou até ele, saltitando como uma idiota. Sua calça jeans escura gruda-se muito bem aos seus quadris, e sua camiseta polo vermelha molda perfeitamente seus braços grandes e musculosos, as veias aparecendo, marcando bem seu peito estufado. Seus cabelos castanhos estão molhados pelo banho, com um cheiro delicioso de essência masculina. Ele está de óculos, e bebe alguma coisa no copo azul, sozinho perto da cama elástica.

—Oi — cumprimento-o, tocando seu ombro esquerdo.

Ele abre um sorriso lindo, os dentes muito brancos aparecendo com graça, e chega mais perto. Posso sentir seu cheiro de água de colônia

## PERIGOSAS ACHERON

misturado ao xampu quando me encosto nele, apoiando ainda mais meu corpo em seus ombros.

— Oi, pequena. Chegou bem na hora. — Ele vira o rosto em minha direção, e não se afasta quando o toco.

*Pequena.* Ele não me chama assim desde aquele dia horrível no aeroporto, quando eu prometi voltar. Engulo em seco ante as lembranças avassaladoras que tomam minha mente, e me controlo.

— A festa está linda.

— Você gostou? A gente improvisou bastante coisa. O Alfredo tem um bocado de amigos, mas minha mãe não quis nada muito grande, com muita gente, então ele meio que teve que cortar alguns colegas da lista. Alugamos a cama elástica e o escorrega de um cara da região, e seu pai e eu enfeitamos o jardim. Bem, mais seu pai do que eu, né? Espero que tenha ficado bonito, porque minha



## PERIGOSAS NACIONAIS

mãe queria encher de fru-fru, e Alfredo ficou doido, com medo de parecer maricas.

Acompanho sua risada, que é leve e contagiante. De fato, é uma festa íntima e bem masculina. O tipo de festa que as pessoas fazem no fundo do quintal e chamam apenas os mais chegados.

Acaricio os ombros de Bento, concordando.

— Eu gostei, ficou com cara de homem, não de maricas.

— Por favor, diga isto ao Alfredo quando o vir. Ele vai gostar.

— Farei isso. A propósito, onde ele está?

Corro os olhos pelo jardim, e então o avisto. Alfredo está vestido com uma roupa muito parecida com a de Bento: uma calça jeans escura apertada e uma polo vermelha. Os cabelos enrolados estão arrepiados e ele corre sem parar pela festa, brincando com os amigos. Olho bem para ele, a distância. Com quem ele se parece?

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele está logo ali.

— Quem?

— Nosso irmão — digo, apontando para ele, mas logo retiro a mão.

Bento endireita o corpo, franzindo a testa.

— Alfredo! — ele chama alto, e logo o menino está entre nós dois, sorrindo e suando, o rosto redondo vermelho pelas brincadeiras.

— Oi — Alfredo fala, um pouco tímido.

—Olá, aniversariante. Feliz Aniversário! — Abraço meu irmão, e ele se deixa abraçar, sorrindo, como se quisesse selar algo entre nós, ali.

— Agradeça o presente que ganhou da Olívia.  
— Embora carinhoso, fica claro quem manda ali. Bento usa de um tom firme e autoritário para falar com nosso irmão, e este, com todo o respeito e formalidade, me olha e agradece, desvencilhando-se dos meus braços.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Muito obrigado, Olívia. Eu queria muito uma bike, mas minha mãe não queria comprar. Valeu!

— Ele bate nas minhas mãos, em punho, e sai correndo, e rio de sua sinceridade.

Encaro Bento, sorrindo.

— Ele se parece com você, sabia? Tem os mesmos olhos e o cabelo cacheado está todo bagunçado, igual quando éramos crianças e você se recusava a usar um pente.

Bento me segura pela cintura, apalpando meu corpo com cuidado até encontrar o ponto exato entre meu quadril e minha lombar. Ele repousa a mão ali, tranquilo, e sinto um frio no estômago.

— É o que dizem. As crianças mudam muito no processo de crescimento, então não costumo associá-lo às memórias que tenho dele, quando ainda enxergava. — Ele faz uma pausa, e bebe todo o líquido do copo, jogando-o no chão. — Aliás, eu

## PERIGOSAS ACHERON

sempre gostei muito de pentes, mas meus cabelos não colaboravam muito.

— Não mesmo, eles viviam para cima, mas eu gostava.

Instintivamente, toco seus cabelos castanhos curtos, e sinto a maciez dos fios. Ele tem um cheiro bom de xampu, e aproximo meu nariz para aspirar o cheiro. Muito perto, talvez perto demais. De repente, vejo os pelos de seu pescoço se arrepiarem, e me afasto um pouco, constrangida por sua reação a mim. Meu coração está acelerado e minhas mãos molhadas de suor. Porém, permaneço ali, com ele.

Meu pai e minha tia vem me cumprimentar, e logo estamos todos sentados a uma mesa, próximos à fonte do jardim, que esbanja água de um querubim torto. Vitório chega esbaforido e se senta conosco. É estranho e incomum este momento em família, ainda mais esta nova família que tenho.

## PERIGOSAS NACIONAIS

Meu pai passa o tempo todo alisando minha tia, e desvio os olhos quando ele me pega observando-os. Por mais que ele tenha refeito a vida, ainda é meu pai, e vê-lo assim, com ela, lembrando da forma com que sempre tratou minha mãe me deixa com uma sensação de que estou no lugar errado. Será que eu não deveria, de fato, tomar as dores dela?

Como alguns minis cachorros-quentes, salgados, bebo um pouco de refrigerante, e observo as pessoas, mas não participo muito da conversa. Estou profundamente incomodada com a relação do meu pai e minha tia a cada segundo, muito mais do que achei que ficaria, muito mais do que fiquei quando recebi a notícia, há anos.

Vitório e Bento estão combinando um passeio em Campo Grande no próximo mês, e meu pai tenta controlar minha tia, que está gritando com Alfredo a plenos pulmões.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Penso em minha mãe, sozinha naquele hotel grande e solitário. Ela nunca foi uma grande amiga de tia Agnes, não que eu me lembre, mas ela tinha motivos. Agora, o que restou a ela? Uma filha que a odiou a maior parte da vida e que logo cruzará o Atlântico para viver a própria, e um filho independente e mulherengo demais para dar atenção a ela. Minha mãe, percebo agora, ficou sozinha, abandonada à própria sorte. A única pessoa que ela tinha era minha avó, que está morta.

Antes que as primeiras lágrimas caiam e eu acabe fazendo uma cena à mesa, levanto-me e ando até a cozinha. Tomo um copo de água filtrada e vou até o outro lado da casa. No passado, havia um pequeno parquinho nos fundos, e, quando dou a volta, vejo que ainda está lá, como se o tempo não tivesse passado. Caminho até o balanço, a mente confusa com tanta coisa acontecendo ao mesmo tempo. O que eu ainda estou fazendo aqui?

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Sento-me no primeiro balanço que encontro, pequeno e enferrujado pelos anos, tiro os saltos e meus pés tocam o chão de cimento. Está quente, resultado do sol e calor que fizeram o dia todo. Há um terreno nos fundos da casa, então não há muito o que vislumbrar por aqui.

Treze anos depois, eu voltei para minha cidade natal, para o velório da minha avó. A vida que eu deixei aqui transformou-se de modo radical. Meu pai, antes marido da minha mãe, hoje é casado com minha tia, e tem um filho. Meu primo e primeiro amor ficou cego, e ainda mora com a mãe, e minha mãe é uma mulher solitária e cruel, do jeito que sempre foi. Uau! Se tivesse alguém neste momento com quem eu gostaria de conversar, seria minha avó. Só ela entenderia o que estou sentindo, mesmo sem dizer nada.

O tempo vai passando, o barulho das crianças gritando aumenta, e então uma explosão de

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

aplausos ecoa e chega até meus ouvidos. Deve ser a hora do bolo. As crianças começam a cantar o tradicional “com quem será”, e Alfredo berra várias vezes que acabou a brincadeira. Ouço passos atrás de mim e, quando me viro, vejo Bento andando devagar até onde estou, a bengala batendo no ferro dos brinquedos. Ele é aquele tipo de homem que a gente olha e olha, e, quando passa, vira a cabeça para olhar de novo. Bento tem uma beleza ousada, perigosa, misteriosa. Sozinho, ele se senta ao meu lado, e coloca a bengala aos seus pés.

— Deu uma folga para o Tango hoje?

— Bem que ele merece. — Ele ri, e dá impulso com os pés para que o balanço se lance no ar. — Quando estou em casa, não preciso tanto dele.

— Ele é um bom cão.

— O melhor. Minha mãe disse que está dormindo há horas na sala, e nem o barulho dessa criançada acordou ele.

## PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

— Um bom sinal do quanto ele é especial — brinco.

Abaixo a cabeça, descansando-a no ferro do balanço. Bento continua se balançando, e começa a gargalhar quando sente o vento do alto batendo em seu rosto. Pequenas alegrias nos fazem mais felizes do que grandes conquistas. Encaro-o admirada, e começo a me balançar também, meus cabelos despenteando-se com o vento. Rimos, eu e ele, como antes, quando o parquinho era uma de nossas distrações preferidas. Vínhamos aqui para nos esconder da minha mãe, quando ela saía com a missão de me capturar do malfeitor do meu primo.

— Nem acredito que este parquinho ainda existe, Bento. Já faz tanto tempo — declaro, a adrenalina aquecendo meu corpo, um sorriso bobo e infantil pregado em meus lábios.

Ele se vira na direção da minha voz, e grita:

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Ela estava prestes a vender os ferros para um ferreiro da rua de baixo. Foi logo quando eu passei no vestibular e fui embora, estudar. Ela estava grávida e vivia cansada demais, irritada com tudo. Era um pesadelo, até seu pai achou que teria que sumir de tanto que minha mãe o infernizava. E, então, Alfredo nasceu, e ela voltou a ser uma pessoa dócil e normal. A gravidez acaba com qualquer senso de justiça que ela tenha — Bento esclarece, parando o balanço e pousando os tênis no chão.

Minha curiosidade é tamanha que acabo esticando o assunto.

— Vestibular? Que vestibular? Não sabia que você tinha estudado, muito menos ido embora. Quando foi?

Ele sorri, passando as mãos pelo ferro do balanço, atento. Seu rosto está todo virado para mim, e ele diminui o tom de voz:

PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Não foi só você que saiu da cidade pequena para ganhar a vida, Olívia. — Detecto a amargura em sua voz, porém me recuso a interrompê-lo e dar início a uma discussão. Ele prossegue, gesticulando muito com as mãos enquanto narra: — Eu já estava com quase 21 anos, e meio perdido. Não queria fazer nada muito radical, então me inscrevi em um vestibular para o curso de Oceanografia, porque tinha certeza de que não passaria, e queria que minha mãe e a vovó dessem uma pausa nos sermões. Fiz a prova em Campo Grande e, milagrosamente, passei. Foi um choque e uma surpresa daquelas, sabe, que a gente nem espera. Alguns até chamariam de milagre.

Encaro sua expressão, boquiaberta. Nunca eu cogitaria isto. Bento não ficou parado no tempo, como eu previra. Ele tentou algo novo. Ele também seguiu em frente.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Isto é fantástico, Bento. Conta mais. Como foi lá? Onde era a faculdade?

Ele respira fundo e levanta as mãos, indicando muito longe.

— No Paraná, em Curitiba. Fiz para a UFPR, mas acabou que uma brincadeira se transformou em coisa séria. Na verdade, foi mais ou menos assim: Vitório e eu fizemos uma aposta, e eu perdi, então tive que me inscrever. Quando soube que tinha passado, não contei para ninguém. Eu não queria ir, não queria sair da cidade nem nada disso.

— Por que não?

— Porque eu já tinha perdido muitas coisas na vida, Olívia, já tinha perdido... você. — Ele abaixa a cabeça e mexe na calça, distraído. — Não queria ficar longe de mais ninguém, mas quando minha mãe soube, nossa, foi uma falação daquelas na minha orelha. Acho que acabei indo mais para não ouvir ela me encher.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Suas palavras não me passam despercebidas, mesmo que ele não tenha frisado nenhuma delas. Bento e eu nunca falamos do passado, mas sua mágoa por eu ter ido embora ainda está ali, como uma ferida não cicatrizada. Ele sofreu muito, assim como eu, quando fomos separados. Difícil saber se foi capaz de me perdoar.

Toco seu ombro, e ele levanta a cabeça.

— E o que aconteceu lá? — incentivo-o.

Bento suspira.

— Bem, o que tinha que acontecer. Eu me mudei para Curitiba, cursei a faculdade, me apaixonei pelo curso, e nem pensava em voltar. Tinha uma vida ótima, sabe. Era corrido, mas eu gostava. Aprendi muito, viajei mais ainda. Conheci cada lugar espetacular que jamais imaginei existir no Brasil. Quando o curso acabou, eu já estava empregado em uma empresa multinacional de

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

consultoria, em Florianópolis. Era incrível, trabalhava de segunda a segunda, mas eu amava.

Bento para de falar, e se levanta, deixando a bengala de lado. Ele se movimenta pelo pequeno parquinho, devagar e cauteloso, e, quando tromba na roda, faz uma careta de dor.

— Você se machucou? — Corro até ele, preocupada.

— Não, só bateu.

Apalpando o espaço à sua volta, ele se senta na roda, e me coloca sentada ao seu lado, segurando em meus cotovelos com firmeza.

Nossos ombros estão colados, mas nenhum de nós parece se importar.

— Bento, por que você voltou? Se estava bem em outra cidade, trabalhando, o que está fazendo aqui? — resmungo, e entrelaço nossas mãos sobre sua perna esquerda.

## PERIGOSAS ACHERON

Ele hesita um pouco, e sua expressão é de aborrecimento.

— Minha visão já não era tão boa mesmo no período da faculdade, e terminei o curso enxergando quase nada. Eu me iludia com pensamentos positivos, que era só uma fase, que logo minha visão seria restabelecida, mas não foi assim. Cada dia eu enxergava menos. Um dia, eu acordei e, quando abri os olhos, só tinha escuridão. Foi o fundo do poço, Olívia. Como eu iria trabalhar? Ler mapas, apontar os fenômenos oceanográficos na empresa? Claro que nem havia a possibilidade de me manterem ali.

Sinto a dor enrustida em cada palavra pronunciada por ele, a realidade de sua deficiência materializando-se só agora. Encosto minha cabeça em seus ombros; e, diferente do que eu esperava, Bento acaricia meus fios loiros com delicadeza. As lágrimas escorrem pelo meu rosto, sujando toda a

## PERIGOSAS ACHERON

minha produção para a festa; contudo, sou incapaz de me controlar. Imagine o que ele não sofreu, longe de todos e cego.

— Eu... eu sinto tanto, Bento, sinto muito por você e por tudo isto — falo baixinho. — Eu me acostumei. Minha mãe foi me buscar, junto com a nossa avó. Fiquei um tempo trancado no quarto, pensando no que faria da vida. Um homem de 27 anos, cego e sem perspectivas. Mas daí seu irmão resolveu fazer alguma coisa útil, e montamos o Pet Shop. Eu não posso ajudar muito por conta da deficiência, mas faço o que posso para me manter ativo, trabalhando. Se a gente não se cuida, a mente pira, sabia? E a corrida só veio a acrescentar ainda mais, pois mantém meu corpo e mente sãos, e me dá uma motivação para me levantar todos os dias da cama sem me sentir um traste inútil. Competi ano passado, mas não consegui muito, pois tinha treinado muito pouco. Este ano vai ser diferente.



## PERIGOSAS NACIONAIS

Concordo com a cabeça. Ele é um guerreiro, muito mais forte e firme do que toda a nossa família juntas. Superar uma deficiência desta magnitude, abrir mão de um bom emprego e se submeter a morar com a mãe deve ter sido uma decisão difícil, porém necessária. Bento, apesar de tudo, continuou a vida, não se abateu por algo tão gigantesco e avassalador.

Ainda encostada nele, penso em mim, nos meus problemas, em toda a medicação que preciso tomar para não enlouquecer. E, inesperadamente, me dou conta de que não tomo meus remédios há duas semanas, desde aquela briga estúpida com Bento na casa da vovó. O que, no fundo, isso significa? Eu até posso ser fraca e medrosa em Milão; contudo, em Epitácio, a Olívia Perrone que enfrentava a mãe por uma paixão adolescente está de volta, ao que tudo indica, e em uma versão melhorada.

## PERIGOSAS ACHERON

Passo as mãos em seu rosto. Ele, porém, se esquiva quando meus dedos roçam de leve os óculos escuros.

— Não! — Ele se levanta de um pulo, afastando-se de mim, cambaleando entre os brinquedos do pequeno parquinho.

— Desculpe, eu não queria...

— Melhor voltarmos para a festa, Olívia.

Ele sai andando, mas eu não o sigo. Permaneço sentada na roda, girando de leve o brinquedo, com a mente a mil.

Por mais assustador que possa parecer, sei que chegou a hora de uma mudança em mim também.



Está tarde quando resolvo voltar para o hotel. Os resquícios do barulho e das crianças ficaram apenas para a história. A bagunça no jardim da casa é colorida, com pratos e copinhos espalhados pelo

PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

gramado, bexigas azuis com restos de água jogadas no chão, papéis de presente desembrulhados e esquecidos na entrada da casa. A cama elástica e o escorregador já foram devolvidos, e só restam os integrantes da família.

Alfredo está no quarto, jogando videogame com Vitório, que gostou do presente tanto quanto o pequeno. Minha tia tenta organizar a bagunça e parece cansada quando vou até ela, me despedir.

— Ainda está cedo, Olívia. Fique um pouco mais — ela reclama, mas sua expressão de cansada é nítida, os cabelos grudados na testa branca. Tia Agnes está mais jovem de um jeito esquisito, embora tenha se passado treze anos.

— Não, não está, está tarde e amanhã eu tenho que acordar de madrugada para acompanhar seu filho maluco na corrida. — Faço uma cara feia, mas ela ri, me abraçando.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Estou feliz que esteja aqui, querida. Estou feliz que estejam se acertando, você e o cabeçudo do meu filho.

Franzo as sobrancelhas para ela, perdida.

— Como assim?

— Você entendeu, Olívia. Sei que é esperta o bastante para perceber o que está acontecendo entre vocês. — Ela pisca, misteriosa.

Abro a boca para protestar, para frisar que tenho um noivo me esperando em Milão, mas Bento surge com uma garrafa de refrigerante e dois copinhos em uma mão e a bengala na outra, equilibrando-se.

— Eu te acompanho, Olívia.

Olho para ele, e depois para tia Agnes. Ela se faz de desentendida e volta à sua arrumação.

— Apareça amanhã, seu pai e eu estaremos de folga. Quem sabe não passamos o dia no figueiral!  
— minha tia grita por sobre o ombro.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Está bem! — grito de volta, embora não esteja muito certa de querer passar um dia inteiro com os dois. Meu pai e minha tia. Meu pai, que se casou com a irmã de minha mãe. Qualquer termo seria insuficiente para descrever essa nova relação que permeia a família Perrone.

Sem pedir permissão, enlaço minhas mãos nos braços de Bento. Juntos, caminhamos até a calçada, onde um táxi nos espera, os faróis acesos e uma música sertaneja tocando no rádio no volume máximo. De volta ao hotel, eu o ajudo a descer do veículo e caminhamos até a entrada. Está escuro e apenas uma luz em um poste distante ilumina a entrada imponente do Porto Feliz. Sentamo-nos em um banco de madeira que fica do lado de fora. Eu o ajudo a encher os copinhos, e bebemos todo o conteúdo antes que tenhamos tempo de pensar. A noite está linda, as estrelas incontáveis dando o ar da graça.

## PERIGOSAS ACHERON

Ele tagarela sem parar. Fala da festa, de Alfredo, da convivência com a mãe. Neste ponto, eu o interrompo:

— Você acha mesmo normal os dois juntos, Bento?

— Que dois?

— Nossos pais — esclareço.

Ele para de mexer na garrafa de refrigerante. Com dificuldade, coloca-a no chão, derrubando-a duas vezes antes de acertar o piso de concreto. Estamos de frente para a entrada do Figueiral, um lugar privilegiado para se montar um negócio, o vento que vem do rio lá embaixo bate em nossos rostos. Embora esteja uma noite quente, esta parte da cidade é sempre mais fresca durante a noite, e me encolho, arrepiada.

— No começo, não. Eu não queria que ela ficasse com ele, de verdade. Brigamos feio, fiquei sem falar com ela por dias, mas, quando seu pai

PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

apareceu de mala e cuia na porta de casa, eu fiquei sem argumentos. Eles se amam, Olívia, sempre se amaram, e acho que estava na hora de ficarem juntos.

Encaro seu rosto, aborrecida. Como ele pode considerar esta relação aceitável? Para mim, é um tremendo absurdo conviver com os dois, felizes, enquanto minha mãe está sozinha. É como se eu também estivesse sendo traída pelo meu próprio pai; e, ainda assim, me sentisse feliz por minha tia, por finalmente ter encontrado alguém especial. Estou confusa demais.

Afasto-me dele, levanto-me e atravesso a pista deserta que nos separa da entrada do parque. Antes, vínhamos aqui durante a noite, entrávamos escondidos, e íamos para o rio namorar. Faz uma eternidade, mas me arrisco ainda assim. No início, Bento parece perdido, porém me acompanha, a

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

bengala batendo no chão, certificando-se de sua presença firme comigo.

Pulamos a cerca de madeira enfeitada da entrada, e eu o ajudo quando ele se enrosca na madeira. Já do lado de dentro, descemos pelo caminho íngreme até o rio. É perigoso e muito arriscado, e podemos ser até presos caso alguém nos veja, acusados de invasão de um prédio alheio, uma propriedade que não é nossa, mas estranhamente me sinto corajosa quando Bento está por perto. O tempo vai passando, e não dizemos nada, até que o rio surge no horizonte, a lua iluminando a água escura e doce.

Na areia fria, tiro minhas sandálias e dou as mãos a meu primo, que afunda sua bengala na terra, distraído. Ele sabe o que estamos fazendo mesmo sem ver, e fico feliz por não me impedir deste ato rebelde, o único em treze anos.

## PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

Admiro a negritude da água, o reflexo da lua criando uma imagem agradável ali.

Sinto as mãos dele tocarem meu ombro, e me viro, de frente para seu rosto.

— Ela é minha mãe, Bento, sei que ninguém entende isto, e nem eu mesma fui capaz de entender por anos, porém sua amargura sempre teve uma razão. É bizarro saber que, enquanto ela está sozinha, meu pai vive feliz com sua mãe, e eles ainda tiveram um filho — retruco, balançando a cabeça, retomando o assunto de minutos antes. — É como se nossa família estivesse toda desajustada, fragmentada por um passado cheio de furos e segredos, Bento, e sinto minha alma doer por minha mãe, a pessoa mais prejudicada nessa odisseia toda — acrescento, suspirando.

Um sorriso tímido se abre em seus lábios, e Bento, apalpando o ar, chega até meu rosto e acaricia minha face.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sei, pequena, eu sei. Sinto muito por sua mãe, mas é assim que as coisas são. Um dia, no passado, a tia Marisa ficou com o tio Conrado, mesmo sabendo que minha mãe o amava muito. Ele sempre foi o amor da vida de minha mãe, mas ela se calou e aceitou o relacionamento deles. Agora, eles estão apenas vivendo tudo o que nunca viveram quando mais jovens. Não os julgue por isso.

— Eu sei.

Encosto meu rosto em seu ombro, e ele me aperta pela cintura, segurando tão forte que ouço o tecido do meu vestido subindo conforme ele me abraça. A sensação de que estou no lugar certo me acalma, e me silencia. Não quero mais falar sobre este assunto. Já estou confusa demais com meus próprios problemas; se for pensar nos de minha mãe e tia, minha cabeça vai explodir. Neste

## PERIGOSAS ACHERON

# PERIGOSAS NACIONAIS

momento, eu só quero os braços de Bento, porque, com ele, eu não sinto medo.

Eu não sinto medo quando estou com Bento Perrone.

# PERIGOSAS ACHERON



## Capítulo 8

ESTAMOS EM FEVEREIRO, e o calor deu uma trégua com a quantidade exponencial de chuva que toma conta da cidade, desde o início do mês. Chove pela manhã, à tarde, à noite, e, como se não fosse o bastante, chove também pela madrugada. Acho que se o dia tivesse 36 horas, elas seriam repletas de água. Faz quase um mês que cheguei à cidade, abalada e perdida com a morte de minha avó Teresa, e ainda não voltei para meus afazeres na Itália, com a desculpa esfarrapada de que preciso resolver a situação da casa com Bento, a casa que

ambos herdamos da vovó. Ledo engano, e não sei bem a quem estou tentando enganar. Estou presa na cidade, incapaz até de pesquisar passagens aéreas. A ideia de voltar é assustadora, ainda mais quando me lembro de como será este retorno: horas a fio dentro de um avião, planando sobre o Oceano Atlântico. Não, muito obrigada.

Em contrapartida, pensar em me afastar de minha família dói, de um jeito que nunca imaginei que fosse acontecer, principalmente de Bento. Não quero me afastar dele. Há algo de mágico entre a gente, e não tenho uma explicação razoável para as reações do meu corpo. Faz muito tempo que não ingiro meus calmantes, que não tenho uma crise de pânico, que nem penso em me esconder. Com Bento, tudo é mais fácil e seguro, e sinto-me leve quando estou com ele, mesmo quando ele me arrasta para aquelas corridas horrorosas, deixando-me suada e nojenta. Ainda assim, é bom. Sei que

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

algumas pessoas o olham com repulsa; vejo isso quando estou com ele, como se sua deficiência visual o transformasse em um completo inútil, dependente de todos ao seu redor por ser cego. Não é.

Bento é a pessoa mais corajosa que conheço, e o fato de ter seguido em frente me acalma, me dá esperança. Esperança de que um dia serei normal, livre destes transtornos que me incapacitam para tantas oportunidades que poderia vivenciar, e ele me mantém aqui, na cidade. Bento é uma das razões para eu ainda não ter voltado para Milão e minha consequente permanência em Presidente Epitácio. Além disso, ele me faz rir, zomba de mim, do meu dinheiro, da minha fama, da vida glamorosa que ele acha que tenho, sempre cercada pelos holofotes, e, mesmo assim, eu não fico zangada. Não mais. É o jeito dele de me dizer que me aceita apesar de tantas diferenças.

## PERIGOSAS ACHERON

Bento me faz acordar às cinco da manhã para correr, suar, ficar grudenta e fedida, e, para piorar, ensinou Tango a me lambar quando me vê, tudo isto apenas para me deixar mais nervosa, mas não fico.

Meu primo é irritante e perverso quando quer, porém, cuida de mim, enquanto meu noivo me liga freneticamente, gritando em um italiano horrível, manda e-mails ofensivos exigindo minha presença. Estranhamente, a balança está pesando para o lado de Bento, pois ainda estou aqui.

Estou na casa de Brenda, que é uma mistura de panos, tecidos, linhas caídas no chão, fios por todos os cantos da casa, manequins sem braço ou cabeça, tesouras de todos os tamanhos e cores sobre mesinhas quebradas, agulhas que só encontramos depois de espetar o dedo várias vezes seguidas, e uma máquina do século passado disposta no centro de um quarto reservado para costuras, porque

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Brenda, surpreendentemente, é uma costureira, embora o senso de organização tenha passado a quilômetros de distância da minha amiga. Ela grita com as filhas, que correm pela casa pequena brincando alegres de esconde-esconde, porque minha amiga tem trigêmeas que fazem um estardalhaço apenas com sua presença. O grande problema nisso é que ainda não me acostumei muito bem a elas, e sempre me confundo com as garotinhas.

Estamos no quarto onde Brenda costuma costurar, concentrada nos desenhos dos vestidos das noivas que irão se casar no casamento comunitário, as folhas espalhadas pela mesa de vidro escuro, tentando pensar. Clarice, Cecília e Catrina já nos interromperam dezenas de vezes, e agora Brenda perdeu as estribeiras e as colocou para fora de casa, no quintal, na parte dos fundos da

## PERIGOSAS ACHERON



casa, aos berros. Quando ela volta, o rosto vermelho e as mãos na cintura, sorrio.

— Acho que agora vai — ela diz, e caminha até um manequim magricelo para ajustar o vestido.

— É o que espero — provoco, apontando para o manequim. — Este tecido é péssimo para se trabalhar em um vestido de noiva, Brenda, eu te avisei. Ficou horrível e pesado. Parece que a modelo está carregando o mundo nas costas.

Pego a folha com o modelo desenhado e assinado por mim e chacoalho na frente do rosto dela, que meneia a cabeça, pensativa.

— Não, está igual ao seu desenho, Olívia. Não vou refazer este vestido, é sério.

Franzo as sobrancelhas para ela, irritada.

— Este é o vestido da sua irmã. Considerando que a maioria dos casais espera se casar apenas uma vez na vida, e que, para as mulheres, é o dia mais feliz de suas vidas, ela nunca vai nos perdoar

por esta aberração, esta marmota que está no manequim, e ela vai parecer uma asa-delta com isto. — Balanço a cabeça, enfaticamente. — Pior, ela nunca vai me perdoar, e serei esculachada como estilista — retruco.

Vou até o manequim, onde Brenda me olha com curiosidade e coloco o desenho no tecido, com um alfinete.

Brenda balança o dedo, em completa negação.

— Na verdade, Olívia, você está enganada. O dia mais feliz para uma mulher é quando ela se torna mãe. Nenhuma emoção se equipara a isto. Nada é melhor que segurar nosso bebê nos braços.

Sua voz ganha um tom maternal, e seus olhos brilham, sonhadores. Há treze anos, eu jamais teria esta imagem em minha mente. Brenda, mãe e esposa. Assinto com a cabeça.

— No seu caso, três vezes — brinco. — Mas não vou discutir, pois não sou mãe. Se você diz,

PERIGOSAS ACHERON

deve ser. Mas então me responda: qual é o dia mais feliz na vida de um homem?

Ela responde de imediato, rindo.

— O dia em que ele tem a primeira ereção.

Gargalhamos com seu comentário malicioso, como quando éramos mais jovens e só falávamos bobagens o dia todo.

— Provavelmente — concordo, rindo ainda.

Brenda ajeita o vestido, mas ele fica cada vez pior. O algodão não assenta, e eu disse a ela várias vezes que ficaria horrível, ao que Brenda ignorou meus protestos.

— Por falar em ereções, o que está rolando entre você e seu primo?

Fito seu rosto, boquiaberta.

— O que quer dizer? Estávamos falando de casamentos e filhos. Um assunto não leva a outro, muito menos quando você acha que pode enfiar a palavra “ereção” nisto. — Desvio os olhos dos

dela, envergonhada. Passo as mãos pelo vestido, que só piora a cada tentativa minha de ajustá-lo. Ainda bem que Anthony tem um bar, pois se eles fossem depender dos talentos de Brenda para pagar as contas...

— Não seja cínica comigo, Olívia. Não é porque você foi embora e ficou toda metida e famosa que não conheço você, ouviu? Você pode ter ganhado muitos milhões pelo mundo, mas não mudou a sua essência.

Ela se afasta e se senta em um banquinho fajuto, no canto do quarto. Olha para mim, sorrindo. Eu permaneço muda.

— Olívia, qual é. Vocês passam a maior parte do tempo juntos, dia e noite. Seu noivo voltou para a Itália, mas você ficou.

— Eu preciso resolver a questão da casa...

— Bobagem — ela me interrompe, fazendo um gesto vago com as mãos. — Todos já esperamos

## PERIGOSAS NACIONAIS

que você deixe a casa para ele, por não precisar da grana nem nada. Olívia, você poderia ter voltado, mas ainda está aqui.

Respiro fundo diante de sua frase longa e verdadeira. Eu ainda estou aqui. Só não sei fazendo exatamente o quê. Viro meu rosto e encaro minha amiga, que sustenta o olhar, como se soubesse exatamente tudo o que estou tentando esconder. Ela aponta a cadeira de vime ao seu lado, e vou hesitante até lá. Quando me sento, ela segura minhas mãos.

— Não tenho nada a ver com a sua vida, Olívia, mas saiba que se quiser uma amiga, uma antiga amiga, pode contar comigo. Para ser franca, eu nunca imaginei que vocês ficariam tanto tempo separados...

— Brenda — falo, mas ela dispensa minhas palavras.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Olha, pare de tentar esconder. Está na cara o que você sente, Olívia. E ele também.

Rio com esta fala, e faço menção de me levantar, porém ela me segura na cadeira, com firmeza.

— Você pode até tentar camuflar isto, fingindo uma vida feliz na Europa com um homem cheio de frescuras que usa mais gel no cabelo e brilho labial do que você, como se tudo fosse perfeito, e mesmo assim nunca vou realmente imaginar você e Bento separados.

— Brenda, o Bento me odeia, ou ao menos me odiava há alguns dias. Somos primos e esta é a nossa relação. Apenas. Pare de enxergar romance onde não há. Eu tenho um noivo, que está ansioso me esperando, e quando eu voltar vamos nos casar e...

Brenda solta uma risada alta e falsa, e eu me calo.

## PERIGOSAS ACHERON

— O Bento ainda é louco por você, Olívia. Acho que você está mais cega do que ele, se não consegue enxergar isto.

Recuo diante de suas palavras. A implicância delas é forte o bastante para me fazer pensar. Bento e eu, de novo, como antes. Não, não faz o menor sentido. Ambos seguimos caminhos diferentes, e não tem cabimento cutucar esta história novamente. Eu tenho Francesco, que me ama e cuida de mim, paciente e entende meus problemas. Bento sem dúvida encontrará alguém tão incrível quanto ele para ser sua companheira. Ponto final.

— Não quero mais falar nisto, Brenda. Podemos voltar ao trabalho em vez de você ficar me enchendo?

Antes que ela responda, eu me levanto e começo a ajustar o vestido pela milésima vez.



## PERIGOSAS NACIONAIS

Mas é claro que nossa conversa não ficou esquecida. Conforme os dias passavam, Bento e eu ficávamos ainda mais juntos. Caminhávamos pela manhã, almoçávamos na companhia um do outro em restaurantes na cidade ou então tia Agnes, muito gentilmente, me convidava e eu passava o dia em sua casa, como antes. Ela tentara falar sobre meu pai, porém eu disse que ainda não estava pronta e que falaria quando estivesse. Em alguns dias, eu ficava o dia todo com Bento no Pet Shop, ajudando-o nas tarefas mais complicadas, e já não me assustava tanto quando Tango se jogava em meu colo, como uma criança. À noite, íamos aos bares de Epitácio, passear e conversar, beber um pouco, ou então íamos para a beira da prainha, quando não estava chovendo, e falávamos de tantas coisas que era como se ele fosse meu melhor amigo. Anos de silêncio e distância entre nós estavam sendo recuperados.

## PERIGOSAS ACHERON



Contei ao Bento coisas que nem imaginava contar a Francesco, coisas muito íntimas. Eu narrava minha vida em Milão, meus sonhos de adolescente, quando saí de Epitácio; contava a ele como nosso avô Rocco era engraçado e protetor, e o medo que senti quando cheguei ao país, mas quando o assunto do meu transtorno chegava na ponta da língua, eu recuava, constrangida, porque era como se qualquer problema que eu pudesse ter não fosse nada perto da vida dele, um homem saudável que ficara cego por sofrer de Glaucoma.

E, contrariando todas as expectativas do meu noivo, o desfile aconteceu mesmo sem a minha presença, e foi um sucesso tão grande, que minha grife ficou estampada nas capas de revistas do mundo todo por dias e dias, sem falar na grana que foi depositada em minha conta jurídica. Graças aos céus, correu tudo bem, e Francesco me deu um descanso merecido, sem aquelas ligações

impertinentes que ele costumava fazer, muitas vezes de madrugada, por conta do fuso horário.

E então, chegou o carnaval, uma das festas mais esperadas da cidade. E eu ainda estava ali, como parte daquela vida pacata, daquelas pessoas que já me conheciam, me chamavam pelo nome. O carnaval estava previsto para acontecer no sambódromo do parque da orla, onde a maioria das atividades aconteceriam, com algumas escolas de samba e blocos carnavalescos se apresentando. Depois de treze anos morando fora, aquele foi meu primeiro ano em contato com o carnaval em minha fase adulta, o carnaval brasileiro. Foi estranho testemunhar de perto as pessoas da cidade se mobilizando para a festa. As ruas ficaram mais cheias de turistas, coloridas por fitas em diversos tons que cobriam toda a avenida principal, um modo de recepcionar a todos com a festividade; o hotel da minha mãe ficou lotado, com todos os

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

quartos reservados para os quatro dias, e ela ainda precisou contratar mais dois funcionários para ajudar. Mesmo tendo insistido para colaborar com a recepção dos hóspedes, minha mãe recusou, alegando que uma pessoa famosa como eu jamais poderia trabalhar ali, no hotel. Nessas horas de conversas frívolas e rápidas com minha mãe, eu tinha a absoluta certeza de sua inconfundível tristeza por eu ainda estar ali, como uma habitante. Sempre que tinha uma oportunidade, ela não deixava de me censurar e alfinetar por minha estadia longa demais, por meu contato íntimo demais com meu primo, por eu (imagine!) estar desenhando e costurando vestidos de noiva sem cobrar nada para pessoas comuns. Eu a ignorava com frequência, alegando em meu interior o quanto minha mãe sofria com o abandono do meu pai e sua solidão, e isso amenizava meu comportamento repreensivo com ela. No fundo, era só o sofrimento

## PERIGOSAS ACHERON

e a amargura falando mais alto. Coisas de dona Marisa.

Bento me convenceu a ir com ele e Vitório ao sambódromo, prestigiar a festa. Brenda iria viajar com a família, e só retornaria na quarta-feira de cinzas, então acabei cedendo, mesmo contra a minha vontade. O carnaval nunca foi uma festa muito apreciada por mim, mas não queria deixá-los sozinhos, ainda mais Bento: meu irmão arrumaria uma mulher tão logo chegasse à festa e largaria meu primo sozinho.

Por fim, na sexta-feira vou ao centro da cidade com ele, comprar roupas e sapatos mais confortáveis, já que minhas coisas eram sofisticadas demais para um carnaval. Estamos de mãos dadas, por uma única razão: Tango estava muito cansado e Bento não queria vir, já que sem o cachorro é tudo mais difícil, mas fui bem persuasiva e pedi que me acompanhasse e ele

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

topou. Andamos pelo centro abarrotado de gente com sacolas sem fim nas mãos, a animação iminente das compras tomando conta de mim.

— Acha que vai levar o dia todo? — Bento me pergunta, enquanto aperto sua mão ao atravessarmos a faixa de pedestres.

Emito um ruído de uma risada contida, e ele abre um sorriso lindo, me provocando.

— Encontrar a roupa perfeita é uma missão de vida ou morte, Bento. O tempo é relativo — replico, a voz pastosa.

— Sei, quando uma mulher vai às compras, tem duas coisas que ela deixa em casa — ele retruca, mas está rindo quando aperto ainda mais seus dedos grandes.

— E o que seriam estas duas coisas? — provoco, curiosa.

— Juízo e relógio.

## PERIGOSAS ACHERON

— Não vou discordar — brinco, e o puxo para mais perto quando uma criança patina descoordenada perto de nós. Sua respiração fica presa na garganta e sinto seu cheiro forte de protetor solar e suor, a regata vermelha colando em suas formas grandes e musculosas. Por um instante, não consigo pensar direito, e fico ali, parada diante dele, olhando para cima. Ele usa os óculos de sol, um modelo novo que eu ainda não tinha visto, e seus cabelos curtos e castanhos mexem levemente com a brisa. Ele umedece os lábios, e eu repito o gesto, por instinto. Só me dou conta de que estamos estáticos na calçada quando um homem esbarra em mim, jogando-me para cima de Bento. Ele se assusta com o ocorrido, e me ampara com o peito rijo. Eu o conduzo até a parede de uma loja, recuperando o equilíbrio.

— Desculpe, um idiota esqueceu os bons modos em casa hoje — falo alto para o homem escutar, PERIGOSAS ACHERON

mas ele apenas dá de ombros e continua seu caminho.

— Você se machucou? Ele te machucou? — Bento olha em minha direção e passa as mãos pelos meus braços, procurando sinais de ferimento. Sorrio com seu gesto tão cuidadoso.

— Não, está tudo bem. Gostei de uma vitrine logo ali, quero ver as peças — informo, e o puxo comigo rumo à loja, sem dar margem a ele de reclamar mais.

Lá dentro, a vendedora não é ninguém menos que Bianca, a sanguessuga e predadora que vive grudada no meu primo. Ela arregala os olhos quando nos vê entrando na loja de mãos dadas, porém logo se endireita e começa a flertar com ele, descaradamente.

— Hum, o que temos aqui. Bento fazendo compras é um prodígio. — Sua voz melosa me irrita, e fico ainda mais perto de Bento do que é PERIGOSAS ACHERON

possível e necessário. Já perdi o ânimo para as compras, e começo a fazer o caminho de volta, alegando que volto outro dia, quando Bento me para, as mãos em meus ombros, os óculos escuros virados em minha direção.

— Ei, pequena, qual é. Não vai nem olhar?

— Não, vamos em outra loja.

— Por quê? Por causa da Bianca? — ele fala tão baixinho que quase preciso ler seus lábios para entender as palavras.

Olho indignada para ele, que está sorrindo para mim, irônico.

— Não tenho nada contra ela — digo, fazendo bico. Pelo menos, ele não pode ver a minha expressão desgostosa.

— Sei, então prove.

— Como assim?

— Bem, dizem que esta loja tem as roupas mais lindas da cidade. Imagino que você vá encontrar



peças bonitas e do seu gosto, então não há por que não olhar. — Ele se aproxima mais do meu corpo, meu rosto quase tocando seu peito musculoso. — Dá uma olhada, pequena, se não gostar mesmo de nada, a gente vai em outra.

A presença dele é tão forte e imperiosa, que apenas assinto, mesmo sabendo que ele não vê. Olho de relance para Bianca, que nos olha com atenção.

— Vou dar uma olhada em algumas peças — declaro, e ela sai de trás do balcão e eu a sigo.

A loja é pequena e aconchegante. Algumas araras estão dispostas na parede, com peças exclusivas, a maioria do desfile do ano passado, como Bianca me informa. No centro, há duas poltronas grandes e estofadas com tecido de onça, e uma mesinha de centro com algumas revistas de moda. Uma delas, a de cima, estampa o meu rosto, e minha última coleção de vestidos de noiva.

## PERIGOSAS NACIONAIS

Bianca percebe meu olhar, e se adianta, com a voz fria:

— A dona da loja achou que seria legal ter revistas falando de você já que ainda está na cidade.

É notável o desprezo em sua voz quando fala comigo, e também consigo perceber a ênfase no AINDA. No mínimo, minha presença não a deixou satisfeita.

Aperto as mãos de Bento ainda mais, e sorrio, educada.

— Diga a ela que é uma honra, e que ela pode comprar muitas revistas ainda, pois não tenho dia para voltar.

Bianca fecha a cara para mim, e ouço Bento rindo no meu ouvido. O desgraçado ainda por cima é convencido.

— Claro, vou dizer — Bianca responde, e tira algumas peças dos cabides, emburrada.

## PERIGOSAS ACHERON

Rio por dentro.

A maioria das roupas é curta ou transparente, e não estou acostumada com nada assim. Em Milão, sempre opto por roupas mais fechadas e confortáveis, mas nesta cidade é improvável que eu consiga usar um terninho. Escolho alguns shorts curtos, blusinhas agarradas, tops, camisetas curtas, saíngas e levo tudo para o provador. Bento se senta na poltrona e aguarda, enquanto Bianca, a predadora, tagarela com ele.

Assim que provo a primeira combinação, me apaixono: é uma saia curta, azul-marinho e levemente rodada. Ela marca bem minha bunda empinada; a blusinha é vermelha com alguns quadrados em azul-claro, agarrada e deixa meus seios bem maiores, com um decote em V, ou então deve ser o bojo. Fico empolgada, e nem imagino o que Francesco diria se me visse usando um traje tão exposto. Possivelmente, meu noivo me acharia

# PERIGOSAS ACHERON

muito vulgar usando isso. A última vez que usei algo tão curto deveria ainda estar na barriga da minha mãe, e grito ao Bento, para vir ver minha roupa. Arrependo-me assim que ouço seus passos hesitantes perto do provador.

— Mas que grande merda! — praguejo baixinho.

Mesmo que passemos tanto tempo juntos, tenho lapsos de memória em alguns momentos e esqueço que ele é cego.

Ele bate na porta de leve, e eu abro, o sorriso e a empolgação de antes desaparecendo assim que vejo seu rosto.

Fico em silêncio, encarando sua expressão. Ele não diz nada, mas entra no cubículo, apertando-me na parede, e fecha a porta. Nossos corpos estão muito próximos, e mal consigo conter minha respiração ofegante. Meu corpo todo está quente, ansioso, em espera, e Bento não parece muito

diferente de mim. Ele respira com dificuldade, sorrindo de leve quando encosta ainda mais o corpo no meu.

— Estou aqui, pequena. — Sua voz está rouca, os braços caídos ao longo do corpo alto. Olho para cima, sem reação.

— Eu... eu... — gaguejo, e ele me cala colocando o dedo indicador em meus lábios.

— Eu sei, não se preocupe. Você queria que eu visse a sua roupa, né?

— Sim.

— Sinto muito — ele responde, e engulo em seco. Que grande mancada!

Ele se vira e está prestes a sair do provador apertado quando eu tenho uma ideia.

— Que tal se eu te disser a cor e você sentir o tecido? — proponho, mas antes que ele responda, coloco suas mãos em minhas coxas, e quase posso ouvir meu coração bater no peito tamanha minha

excitação. Bento vai deslizando as mãos para baixo, levando o tecido junto.

— A saia é azul-marinho — digo, fechando os olhos. A sensação de suas mãos em mim é indescritível, e jogo a cabeça para trás, tentando respirar. Ele não tem pressa: acaricia o tecido e quando sua mão toca minha coxa nua para baixo da saia, ele não recua; ao contrário, aproxima-se ainda mais de mim, imprensando meus seios contra seu peito. — Você gosta? — pergunto, os olhos ainda fechados, a voz embargada pelas emoções que estou sentindo e nem consigo definir o que são.

Bento suspira e aperta as mãos em mim.

— É linda, pequena. Pode levar.

Suspiro, excitada. Subo suas mãos pelo meu corpo, apertando quando ele toca abaixo de meu busto.

— A blusa é vermelha com... — Faço uma pausa, pois suas mãos estão subindo pelos meus

# PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

seios, e mal consigo respirar. — Hum... vermelha com alguns quadrados azuis... — Respiro fundo, o coração aos pulos quando sua mão aperta de leve meu seio esquerdo... — Ela é... linda — digo por fim.

Abro os olhos, encarando seu rosto. Seus lábios estão entreabertos, tão convidativos e molhados, e me aproximo dele. Uma voz em minha cabeça diz que isto é loucura, que sou noiva e comprometida com outra pessoa, que Francesco é bom demais para mim e não merece nem de longe este comportamento vulgar de minha parte; contudo, uma outra voz, que não sei de onde vem diz que não posso fugir disso, e meu corpo me impele para ele, até que Bianca esguicha as palavras do outro lado da porta.

— Adoraria ver a roupa, Olívia! — ela grita, quebrando o encanto.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Merda! — solto alto demais, e Bento ri de mim, as mãos ainda em meu corpo, seus dedos roçando de leve meu seio, causando arrepios em toda a extensão da minha cintura.

Ele vai subindo a mão, ignorando a vendedora. Observo seus movimentos lentos e suaves. A mão que estava em minha coxa agarra minha cintura, tocando com firmeza o tecido da blusa.

— A blusa é minha parte favorita neste conjunto — ele diz, sorrindo enquanto solta as palavras. — E deve estar mais linda ainda neste corpo. — Seus dedos continuam a roçar meus seios, com força agora. A outra mão escorrega de novo pelas minhas coxas e ele levanta o tecido da saia, de propósito. — Esta saia, sem dúvida, combina com suas pernas, pequena. — Ele continua a acariciar minhas coxas, levantando cada vez mais a saia, até que sinto seus dedos em minha calcinha, de um jeito lento. Uma tortura sem fim.

## PERIGOSAS ACHERON



Sinto meu corpo pegar fogo, uma necessidade estranha e invasiva de beijá-lo, de sentir o que ele tem de bom com esta boca linda e perversa, de deixar que suas mãos façam o que sua mente está pensando agora, mas Bianca, insistente, bate na porta do provador, assustando-nos.

— Olívia, está tudo bem aí dentro? — ela cantarola, com um cinismo que me irrita.

Resmungo de raiva, e me afasto de Bento a contragosto, embora ele tente me manter no lugar. Abro a porta do provador, o desgosto por esta vendedora petulante e intrometida estampado em minha expressão. Mas o que eu esperava fazer com meu primo dentro de um provador, em uma loja de roupas? Esta cidade está me tirando o juízo, isto sim.

Dou uma voltinha fingida com as peças, e Bianca me ignora, olhando por trás de mim, para Bento, que continua no lugar, encostado na parede

## PERIGOSAS ACHERON

do cubículo, esperando. Seu rosto está virado para o chão, porém tenho a impressão de que ele está muito mais alerta do que sua postura demonstra, e consigo detectar um sorriso quase imperceptível em seus lábios.

— Vou levar estas peças e mais algumas — anuncio.

— Ah, claro. Acho que nem precisa provar, mesmo — ela diz, estreitando os olhos para mim. — Vou colocar na sacola para você — ela fala, mas ainda está muito próxima a Bento, quase como se quisesse tocá-lo. Por instinto, volto rápido para onde ele está, e esbarro no ombro da vendedora, que me olha, irritada.

— Desculpe. Vou tirar estas peças e já vou pagar.

Tranco-me no provador de novo, sem dar chance a esta enxerida de dizer nada. Bento está rindo lá dentro, quase tão alto que imagino que

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Bianca esteja ouvindo. Tiro a roupa, ficando apenas de lingerie, e, por alguma razão, nossos corpos se esbarram no espaço apertado. Meu primo percebe que estou quase nua e respira fundo, se aproximando de mim mais ainda.

— Olívia... — ele começa, mas Bianca grita de novo do lado de fora, e desisto. Coloco minhas roupas com agilidade e seguro nas mãos dele, com força.

— Vamos — digo, puxando Bento para fora do provador. Ele faz uma careta, mas me acompanha mesmo assim, como se tudo isto fosse muito engraçado. Pago as compras que nem provei no balcão e saio da loja, o ânimo para esticar nosso dia se diluindo, porque ainda estou tremendamente excitada com o que ocorreu no provador. A forma como Bento me tocou, seu corpo tão forte contra o meu...

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Se não fosse aquela enxerida... Bianca é uma tremenda de uma oferecida e não gosto da forma como ela se reporta a meu primo. Ele é lindo e atraente para caramba, um homem de presença, e sei que por morar em uma cidade pequena, atrai muito a atenção, mas estou incomodada com tudo. Não quero as mulheres cobiçando-o como um pedaço de bacon, prontas para devorá-lo. Meu primo é muito mais do que apenas aparência, e, quando penso que ele deve ter tido muitas experiências com mulheres, sinto um aperto no estômago, meu nível de ansiedade se elevando de modo desordenado.

Estamos na rua, fazendo o caminho recente que aprendi do centro até o ponto de táxi, mas Bento segura meus ombros com firmeza.

— Já quer voltar para o hotel?

— Sim, estou cansada — minto.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Mentira — ele diz casualmente, como se soubesse tudo a meu respeito.

Fico de frente para seu corpo grande, os transeuntes trombando em nós quando passam apressados pela calçada. Bento está sereno e tranquilo, e eu relaxo os ombros, me aproximando mais de seu corpo.

— Por que você acha que é mentira? — desafio, sorrindo.

Ele também sorri, um sorriso que expõe seus dentes muito brancos. Sua barba castanha está grande e cobre boa parte de seu maxilar, dando a ele um ar de menino mau. Não sei de onde tiro estes pensamentos quando o assunto é ele, mas perco o controle de qualquer pensamento decente. Tocando meus ombros ainda, Bento diz:

— Porque você ainda é a mesma. A mesma Olívia ciumenta e possessiva de antes, a mesma que eu...

## PERIGOSAS ACHERON

Ele deixa a frase morrer no ar. “Por favor, termine a frase. Por favor, termine a maldita frase”, imploro em silêncio. Ele não o faz. Em vez disso, se mantém ali, nós dois no meio de um fluxo contínuo de pessoas.

Respiro fundo, me rendendo.

— Não sou ciumenta, Bento. E também não tenho motivos, tenho?

— Não sei. Se você está se referindo a Bianca, aquela vendedora incrível que acabou de te atender, não faço ideia das razões que te levariam a ter ciúmes.

Desgraçado. Desde quando ela se tornou incrível?

Endireito meus ombros, pego na mão dele e caminho lentamente até a praça, onde nos sentamos em um banco.

— Na verdade, não é da minha conta. O que você faz ou não com ela.

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Olívia, pequena, ei... pare com isso. — Ele se vira totalmente para mim, subindo as mãos pelo meu corpo até encontrar meu rosto. De leve, ele ergue meu queixo para si, e ele está tão perto que posso sentir seu hálito fresco resvalar em meu rosto. — Relaxe, está bem? Ela é assim mesmo, atirada, mas é uma boa pessoa. Não tem problema você sentir ciúme...

— O quê? Eu... — não consigo mais argumentar, pois Vitório surge do nada, como se tivesse caído do céu. Ele está sorridente, suado e usa um fone de ouvido.

— Ei, vocês dois — ele fala, ofegante, e qualquer conversa mais íntima com Bento é esquecida pela tagarelice de meu irmão.

## PERIGOSAS ACHERON



## Capítulo 9

AINDA NEM É sábado de carnaval, mas a cidade está bombando, em todos os sentidos. Há tanta gente circulando pelo hotel, que resolvi me abrigar na casa de minha avó por estes dias. *Na minha nova casa. Minha e de Bento.* Não sou boa com muita gente perto de mim; sinto-me claustrofóbica e acuada, então, mesmo sob os protestos da minha mãe, fiz uma pequena mala com alguns objetos e roupas, e me dirigi à casa de vovó, a casa que ela deixou para mim. A casa que deixou para mim e Bento.



O imóvel todo tem o cheiro dela, contudo procuro não pensar muito nestes pequenos detalhes para não enlouquecer. Eu estou aqui, de volta, e, por mais que seja difícil pensar que vim para enterrá-la, cada dia mais fico adaptada a este mundo. Quando saí da Itália, há quase um mês, jamais cogitei permanecer tanto tempo na cidade. Contrariando tudo, aqui estou eu.

Combinei com Bento de nos encontrarmos na casa dele às 21h. Depois, encontraremos Vitório no sambódromo. Com Brenda viajando, não quero ficar em casa, trancada e com mil pensamentos tomando conta de mim. O hotel está uma muvuca, e minha mãe recusou minha ajuda; logo, eu não tinha muitas opções quando aceitei sair com os dois. Talvez, surpreendentemente, eu tenha uma noite agradável.

Coloquei a roupa nova que comprei hoje: a saia azul-marinho e a blusa combinando. Nos pés,

## PERIGOSAS ACHERON

escolhi uma rasteira dourada que roubei do quarto de minha mãe. Olho-me no espelho da cômoda grande no quarto de hóspedes, pois não tive coragem de ocupar o antigo quarto da vovó. Deixo meus cabelos soltos, pois ainda estão molhados do banho, as pequenas ondas que eu adoro se formando nos fios, e passo uma maquiagem leve, com um batom vermelho apenas para destacar minha pele muito branca. Bento alertou-me para o fato de que no sambódromo é muito quente e abafado, e para eu não ir igual a uma árvore de Natal, toda enfeitada. Não sei o que ele quis dizer.

Pego uma bolsa pequena colorida, e olhando bem para o objeto fico feliz em ter algo tão eclético em uma festa carnavalesca. Em Milão, sou bem mais discreta e reservada. Quando estou prestes a apagar a luz do cômodo, ouço passos no andar de baixo. A porta da frente bate de leve, e Bento grita meu nome. Como se ele precisasse bater em sua

## PERIGOSAS ACHERON

própria casa. Mas ele veio me buscar. Que cavalheiro!

Estou eufórica, ansiosa e feliz com sua presença inesperada aqui. Apago a luz do quarto e desço as escadas quase correndo. Bento está parado na soleira da porta, segurando um buquê de flores.

*Um buquê de flores. Para mim.*

A imagem é tão rara que corro para ele e o abraço apertado, quase o derrubando pela segunda vez desde que cheguei à cidade.

— Ei, pequena, assim você me assusta. — Sua voz sai abafada pelos meus cabelos, e me aperto ainda mais a ele, amassando as flores.

— Desculpe, é que nunca ganhei flores de ninguém. — Desvencilho-me, envergonhada. Estou vermelha, da cabeça aos pés, e, mesmo que seja muita maldade de minha parte, agradeço silenciosamente que meu primo não possa me ver. Estou patética, no mínimo.

Ele sorri, se virando para o som da minha voz.

— Hum, e quem disse que são para você?

— Ha-ha, e para quem mais seria? Só se for para o espírito de nossa avó, e isto não faz muito seu feitiço — imediatamente, me arrependo do comentário maldoso. Falar assim da minha avó é estranho, e eu não deveria brincar com sua morte, mas Bento começa a rir, o corpo se inclinando para a frente, as mãos na boca do estômago, como se eu realmente fosse muito engraçada.

— Então precisa tomar cuidado para não ser incomodada pelo espírito dela enquanto estiver na casa. — Suas palavras saem embaralhadas por conta das risadas, e empurro seu corpo de leve, revirando os olhos. — Bem, com certeza ela gostaria de flores — ele diz. —, mas vamos deixá-la descansar em paz, certo?

— Certo. Ainda mais porque estou aqui sozinha — concordo, sem graça.

Ele estende o ramalhete para o ar, e retiro-o de sua mão.

— São lindas, obrigada.

— Bem, a dona da floricultura me garantiu que eram as mais belas flores, então eu tive que acreditar nela.

Por mais tempo que passemos juntos, em alguns momentos me esqueço de que Bento agora é um homem cego, e muitas vezes fico confusa com seus comentários. Preciso mesmo me acostumar com sua falta de visão e parar de dar tantos foras, como tenho feito desde que cheguei.

— São perfeitas, Bento, obrigada. — Inclino-me e deposito um beijo em seu rosto, deixando uma marca perfeita e bem delineada dos meus lábios vermelhos. — Ah, droga, ficou manchado de batom. Vou buscar um papel para limpar, já volto.

— Não. — Ele me puxa, segurando meus pulsos. — Deixe aqui. Faz tanto tempo que não sei

PERIGOSAS ACHERON

o que é ser marcado por batom, pequena, que não me parece uma má ideia.

Sua confissão me paralisa por alguns instantes, mas logo me recupero. O Bento que deixei para trás, há treze anos, jamais se acomodaria com uma vida pacata e sem mulheres. Não faz muito sentido ele não ter uma vida sexual ativa, e é só olhar para ele para entender bem o porquê. O homem é lindo e cheio de atributos, então a não ser que as pessoas desta cidade sejam muito loucas e se importem com sua deficiência, ele deveria estar mesmo rodeado de mulheres, o tempo todo. Mas o modo como eu constatei que ele se esquivava de Bianca, a predadora, pode ser um indício de que ele realmente seja o responsável por este sossego. Talvez ele próprio não queira se envolver. Ainda.

— Tudo bem, como quiser — asseguro a ele.

Levo as flores para a cozinha, coloco-as em uma jarra e volto para a entrada da casa.

## PERIGOSAS NACIONAIS

Bento está parado na porta, me esperando. Sua roupa é tão carnavalesca quanto poderia ser: camiseta colorida, uma bermuda jeans e tênis. Ele ainda não fez a barba, e faço um grande esforço para não pensar em como é a sensação de beijá-lo e sentir sua pele áspera arranhando minha face enquanto entramos no táxi, que nos espera na calçada. Tenho tido muitos pensamentos com meu primo, o que me incomoda um pouco. É quase como se eu estivesse traindo meu noivo, Francesco, embora eu saiba que não rolou nada entre nós. E, provavelmente, nem vai rolar. O mais estranho, porém, é eu ficar decepcionada com este pensamento.

— Pronta para ter a noite mais divertida da sua vida? — Bento me pergunta enquanto eu o ajudo a entrar no carro, zombando de mim.

Entrelaço nossos dedos e fecho a porta do automóvel.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Mais que pronta — respondo, com um sorriso no rosto.



A orla está repleta de barracas brancas, pessoas enfeitadas até o último fio de cabelo com fantasias muito coloridas, penas para todos os lados, brilhos ofuscantes, rostos sorridentes e alguns já embriagados, mesmo a esta hora. Duas mulheres estão fantasiadas de Doritos, enroladas em um tecido transparente vermelho, com o logotipo do biscoito, andando felizes pela rua, e descrevo-as para Bento, que ri alto ao meu lado. A música estridente ribomba em caixas de som grandes e barulhentas, as bebidas fazem um roteiro de mão em mão, o cheiro acre de cana queimada invade minhas narinas desacostumadas ao líquido comum aqui, e muita agitação, como deve ser um carnaval

## PERIGOSAS ACHERON



digno da cidade, considerando o fluxo de turistas presentes, entusiasmados para a festa.

Há um palco montado bem no meio da rua, com luzes piscando acima de nós, conforme o globo central gira de um lado a outro. Alguns homens de preto estão atrás do palco, ajeitando os instrumentos, e eu só posso supor que sejam os músicos. A banda veio de Dourados, e foi contratada para tocar nas quatro noites, intercalando com uma banda local. Esta fará a abertura da festa hoje, como me disse Bento enquanto vínhamos para cá.

Ele está animado, tagarela, e conversamos amenidades o tempo todo, relembrando nossa adolescência, nossas estratégias para fugir da minha mãe e vir para cá, que sempre davam errado e nos metiam em encrencas. Em uma barraca de bebidas, ele pede uma cerveja, e eu o acompanho. O gosto é amargo e desce queimando pela minha garganta, e

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

logo rejeito o líquido amarelo. Peço uma água mineral, e andamos de mãos dadas entre os festeiros, a maioria desconhecidos.

Vitório me mandou uma foto, pelo *WhatsApp*, do Pet Shop. Uma mulher teve um problema com seu cão e ele se prontificou a ajudá-la.

— Cínico — me expresso alto demais, enfiando o celular dentro do meu sutiã. Bento se vira em direção a minha voz, confuso.

— O que foi?

— Vitório vai se atrasar no Pet Shop.

— Até parece que, em plena sexta-feira de carnaval, haverá tantos clientes assim. Não caia nesta, pequena. Aposto que tem mulher envolvida.

— Ele ri de seu comentário, engolindo devagar a cerveja. Fixo meus olhos em sua garganta, o líquido descendo pelo pomo de Adão, enquanto penso em como sinto uma necessidade atípica de tocá-lo.

## PERIGOSAS ACHERON

Recomponho-me, já que pareço uma adolescente idiota perto dele.

— Sim, claro que tem. Até onde ele disse, uma pobre mulher teve problemas sérios com seu cãozinho de estimação, e ele, muito prestativo, vai ajudá-la.

Bento ri de minhas palavras tão sinceras, e segura ainda mais firme minha mão direita. Andamos no meio das pessoas lentamente, esbarrando de vez em quando em super-heróis, fadas e os mais variados tipos de seres fantasiados. O Batman esbarra em nós, e pede desculpas, com a voz embargada pela bebida. Eu apenas aceno, dispensando suas palavras, enquanto chego ainda mais perto de meu primo.

— Seu irmão nunca vai mudar.

— O que quer dizer?

Bento para e se vira para mim. Uma de suas mãos sobe pelos meus braços nus, e ele sorri,  
PERIGOSAS ACHERON

divertido.

— Vitório nasceu para se divertir, e é o que faz. As mulheres gostam de dar em cima dele, e a maioria, para ser bem sincero, é casada. Mesmo assim, elas não parecem se importar com os maridos em casa. — Meu primo balança a cabeça, como se o que acabou de me dizer fosse a coisa mais natural do mundo.

Não é.

Não para mim.

Traição é sempre um assunto delicado e constrangedor, embora talvez eu esteja fazendo a mesma coisa, abandonando meu noivo para passar um tempo com meu primo, meu amor de infância...

Suspiro, concordando. Não quero dar início a uma conversa moralista e cheia de meias-verdades. Hipocrisia não combina comigo, e fingir que estou triste com a partida de Francesco seria uma mentira

deslavada, e ele não merece isto de minha parte, não quando tem sido uma ótima companhia.

— Ainda bem que você veio, então. Caso contrário, eu ficaria plantado aqui, esperando seu irmão tratante — Bento continua, ainda acariciando meus ombros.

— Estou feliz em ter vindo — confesso, e continuamos o passeio.

A noite está carregada, muitas nuvens enchem o céu azul-escuro. Vejo alguns relâmpagos ao longe, e se esta chuva vier, nem sei o que será da festa e das pessoas, sem falar na banda. Bento cumprimenta algumas pessoas que gritam o nome dele em meio à multidão de rostos alegres, me apresenta a alguns mais chegados quando é barrado pelos amigos, sempre segurando minhas mãos, os óculos escuros como um escudo, o corpo ereto e atento. Observo seus gestos, seus movimentos, sua postura. Nem dá para imaginar que ele realmente

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

ficou cego. Parece uma piada de mau gosto do destino.

Em algum momento da noite, a banda começa a tocar marchinhas de carnaval. A multidão que se formou ao redor do palco me sufoca, e arrasto Bento para mais longe, uma sensação terrível de que vou morrer se continuar rodeada por tantas pessoas. Está muito quente, e sinto as gotas de suor se formarem em meu rosto. Minha maquiagem está borrada, pastosa, e minha roupa está mais grudada em meu corpo molhado.

As pessoas dançam perto de nós, pulam, gritam, bebem, beijam. São tantas reações, e acabo relaxando um pouco. Bento me puxa para si, e dançamos uma música que eu não conheço.

— Que música é essa? — grito em seu ouvido, tentando soar mais alto que as batidas do som da canção.

## PERIGOSAS ACHERON

— Não faço ideia, mas acho que quem canta é Claudia Leitte — ele responde, chegando mais perto de mim e grudando ainda mais nossos corpos suados.

— Quem? — grito novamente, mas ele apenas balança a cabeça, e eu desisto.

Continuamos na pista, dançando até meus pulmões arderem, até eu estar tão suada que suas mãos escorregam em meu corpo molhado de suor, até eu não sentir mais força nas pernas.

Depois de incontáveis músicas, imploro ao meu primo para sentarmos, e ele concorda, meneando a cabeça.

Próximo aos quiosques, há algumas cadeiras de plástico vazias. Levo meu primo até lá e nos sentamos, exaustos. Entretanto, ele parece ter rejuvenescido cinco anos com a euforia da dança.

— Estou morta, Bento, e meus pés estão cheios de bolha. Podemos ir embora? — soo ridícula,  
PERIGOSAS ACHERON

como uma criança mimada e estúpida, mas não me importo.

Em Milão, não tenho hábitos tão boêmios, e meu corpo está reclamando do meu excesso.

Ele ignora o que acabei de dizer.

— Seu irmão deve estar bem entretido com a cliente, hein? Nem apareceu.

— Não, ainda não. Será que ele não vem mais?  
— pergunto, prendendo meus cabelos suados em um coque horroroso. Faço sinal para a moça do quiosque, e ela vem até nós, com uma expressão de tédio.

— O que vão querer? — ela pergunta, um bloquinho pequeno e sujo nas mãos e uma caneta sem tampa.

Bento não diz nada, e eu peço dois sucos para nós. Está muito quente, e a chuva continua ameaçando pelas beiradas. Não quero estar aqui, no meio desta multidão, quando a tempestade vier.



## PERIGOSAS NACIONAIS

A atendente sai, de cara feia, e chego mais perto do meu primo. Seu corpo musculoso está suado, a camiseta colorida gruda em seu peito rijo, apertando ainda mais cada linha bem delineada de sua silhueta. Ele é muito gostoso, o tipo de cara a quem nenhuma mulher em sã consciência pode resistir.

Ou quer.

Endireito meu corpo, desviando os olhos.

— Está gostando? — ele me pergunta, e nossas coxas se tocam quando ele se remexe na cadeira.

— Sim, mas...

— Mas o quê?

Encosto na cadeira, suspirando.

— Odeio multidões — confesso, atraindo sua atenção.

Ele se ajeita na cadeira de modo a ficar inclinado sobre mim, seu rosto parece querer captar minha voz para saber onde estou.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Sem querer ofender, eu já tinha percebido. Sei lá, sempre que a gente sai e tem muita gente, você fica estranha. Sempre me segurando com mais força. Embora uma parte disso se deva ao fato de você não conseguir manter suas mãos longe do meu corpinho.

Caio na gargalhada, e ele também. No fundo, ele tem toda a razão. É difícil manter as mãos longe dele, mas prefiro que cortem minha cabeça a admitir algo deste gênero. Sou uma mulher noiva: noiva de um bom homem, e Francesco não merece nem de longe algo tão cruel quanto minha rejeição.

A garçonete traz nossos sucos, e eu coloco as mãos de Bento envolta do copo laranja, enquanto penso no que ele falou.

— Bem, sem querer te decepcionar, priminho, mas o fato de tocar em você toda hora é simples e unicamente porque... — tomo um gole do meu suco

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

e prossigo: — muita gente junta me apavora. — termino, colocando o copo sobre a mesa.

Ele bebe o dele, em silêncio. Parece pensativo, e, quando fala, sua voz é mansa e suave.

— O que houve para você ficar assim? — ele me surpreende com a pergunta.

*Tirando a parte que entrei em um avião para voltar para você, há doze anos, e tive minha primeira crise de pânico, não é nada de mais. As lembranças daquele dia horrível ainda são tão perfeitas quanto intrusas. Não quero falar dos meus transtornos agora, não em uma noite de sexta-feira, em uma festa de carnaval agitada e movimentada. Sem pensar, levanto-me e puxo meu primo para o meio do povo. A princípio ele se assusta, cambaleando pela rua, tateando o ar, o líquido do copo escorrendo em suas mãos; depois, porém, me segue, segurando em meus ombros enquanto eu o guio por entre o fluxo gritante.*

## PERIGOSAS ACHERON

Dançamos mais umas vinte músicas. Não sei ao certo, pois perdi a conta no instante em que Bento grudou em minha cintura. Estou imersa em cada toque dele, em cada sorriso que ele lança para o ar, sabendo que é para mim, em cada piada que ele faz, em cada gesto de seu corpo, e estamos tão grudados e suados que nem sei mais distinguir onde começa um e termina o outro.

Como eu imaginava, o céu se torna ainda mais escuro e despeja uma torrente de água sobre nós. Já é fim de noite, as mulheres já perderam os sapatos, sujaram a maquiagem, diminuíram as peças de roupa; os homens estão tão bêbados que mal notam a chuva grossa; a banda continua a tocar, agora músicas mais lentas e românticas, para combinar com o clima de chuva e fim de noite.

Ao nosso redor, muitos casais se beijam, e encosto minha cabeça no peito de Bento. Ouço suas batidas ritmadas, sinto seu suor se misturar ao meu

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

e me dou conta de que nunca, em toda a minha vida, fui tão feliz.



Vitório não apareceu a noite toda. São quase três da manhã quando peço a Bento para ir embora. A chuva está mais grossa do que no início, e eu estou congelando, meu corpo todo arrepiado pelo frio que sinto a cada pequena gota de chuva. Bento me envolve em seus braços e caminhamos entre a multidão, que não diminuiu em nada, mesmo com a chuva forte. Animação aqui é o que não falta!

— Vamos pedir um táxi. Te deixo na casa da vovó... — ele para de falar, segurando firme em volta de mim. — Na sua casa.

— Nossa casa — eu o corrijo, abraçando seu corpo com força.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Isso, te deixo lá e sigo para a minha casa — ele termina de falar e, muito lentamente, passamos pelas pessoas que ainda cantam e gritam sem parar.

Entretanto, eu não sei explicar como nem quando, nós nos separamos. Um minuto estamos grudados e no seguinte, perdi Bento de vista, a multidão me confundindo. Olho ao meu redor, em pânico, querendo encontrá-lo, mas ele desapareceu. Minha estatura diminuta não me deixa ver muito além dos rostos a minha volta. Grito seu nome inúmeras vezes, em vão. Bento sumiu.

Em desespero, eu procuro entre as pessoas, gritando cada vez mais alto seu nome, perguntando sem parar por ele, mas ninguém o conhece ou se lembra dele naquele instante, em uma noite de carnaval e muita bebida. Sem querer, piso em um caco de vidro, e urro de dor quando a lasca entra fundo em meus pés descalços. Tirei a rasteira mais

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

cedo, e Bento estava segurando-a para mim. Que droga!

Respiro fundo, lembrando-me dos exercícios de respiração que há semanas não uso. Tento, com muito custo, não entrar em pânico aqui, no meio desta gente, mas a cada minuto que se passa sem que eu o encontre, meu cérebro começa a entrar em parafuso. Encontro uma cadeira jogada no meio da rua, coloco-a em pé, subo e começo a gritar o nome de meu primo, o coração aos pulos. Eu estou sozinha, no meio de tanta gente, e não sei o que fazer. Preciso encontrá-lo.

Algumas mulheres próximas a mim sorriem, bêbadas, enquanto um homem barbudo e fedorento me agarra pelos tornozelos e me tira da cadeira com apenas um braço. Ele me leva para um canto, mesmo sob meus protestos enlouquecidos, e começa a esfregar seu corpo grande e suado no meu.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Socorro! — grito, mas ele segura as mãos cabeludas em minha boca, tapando meus gritos assustados.

Ninguém parece notar meu desespero nem o que está acontecendo comigo. Estou sendo atacada por um louco, e não tenho Bento aqui para cuidar de mim. Ele prometeu que cuidaria.

Ele prometeu.

Meu corpo começa a relaxar quando me dou conta de que vou desmaiar.

E logo a escuridão familiar, que há dias não sentia, cega meus sentidos.

## PERIGOSAS ACHERON





## Capítulo 10

VITÓRIO ME ENLAÇA pela décima vez, me apertando forte enquanto sua voz grogue de sono escapa de seus lábios. Já passa muito do meio-dia, quase três da tarde, mas estamos deitados no sofá de sua casa, uma montanha gigantesca de roupas espalhadas pelo piso, sapatos jogados, copos pendendo de todos os cantos. Aninho meu rosto em seu pescoço cheirando a banho e colônia e respiro fundo, relaxando.

Foi ele quem me encontrou ontem, surpreendentemente. Ele me disse que eu estava

## PERIGOSAS NACIONAIS

jogada próxima a sarjeta, olhos fechados, o corpo tremendo. Meu irmão, desesperado, me levou para o hospital da cidade; porém, aparentemente nada de “mau” havia acontecido. Quando despertei, já estava em sua casa, no sofá, com ele me olhando com um misto de compaixão e fúria, um olhar assassino que me assustou quando me dei conta das coisas que poderiam ter passado por sua cabeça. contei a ele o que lembrava, e Vitório sentiu uma necessidade fraterna de ir à delegacia e defender minha honra. Apenas neguei com a cabeça, cansada demais para discutir. Perdi Bento de vista, e um maluco me atacou. Ponto.

— Bom dia, preguiçosa. Você dormiu demais, garota. Achei que tinha entrado em coma alcoólico.  
— Ele ri, roçando os lábios em meu pescoço e fazendo cócegas em minha barriga nua.

Nua?

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Olho para baixo, conferindo meu visual. Estou apenas de top e um short horroroso, que deve ser de meu irmão sem estilo algum. Faço uma careta, olhando para seus olhos castanhos.

— Por que estou vestida assim, como uma mendiga?

Ele ri, franzindo as sobrancelhas.

— Bem, porque eu não sou estilista, irmãzinha. E você estava muito assustada para eu pensar em roupa — ele retruca, desviando os olhos.

Estremeço diante de sua confissão, e o abraço pela cintura, sentindo seu abdome quente contra a palma da minha mão.

— Obrigada por... — faço uma pausa, nervosa. — Por tudo. O Bento sumiu e... eu entrei em pânico. Não conseguia encontrá-lo, e então um doido apareceu e... eu perdi o controle... — Engulo em seco, sentindo as primeiras lágrimas caírem em meu rosto.

## PERIGOSAS ACHERON

Vitório meneia a cabeça, discordando. Suas mãos acariciam minha face agora molhada, e ele coloca meus cabelos para trás da orelha, em um gesto carinhoso.

— Sinto muito por não estar lá, Tata. Foi um milagre eu ter aparecido e te encontrado. Achei que você e o Bento estavam se divertindo, por isso nem me apressei. Quando vi a chuva, não queria que pegassem um táxi, então fui buscá-los, e olha só no que deu.

— Onde ele estava? — eu o interrompo, curiosa e zangada ao mesmo tempo.

— Ele estava em um quiosque, ficou lá muito tempo. Quando encontrei você, liguei para ele, mas caiu na caixa postal. Só consegui falar com ele hoje cedo, e ele me disse que te procurou muito, pediu ajuda, e nada. Ele está arrasado, Tata, por não ter conseguido te encontrar.

— Você contou a ele? — pergunto, arregalando os olhos para meu irmão, que me olha confuso, como se fosse a coisa mais natural do mundo encontrar a irmã caída na sarjeta em uma festa de carnaval.

— Claro que contei, ficou doida? Ele estava com você, Olívia, achei que tomaria conta de você, e olha só...

— Não faça isso. — Levanto-me bruscamente, tropeçando no chão ao sentir uma pontada violenta no pé. Minha voz está mais alta do que eu gostaria, e olho para baixo, conferindo meu machucado: está enfaixado e dolorido.

Estou irritada com ele. Vitório não pode, em hipótese alguma, culpar Bento. Tivemos uma noite incrível, e sei que ele teria cuidado muito mais se não fosse a cegueira.

— Não fazer o quê? Você não tem ideia do estado em que estava quando te achei, Olívia.

Fiquei aterrorizado, pensando mil coisas, com medo de que o pior...

— Pare! — Faço um gesto com as mãos para que ele se cale. — Bento foi ótimo a noite toda, Vitório. De verdade. Ele foi gentil, carinhoso e atencioso comigo. A gente se divertiu muito, só que ele não é um maldito super-herói que pode me resgatar quando tenho crises, sabia?

Meu irmão me olha aborrecido, e se levanta do sofá, um short de pijama tão feio quanto o meu. Penso, em meio a nossa discussão, o quanto agradeço por não ter o mesmo gosto para roupas que ele.

— Ele ao menos sabe, Olívia? — Vitório me pergunta, inclinando a cabeça para o lado, os cabelos claros lisos caindo de leve em seu rosto corado.

Respiro fundo, porém não digo nada. Nem precisa. Pela minha expressão e meu silêncio, ele

## PERIGOSAS ACHERON

sabe que Bento nunca esteve a par dos meus transtornos. Preferia assim, mas agora, depois da noite de ontem, Bento vai querer saber de tudo. Conhecendo um pouco deste novo homem, sei que ele não vai sossegar até saber o porquê de eu ter desmaiado. A Olívia que ele conheceu não era doente, não tinha crises de pânico em uma festa de carnaval; a Olívia que Bento um dia amou não precisava de remédios e terapia.

— Conte a ele, Olívia. Conte. É sério, ele precisa saber. Bento já tem motivos suficientes para se sentir excluído da sua vida. Já que decidiu ficar na cidade sabe-se lá por qual razão, e passa mais tempo com ele do que com qualquer outra pessoa, seja sincera. Se tem alguém que vai te compreender, é Bento. E outra... — Ele pisca para mim, compreensivo. — Pare de agir como se você fosse uma pessoa louca ou problemática. Todos nós temos problemas, acredite em mim, e o fato de

## PERIGOSAS ACHERON

você ter que passar por isso sempre que fica intimidada só aumenta a necessidade de ter alguém para te ajudar. Todos nós precisamos de um apoio, Tata, e você só tem a ganhar se mais pessoas souberem. Não se sinta julgada por isso. Bento com certeza não vai te condenar por não ser perfeita.

— Falando de mim?

A voz de meu primo ecoa pela sala bagunçada, e Vitório e eu nos viramos ao mesmo tempo que Bento entra pela porta da frente, com um sorriso desconfiado no rosto bronzeado e Tango em seu encalço. Fecho e abro os olhos, pega de surpresa. Meu irmão me lança um olhar de soslaio, uma expressão de quem diz: “se não contar, eu conto”, enquanto recebe Tango, que corre até ele, derrubando-o no sofá.

— Claro. Apenas comentando da festa de ontem — Vitório diz, acariciando o cão, e sai da sala piscando para mim, levando Tango com ele. —



## PERIGOSAS NACIONAIS

Vou tomar outro banho, crianças. Espero que não façam bagunça na minha casa.

Mostro o dedo do meio para ele, carrancuda, que me lança um beijo no ar, sumindo pelo corredor escuro da casa com o cão.

— Olívia? — Bento fala bem baixinho, adentrando cada vez mais o espaço.

Permaneço no mesmo lugar, estarecida. Não sei até que ponto ele ouviu, mas não quero que ele pense que foi deixado de lado, não como Vitório disse. Relutante, aproximo-me dele, tocando seus ombros. Ele usa uma regata preta, com um desenho do Simpson e uma frase engraçada na frente, que cobre todo o seu peito alto, destacando seus braços grandes e muito musculosos, a pele reluzente pelo protetor solar, e uma bermuda jeans apertada em sua bunda. Seus cabelos estão molhados, e o cheiro de xampu e banho é doce e agradável, embora,

## PERIGOSAS ACHERON

estranhamente, eu prefira o cheiro de mar e protetor.

— Eu mesma — sussurro, chegando mais perto.

Vejo seus pelos da nuca se arrepiarem e me afasto, retraída. Ele se recompõe e tateia procurando o sofá, a bengala batendo nos móveis da sala. Quando o encontra, se joga nele, aliviado.

— Senta aqui, pequena. Precisamos conversar.  
— Bento bate de leve no lugar vago ao seu lado, e vou até ele imediatamente, como se qualquer distância entre nós fosse dolorosa demais.

Jogo as tranqueiras do meu irmão bem longe. Ajeito-me a seu lado, coloco meus pés no sofá, o pé machucado doendo um pouco, a faixa apertada ao extremo.

Bento respira pesado antes de começar a falar:

— Sinto tanto, tanto por ontem. Nós nos perdemos um do outro, e sinceramente eu não sei o que aconteceu. Só sei que fui parar em um

## PERIGOSAS NACIONAIS

quiosque de um amigo, que me ajudou a te procurar, enquanto eu gritava seu nome sem parar. Mas você não apareceu, e então ele me levou para casa. Seu irmão me ligou hoje cedo para me contar que te encontrou e... — ele para de falar e balança a cabeça, os óculos escondendo seus olhos de mim como sempre. — Ele me disse que você estava desmaiada quando te achou, e eu fiquei doido, Olívia, sério. Não sabia explicar a ele o que tinha acontecido, e ele gritou ao telefone, e eu não tinha argumento nenhum e... — Bento parece tão perdido, tão penalizado, que envolvo suas mãos com as minhas e digo, apressada, antes que o pouco de coragem que ainda tenho desapareça em uma nuvem de fumaça.

— Eu sofro com a Síndrome do Pânico — confesso, as lágrimas escorrendo pela minha face. — E tenho muita coisa para contar.

## PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



## Capítulo 11

ESTAMOS DEITADOS NO chão da casa da vovó. Uma chuva fina e constante bate no telhado antigo, fazendo um barulho mais agudo e assustador do que a chuva representa. Bento e eu estamos suados, nossos corpos se tocam de vez em quando, e não me incomodo. Gosto da sensação de sua pele quente e molhada roçando na minha involuntariamente. Gosto ainda mais de seu cheiro de protetor e de praia, de ver sua regata branca molhada e grudada ao seu corpo que exala testosterona, a umidade do suor causada pelas

corridas ininterruptas às quais ele tem me arrastado madrugada adentro, e gosto também, menos envergonhada do que deveria, de ver sua bunda rija e firme enquanto ele ganha velocidade pela orla da prainha da cidade, correndo distraído.

Bento não conservou a aparência do passado. De menino magro com cabelos despenteados, ele se transformou em um homem grande e sarado, o bronzeado em sua pele morena confirmando sua vida ao ar livre. Entretanto, eu ainda consigo enxergar sua essência, aquela parte tão profunda do ser humano que nem milhões de anos podem apagar. Ele ainda é cuidadoso, preocupado comigo, carinhoso e tem um riso fácil. Ele ainda me faz sentir como a Olívia Perrone destemida e rebelde que já fui, quando fugia para me casar com ele, o primo odiado por minha mãe, usando o vestido de noiva dela aos sete anos de idade, enlameando-o enquanto me arrastava pelo jardim de nossa antiga

## PERIGOSAS NACIONAIS

casa. Quando estou com Bento, sinto-me mais jovem, mais boba, menos preocupada com a vida e meus afazeres frequentes, com minha fama, com minha vida agitada e corrida em Milão. Aos 28 anos, de volta a Presidente Epitácio, algo da antiga Olívia está de volta, e uma energia pulsante me invade sempre que vejo meu primo, como se nada fosse mais importante que nós dois juntos.

Ele se coloca em cima de mim, mas não de um modo vulgar. Os óculos escuros estão ali, como sempre, pendendo em seu nariz, escondendo seus olhos de mim. A forma como ele se movimenta e se posiciona, pairando acima do meu corpo esgotado pela corrida insinua apenas que ele quer alguma proximidade, algum contato. Bento apoia os cotovelos no piso e seu rosto está totalmente virado para o meu.

— Qual seria a primeira coisa que você faria se não tivesse medo?

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Surpresa, sorrio, e ele acaricia minhas bochechas de leve, as mãos grandes tomando todo o meu rosto.

Desde aquela noite horrível que tivemos na orla e ele descobriu meus maiores temores e meu transtorno do pânico, Bento não tem me dado sossego. Logo cedo, ele me envia áudios animados, querendo saber como estou. Como resposta, envio vários áudios para ele, alguns engraçados, outros irritados por ele ter a ousadia de me acordar tão cedo, outros mais curtos, dizendo apenas bom dia. Quando nos encontramos para a nossa corrida diária, e Tango avança sobre mim, eu rio alto, e vejo um sorriso se abrir no rosto de Bento, como se aquilo bastasse para ele saber que estou bem. Ele se sentiu muito culpado pelo ocorrido naquela noite, e tem tido alguma dificuldade em me deixar sozinha, como um guarda-costas. Se antes já passávamos tanto tempo juntos, agora então nossos momentos

## PERIGOSAS ACHERON



tornaram-se um emaranhado de passeios pela cidade, banhos no rio, corridas, sorvetes tarde da noite, filmes na casa da vovó, além do tempo que passo com ele na loja, para ajudá-lo. E ele tem sido ótimo. Ele faz de mim a pessoa que sempre quis ser. O melhor de tudo nessa história foi eu ter esclarecido minha ausência, a quebra da minha promessa de voltar para ele. Por fim, meu primo arredo e cruel parece ter entendido que, mesmo querendo retornar, não fui capaz.

Bento estava errado quando me disse que sentia muito por não poder me proteger. Ele é o meu maior protetor e estou infinitamente feliz com sua companhia diária.

Penso em sua pergunta, a respiração ficando ofegante à medida que suas mãos sobem e descem pelas minhas bochechas. No fundo, não há muito o que pensar. Organizada como sou, fiz, no início da terapia, aquelas listas estúpidas que as pessoas

## PERIGOSAS ACHERON

fazem quando estão decididas a mudar de vida, a estabelecer metas e, claro, obrigada pela minha terapeuta. A coragem nunca foi uma opção para mim desde que dei início ao tratamento contra meu transtorno, mas, em um dia muito difícil, depois de uma hora falando e ouvindo Gianella, cheguei em casa e fiz uma lista de tudo o que morria de medo, atividades simples para a maioria das pessoas, porém que me apavoram em uma proporção assustadora. Então, eu escrevi. Escrevi freneticamente, a caneta rabiscando o papel com força e determinação, como se ela tivesse mais poder sobre mim. Agora, com a pergunta de Bento, penso nos itens que compõem minha lista humilde e íntima. São itens nem tão grandes que sejam impossíveis e nem tão pequenos que me diminuam como uma sonhadora. Por isso, respondo, quase engasgando:

— Dirigir.

O verbo parece tão pequeno e insignificante, mas que, para mim, tem o tamanho do mundo inteiro. Tenho consciência de que as pessoas dirigem o tempo todo, assim como batem os carros e morrem em acidentes. São os dois lados da mesma moeda, e o fato de ser uma atividade perigosa me deixa apavorada, e ainda assim tenho loucura.

Bento ainda está debruçado sobre mim, porém sua falta de palavras me faz repetir o que acabei de dizer.

— Dirigir — repito, agora mais alto.

Acaricio seus ombros suados, sentindo a pele quente dele sobre a minha. Não sei se ele percebe como estou queimando por dentro, como meu corpo é atraído para o dele. E, francamente, nesta posição Bento não está facilitando as coisas para mim, além de sentir cada reação que seu corpo tem conforme minhas mãos sobem e descem pelos seus

ombros. Ele não é imune a mim, como disse logo que me confrontou quando cheguei. Bento, acima de tudo, é um homem, e mesmo que ele negue, seu corpo é incapaz de fazê-lo.

Vejo-o franzir as sobrancelhas grossas e castanhas, mas seu rosto continua inexpressivo.

— Não sabia que você não dirigia. Achei que tivesse carta.

— Eu tenho carteira de motorista — corrijo-o —, mas não tenho coragem de dirigir. Sinceramente, acho que só passei no exame por um grande milagre, daqueles que só acontecem uma vez na vida da gente para nunca mais. A última vez que sentei atrás de um volante foi no dia do meu exame. Foi horrível, tive uma noite péssima antes, tomei muitos comprimidos antes de encarar tudo. Depois disso, guardei minha carteira na bolsa e nunca mais a usei — informo, sentindo uma leve tristeza pela minha confissão. Mas, ainda assim, ele

PERIGOSAS ACHERON

é o Bento, meu primo, aquele para quem eu contava tudo no passado, a única pessoa verdadeiramente sincera a ponto de não me julgar e não ser hipócrita por isso.

Ele continua em cima de mim calado, como se agora estivesse ponderando minhas palavras. O silêncio dura alguns segundos. Quando ele fala, sua voz está quase inaudível:

— Hum... dirigir é muito bom. Quando Vitório tem tempo, ele me deixa dirigir o carro dele. É uma sensação de liberdade fenomenal. Você deveria experimentar, pequena.

— Tenho medo — digo apressada. Não quero que ele sugira que eu tente. Acho que anos de terapia me ensinaram que nada é pior para uma pessoa com medo do que ouvir conselhos de quem não entende nada do assunto. Fazendo uso das palavras de Gianella: “Nunca subestime o medo de

uma pessoa por mais coragem que você tenha”. Entretanto, por alguma razão, não digo mais nada.

Bento se curva ainda mais sobre mim, sua respiração tão próxima que me contorço embaixo de seu corpo. Sei por sua expressão que ele percebe minhas reações, e não está incomodado.

— Eu sei, pequena, mas que tal começar a fazer as coisas assim mesmo, com medo? Não o torne maior do que ele realmente é. — Sua boca está quase tocando a minha e fecho os olhos, com um sorriso no rosto. — Não estou dizendo que isto é fruto da sua imaginação, mas tente passar por cima dele. No final, você vai perceber que você é muito maior que qualquer obstáculo que sua mente coloque à sua frente.

Balanço a cabeça, devagar, e ele encosta a testa na minha, soltando a respiração. Bento deve estar tão excitado quanto eu, mas neste momento muito mais que uma tensão sexual, é o fato de estarmos

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

aqui, eu e ele, como antes. Como era. Como eu gostava. Como tinha que ser.

Gosto de ouvir seus lábios pronunciarem a palavra “pequena” quando se refere a mim; gosto da confiança e segurança que ele transmite sem esforço; gosto de ser esta Olívia que sou quando estou com ele.

Penso no que ele disse. Como seria a sensação de dirigir? Espero que nada comparável ao terror que foi meu exame prático, com o instrutor berrando insultos em italiano para mim. Imagino que seria divertido. Eu deixaria os vidros abertos, deixaria que o vento balançasse meus cabelos e os despenteasse enquanto eu ganhava as ruas da cidade, como naqueles filmes bregas de Hollywood, o som do carro no volume máximo, a paisagem estendida à minha frente. Por que não? Afinal, eu estou aqui, com Bento.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Tento encarar meu primo, mas seu corpo grande obscurece minha visão, já que Bento está totalmente sobre mim. Sinto seu coração batendo forte sob a regata já seca, seu peito subindo e descendo. Por fim, peço baixinho:

— Você me ensina?

Ele não hesita nem por um instante quando responde:

— Hã, eu não sou o melhor motorista para esta árdua tarefa, pequena — ele recua, mas ainda conserva o sorriso no rosto. — Eu não posso dirigir, Olívia, e não é sempre que tenho alguém ao meu lado, como uma babá, para me ajudar. Então, tecnicamente, sou incapaz para o que você quer.

Odeio o fato de ele, em pequenos momentos, fazer piada de sua cegueira. Mas odeio ainda mais o fato de ele sempre dizer a verdade. Bento com certeza seria um daqueles motoristas corajosos e destemidos. Infelizmente, não é assim.

## PERIGOSAS ACHERON



Suspiro.

— Sim, mas você e Vitório poderiam me ajudar.  
Os dois — reitero.

Vejo uma linha fina se formar no maxilar de Bento, quase um sorriso, como se tivéssemos pensado a mesma coisa.

— Vamos ver. — Depois de uma pausa, ele diz:  
— Além disso, o que mais você gostaria de fazer?  
Podemos providenciar enquanto está na cidade.

*Enquanto está na cidade.* A mensagem subentendida não me passa despercebido, porém o instante em que estou revelando tanto de mim ao meu primo é precioso demais para eu me ligar em bobagens.

Reflito sobre a lista que carrego dentro de minha carteira, o papel surrado pela quantidade de vezes em que me peguei olhando para cada item. Não é nada grandioso, ao menos é o que digo a mim mesma. Escrevi em minha agenda, em uma data

PERIGOSAS ACHERON

# PERIGOSAS NACIONAIS

que não fora usada. Naquele momento, acho que acreditei que poderia realizar todas aquelas coisas, fazer de cada tarefa um grande acontecimento. Eu tinha consciência de que seria difícil, porém tive mais confiança em mim naquele dia do que em qualquer outro. Respiro fundo, relembrando mentalmente as palavras que cobrem o papel velho, mas cheio de uma esperança infantil:

1. Dirigir.2. Nadar.
3. Falar em público.
4. Altura.
5. Ir ao circo (tenho pânico de palhaços).
6. Assistir a um filme de terror.
7. Dormir com a luz apagada.
8. Voar.

Conforme vou recordando os itens, cito-os para um Bento cada segundo mais curioso. Sua expressão é de incredulidade, e ainda assim não me sinto julgada. Sinceramente, sinto-me aliviada. A

## PERIGOSAS ACHERON

única pessoa para quem falei foi minha terapeuta, então é como se ele, depois desta confissão, estivesse ainda mais ligado a mim.

Com cuidado, ele se deita ao meu lado, pensativo. Os segundos passam rápido e, quando seu silêncio começa a me incomodar, pergunto:

— O que foi? Não me diga que esperava algo mais sofisticado, por favor.

Ele ri, virando-se para mim e tateando até encontrar minha mão. Quando a segura, acaricia cada dedo.

— Surpreso, só isto. Não sabia, Olívia. No fundo, sempre acreditei que você, mesmo longe, se tornaria a melhor versão de si mesma. Você era confiante e lembro-me de quantas vezes enfrentou sua mãe para a gente ficar...

Bento para de falar quando percebe o que está dizendo. Este é um terreno perigoso para nós dois, um assunto que ainda não foi discutido. Ambos

## PERIGOSAS NACIONAIS

estamos cozinhando a minha viagem em banho-maria, esperando não sei bem o quê. Tento mudar de assunto, da melhor forma que consigo.

— Tudo bem, sabe. É só uma lista idiota. Vem, vamos sair e comer alguma coisa. Estou faminta.

Não deixo que ele retruque ou me convença a ficar. Ao contrário, estou decidida a deixar para lá, ao menos por enquanto. Não quero Bento mudando o seu comportamento comigo só porque sou cheia de problemas. Quero, enquanto estiver aqui, que algo da Olívia antiga, aquela pela qual ele se apaixonou, predomine. Não suportaria a piedade dele, nem de ninguém.

Puxo suas mãos e ele fica de pé, e eu o arrasto para fora da casa. Saímos juntos, de mãos dadas. A chuva parou, e o vapor quente do asfalto sobe em ondas flamejantes, dando a sensação de que vamos todos morrer queimados.

## PERIGOSAS ACHERON

— Que tal um banquete no hotel? — sugiro, embora saiba que ele vai negar. Bento nem ao menos conhece o hotel da minha mãe. Mesmo no passado, quando ainda era uma pequena pousada, ele não era bem-vindo, e sei que meu primo sempre soube disso.

Em vez de me dar uma resposta, ele me vira de frente para seu rosto, segurando meus ombros com firmeza. Ele mexe nos óculos escuros, porém não os tira, e seus olhos continuam distantes de mim.

— Vamos fazer — ele fala, chegando mais perto do meu rosto.

— O quê? Comida? Nem pensar, lá no hotel tem tudo pronto e...

— Olívia, não é isto. Estou me referindo a sua lista. Vamos fazer aquelas coisas, juntos?

Confusa, apenas balanço a cabeça. Bento permanece calado, em espera. Não quero dizer que é uma péssima ideia, que minha lista não é de PERIGOSAS ACHERON

verdade, mas apenas uma brincadeira, que ainda não estou pronta para aquilo... porque não quero desapontá-lo. Estamos indo muito bem nestes dias e não quero começar uma briga por me negar a encarar meus medos. Bento é perseverante demais e não vai me dar sossego, se eu me recusar. Mesmo assim, decido ser sincera, porque simplesmente não posso me obrigar a mentir ou esconder algo dele.

— Aquilo é uma estupidez, Bento. Não tenho coragem suficiente para nada do que está escrito lá.

— Mas eu tenho. Sou cego, mas não sou inútil. Eu dei uma chance a mim mesmo quando a visão foi tirada de mim, aos poucos. Eu tomei uma decisão de não me encolher em um canto e sofrer por anos a fio. Confesso que foi difícil, acredite, pequena. — Ele respira fundo, se aproximando do meu corpo, a testa colada à minha. — Ainda é uma merda, sabia? Todos os dias preciso ser forte e encarar uma vida sem luz, sem pôr do sol, sem

# PERIGOSAS ACHERON

rostos, sem cores. Ainda assim, eu decido, a cada dia, ser mais forte do que a melhor e mais elaborada desculpa que poderia inventar para me enfurnar em casa e sofrer, como um convalescente. — Ele faz uma pausa, e consigo vislumbrar um sorriso em seu rosto bronzeado. — Olívia, dê uma chance a si mesma, é só o que peço — ele acrescenta.

Bento, enfim, não é uma rocha. É um ser humano, de carne e osso, que sofreu muito quando perdeu a visão. Eu não estava aqui para ajudá-lo, para cuidar dele, e esta é a pior parte em tudo isto. Mas, quando olho para ele, não vejo um resquício de sua fraqueza, pois ele se mantém firme e corajoso, mesmo que cada dia seja um grande desafio.

Enlaço-o pela cintura, sentindo tantas coisas ao mesmo tempo, uma vontade incontável de agarrá-lo, aqui mesmo, e beijá-lo como se através

## PERIGOSAS ACHERON

do beijo eu ganhasse a coragem necessária para fazer o que ele está propondo. Não me sinto ousada o suficiente para isto, mas, mesmo que dentro de mim as emoções estejam incontrolláveis, mesmo que minha mente esteja gritando um NÃO em letras garrafais, mesmo que eu me arrependa desta decisão depois de um tempo, a palavra sim sai alta e firme. Sou envolvida pelos braços de Bento, e só então, quando ele sussurra em meu ouvido, é que me dou conta de que estou chorando.

— Esta é a Olívia que conheço.



Os próximos dias em Epitácio transformam-se em uma sucessão de tardes ocupadas e cheias de tarefas, uma missão especial para Bento, que me convenceu (não sei bem em que momento) a ultrapassar meus limites e realizar todos os itens da minha lista antes secreta. E então, aqui estamos

## PERIGOSAS ACHERON



nós. Vitório ao volante, tagarelando comigo, que continuo sentada no banco do passageiro, nervosa, meu corpo reto e intangível. Bento está no banco de trás, acariciando Tango, que parece tirar um belo cochilo. Rodamos uma meia hora, até chegarmos a uma estrada deserta, e meu irmão estaciona o Corolla prata e cede seu lugar para mim.

— Sabe, nós poderíamos deixar esse lance de lista para um outro dia, porque...

— Nem pensar, vamos fazer hoje. Ande logo com isto, pois ainda faltam sete itens — Bento me censura alto, e reviro os olhos para ele, irritada.

Eu me ajeito no banco do motorista, o coração aos pulos. Vitório se senta ao meu lado e me dá algumas coordenadas, como se eu fosse uma leiga completa no quesito direção. Não sou tão ignorante assim, por isso coloco o cinto e ligo o motor do carro, que faz um chiado quase surdo. O carro dele é muito grande e espaçoso, e as pernas de meu

PERIGOSAS ACHERON

irmão são muito mais compridas que as minhas, por isso preciso puxar o banco para frente três vezes até que meus pés alcancem a embreagem.

— A propósito, ela revirou os olhos para você, cara — Vitório me dedura, e Bento aperta meus ombros por trás, uma forma de me dar uma bronca.

— Dedo-duro.

Reviro os olhos de novo, ousada e impetuosa, e me ajeito no banco mais uma vez. Piso de leve na embreagem e o carro afoga. Olho para meu irmão, culpada. Na primeira vez, Bento e Vitório me encorajam, gritam palavras de incentivo, principalmente Bento, que parece uma criança indo a uma loja de doces. Mas na décima primeira vez, Bento está fora do carro, Tango fez xixi no automóvel e Vitório está vermelho de raiva.

— Sinto muito, mas eu avisei. A culpa é do Bento — argumento, enquanto seguimos de volta para a cidade. Vitório dirige, irritado, e Bento está

## PERIGOSAS ACHERON

mudo. Ele deve estar tão decepcionado comigo, sem contar na limpeza que vai ter que pagar para alguém fazer no carro do meu irmão, fedendo a urina de cão. Tango dorme tranquilo no banco de trás, ignorando o fato de ser o responsável pelo cheiro desagradável no veículo novo.

— Se algum de vocês aparecer com este negócio de lista, vão se ver comigo! — meu irmão urra de raiva quando chegamos à avenida principal.

Em um gesto de puro despeito, forço meu irmão a parar o carro, corajosa demais. Quando o veículo estaciona perto de uma loja, eu o empurro para fora, com uma força desconhecida para mim, e pulo para o banco do motorista. Ele está do lado de fora no momento em que eu arranco com o carro, que para minha imensa alegria, não afoga, mas segue o caminho de volta à estrada onde estávamos.

— O que você está fazendo, Olívia? — Ouço a voz preocupada de meu primo, e sorrio vitoriosa

## PERIGOSAS ACHERON

pelo retrovisor.

— Estou dirigindo, priminho, como você queria. E dirigindo muito bem, obrigada.

Vejo Vitório acenando para mim ao longe para que eu volte, o rosto um pimentão de tão vermelho, mas o ignoro. Sigo com o carro pela estrada, buzinando alegre para os veículos que passam por mim, como o ato mais rebelde que fiz em tantos anos. Em treze anos, reflito.

— Próximo item da lista — divirto-me quando grito para Bento, que sorri satisfeito.

— Eu disse que você conseguiria, pequena. A única pessoa que não acreditou muito foi você, infelizmente — ele resmunga.

Seguimos por muito tempo. O carro afoga várias vezes, mas não desisto. Continuo dirigindo, estes pequenos detalhes tornam-se cada vez mais insignificantes à medida que vou mudando as marchas do Corolla. Sei que Vitório está furioso, e

# PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

vai me trucidar quando eu voltar, mas agora, honestamente, quero aproveitar este instante com Bento.

O dia está claro, com poucas nuvens no céu de verão. Ligo o rádio no volume máximo, e paro rapidamente no acostamento para que Bento venha para o banco da frente. Pela primeira vez, ligo o carro e ele não afoga de imediato. Dirijo por alguns minutos, tagarelando com Bento, descrevendo as paisagens à nossa volta, gritando contra a música que sai em ondas estridentes do rádio. Ele me escuta com atenção, o rosto sempre virado para o som da minha voz, os olhos escondidos. E então, chegamos à Ponte do Rio Paraná, majestosa e intimidadora de início. Não sei se tenho coragem de atravessá-la. Seria, com certeza, um belo passeio, mas então me lembro de que eu sou a motorista, e caso tenha um ataque de ansiedade, não posso

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

colocar a minha vida e a do meu primo em risco. Como ele iria me ajudar?

— Vamos voltar — murmuro, mas ele meneia a cabeça, discordando.

— Por que já quer voltar? A fúria do seu irmão vai diminuir se ficarmos mais tempo longe, pequena, por isso sugiro que você dirija mais um pouco.

— É que chegamos à ponte, e não quero atravessá-la — explico, parando o carro no acostamento.

Alguns veículos passam por nós, e um homem de meia-idade xinga alto, aborrecido. Não quero continuar, e se algo acontecer?

Bento tateia o ar e encontra minha mão, que está suando muito. Ele aperta com muita força, e meus dedos ficam brancos. Seu corpo está virado em minha direção, e sua respiração está lenta e constante.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Não vai acontecer nada, pequena. São alguns quilômetros até o outro estado, e logo a gente volta. Vai ser divertido, que tal? — Sua voz está baixa, e ele vai se aproximando de mim aos poucos. Fico confusa, até que seus lábios encontram meu ouvido e ele sussurra: — Confie em mim, ao menos desta vez.

Meu corpo todo está queimando, meus pelos estão eriçados e sinto um frio delicioso no estômago, uma expectativa com relação a ele desconhecida. Ele beija meu rosto, e se afasta, tranquilo.

Ok, o que foi isso? Foi um carinho diferente de tudo o que temos vivenciado desde que cheguei, nada parecido com um gesto de primos. Entretanto, não quero rotular cada toque dele ou meu. Coloco minhas mãos em volta do volante e seguimos pela ponte, eu amedrontada e meu primo sorrindo, falando da história do lugar.

## PERIGOSAS ACHERON

Abro os vidros do carro, e sigo pela ponte, carros vindo em minha direção o tempo todo. Bento esclarece que são onze quilômetros de uma estrutura magnífica e imponente sobre o segundo maior rio da América do Sul, com 4880 quilômetros de extensão, e sua nascente está entre os estados de Minas Gerais, São Paulo e Mato Grosso do Sul. Ouço sua voz ribombar acima da música que toca no rádio, acima do vento que entra pelas janelas abertas, acima dos meus pensamentos que só conseguem captar sua boca se mexendo sem parar. Esta boca seria capaz de fazer maravilhas, penso atrevida.

Ele continua falando, contando-me histórias de seu tempo na faculdade, quando aprendeu tudo sobre a vida marinha, quando teve a oportunidade de estudar mais a fundo o Rio Paraná, e murmuro alguns monossílabos de vez em quando para incentivá-lo. Observo as placas, o céu límpido, a

## PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

ponte que parece não ter fim, e relaxo ante a voz sexy do meu primo, que engoliu uma vitrola e não se cala.

O tempo passa, a ponte vai ganhando novos contornos, e finalmente chegamos ao outro lado. Uma placa grande em sentido contrário nos cumprimenta com um “Bem-vindo a Mato Grosso do Sul”, além da quilometragem restante a Campo Grande, Dourados e Coxim. Diminuo a velocidade do carro, até quase parar, e cutuco meu primo, que ainda fala alguma coisa sobre o rio.

— Bento, lembra quando a gente ia fugir para Dourados? É longe pra cacete, a placa diz 356 km.

— Dou uma risada alta, e ele me acompanha, dando uma pausa na sua aula de geografia.

— Desde quando você fala “pra cacete, estilista”? — ele me provoca, batendo de leve em minhas coxas.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Desde que não esteja em Milão — respondo, e ele assente.

Faço o retorno e voltamos para Epitácio. Escuto Bento murmurar ao meu lado:

— Primeiro item da lista feito.

## PERIGOSAS ACHERON



## Capítulo 12

MARÇO CHEGOU E trouxe com ele muita correria. O casamento comunitário da irmã de Brenda e suas amigas se aproxima, e nós duas nos trancamos em seu quarto abafado de costura para trabalhar com afinco nos vestidos, cada peça tornando-se única e delicada durante dias de trabalho; o que antes eram apenas desenhos agora saíram do papel à medida que os tecidos se materializam em peças reais.

Francesco desistiu de tentar me convencer a voltar. Ele me liga esporadicamente, ou envia fotos

## PERIGOSAS NACIONAIS

de algumas peças já finalizadas. Fora isso, nossa comunicação não existe.

Bento e eu estamos firmes em nossa corrida diária. Ainda é uma tortura acordar tão cedo, e minha única motivação é ver meu primo musculoso e sarado correndo ao meu lado pela orla, suado e delicioso com seu cheiro forte e almiscarado de protetor solar e praia, um café da manhã perfeito.

A cada dia que me levanto para me preparar para a atividade física e não sinto uma necessidade urgente de procurar meus comprimidos, é uma vitória. Semanas já se passaram desde a última vez que os tomei, e garanto que nunca estive tão bem, saudável e estabilizada. Exceto pela noite no carnaval, não tive mais nenhuma crise grave. No fundo, sinto que ter contado ao Bento meus transtornos tornou-me mais corajosa, como se ele fosse meu porto seguro, e não os remédios que me deixam grogue e dependente.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Está um dia terrivelmente abafado quando eu passo em sua casa para buscá-lo. Isto nunca aconteceu: ele é mais rápido e aparece na porta da casa da vovó gritando a plenos pulmões, sem levar em conta a vizinhança e o horário. Desde o carnaval, decidi me mudar de vez para a casa, já que o hotel está sempre cheio de turistas, e ouvir diariamente a voz grave e mandona da minha mãe ecoar pelos corredores escuros estava me dando nos nervos. Quando contei a ela que não voltaria para o hotel, ela apenas sorriu, sem pestanejar como eu esperava. Marisa Perrone continua sendo uma caixinha de surpresas.

Bato palmas na frente da casa de tia Agnes, que sai de roupão e bobes no cabelo curto, amassados de um lado.

— Olívia, querida, entre. Bento está tomando café — ela me convida, estendendo suas mãos finas para mim.

## PERIGOSAS ACHERON

Sorrio e passo pela entrada de dois carros. Dou um leve beijo em seu rosto e a sigo pela cozinha.

— Resolvi ser a primeira hoje, já que ele adora gritar na frente da minha casa todos os dias — assim que as palavras são pronunciadas, arrependo-me. — Hummm... a casa da vovó — gaguejo, envergonhada.

— A casa é sua, Olívia. Quanto mais cedo aceitar este fato, melhor — tia Agnes diz, conduzindo-me pela porta.

— É difícil me acostumar — confesso.

Lá dentro, o cheiro de café forte e pão com manteiga chega a ser uma grosseria para mim que só comeu uma torrada seca. Sorrio para a imagem de Bento sentado à mesa, Tango a seus pés, enquanto ele come rapidamente, um copo de suco pela metade.

— Parece que alguém perdeu a hora, hein — provoco-o, rodeando a cadeira onde ele está e me

PERIGOSAS ACHERON

sentando a seu lado.

Tia Agnes rapidamente me serve uma xícara de café e sai da cozinha, desculpando-se por ter que ir trabalhar.

— Acho que é você quem está muito adiantada, pequena. O que te deu hoje? Tão ansiosa para me ver que mal pregou os olhos, aposto. — Bento diverte-se, e eu apenas assinto, sem argumentos, enquanto beberico o café quente e terrivelmente amargo da minha tia.

— Caramba! — exclamo, sorvendo o líquido. Enfim, encontrei algo da minha tia que não gosto: o café. Minha mãe faz um café maravilhoso, dos deuses, mas tia Agnes está mais para querer matar alguém com esta água de batata amarga.

— O que foi?

— Hum... o café...

Bento ri baixinho, meneando a cabeça.

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Por isso, sempre tomo meu suco, pequena. Não corro esse risco.

— Não me lembrava que o café dela era tão...

— Ruim? — ele completa, zombeteiro.

Olho em volta, desconfiada. Não quero magoar tia Agnes com um comentário maldoso.

— Ruim seria um elogio para isso aqui — elucido, enchendo um copo com suco de laranja.

O silêncio se estende por alguns minutos. Rendo-me a um delicioso pão com manteiga, algo que não como há anos. Meu pai surge na cozinha, de cueca e com os olhos inchados, e levo um susto com sua presença repentina como se o intruso ali fosse ele, e não eu.

— Olívia?

— Pai — respondo, já me levantando.

Ele me encara, surpreso e envergonhado por sua nudez. Desvio os olhos, tão constrangida quanto ele, e pigarreio, tentando manter a compostura.

## PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

— É bom ver você por aqui, filha — ele fala, coçando a cabeça, tentando se esconder atrás da cadeira do meu primo.

Mordo a língua, nervosa.

— Pois é. Digo o mesmo. — Minha voz sai estranha, e olho para cima, encabulada pela situação.

Estou tentando ser mais compreensiva com a relação dele com minha tia, mas é difícil demais, o que só piora quando ele surge assim, seminu, diante de mim. Eu acabo cedendo e olho para ele, sem nada dizer. Meu pai e eu nunca tivemos muito assunto. Ele sempre foi reservado demais, calado ao extremo, e a última imagem que guardo dele é sua falta total de expressão no aeroporto, quando minha mãe me empurrava para a sala de embarque e Bento gritava meu nome. Balanço a cabeça, espantando o pensamento inadequado.

## PERIGOSAS ACHERON

— Te espero lá fora, Bento — digo e saio da cozinha compacta, precisando respirar um pouco do ar puro.

Lá fora, ainda está escuro. Sento-me em um banquinho de madeira jogado na entrada e espero. Por mais que me esforce, não tenho condições de frequentar a casa deles, de me reunir com todos como uma família feliz, enquanto minha mãe ficou sozinha. Sua única e fiel companhia está enterrada, e não sei o que o futuro reserva a minha mãe; no entanto, espero que sua vida seja bem mais do que trabalho. Ela ainda é jovem demais para ficar sozinha, e, mesmo a contragosto, devo admitir que está mais linda do que eu me recordava, uma divorciada amarga e infeliz, atolada em trabalho e sem vida social.

Observo as casas da vizinhança, e ouço os passos hesitantes de Bento. Tango chega primeiro e se joga em cima de mim, como sempre. Eu o

## PERIGOSAS ACHERON

acaricio, sentindo a maciez de seus pelos caramelos.

— Ei, garoto. Está animado para correr muito hoje, hein?

— Espero que sim — Bento responde, a voz áspera.

Ele usa uma camiseta amarela, com uma foto de um desenho animado. Sua bermuda azul está larga nas pernas, e apertada no bumbum. Um dos tênis está desamarrado, e me inclino sobre seus pés para amarrar.

— Vamos? — pergunto, fingindo uma animação que ficou na cozinha, no momento em que vi meu pai de cueca na casa da minha tia.

— Vamos.

Seguimos pelas ruas escuras, com Tango trotando à frente do meu primo. Ambos estamos calados, constrangidos por uma situação que nos foge ao controle. Não quero me sentir assim com

# PERIGOSAS ACHERON

minha tia e meu pai; pior ainda, não quero me sentir assim com Bento e com um irmão que ganhei sem ser consultada. Porém, há uma mágoa incontida dentro de mim, uma vontade incomum de gritar com todos eles, de explodir e externar cada pensamento meu, cada emoção que vivencio quando me deparo com uma família que, para mim, não é a ideal. Mais ou menos como: *Vocês todos enlouqueceram?* Não tenho este direito, sei disto. Não tenho o direito de me sentir desta forma, não tenho o direito de sentir raiva de pessoas que já foram tão queridas, mas o que posso fazer se é tudo o que sinto?

Será que ninguém percebe o quanto toda a situação é absurda? Meu pai, que deveria estar casado e feliz com minha mãe, anda de cueca pela casa da minha tia, a única irmã da minha mãe, o que restou de sua família, pois meu avô, nem em um milhão de anos, se unirá a nós, aqui. Para

## PERIGOSAS ACHERON

piorar, meu pai agora faz o papel de... de pai do meu primo, e ainda tem um outro filho, um laço que me une ainda mais a Bento.

Olho para Bento, com raiva. Ele corre sereno, as pernas torneadas ribombando no asfalto. Paro quando chegamos a uma esquina, e desisto. Não quero mais correr. Não quero mais ficar aqui, conviver com minha família desestruturada e fingir que tudo está bem, que os amo incondicionalmente e que não me importo com algo tão surreal. Bento segue sem mim, o cuidado redobrado quando atravessa a rua. Eu deveria chamá-lo, deveria gritar que não quero mais estar aqui, que vou voltar para casa da... para minha casa, nossa casa. Entretanto, a Olívia cruel vem à tona e deixo que ele siga correndo em direção ao cenário de nossas corridas diárias: a orla.

Vejo meu primo e Tango sumirem em meio às casas. Dou meia volta e caminho por onde vim, a

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

cabeça baixa, os ombros curvados, uma tristeza que me afunda cada vez mais, a cada instante que relembro a imagem da meu pai na casa de minha tia. Na casa de Bento. Na casa dele. E, perversamente, só consigo desejar que um dia minha tia sofra tudo o que minha mãe deve ter sofrido.



Involuntariamente, passo em frente à casa colorida que um dia foi de minha avó Teresa, mas sigo reto. Caminho pelas ruas que agora recebem uma clara luminosidade solar, os primeiros raios incendiando o asfalto, tornando a manhã ainda mais abafada. É muito cedo para me trancar na casa de arco-íris e sofrer, deixar o que estou sentindo tomar conta de mim. Ando a esmo, os pensamentos confusos demais. Algumas lágrimas caem em meu

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

macacão justo de corrida, e então tomo consciência de que estou mesmo soluçando, o coração partido.

*Coração partido.* Não gosto dessa expressão. Sempre a associei a um amor entre um homem e uma mulher, entre casais antes apaixonados e surpreendidos por um destino maquiavélico. Entretanto, enquanto ando pela cidade sonolenta, sinto meu coração doer, e sei que ele está se partindo ao meio, despedaçando meu corpo, minha mente e minha vida toda.

Treze anos afastada de tudo isto não me prepararam nem de longe para lidar com esta família. Como alguém que jura amor eterno diante de Deus e dos homens consegue se unir a outra pessoa, deixando para trás um casamento de mais de quinze anos e dois filhos? Como, meu Deus, um ser humano pode reconstruir sua vida enquanto a sua antiga está por perto, rondando pelas beiradas?

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Não sou tão moderna assim para aceitar este casamento, constato pesarosa.

Chego a uma área isolada da cidade, então vejo um grande parque de diversões montado. Não sabia que ainda existia este tipo de atração nas cidades, tampouco em Epitácio, uma cidade muito mais conhecida pelo turismo fluvial. Os brinquedos estão a uma distância segura uns dos outros, e ergo meu olhar admirado até a roda-gigante. É linda e assustadora ao mesmo tempo. Pego meu celular de dentro do sutiã do macacão e tiro uma foto, encantada com o brinquedo que toma um grande espaço do parque. Não tenho recordações de ter brincado em alguma na vida, mas agora, aqui, me sinto atraída para o brinquedo, embora morra de medo de altura.

Os assentos são redondos e tem uma cobertura acima de cada um. Conto até chegar ao número 20: vinte assentos coloridos e atraentes para qualquer

## PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

um que goste de uma boa diversão. Olho uma última vez para cima, e então vejo um senhor de meia-idade fumando próximo aos carrinhos de trombar. Sempre odiei este brinquedo. Sempre. Mesmo quando os via na TV ou em filmes, era o que menos me agradava. Caminho preguiçosa até o homem, que joga o cigarro no chão de terra e pisa com uma bota suja, amassando a bituca.

— Olá — digo, tímida.

— Oi, moça. Está fechado agora. Só abriremos à noite — ele responde, com um sorriso bondoso no rosto, e me sinto uma criança malcriada e fugitiva.

Apenas assinto, e ele se afasta, o corpo grande e cabeludo para bem longe de onde estou. Olho em volta, curiosa. Ao lado dos carrinhos de trombar, há um painel grande e colorido, com figuras de caveiras e monstros segurando facas ameaçadoras nas mãos, que imagino ser o Trem Fantasma. Tiro

PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

uma outra foto, achando tudo muito divertido e distinto. Mais à frente, um brinquedo cujo nome diz “Crazy Dance” se destaca com suas cadeiras coloridas e a possibilidade de rodar muito ali.

Há mais brinquedos: um carrossel grande e cheio de brilho, com cavaleiros de todas as formas; uma montanha-russa menor, com uma centopeia triste à sua frente; um brinquedo cheio de cadeiras grudadas, que deve rodar muito: na frente está escrito “Samba”; uma barca vermelha com desenhos de piratas e a promessa de uma diversão implícita na lateral do brinquedo; algumas motos presas a uma estrutura circular que são tão pequenas que nem imagino quem poderia brincar ali; um chapéu enorme, estilo mexicano, com cadeiras presas a ele por um ferro cor de chumbo e uma rampa que se estende até o outro lado do quarteirão, com tapetes desenhados ao estilo Aladdin na parte superior. Sorrio, fascinada.

## PERIGOSAS ACHERON

As barraquinhas estão todas fechadas, três trailers sujos espalhados pela terra, todos fechados, em um claro sinal para não serem incomodados. Olho uma última vez, antes de sentir meu celular vibrando entre meus seios. Pego o aparelho e leio o nome de Bento na tela.

Droga! Bento.

Hesito antes de atender. Ele deve estar furioso comigo por tê-lo deixado sozinho, sem nem ao menos mencionar o fato de estar voltando para casa. Respiro fundo, sem muitas opções. Prefiro ouvir a bronca agora do que mais tarde. Atendo no quinto toque.

— *Olívia, onde você se meteu, caramba? Aconteceu alguma coisa com você? Você está machucada? Está ferida? Pelo amor de Deus, me diga onde está que vou até aí.* — As palavras são cuspidas através do telefone, em uma enxurrada

interminável de questionamentos sobre o meu estado físico e mental.

Apoio-me em uma barraca, que cheira a gordura, e espero até que Bento se acalme.

— Estou bem. Desculpe sair daquele jeito, só não consegui continuar. Estou no parque de diversões. Vitório está com você? — pergunto, respirando fundo.

— *O quê? Que parque? Sim, seu irmão está comigo. Eu tive que tirá-lo da cama, já que você sumiu e eu não sabia a quem recorrer.* — Seu tom de voz é áspero e irritadiço, e não o culpo. Eu agi como uma tremenda vaca com ele.

— Venha até aqui, então. Venha me buscar e depois conversamos. — Desligo, sem ouvir mais nada.

Cinco minutos depois, avisto o Corolla prata de Vitório virar a esquina. Endireito-me, permanecendo no lugar. Quando meu irmão

PERIGOSAS ACHERON

estaciona, Bento salta segurando firme na coleira de Tango, que me vê, mas se mantém calmo. Na mão esquerda, meu primo segura sua bengala e ele vem até mim devagar, as passadas desconfiadas pelo piso de terra. Vitório não desce, mas consigo ver pela janela que ele está de pijama. Ele apenas acena e sai com o carro, deixando-nos ali, apenas Bento e eu.

Caminho até Bento, sentindo-me mais culpada agora à medida que percebo o que fiz. Eu não posso descontar nele meus rancores por sua mãe e meu pai; ele é mais uma vítima, como eu. Ambos somos.

Chego mais perto e toco seu peito duro. Ele ainda usa a roupa de corrida, e os óculos estão firmes sobre seu nariz.

— Desculpe, Bento... eu...

— Achei que tinha te perdido. Achei que tinha feito algo errado. O que houve? — Ele passa a

bengala para a mão que segura a coleira e, devagar, levanta as mãos em minha direção. Aproximo-me mais ainda dele, e logo suas mãos estão sobre meu rosto, acariciando-me com uma gentileza típica do Bento por quem me apaixonei. O Bento que, inevitavelmente, ainda amo.

Eu o amo.

Eu o amo.

Eu o amo.

Não é como se fosse a descoberta do ano; esse amor sempre esteve dentro de mim, mesmo quando fui arrastada para longe, mesmo depois de tanto tempo. Treze anos, e eu continuo a amá-lo, porque Bento ainda é meu mundo. É por ele que suspiro, é por ele que ainda estou aqui, nesta cidade pacata, é tão somente por ele que venho fazendo tantas coisas que julgava incapaz no passado.

Sorrio diante do rumo que meus pensamentos tomam. É isso. Eu amo meu primo como se fosse a

# PERIGOSAS ACHERON

primeira vez. E, puxa vida, como é bom amar alguém assim, aquele primeiro amor bobo que faz você suspirar pela pessoa e amá-la cada dia mais.

Suspiro, e o enlaço pela cintura. Deito minha cabeça sobre seu peito e deixo que ele cuide de mim, porque, bem no meu íntimo, sei que ele sente o mesmo.



É noite quando chegamos ao parque. Eu arrastei Bento para cá, uma vontade infantil de ver os brinquedos funcionando, uma expectativa em comer aquelas guloseimas que a gente encontra nestas festas. Deixei meus cabelos soltos, e eles batem em meus ombros em ondas suaves. Coloquei um short curto, um jeans desbotado e rasgado que aperta e marca minhas coxas grossas. Escolhi uma blusa rosa, apertada nos meus seios, tomara que caia. Nos pés, uma sapatilha da cor da blusa. Nunca

PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

me senti tão exposta, tão nua, o rosto sem maquiagem sugerindo o quanto minha aparência tem sido deixada de lado. Dane-se!

Bento está mais gostoso do que nunca. Ainda fico surpresa com o quanto ele é lindo, o seu bronzeado escapando pelos braços desnudos. Ele adora regatas apertadas, e hoje está usando uma cinza, com um trecho de uma música dos Beatles; sua bermuda é jeans escura e ele também usa chinelos. Seus cabelos castanhos estão com um cheiro bom de banho, e ele mantém os óculos no rosto. Observo sua imagem enquanto caminhamos entre as pessoas, a maioria agora tornando-se conhecidas para mim. Estou acostumada com alguns funcionários do hotel, que circulam com seus pares e sorriem para nós; a dona da padaria da esquina assente quando passamos por ela e vejo Vitório ao longe, inclinado sobre uma loira peituda e seminua.

## PERIGOSAS ACHERON



— Vitório não tem jeito mesmo — articulo meus pensamentos em voz alta, e Bento aperta minha mão, meneando a cabeça.

— Aposto que está com uma mulher.

— Mas é claro. Não seria Vitório se não estivesse — resmungo, rindo.

Bento passa as mãos pelos meus ombros, carinhosamente. Imagino o que as pessoas pensam ao nos ver assim. Minha mãe já desistiu de tentar me dar sermões: ela apenas fecha a cara quando digo que vou passar a tarde com Bento; meu irmão não diz nada, mas seu olhar é muito mais revelador do que qualquer palavra que ele venha a dizer: ele sabe que estamos cada dia mais ligados, e não há possibilidade alguma de passar um dia aqui sem ver meu primo.

Andamos mais um pouco. Paramos em uma barraca, a meu pedido, e como um churro de doce de leite, com cobertura de castanha que deixa

minha boca cheia de açúcar. Convenço meu primo a comer um também, e quando seus lábios ficam melecados pelo doce, chego mais perto, uma vontade de lamber cada resquício de doce de leite grudado em sua boca. Deve ser o sabor mais incrível: doce de leite e Bento juntos, uma combinação inusitada e extremamente saborosa.

Meu Deus, eu estou ficando louca. E que mal pode haver nisso?

Ignoro uma vozinha que grita em meu ouvido que sou noiva, que estou completamente errada. Passo meu dedo indicador por seus lábios, e sinto seu corpo se retesar ao meu toque. Bento sem reação me deixa excitada, como se todo o controle estivesse em minhas mãos e eu fosse capaz de fazer loucuras com ele. Balanço a cabeça para espantar estes pensamentos insanos.

— Parece criança comendo doce — brinco com ele, ainda limpando o canto de sua boca.

— Hum... faz séculos que não como isto. — Ele lambe os lábios, encostando a língua umedecida em meus dedos.— Está uma delícia, a propósito.

— Sim, nem me fale — concordo, e tenho a impressão de que ambos sabemos que não nos referimos ao doce.

— Nem me fale — ele repete minhas palavras, e sorri. — Vamos na roda-gigante, pequena. A fila está grande? — ele pergunta, o rosto muito perto do meu, sua respiração fazendo cócegas em minha pele, sua língua se movimentando devagar a cada sílaba pronunciada.

Quero beijá-lo. Quero sentir o gosto de doce de leite misturado aos seus lábios. Quero sentir sua língua deslizando pela minha lentamente no início, e depois me sugando para dentro, afundando em mim, tirando-me o fôlego, deixando-me tonta e cambaleante. Quero agarrar este homem lindo e forte que está à minha frente e fazer com que ele

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

sinta cada pedacinho de mim, mas quando estou prestes a beijá-lo, ouço a maldita voz de Vitório, e afasto-me frustrada.

— Crianças, estão se divertindo? — ele pergunta, dando um soco de leve no ombro de Bento.

— Até você chegar, sim — murmuro, mal-humorada, e vejo um sorriso malicioso se formar no rosto de meu irmão.

— Está muito bom, cara. Aonde você se meteu o dia todo? — Bento pergunta, brincalhão. — Passei o dia na loja com a Olívia e você nem deu as caras.

— Negócios — Vitório responde, deixando-nos sozinhos de novo, sumindo em meio a algodão-doces e balões coloridos.

— Sei, aposto que...

— Ele já se foi — informo, suspirando.

— Hum, então onde nós paramos?

## PERIGOSAS ACHERON

Penso no que estava prestes a fazer antes de meu irmão surgir do além, e cutuco Bento com os dedos.

— Você me convidou para ir à roda, lembra?

— Verdade. Vamos lá então.

Abraçados, andamos até o brinquedo mais procurado do parque. A fila diminuiu um pouco, então peço que Bento me espere e vou até a bilheteria comprar nossos bilhetes. Dez minutos depois, estamos sentados em uma cadeira verde, o brinquedo sendo levemente içado ao alto. Encosto minha cabeça nos ombros dele, e respiro fundo, observando a noite clara.

— Está com medo? — ele me pergunta, enquanto seus dedos sobem e descem pelos meus ombros nus.

— Não, não quando estou com você.

Ele fica sério, e continua a me acariciar. A roda sobe e desce, e sinto-me plenamente consciente do

PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

quanto estou ligada a meu primo, o quanto não quero pensar em me afastar dele, o quanto Milão e minha vida na Itália são apenas borrões, uma parte de uma outra Olívia. Como vou fazer quando chegar a hora de ir embora, de encarar a realidade que me espera do outro lado do Atlântico? O que farei quando tiver que encarar meu noivo, a pessoa a quem prometi um amor que nunca existiu, um amor que sempre foi de Bento?

Estou tremendamente encrocada, e mesmo assim nada é mais importante do que estar com Bento.

Suspiro várias vezes, deixando que os gritos dos outros perto de nós encham o vazio. Quando o brinquedo para, entrego mais dois bilhetes ao senhor de meia-idade de hoje cedo, que nos deixa ficar no assento.

— O que está havendo, pequena? — meu primo me pergunta, e afundo meu rosto em sua regata.

## PERIGOSAS ACHERON

Sei muito bem ao que ele está se referindo. Evitei o assunto durante todo o dia, enchendo-o de perguntas descabidas enquanto o ajudava no Pet Shop, e parecia que tudo estava resolvido. Porém, ele jamais deixaria para lá.

Ergo o rosto e passo meus dedos pelo seu queixo, a barba de alguns dias raspando de leve em mim.

— Não consigo lidar com isto, Bento. É insuportável a ideia de meu pai morar com sua mãe.

— Eles são casados, Olívia, não é como se ambos estivessem traindo a tia Marisa — ele me interrompe, a voz um pouco mais brusca, o tom de censura explícito.

Remexo-me na cadeira, discordando.

— Entendo seu ponto de vista, Bento, mas eu não vivenciei isto, sabia? Estava do outro lado, sem saber de nada. Quando a vovó me contou, foi meio

surreal, meio como uma piada. Nos primeiros dias confesso que nem acreditei, até o nosso avô me segurar pelos ombros, olhar fundo em meus olhos e dizer que era verdade. Foi um tremendo susto, se quer saber. O fato do meu pai não ser condicionado a viver com minha mãe sempre foi aceitável, porque eles sempre foram como água e óleo; daí ele ir morar com tia Agnes é outra história, e mesmo agora não tenho condições de aceitar. Sinto muito. — Minhas palavras são ditas apressadas, uma forma de revelar tudo o que penso de uma vez, e não deixar nada de fora.

— O que isso quer dizer, então? — ele me desafia, claramente incomodado.

— Não sei — titubeio, mais confusa que ele.

Bento fica em silêncio por alguns segundos. O brinquedo para novamente, e entrego mais bilhetes ao senhor, que o liga de novo. Desta vez, somos



## PERIGOSAS NACIONAIS

apenas meu primo e eu em uma roda-gigante de um parque lotado.

Desvio os olhos do rosto de Bento, e pela primeira vez encaro o chão. É bem alto, realmente alto para ser mais precisa e sinto uma leve tontura, mas sustento meu olhar. Constato, surpresa e aliviada, que posso encarar a altura de vez em quando sem surtar ou ter uma crise de ansiedade. O pânico tem dado lugar a uma confiança que jamais imaginei que tivesse. Tudo graças a ele.

— Pequena, a sua mãe sempre foi uma mulher difícil, sempre foi uma megera, até onde me lembro. Lembra quando nós nos escondíamos dela? Ela nunca aceitou nossa relação, nem como primos nem como... — Ele faz uma pausa, e percebo que está corando. — nada. Ela nunca gostou de mim.

— Eu sei, Bento, mas...

— Deixe eu terminar.

Aquiesço, dispensando qualquer toque nele.

## PERIGOSAS ACHERON

— Ela me odiava, odiava a minha mãe, odiava todos. Acho que até ela mesma. Eu não sei o que se passou entre eles antes, mas o que sei é que eles vivem muito bem, pequena. Nunca brigam, sabe. Seu pai é muito atencioso com a minha mãe, e um ótimo pai para o Alfredo.

— O pai que ele nunca foi para mim — retruco, sentindo a irritação subir e se instalar em meu coração, a mágoa de uma garotinha que nunca teve um pai para defendê-la, a mágoa de uma adolescente que foi obrigada a cruzar o oceano e viver longe da família enquanto meu pai, o agora PAI do ano, negligenciou qualquer gesto para me salvar, para me tirar daquela situação descabida e sem limites.

Não quero Bento defendendo ninguém. Não quero meu primo agindo com naturalidade quando a situação não tem nada de simples. Quero que ele sinta tudo o que estou sentindo quando se trata da PERIGOSAS ACHERON

tia Agnes e meu pai: raiva, confusão, mágoa. Mas Bento só pode ter sofrido uma lavagem cerebral se concorda com este casamento, um matrimônio que me deixa com náusea, enquanto minha mãe é uma mulher largada e sozinha.

— Ele estava de cueca, Bento, na cozinha da sua casa — digo, fazendo uma careta para o ar.

Ouçõ sua risada ecoar próximo aos meus ouvidos, enquanto seus lábios colam em minha orelha.

— É nestas horas que agradeço por ser cego.

— Não tem graça, Bento. Não brinque assim.

— Tem sim. Olha, e não é a minha casa, agora é a casa dele. Acostume-se.

— E minha mãe? — insisto, sofrendo por ela, embora tenha ficado treze anos sem lhe dirigir a palavra. Será que pareço tão patética assim para meu primo? Será que ele sabe de como a tratei durante estes anos todos?

## PERIGOSAS NACIONAIS

Ele sussurra em meu ouvido, cúmplice:

— Ela vai encontrar alguém que a suporte, tenho certeza.

E é neste exato instante que eu explodo, que a fúria sobe e não posso mais contê-la. Ela é minha mãe, mas que droga! Será que eu sou a única com bom senso nesta família? Assim que o brinquedo para no solo, destravo a tranca eu mesma e saio batendo os pés, deixando Bento para trás.

— Se vai continuar agindo como um tremendo imbecil, fique longe de mim, entendeu? — grito para ele, que fica imóvel diante de minhas palavras.

Ele grita meu nome, confuso; contudo, eu o ignoro. Piso duro no chão de terra, a areia escura grudando em meus pés. Trombo com meu pai, que está atirando em alguma coisa com Alfredo, mas dispenso seu cumprimento. Tia Agnes, que também está por perto, me olha confusa. Não quero falar

## PERIGOSAS ACHERON

com ninguém, não quero nem olhar para esta família desequilibrada. Apenas sigo meu caminho.

Quando já estou na rua, envio uma mensagem de texto para Vitório, dizendo que quero uma carona para o hotel. Quero ver minha mãe, embora este seja o pensamento mais descabido que tive desde que cheguei. Ele responde rapidamente que está vindo, e então o celular apita de novo. Na tela, vejo o nome de Bento piscando no *WhatsApp*. Sei que é um áudio, e olho ao redor para ver se serei observada. As pessoas, porém, estão imersas na diversão, então clico em seu nome e abro o áudio.

“Mais um item da lista cumprido. Próximo”.

— Imbecil! — grito para o celular, desejando esmurrá-lo. — Imbecil! — grito de novo, e então Vitório aparece e entro no carro, emburrada.



## Capítulo 13

E ENTÃO, JÁ é abril. O mês mais esperado para as noivas que vão se casar sábado que vem, em uma cerimônia comunitária e cheia de muitos mimos. A cidade está em polvorosa com os casamentos, e Brenda e sua irmã, juntamente com as outras noivas, estão me dando nos nervos a ponto de eu cogitar pegar um avião e sumir daqui. Quando qualquer uma delas me liga, envia uma mensagem, um vídeo ou aparece no hotel ou na casa da vovó, tenho lapsos momentâneos, como uma homicida. Imagino-me enfiando os vestidos goela abaixo,

## PERIGOSAS NACIONAIS

socando a cara de cada uma delas no asfalto, ou então derrubando molho de tomate em cada peça apenas para mostrar que estou farta das implicâncias e exigências delas até o momento. Onde eu estava com a cabeça quando aceitei esta tarefa suicida, ardilosa, irritante e que me deixa exaurida?

Lidar com uma noiva exigente é uma coisa: em meu ateliê, na área nobre de Milão, sei o que fazer, pois sou muito bem paga para isto. Cada noiva é estudada e observada por meses antes de eu dar início ao processo de desenhar seu vestido. Sou extremamente competente quando se trata de minhas clientes, pois sei como agir nos casos mais sombrios. Quando um desenho não fica do agrado de uma noiva, eu recomeço, com paciência e perseverança, tomando o cuidado de não errar duas vezes. Felizmente, nunca aconteceu. E lá, na Itália, sei como atraí-las com muito champanhe e mimos

## PERIGOSAS ACHERON

caros. Aqui, não estou sabendo lidar com tantas noivas juntas, todas surtadas, diga-se de passagem. Não vejo a hora de tudo passar e eu voltar a ter um pouco de sanidade.

É uma quinta-feira amena e úmida, o céu derramando água sem parar desde que me levantei da cama. Estou na casa de Brenda, arrumando os últimos detalhes de todos os vestidos, ouvindo as opiniões descabidas de minha amiga, que não entende muito mais que Vitório de moda. Como ela consegue manter uma clientela com estes gostos? Agradeço a Anthony, em pensamento, por ter uma renda extra com o bar, e não permitir que minha amiga e suas filhas passem fome.

O quarto está frio, e vários manequins expõem as peças finalizadas, desenhadas por mim e costuradas por Brenda. Tivemos que comprar máquinas maiores e mais potentes para costurar as peças, mas valeu a pena fazer tudo aqui. Apesar do

## PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

estresse e da vontade de jogar todas elas em uma fogueira, estou orgulhosa de nosso trabalho. Os vestidos ficaram lindos, e estou emocionada pelo momento em que as noivas farão a prova final. Depois, enviaremos à lavanderia para que sejam lavados e, no sábado à noite, elas estarão deslumbrantes em cada um dos modelos, literalmente. Faço uma oração silenciosa para que elas não alterem mais nada. Se a fogueira não funcionar, vou afogá-las no rio. E falo sério!

Brenda anda pelo espaço apertado, um alfinete na boca, sua marca registrada. Estou sentada em um banco duro de madeira, a calça jeans erguida até os joelhos, a blusa de seda branca toda amassada e os cabelos para cima, mexendo no vestido de Beatriz. As vozes das filhas de minha amiga escapam de vez em quando pela fresta da porta, mas elas não ousam aparecer. Não depois dos gritos histéricos da mãe delas.

## PERIGOSAS ACHERON

— Você e Bento já fizeram as pazes? — Brenda coloca as mãos na cintura, o rosto virado para um vestido, analisando-o. Sua pergunta até pode parecer desinteressada, mas não para mim, que a cada dia a reconheço mais e mais como a Brenda do passado.

Franzo as sobrancelhas, e costuro mais uma pétala no cinto do vestido off White que ficará perfeito em Beatriz.

— Não estamos brigados, Brenda. Estamos apenas...

— Dando um tempo na relação? — ela brinca, ainda de costas para mim, a voz saindo aos trancos por conta do alfinete.

— Não há relação, então apenas dando um tempo — esclareço, voltando-me para o vestido. — E, por favor, tire esse alfinete da boca antes que o engula e eu tenha que sacrificar seu corpo...

— Por que sacrificar?

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Bem, porque sou sua amiga, oras.

— Bela amiga — ela esconjura, o olhar mortífero, mas retira o alfinete para meu profundo alívio. — Mas, falando do Bento...

— Hum... — resmungo, distraída.

Brenda se vira para mim, coloca o alfinete da boca da boca de novo e sorri, os cabelos escuros e compridos emoldurando seu rosto pálido. Seu vestido de lã está me deixando preocupada, já que a temperatura aqui dentro deve girar em torno de trinta graus.

— Olívia, pare de negar o que todos estão vendo. — Ela cospe o alfinete, e eu suspiro.

— O que quer dizer?

— Bem, vocês são o assunto mais comentado da cidade, minha amiga, e todos já sacamos o quanto um mexe com o outro, então não me venha com frescuras. — Sua voz sai firme e autoritária, e me curvo, sentindo-me descoberta.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Fico em silêncio, ainda trabalhando no vestido. Os olhos dela estão sobre mim, percrustadores. Eu deveria negar tudo o que ela acabou de dizer, mas não o faço. Ela está certa, e se toda esta cidade pensa o mesmo que ela, bem... que seja, então.

Passo para outro vestido, concentrada. O busto está torto, então puxo a costura por dentro e começo a arrumá-lo. Brenda vem até mim e se senta ao meu lado, em uma banquetta da Barbie.

— Você trouxe luz para a vida dele, Olívia. Trouxe uma alegria que foi deixada de lado desde que foi embora, há treze anos. Bento sempre foi uma pessoa incrível, alegre, um guerreiro, mas nada se compara a alegria dele quando está com você. Sua chegada, embora por motivos terríveis, foi a melhor coisa que ele vivenciou em anos, sabia? Vocês dois formam um belo casal, aquele casal que a gente torce nos filmes para ver juntos.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Abaixo meu olhar, encontrando o rosto sorridente da minha amiga. As recordações me assaltam, inesperadas. Lembro-me de quando ainda estudávamos e Brenda e eu fugíamos para namorar no rio, ela com o marido, e eu com Bento. Recordo-me das mentiras deslavadas que a gente inventava para ficar com eles. Ela acompanhou tudo antes, e agora consegue ver mais coisas do que eu mesma. Eu o amo e negar isto é tolice.

Respiro fundo e concordo, silenciosa. A sensação de que estou fazendo tudo errado pelos motivos certos é tão forte que quase posso senti-la. Francesco não merece nem um décimo do que estou aprontando aqui, permanecendo na cidade apenas para curtir um tempo com meu primo, a quem eu amei mais que tudo... a quem ainda amo. Dou uma fungada e sinto os braços de Brenda me apertarem, gentis.

## PERIGOSAS ACHERON

— Eu sou uma mulher comprometida com outra pessoa, Brenda. Por que meu cérebro não consegue registrar isso? Por que é tão difícil ir embora, manter-me afastada de Bento? É imperdoável eu ter ficado tanto tempo longe, mas, ainda assim, eu criei uma outra vida em Milão, e tem um homem lá me esperando, sabe? A quem prometi amor eterno — fungo de novo, as lágrimas caindo sobre os cabelos escuros de minha amiga.

Ela não parece notar, e continuamos abraçadas, ela me confortando como uma boa amiga. A melhor.

— Primeiro, Olívia, não há nada neste mundo que não mereça o perdão. Se um dia Bento te odiou, hoje tudo é diferente, e você está aqui, com ele. Sinceramente, ele até pode ter mágoas com relação a você, mas nada que seja imperdoável. Não se culpe tanto, Olívia, caramba. Você foi arrastada para lá e teve seus motivos para não

## PERIGOSAS ACHERON

voltar. — Ela me solta, mas segura minhas mãos entre as suas, um sorriso no rosto amigável. — Não importa o que tenha deixado em Milão, a sua essência está aqui, sempre esteve, mesmo que você mesma não aceite. Você e o Bento se completam, e isto é tão raro, minha amiga. Aproveite.

— Brenda, eu sou noiva...

— Bobagem. Francesco me pareceu uma boa pessoa, mas de homem não tem nada.

— O quê? — grito, arregalando os olhos para ela, confusa.

Brenda me lança um sorrisinho afetado, como se tivesse todas as respostas do mundo em sua mente fértil.

— Bem, sinto muito lhe dizer, mas eu acho que Francesco está vivendo um caso de amor, e não é com você. — Ela levanta as mãos para mim, calando-me. — E antes que se aborreça, ele não tem nada a ver com você, Olívia, tenha a santa  
PERIGOSAS ACHERON

paciência! O cara usa mais gel no cabelo do que você usaria em um ano; as roupas dele não têm um fiozinho amassado, e aqueles sapatos coloridos? Que aberração é aquela?

Estou brava e mesmo assim caio na gargalhada, as lágrimas misturando-se ao suor que escorre da minha testa. Só Brenda mesmo para ser tão direta.

— Brenda...

— É sério, Olívia. Olhe só para você, minha amiga. Acha mesmo que um homem como ele pode satisfazer todas as suas vontades? Olívia, me poupe. Toda mulher, no fundo, gosta muito mais de um homem durão e rústico, com uma bela pegada. E digo mais: aposto que seu noivo também adoraria um homem com pegada.

— Brenda! — Fulmino minha amiga com o olhar, mas ela está rindo agora, e eu a acompanho.

— Fala sério, Olívia. Bento é bem mais a sua cara, o cara é todo forte e durão, e corre feito um PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

doido todos os dias. E aqueles braços? Acho que ele consegue abraçar uma casa inteira daquele tamanho. Sem falar na bunda...

— Você anda reparando na bunda dele?

— Claro, e garanto que é maior que a minha. Aquele homem de cueca deve ser..

— Pare! — grito mais uma vez, contrariada pelo rumo que a conversa está tomando. Não quero ouvir os atributos do meu primo assim, jorrados da boca de minha amiga casada e mãe de três crianças. Levanto-me e quase derrubo Brenda no chão. — Por favor, pare de brincar.

Brenda se ajeita também, ficando de pé. Ela me olha mais séria agora, um olhar sincero e profundo.

— Só quero que você seja feliz, e nunca vi Bento assim. Olívia, pare de enganar a si mesma e a este noivo falso de bolo de casamento. O que você e seu primo tem é único, e não deve ser desperdiçado.

## PERIGOSAS ACHERON

Assinto a contragosto, suas palavras tornando-se cada vez mais reais. Brenda tem razão. Eu gosto de Francesco, e até me arrisco a afirmar que o amo, mas é um amor diferente, calmo, quase como o que sinto por Vitório. Quero que ele fique bem, que seja feliz, quero cuidar dele e deixá-lo satisfeito, mas...

Com Bento, tudo é mais intenso. Quero tocá-lo, agarrá-lo, beijar cada parte suada daquele corpo escultural, quero ouvir os gemidos satisfeitos saindo de sua boca, sentir suas mãos firmes puxando meu cabelo, apertando-me com força. Quero arrancar suas roupas com os dentes, ficar imprensada pelo seu corpo gigante, segurar seus cabelos com força, lambe sua orelha e seu peitoral definido. Com Bento, eu perco o controle. E é maravilhoso. Porque perder o controle faz parte da natureza humana, e eu sou humana, oras!

— Tudo bem, já chega deste papo filosófico. Precisamos terminar logo estes vestidos antes que

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

alguma noiva apareça morta, e eu seja a suspeita.

Brenda ri de mim. Ela caminha em minha direção, me dá mais um abraço apertado e voltamos às nossas tarefas.

— Não se esqueça da despedida de solteira, hein — minha amiga me avisa, entregando-me um cartão pequeno, rosa, cheio de purpurina.

Seguro o cartão em minhas mãos e estreito os olhos, curiosa.

— Não sabia que aqui tinha tanta diversão para uma noiva.

— Haha, aqui não é Milão, mas sabemos como deixar uma noiva prestes a se casar feliz — Brenda reage, animada. — Tivemos um problema com a data, então precisamos mudar de última hora, mas ainda será no bar.

— Mas o bar é do seu marido — contesto, franzindo as sobrancelhas.

## PERIGOSAS ACHERON

— Sim, mas ele já tinha agendado para um casal que está fazendo bodas de alguma coisa, então o dia foi alterado.

Termino de ajeitar o busto do vestido que antes estava torto.

— Hum, e o que vai ter lá? Homens dançando nus oferecendo bebidas na cueca e mulheres bêbadas tirando a roupa? — pergunto, encarando o rosto da minha amiga, que sorri, estalando a língua.

— Espero que sim. — Ela pisca, terrível como sempre foi. — Isto e muito mais. E vamos aproveitar como nunca.

— Tenho certeza que sim — concordo, pegando outro vestido e recomeçando o meu trabalho.



A chuva constante cai e bate no para brisa do carro do meu irmão. Esfriou mais ainda, e ligo o ar quente do veículo no máximo. Dirijo devagar, PERIGOSAS ACHERON

como ele me orientou centenas de vezes antes de ceder o automóvel a mim. Eu quase tive que assinar um contrato cedendo meus bens a ele só para dirigir da casa dele até o cemitério.

E aqui estou.

O cemitério está vazio quando estaciono o carro em uma vaga. Desligo o motor e olho na direção do portal grande. Não sei bem por que vim aqui, mas queria vir. Quando saí da casa de Brenda, tinha tomado uma decisão importante: eu queria Bento, queria demais, e teria que lidar com este sentimento mais cedo ou mais tarde. Em uma outra época, a primeira pessoa com quem eu falaria seria minha avó Teresa. Logo, vim para o único lugar que simboliza seu novo lar.

Desço do carro, minhas botas de cano longo pisando nas poças lamacentas no chão, o salto agulha afundando nos buracos com terra molhada. Encolho-me ante os pingos e corro até a entrada do

## PERIGOSAS ACHERON

cemitério, agarrada a uma esperança infantil de que vovó terá todas as respostas de que preciso, de que ela vai saber o que fazer. Ando pelo corredor que leva aos túmulos. Demoro a encontrar o dela, porém assim que o vejo começo a chorar incontrolavelmente, uma necessidade ardente de vê-la de novo, nem que fosse uma única vez.

Caminho entre os túmulos cobertos por grama e flores até chegar ao de vovó. Há uma foto, a mais recente que ela me enviou dias antes de morrer. Vovó sorri para a câmera, fazendo pose, um vestido de tricô marrom e um chapéu de jardinagem na cabeça grisalha. Uma plaquinha de metal está ao lado da fotografia, com o nome de vovó: *Teresa Perrone. Mulher amada, mãe e avó querida.* Sua data de nascimento e óbito também estão ali, inscritas em números menores e bem desenhados, a marca registrada de sua vida. Abaixo-me e toco a fotografia com dedos trêmulos, o rosto derramando

## PERIGOSAS ACHERON

mais lágrimas, estas misturando-se à chuva que aumentou um pouco. Não me importo. Só quero falar com ela, com a única pessoa que achei ser eterna.

— Vovó, o que eu faço? — soluço para o túmulo encharcado pela água.

Eu nunca acreditei em mortos que falam, múmias que vem nos assombrar ou mesmo pessoas do além com mensagens criptografadas. Sei que ela não está mais ali, que seu corpo está sendo devorado por insetos, e que ela não pode me ouvir, pois não está no céu, ao menos não agora. Desde pequena, minha mãe era uma frequentadora assídua da igreja, e eu acompanhava os sermões do pastor no velho prédio de madeira no final da nossa rua onde eram realizados os cultos.

*Mortos não falam* era o que ele dizia, e eu sempre acreditei nisso. Mesmo assim, eu quero me sentir próxima a ela, sentir que ainda posso falar

## PERIGOSAS ACHERON

mesmo que vovó não escute. No fundo, acho que eu só preciso falar. Preciso desabafar, dizer tudo o que está perfurando meu coração e atormentando minha mente, corroendo minha alma. Minha mãe é mais tagarela que uma vitrola, e não me deixaria ir muito longe com minhas lamúrias. Meu pai está vivendo sua nova vida e não parece se importar muito comigo. Vitório é um ótimo irmão, mas o que ele poderia me dizer? E Bento... Bem, ele é a razão de todas as minhas incertezas.

Só quero falar com minha avó. E é o que faço.

— Eu não sei o que fazer, vó. Não sei. Eu o amo, amo tanto, tanto. Bento é o meu mundo agora, uma parte de mim que não pode mais ser retirada. Como pude ficar tanto tempo sem ele? Como pude abandonar aquele voo há doze anos, deixando para trás a oportunidade verdadeira de ser feliz com o único capaz de me proporcionar a verdadeira felicidade? Como fui fazer isto, vó? Por favor, por

PERIGOSAS ACHERON



favor, me diga que ainda não é tarde, que eu e ele... ah, meu Deus, estou tão confusa e ao mesmo tempo tão certa de ficar com ele — balbucio, trêmula.

Não há voz, nem sinais, nem qualquer indício de que haverá uma ajuda divina. Enfio meus dedos na grama, arrancando algumas ervas daninhas. A lama suja a minha pele clara, mas continuo a remexer na grama molhada. Ajeito a foto de minha avó, com carinho. Passo os dedos pelo seu rosto, sorridente, e deixo meus joelhos tocarem a terra, derrotada.

— Se você estivesse aqui, o que me diria? Que devo telefonar agora mesmo para Francesco e terminar tudo? Que devo pegar o primeiro voo e sumir daqui? Que devo seguir com minha vida e me casar com meu noivo, ou que devo me declarar para Bento? — grito as palavras no cemitério vazio, cada uma delas voltando para mim em forma de eco. — Qualquer coisa, vó. Eu faço qualquer coisa que você me disser.

## PERIGOSAS NACIONAIS

Minhas lágrimas continuam a cair na grama, e eu me agacho ainda mais, debruçando-me por sobre o túmulo. Choro muito, grito em desespero, peço ajuda, conto histórias para ela. Não há vida nenhuma aqui, apenas eu e minha atitude estúpida e infantil. Balanço a cabeça, frustrada.

— Ela não pode te ajudar mais. — Uma voz grossa ecoa pelo espaço, e me viro, assustada, procurando o dono da voz.

Bento está parado a poucos metros de onde estou, as mãos nos bolsos da calça jeans preta, a camiseta cinza encharcada pela chuva, os cabelos castanhos respingando água, que caem em seus olhos escuros. Seu corpo ereto parece tranquilo, e vejo no portão Vitório, que acena e some de vista. Engulo em seco com a possibilidade de ele ter ouvido tudo, inclusive a parte em que gritei que o amava.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Ainda soluçando, levanto-me desajeitada, os saltos grudando na lama, e corro até meu primo. Passo por entre os túmulos, atravesso o corredor e me lanço em seus braços. Desta vez, Bento me recebe de braços abertos, e eu afundo meu rosto em seu peito, e deixo que o choro me consuma, ignorando nossas diferenças.

## PERIGOSAS ACHERON



## Capítulo 14

SOU OFICIALMENTE UMA mulher solteira, e tudo ainda é muito recente. Fui namorada por tanto tempo de alguém; noiva por alguns anos. De repente, sinto-me deslocada, como se me faltasse algo; paradoxalmente, tenho a impressão de que não perdi nada, apenas ganhei a oportunidade de me conhecer melhor, encontrar meu verdadeiro caminho.

Há uma semana, liguei para Francesco e esclareci tudo. As frases saíam descompassadas dos meus lábios, enquanto o silêncio do outro lado da

linha era sepulcral. Após vários minutos em que eu apenas falei, ouvi um suspiro pesado de meu noivo e uma convivência inesperada, como se ele estivesse esperando minha ligação há semanas, senão cogitado fazer o mesmo que eu. Por fim, ele disse:

— Posso continuar trabalhando para você?

Ri como não ria há dias, enquanto ele também me acompanhava em gargalhadas desconexas e irritantes.

— É claro. Você é quem tem mantido esta máquina funcionando, Francesco. Apenas não deixe tudo desmoronar enquanto eu cuido das coisas por aqui — disse. Ele foi ótimo, de uma gentileza e delicadeza extremas, algo que eu sempre soube ser de sua essência, e quando me disse que torcia muito por mim, sorri, compreensiva de que, desde o começo de toda essa viagem, Francesco sabia de todos os meus sentimentos por Bento. Por fim, quando eu disse

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

que o amava muito e que ele era muito importante em minha vida doente, ouvi suas broncas e sermões, e desligamos em sintonia.

Minha mãe quase teve uma síncope quando lhe dei a notícia. Ela já tinha, mas é claro, separado inúmeros tecidos para serem usados na decoração da festa; escolhido dois vestidos, um que ela usaria na igreja e outro no baile; contratado uma equipe que lhe acompanharia até Milão para o casamento de sua filha famosa e milionária. Seus gritos histéricos ecoavam pelo hotel silencioso enquanto eu a fitava muda, perplexa pela sua atitude ridícula e desnecessária. Minha mãe adora um teatrinho, chamar a atenção para si, desconsiderando a minha opinião. Acabei perdendo o controle e me escondi na casa deixada por minha avó, a casa para onde eu sempre fugia, desde muito nova.

Bento ficou calado quando eu contei, brincando com os pelos de Tango, ignorando a minha notícia.

PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Não que eu tenha me arrependido do que fiz; enganar Francesco, sabendo que amo outra pessoa estava fora de cogitação, mas eu realmente esperava algo a mais de meu primo. Estávamos correndo em uma manhã fria, nossos tênis se chocando no asfalto úmido, quando eu joguei a bomba para ele, que continuou correndo e brincando com o cão, fingindo não ter me ouvido, mesmo eu sabendo que sim, o desgraçado fingido me escutou. Irritada, dei meia volta e voltei para casa.

E é onde estou. São quase oito da noite, antevéspera do casamento comunitário. Brenda e eu trabalhamos tanto esta semana que meus dedos estão em carne viva de tanto costurar, remendar e alterar detalhes de última hora. A qualquer momento, vou esganar uma noiva, de tão estressada que me encontro. Por pouco, não me rendi aos meus remédios para me manter centrada. É sempre

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

uma loucura lidar com noivas. Vivo isso diariamente em minha profissão; semanas e dias antes dos casamentos, meu ateliê em Milão ferve de noivas malucas, drogadas, mães com os olhos esbugalhados, irritadiças com as exigências das filhas, e até noivos que querem desistir do casamento caso eu não altere os vestidos como elas querem. Estou habituada a todo tipo de maluquice, incluindo ligações na madrugada. Contudo, aqui eu esperava algo mais sossegado, como a cidade. Enganei-me feio. Noiva é noiva em qualquer lugar do mundo. Felizmente, agora tudo está sob controle. Os vestidos estão prontos e finalizados, os sapatos já foram escolhidos e muito bem cuidados, os véus estão alfinetados aos vestidos em manequins específicos na casa da minha amiga, o local da festa já foi parcialmente decorado e agora eu posso respirar aliviada.

## PERIGOSAS ACHERON



Encaro meu reflexo no espelho da cômoda de cerejeira do quarto de hóspedes. A noite está mais fria do que os dias, por isso escolhi uma calça jeans clara apertada, uma blusa curta preta de mangas soltas, que deixa à mostra minha barriga, e botas de cano curto, altas e pretas. Prendo meus cabelos em um rabo de cavalo alto e um pouco bagunçado, passo um pó no rosto, rímel para alongar meus cílios e um batom vermelho nos lábios. Ótimo. Estou pronta.

Assim que apago a luz do quarto, ouço a buzina do carro de Brenda lá fora. Desço as escadas correndo, pego uma bolsa pequena azul, tranco a porta e saio de casa. A noite está apenas começando.



O bar está lotado, um híbrido de música alta, conversas abafadas pelo som do DJ, copos e

PERIGOSAS ACHERON

garrafas que tilintam no espaço abarrotado. O bar de Brenda e Anthony tem uma localização privilegiada, com vista para o rio, um ponto de grande destaque no Parque Figueiral. Daqui, qualquer visitante consegue ver a água escura e a areia. No auge do verão, é um ótimo ponto de encontro.

Brenda me puxa pelo meio do salão assim que entramos. Hoje ela não vai ajudar o marido; está incumbida de uma tarefa muito maior, que é tornar esta despedida de solteira digna de um Oscar, como ela veio cantarolando no carro pelo caminho. A decoração escolhida é toda rosa: laços, copos, fitas, e coroas para todo mundo, além de plaquinhas de MDF com dizeres vulgares e engraçados. Anthony será um dos dançarinos que farão a alegria das mulheres, como mencionou minha amiga, e logo mais as noivas estarão todas aqui. No balcão, peço uma água tônica, mas antes que eu possa levar a

## PERIGOSAS ACHERON

garrafinha gelada aos lábios, Brenda a arranca de minhas mãos em um gesto brusco e divertido, e meneia a cabeça em meio às luzes de néon que piscam no teto.

— Hoje nada de água, docinho. Hoje é dia de beber e esquecer quem você é. — Ela me entrega um copo rosa com um líquido escuro, e eu bebo de um gole, sem pensar muito.

— Isso aí, garota. Espere só até você ver os dançarinos. — Ela pisca e sai andando por entre as mulheres que compõem o público da noite, rebolando os quadris em sua saia preta de couro.

Olho ao redor, e peço mais uma bebida. A garçonete que serve me entrega um copo com tequila e uma fatia de limão, e lá vou eu: lambo o espaço entre meu indicador e o polegar, colocando um pouco de sal no lugar que ficou úmido. Passo a língua no sal, engulo a tequila rapidamente, e tento chupar o limão, mas falho terrivelmente. A fruta

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

cítrica queima tanto minha língua que a deixo de lado, louca por água. Que Brenda não me veja! Sinto a ardência em minha garganta, mas não me intimido a ponto de desistir tão fácil de me embriagar. Depois da rejeição de Bento, uma boa dose de amnésia não me faria mal. Tomo ainda mais algumas bebidas, e então as noivas chegam. Todas estão usando lingerie branca, com uma coroa na cabeça e cintas-ligas apertadas nas coxas. Elas entram no bar, agora fechado e abafado por um aquecedor colocado de última hora no canto do salão, e todas aplaudimos. O show vai começar.

As brincadeiras começam. Beatriz, irmã de Brenda, é a mais recatada, e a cada palavrão que alguém deixa escapar, vejo seu rosto se avermelhar como um tomate. Ela tenta se esquivar das brincadeiras, mas Brenda e as outras não permitem. Acabo me rendendo e entrando na dança. Coloco uma coroa rosa na cabeça, e grito palavras de PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

incentivo quando cada noiva precisa abrir um pacote embrulhado. Surgem então, para alegria geral, pênis de borracha, vibradores de tamanhos variados, gels, pomadas, e até um boneco inflável. As noivas agarram o boneco, divertidas e cada vez mais bêbadas, e cada uma deve dizer o que vai fazer com o marido na noite de núpcias. Até eu me sinto tímida aqui, e nem sou a noiva. Brenda com certeza se superou!

Procuro um lugar mais afastado quando percebo que a bebida já está fazendo efeito. Sinceramente, não estou muito interessada no que elas vão fazer com seus maridos. Sento-me em um banco alto, e observo. Estou um pouco zonza por conta da bebida, o que não me impede de beber mais. Até que sou interrompida por Brenda, que me tira do banco à força e me leva para a frente de um palco improvisado, com cadeiras de plástico pretas.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— É hora do show, Olívia. Você nunca vai ver tantos homens lindos e seminus como hoje. — Seus olhos estão vermelhos quando ela pisca para mim, cambaleia e se afasta.

— Tenho certeza que sim — resmungo, fingindo incredulidade.

As luzes se apagam, e um globo colorido é ligado iluminando apenas o palco. As noivas estão enfileiradas na frente, um lugar privilegiado, os rostos corados, as vozes engroladas pela bebida, os cabelos bagunçados pela euforia de antes. O primeiro a entrar no palco é ninguém menos que Anthony. Os aplausos ecoam tímidos, e Brenda dá um assovio, marcando território. Ele está vestido demais para quem vai dançar, mas imagino que minha amiga jamais permitiria o contrário. Ele faz uma dancinha sem graça, ganha algumas notas de cinco reais e sai do palco, com urras e salvas.

## PERIGOSAS ACHERON

O próximo é um moreno alto, de cabelos compridos. Ele está apenas de cueca, e começa a dançar perto de Beatriz, que agora está mais relaxada. Ela enfia algumas notas de vinte na cueca do rapaz, que sai fazendo uma reverência. E assim, muitos outros se apresentam. Estou cada minuto mais zonza, extremamente desorientada aqui, e este globo maldito só piora meu estado. Estou prestes a me levantar e sumir dali quando ouço gritarem o nome de Bento.

*Bento.*

Bento está no palco. Mas que desgraçado!

Acompanho o olhar das pessoas, até me deparar com ele de cueca vermelha em cima do palco, iluminado pelo globo, sorrindo e acenando. Ele segura a bengala contra o corpo, com força, e a mulherada vai ao delírio. A cueca está tão apertada que consigo vislumbrar cada detalhe de seu membro escondido ali. Seu corpo está besuntado

## PERIGOSAS NACIONAIS

em uma espécie de óleo, marcando sedutoramente cada gominho de seu abdome malhado. Seus braços musculosos acenam sem parar em direção aos gritos, seus óculos estão ali, claro. Os cabelos estão molhados e bagunçados, e seu sorriso safado me tira do sério. E, como uma bela peça do destino, ele tem aquele V incrível que desce rumo a sua cueca, fazendo-me delirar com mil possibilidades.

Procurro Brenda com o olhar, e quando nossos olhos se encontram, ela dá de ombros, sorrindo. Ela sabia que ele faria isso? Estou muito confusa, os gritos das mulheres me deixam ainda mais nervosa, o barulho desequilibra meus sentidos. Uma música alta começa a tocar e meu primo faz alguns movimentos lentos, como se estivesse dançando. As noivas jogam dinheiro nele, que continua rebolando no palco, como se aquilo fosse a coisa mais natural do mundo.

Desgraçado!

## PERIGOSAS ACHERON



Então foi por isso que ele me rejeitou, ignorou o que disse sobre meu término com Francesco. Bento é tão imaturo e safado quanto qualquer outro homem.

As mulheres se aproximam, chegam perto dele, jogam dinheiro; algumas o puxam para perto e colocam o dinheiro em sua cueca. Ele sorri e acena para todos os lados, sempre segurando a bengala. Olho de novo para Brenda, mas ela não está mais no mesmo lugar. Estou tão irritada com isso, em ver Bento assim, exposto como uma carne nova em um açougue. O que estas mulheres pensam que ele é?

Dirijo-me para a saída. Estou bêbada, tenho certeza, e não quero fazer uma cena. Mas então, como uma bela forma de me tirar mais ainda dos eixos, vejo Bianca, a predadora, subindo no palco e agarrando Bento com força. Ela se esfrega nele, e coloca dinheiro em sua cueca. Todas gritam,

PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

eufóricas, e algumas aplaudem. Olho enfurecida para o palco, uma vontade súbita de matar esta mulher e jogá-la no rio. Ela está tão seminua quanto ele, e seu corpo começa a ficar oleoso como o de Bento. Sentindo uma fúria avassaladora, giro nos calcanhares, atravesso a pequena distância que me separa do palco, empurro algumas noivas, que me olham embriagadas, e subo os degraus.

— Sai daqui, Bianca! — grito para a intrusa, irritada.

Bento escuta minha voz e sinto seu corpo se enrijecer. Ele a empurra de leve, apoiando-se na bengala. Bianca, porém, não se move um centímetro. Contrariamente, se agarra ainda mais a ele, colocando as mãos em sua bunda. Fecho os olhos, enfurecida.

— Saia daqui antes que eu faça uma loucura, Bianca. Estou avisando, largue ele, ou eu não

## PERIGOSAS ACHERON

respondo por mim — sibilo, agora chegando ainda mais perto deles.

Ouçõ murmúrios lá embaixo. Eu, por outro lado, não me atrevo a olhar. Sei que estou causando uma cena em uma festa que nem é minha, porém não suporto a ideia de nenhuma outra mulher tocando meu primo deste jeito. Minha raiva é tão grande que sei que, se Bianca realmente não se afastar, vou me jogar sobre ela e arrancar cada fio de seus cabelos.

Ela sustenta meu olhar, colada ao corpo de Bento ainda. Ele, mais uma vez, a empurra, mas ela não se dá por vencida.

— Que eu saiba, Olívia, Bento está solteiro e livre, e você é uma mulher comprometida. Volte para seu castelo, em Milão, e nos deixe em paz! — ela grita para mim, e todos gritam, as noivas ainda atirando dinheiro em nós, embriagadas demais para notarem a briga que se desenrola no palco.

Brenda surge perto de nós, e grita a irmã, que a ignora.

— Bianca... — Bento tenta interromper, mas ela se gruda mais ainda a ele.

Meu Deus, eu vou matar esta mulher. E, em uma fração de segundo, com o álcool tomando conta do pouco juízo que ainda me resta, parto para cima de Bianca, e a arrasto pelos cabelos até os degraus. Ela grita, tenta me alcançar, mas estranhamente estou forte e corajosa, e muito bêbada. Ela cambaleia para trás e desce os degraus pisando duro, sendo amparada por alguns convidados.

As noivas gritam, vejo de relance Brenda tirar Bianca do bar, e então ficamos apenas eu e meu primo no palco. Um silêncio se faz quando eu me aproximo dele, que está imóvel, se apoiando na bengala. Chego perto o bastante para ouvir sua respiração irregular, sentir seu cheiro gostoso de

PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

homem. Não tem mais volta. Tudo o que sinto por ele, todo o sentimento que foi massacrado durante todos esses anos explode dentro de mim e eu o agarro com força, grudando meus lábios em sua boca quente e macia, segurando seus cabelos com os dedos. Bento não parece surpreso: suas mãos me agarram de volta, ele segura minha cintura com força e enfia a língua em minha boca receptiva, jogando a bengala para longe. Estou desesperada por ele, sedenta por cada toque, cada beijo, cada gemido de prazer. Treze anos de frustração explodem dentro da minha cabeça, com meu corpo tomando decisões que não me permitem mais voltar atrás. Ele geme em meus lábios, e eu o beijo com mais intensidade, ouvindo ao longe os gritos no bar. Sei que estamos protagonizando uma cena aqui, mas nada mais me importa agora, a não ser ele e eu.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

A boca dele é tão melhor do que eu sonhei todos esses anos em minha mente jovem e inexperiente: é úmida, quente e tem o gosto do passado em uma versão melhorada, selvagem e pervertida. Como é possível alguém beijar com o corpo todo, como ele faz? Bento nunca foi só aparência: ele é corpo inteiro, alma, tudo ao mesmo tempo em uma sintonia perfeita comigo. Eu sempre pertenci a ele, e só agora me dou conta do quão estúpida fui ao pensar que teria isso com outra pessoa. Só Bento para me fazer sentir a melhor sensação do mundo.

Quando eu me afasto buscando ar, ele beija meu pescoço, meu rosto, minha orelha, e volta a beijar minha boca. Sua língua explora a minha com vontade, e tudo o que tentei esquecer até hoje retorna em questão de segundos. Nossas fugas, nossos encontros no rio, nosso último beijo no aeroporto. Sinto meu rosto molhado, e sei que estou

## PERIGOSAS ACHERON

chorando, um medo repentino de perder tudo isso de novo, como antes.

— Pequena... — Ele segura meu rosto entre as mãos, e vejo lágrimas escorrerem por baixo dos óculos. Porque ele também sabe: não tem mais volta. O nosso amor de adolescente estava apenas esperando o momento certo de ser revelado, despertando nossos sentidos.

Acaricio seu rosto. Roço meus lábios molhados nos seus, sentindo a maciez da sua língua quando ele a desliza lentamente por minha boca, despertando mais e mais recordações. Afasto-me apenas o suficiente para ele entender que vou dizer algo, e então Bento se endireita, esboçando um meio sorriso, a boca agora vermelha.

— Ouça, por que só vou dizer uma vez! — grito, tentando me fazer ouvir acima da música estrondosa que sai das caixas de som e dos gritos

históricos da mulherada que ainda joga dinheiro em nós.

Bento enrijece o corpo e solta meu rosto. Eu puxo seus cabelos, e aproximo meus lábios do seu ouvido. Vejo os pelos se arrepiarem ao som da minha voz e sorrio por dentro quando falo:

— Você é meu e de mais ninguém, entendeu? Não há a menor chance de mais alguém colocar dinheiro nessa sua cueca, ouviu? — desafio-o, mordendo de leve sua orelha.

Ele sorri e me segura ainda mais apertado, passando a língua umedecida pelos meus lábios, mordiscando de leve o contorno da minha boca. Quando se afasta um pouco, seu sorriso toma todo o seu rosto.

— Eu sempre fui seu, pequena. Quando nos casamos de mentirinha — ele relembra, lambendo minha boca com malícia. — Quando tentamos fugir. — Mais uma lambida, e meu corpo



## PERIGOSAS NACIONAIS

estremece com suas carícias. — E quando jurei te esperar, há treze anos. — Bento encosta a testa na minha, suspirando pesado. — Eu te esperei, pequena. Aqui estou, pronto para você — ele encerra, e sorrio também, colando meus lábios aos dele.



O sábado está ensolarado, com pouquíssimas nuvens no céu. A previsão é de que fique assim durante a semana toda, o que só veio a alegrar as noivas, visto que a festa será ao ar livre, em um espaço organizado no Parque Figueiral.

Desde quinta à noite que não vejo Bento. Depois que nos beijamos e protagonizamos aquela cena em cima do palco, ele me levou para casa e, como um bom cavalheiro, foi embora. Infelizmente, eu não quero um cavalheiro; eu quero Bento.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Como um beijo pode ser capaz de mudar os sentidos de uma pessoa? Não consigo parar de pensar em como tudo foi tão intenso entre nós; o beijo, a forma como ele me segurou em seus braços, a reação do seu corpo ao meu. Anos de namoro e noivado com Francesco não me prepararam para o que está me consumindo agora quando o assunto é Bento. Cada parte de mim anseia por ele, pelo seu beijo, seu toque, e eu daria tudo para não estar enfurnada neste quarto cheio de vestidos e noivas malucas. Juro que se tiver que ver vestidos por mais algumas horas vou surtar. Estas malucas estão me deixando tão doida quanto elas. Só queria estar com Bento, embora eu saiba que isso só vai acontecer após passar toda esta maluquice de festa e casamento.

Suspiro, enquanto Brenda me olha do outro lado do quarto. Seus cabelos escuros estão presos em um

## PERIGOSAS ACHERON

rabo de cavalo, sua roupa está cheia de alfinetes espalhados e sua testa está franzida para mim.

— O que foi? — pergunto, fingindo-me de boba.

— Hum, nunca mais tinha te visto tão feliz — ela fala, enquanto aperta o corpete de Beatriz, que reclama com um gemido alto.

— Na verdade, Brenda, sem querer ofender, mas você nunca mais tinha me visto... de jeito nenhum. — Sorrio, piscando os olhos para ela em uma tentativa de fazer graça.

Brenda aperta ainda mais o corpete da irmã e responde, contrariada:

— Isto porque você sumiu depois que ficou rica e famosa.

— Eu sumi antes de ficar rica e famosa, Brenda — retruco, e caminho até minha amiga. Agacho-me e ajeito a barra do vestido de Beatriz, que resmunga enquanto seu corpo é apertado na lingerie.

— Isto é verdade. Sua mãe estava ensandecida naquela época, né? Muito mais do que agora — Brenda se diverte, relembrando a fúria de Marisa Perrone quando se tratava de Bento. Ela se volta para a irmã, autoritária. — Pelo amor de Deus, Beatriz, sossegue, ou então vou te largar aqui e quero só ver como você vai chegar na igreja.

— Está apertado demais, não consigo respirar — Beatriz se pronuncia, nervosa. — E estou com dor de barriga.

Dou risada, enquanto termino de arrumar a barra do vestido impecável.

— A culpa é sua que passou a semana toda comendo chocolate de madrugada. Agora, toma essa! E nem inventa moda, ouviu? Vai ter que segurar até depois do sim. Nem se atreva a correr para o banheiro com este vestido, entendeu? — Brenda ameaça a irmã, que apenas assente, olhando para mim em busca de socorro.

## PERIGOSAS NACIONAIS

Dou de ombros, sorrindo.

— Eu não me atreveria a desafiar a sua irmã se fosse você, Bia. Melhor não arriscar — desculpo-me, sorridente.

Levanto-me e me ajeito, assentindo ante a imagem de Beatriz vestida como uma noiva, como ela vivia dizendo ser seu sonho de infância. O modelo justo e imaculadamente branco delineou muito bem o corpo esguio da noiva. O decote discreto dá um ar romântico ao visual e a renda nas costas deixa um ar de mistério. Ficou linda.

— Você está linda, Bia, e vai ser um casamento maravilhoso. Não se preocupe com nada, tudo bem? O vestido combina perfeitamente com você, e seu noivo vai concordar comigo. — Coloco os alfinetes na mesinha de madeira, calço minha sapatilha preta e caminho para a porta. — Vou para casa me arrumar. Vejo vocês na igreja.

## PERIGOSAS ACHERON

— Você vai com o Bento? — minha amiga grita para mim, e eu assinto, saindo de sua casa.

Dirijo rápido para casa. Ultimamente, tenho dirigido muito, e Vitório me enche de conselhos e orientações, como se eu fosse uma imbecil completa ao volante. Sinto-me feliz e radiante quando dirijo e tudo graças ao Bento, que me forçou a encarar meus medos. E ainda há tantas coisas a encarar...

Chego à casa de vovó, subo as escadas correndo e entro no banheiro. Arranco meu vestido de mangas compridas pela cabeça, tiro a lingerie, ligo o chuveiro e entro. A água quente queima minha pele, mas é um alívio grandioso, único, algo de que senti falta. Em Milão, no inverno, deixava a água do chuveiro sempre o mais quente possível. Quando me arriscava a tomar um banho de banheira durante a estação fria, a água era tão quente a ponto de sair muito vapor da banheira

## PERIGOSAS ACHERON

enorme e estilosa. Fecho meus olhos, ensaboo meus cabelos e aproveito a sensação de conforto que o banho me traz. Gostaria de tomar um banho mais demorado, mas não tenho muito tempo. Sei que Beatriz e as outras noivas vão se atrasar, mas quero chegar cedo. E combinei de passar na casa do Bento para pegá-lo.

Termino minha chuveirada escaldante, saio do banheiro e vou direto para o quarto. Meu vestido de festa está sobre a cama, passado e no cabide. Ele veio diretamente de Milão, um pedido especial que fiz a Valentino, um grande estilista e amigo íntimo meu e de vovô, a quem devo muito do que aprendi durante meu longo e eterno aprendizado no mundo da moda. O modelo dourado é justo na cintura e nos seios, com um decote grande em V, que realça meu busto. Sem ser vulgar, há um tule desenhado que cobre o V. A cintura é bem marcada com um cinto da mesma cor, e há uma fenda enorme do

## PERIGOSAS ACHERON

lado direito, expondo minhas coxas grossas quando eu ando. As mangas compridas são de tule, um tom mais escuro que o dourado, com desenhos abstratos. Sorrio para a peça única e delicada.

— Obrigada, Valentino — agradeço no quarto vazio.

Escolho uma lingerie preta no guarda-roupa, onde minhas roupas estão mais jogadas do que guardadas. Desde que resolvi ficar por aqui, ainda não consegui arrumar minha vida totalmente, e isto inclui minhas roupas e calçados, que se assemelham em muito à bagunça encontrada na casa do meu irmão.

Coloco a calcinha fina e rendada, e vejo o tecido desaparecer em minha bunda. O sutiã sem alças fica muito apertado em meus seios fartos, mas deixo assim mesmo. Há um coração dourado no meio, um detalhe delicado e muito sexy. Olho-me no espelho. Bento não pode me ver, mas o que ele

PERIGOSAS ACHERON



diria se sentisse a maciez da peça, a textura do tecido enquanto suas mãos tocassem meu corpo com desejo? Ele não pode ver, mas isto não o impede de fazer outras coisas. Sinto um arrepio percorrer meu corpo só de pensar na possibilidade. Estou me transformando em uma mulher devassa, isso sim. O que diria minha terapeuta dessa nova versão de mim mesma?

Coloco o vestido com cuidado para não estragar a peça, calço um par de sandálias altas e douradas, seco meus cabelos. Não sei bem o que fazer com eles, na verdade. Casamento sempre combina com um penteado mais clássico, preso, algo que deixe mais à mostra meu pescoço. Pego uns grampos que estão dentro de uma gaveta, e imediatamente as lembranças de minha avó prendendo meus cabelos contra a minha vontade me vêm à mente. Minha mãe detestava meus cabelos soltos, dizia que era deselegante uma garotinha andar com os cabelos ao

## PERIGOSAS ACHERON

vento, por isso ela forçava minha avó a prendê-los. Fecho os olhos e consigo sentir o toque dos dedos lentos de minha avó em meu couro cabeludo e a forma carinhosa e gentil como ela prendia meus fios, sem nunca deixar de dizer o quanto eu era linda de qualquer jeito.

Respiro fundo, temendo cair em lágrimas agora. Não quero chorar com tristeza. Quero sempre recordar estes momentos preciosos com a sensação de que vivi o melhor da vida ao lado da mulher mais doce e serena que conheci. Volto meus olhos para minha imagem no espelho. Coloco alguns fios loiros para cima e prendo, deixando mechas soltas só para contrariar minha mãe, que vai estar presente na cerimônia e na festa. Faço uma maquiagem caprichada, com sombra dourada e marrom contornando meus olhos, lápis pretos e rímel da mesma cor. Nos lábios, escolho um tom rosado. Coloco brincos de brilhante que ganhei de

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Francesco ano passado e estou pronta. Aprecio minha imagem no espelho e me dou conta de que estou nervosa, como se eu fosse a própria noiva.

— Bobagem — resmungo.

Desço as escadas, apago a luz e saio, rumo à casa de Bento.



— Eu os declaro marido e mulher. Já podem beijar as noivas! — o pastor anuncia o fim da cerimônia religiosa e há sete casais no altar, virados um para o outro. Segue-se um misto de beijos e abraços infindáveis assim que o reverendo oficializa a união de cada casal. Bento e eu estamos sentados na última fileira da igreja, no banco de madeira escura, apreciando a celebração. Ele segura minhas mãos com força, o rosto virado para frente, atento. Não consigo ver seus olhos, mas ele

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

parece muito satisfeito com tudo ao redor, como se sentisse a vibração e importância do momento.

Seu corpo, como eu já imaginava, fica muito bem em qualquer roupa, mas Bento de terno é algo muito sedutor, sua sensualidade emana dele a cada sorriso, gesto ou toque. A peça escura e clássica molda seu corpo; a camisa branca realça seu bronzeado; a gravata dourada combina perfeitamente com meu vestido; e os sapatos brilham mais que as luzes da igreja. Seus cabelos estão mais compridos, molhados pelo gel, levemente arrepiados. Bento está uma delícia, em carne e osso, e é todo meu. Todo meu.

Acaricio seus dedos retribuindo seu gesto, e me inclino para sussurrar em seu ouvido.

— Foi uma bela cerimônia.

Ele abre um sorriso para mim, revelando seus dentes brancos, e concorda.

— Sim.

## PERIGOSAS ACHERON

Dou um beijo de leve em seu rosto liso, e o puxo para nos levantarmos.

— Os noivos já vão sair pelo corredor — anuncio em um fio de voz.

Bento assente e se deixa levantar. A igreja é tomada por palmas e assovios, e os noivos atravessam o corredor, sorridentes. Durante uma hora mais ou menos, eles são parabenizados. Bento e eu cumprimentamos todos os casais seguindo uma fila indiana, repleta de convidados felizes e animados. Vejo minha mãe ao longe, a expressão indecifrável, porém me eximo de uma aproximação. Odeio como ela encara meu primo, como se ele fosse uma aberração da natureza, e eu uma vítima indefesa. Ela rejeita qualquer forma de comunicação comigo enquanto eu estiver com Bento. Logo, acho que nunca mais iremos nos falar.

Vitório surge do nada, me agarra e me abraça forte, dando um leve soco no ombro de Bento, que

PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

se assusta com meu grito.

— E aí, cara? Está sumido do Pet Shop, hein? Minha irmã está tomando muito do seu tempo. — Meu irmão me beija no rosto, e me mantém presa a ele.

Bento procura pela voz e quando reconhece Vitório, dá uma gargalhada.

— Não tenho culpa se sua irmã não resiste ao meu charme, cara. Desculpe, mas ela tem me mantido muito ocupado estes dias.

— Bento! — retruco, envergonhada.

Vitório puxa Bento para junto de nós, e nos mantém grudados pelos seus braços, formando um belo trio.

— Só espero que agora vocês dois se entendam de verdade. E você, cara, não pense que é porque somos primos que não vou ficar de olho. Se magoar a minha irmã...

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Vitório, não enche, que eu sei me cuidar... — interrompo seu discurso fraterno, mas ele me ignora e aperta os ombros de Bento.

— Estou falando sério.

— Não se preocupe, cunhado. Sua irmã nunca esteve tão bem cuidada em toda a vida dela — Bento responde, e acerta a bengala na cabeça do meu irmão, que se afasta, rindo.

— Bem feito, seu intrometido — zombo de Vitório, mas ele me agarra de novo e me gira no ar, como se eu não pesasse nada.

— Se ele te magoar, eu corto o saco dele.

— Chega, Vitório! — grito, e ele me põe no chão, abraçando Bento e cochichando algo em seu ouvido.

Observo a interação dos dois e meu coração se enche de alegria. Meu irmão e meu primo: os dois homens que amo mais que tudo. Só faltou meu avô aqui para completar esta cena familiar.

## PERIGOSAS ACHERON

— Dá para parar com esta pegação? A maioria já foi para a festa. Vamos logo que não quero me atrasar. — Entro no meio dos dois e Vitório me ergue no ar, de novo. E assim seguimos juntos para a festa.



A decoração do parque está linda. Enquanto Vitório segue com o carro rumo ao local da festa, observo as pequenas luzes colocadas nas árvores, e sorrio. Um mutirão foi convocado para organizar esta festa, incluindo a decoração, que está perfeita. O caminho que leva à tenda montada próxima ao rio está todo iluminado por luzes coloridas, e há pequenos lampiões brancos dispostos no chão, formando uma trilha iluminada e amarela, com rosas brancas jogadas pelo caminho. Um varal foi improvisado, amarrado de uma árvore a outra contendo lâmpadas.



Meu irmão estaciona a uma distância segura da tenda, e assim que desço do carro, vou até Bento e pego sua mão. Ele sorri quando sente meu toque, e se aproxima mais, o rosto colando-se ao meu ouvido de modo provocante.

— Gosto das suas mãos — ele sussurra, e sinto um tremor intenso percorrer todo o meu corpo, seu hálito doce roçando minha pele. — Principalmente quando elas estão no meu corpo — ele completa, a voz mais baixa.

Respiro fundo.

— Eu também gosto delas — tento fazer graça, e ambos rimos, mas no fundo estou ansiosa demais por algo que nem sei o que é. Ou talvez eu saiba, mas não queira rotular. É simplesmente enlouquecedor estar tão perto de Bento o tempo todo, sentindo seus toques casuais. Sua pele é sempre quente, áspera, firme. Suas mãos grandes são como um escudo quando ele me abraça, e adoro

## PERIGOSAS NACIONAIS

a sensação rústica quando ele me segura com firmeza. Seu beijo é melhor do que todos os sonhos que tive nos treze anos que fiquei longe, e sua língua é possessiva e lenta, uma mistura que me enlouquece. Treze anos sentindo, todos os dias, a sua ausência.

Permanecemos mais alguns minutos ali; analiso cada traço do seu rosto. A ausência de sua barba me incomoda, e passo meus dedos em seu rosto liso, contrariada. Bento encosta o rosto em minhas mãos, os óculos pendendo um pouco dos seus olhos, mas não o bastante para eu vê-los. Ele tem um cheiro de banho e colônia masculina que me atrai, e me encosto nele, que aos poucos percebe a presença do carro, encostando-se no veículo.

— Prefiro você de barba — confesso, ainda encostada em seu peito.

Ele solta um gemido alto, e beija o topo da minha cabeça, descansando seu queixo ali.

## PERIGOSAS ACHERON

— Ah, pequena, estava grande demais. Pedi para minha mãe fazer hoje.

— Sua mãe? — Ergo meus olhos para ele, que apenas assente, sem nada dizer.

— Por que sua mãe? — insisto diante do seu silêncio prolongado.

— Bem, porque só confio nela para cuidar destes detalhes, e eu não posso me barbear, então...

Claro. Ele não pode se barbear. Não gosto de pensar nas coisas que ele não faz mais desde que perdeu a visão. Bento é um guerreiro, e eu o amo cada dia mais por ter seguido em frente, tão forte e corajoso.

Dou um beijo nele, e ele corresponde com delicadeza no começo. No entanto, logo sua língua está exigente dentro da minha boca, desesperada. Grudo meu corpo ainda mais ao dele, e sinto sua ereção apertando minhas coxas. Eu deveria parar, mas não consigo. Seguro seus cabelos com força,

PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

meus dedos puxando os fios em desespero. Ele geme dentro da minha boca, puxando minha cintura para si, o tecido fino do vestido subindo à medida que o beijo vai ficando mais e mais intenso. Eu interrompo o beijo, buscando fôlego, e Bento gruda os lábios em meu pescoço, chupando a carne com os dentes. Solto um gritinho de prazer, o que o incentiva a continuar. Ele me morde cada vez mais, descendo os dentes pelo meu pescoço, até que ouvimos um grito, e ambos paramos, imóveis.

— Merda! — esbravejo, irritada.

Olho em direção à festa e lá está meu irmão, acenando para nós.

— Acabou a festa — digo para Bento, recompondo-me. Ajeito meu vestido, passo as mãos pelos cabelos desgrehados de Bento, e vejo um sorriso travesso se insinuar em seu rosto.

— Mais tarde tem mais, pequena — ele diz.

## PERIGOSAS ACHERON

Não consigo conter um sorriso de satisfação e de nervosismo com a possibilidade. Seguro em seus braços, e o guio para a grande celebração da noite.



Bento e eu estamos dançando na pequena pista de dança improvisada, com tábuas pintadas de branco que rangem conforme nos movimentamos. Estou com o rosto colado em seu peito, minha maquiagem da noite despejada na camisa branca do meu primo, os dois primeiros botões dela abertos, revelando seu peitoral com pelos castanhos. O queixo dele está apoiado em minha cabeça, e ele me rodopia pela pista devagar, seguindo minhas coordenadas quando vejo que vamos esbarrar em algum casal.

A festa, assim como a cerimônia religiosa, foi linda. As noivas ficaram radiantes em seus vestidos, e me sinto tão feliz e orgulhosa por ter

PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

feito parte de um momento tão marcante na vida de alguém. Em Milão, as noivas que recorrem a mim raramente me enviam fotos ou uma imagem para eu vê-las em meus modelos. Contraditoriamente, este tempo em que passei desenhando e costurando a roupa destas sete mulheres foi mágico, único, uma experiência que eu gostaria de ter de agora em diante com minhas novas clientes.

A maioria dos convidados já se foi, pois é tarde. Muito tarde. Brenda bebeu muito, caiu, se sujou de areia e foi levada pelo marido; minha mãe mal tocou na comida, porém se manteve discreta durante o tempo em que ficou sentada comigo e com Bento. Ela, surpreendentemente, não foi grosseira ou maldosa, e até puxou conversa com meu primo, que foi muito desagradável com a tia; Bianca está sentada em uma cadeira, solitária, mas percebo que ela não tira os olhos de nós dois.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Bem, dane-se! Nós duas queremos a mesma coisa, e, no momento, eu estou com ele. Todo meu.

Sinto os dedos de Bento puxando meus fios para baixo, e pergunto se ele quer ir embora.

— Sim, chega de festas por hoje — ele responde, a voz sonolenta pelo sono.

Vitório foi embora de táxi, com uma ruiva, e deixou o carro para mim. Abraço Bento pela cintura, e subimos o trajeto até o carro. Destravo a porta, ajudo-o a entrar, dou a volta e entro também. Meus pés estão sujos e machucados por ter ficado a noite toda descalça, minhas mãos estão sujas por ter brincado com as trigêmeas de Brenda na terra. Dou partida no carro, e encaro Bento, que está mais sujo do que eu.

— Você precisa de um banho, sabia, Chico Bento? — brinco com ele, e a referência ao desenho infantil o faz rir muito.

— Gostei da analogia.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Que é verdadeira, a propósito. Você parece saído de um chiqueiro — rebato, dirigindo devagar até a portaria do parque.

De lá, atravesso a pista e pego a vicinal, que está quase deserta.

Ouçó meu primo suspirar ao meu lado e desvio os olhos da estrada, fitando-o.

— Por que está suspirando?

— Estava aqui pensando. Estou todo sujo e suado, e mesmo assim você não desgrudou de mim a noite toda. Imagine se eu estivesse limpinho.

Maldito convencido. Pior é que o desgraçado tem razão.

— Hum, não vai se achando muito não, Chico Bento, e nem pensando que vai fugir do banho só porque você fica gostoso sujo de terra e suado.

— Fico, é? Eu fico bem de qualquer jeito, pequena.

## PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

— Concordo — digo baixinho, as imagens de Bento de cueca, aquela noite no bar invadem a minha mente fértil. Tenho que concordar que ele fica muito sensual, o corpo definido e malhado, os gominhos de sua barriga saltando do corpo, os braços grandes e cheios de músculos moldando sua silhueta, e sua bunda... tão apertada envolta no tecido da cueca. Sem falar nas pernas torneadas e no peitoral grande.

— Pare de pensar em mim nu, pequena. Isto é feio.

— O quê? — perco momentaneamente o controle do carro, e aperto a buzina sem querer. — Do que você está falando, Bento?

O som de sua gargalhada ecoa acima da música que toca no rádio. Bento joga a cabeça para trás e ri, colocando as mãos na barriga.

— Pare com isso, Bento! — grito para ele, que ainda está rindo.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Recomponho-me e continuo dirigindo, entrando na avenida principal da cidade. Ele continua rindo ao meu lado, e me sinto envergonhada. Meus pensamentos, com certeza, não foram os mais puritanos, nunca foram na verdade. Quando se trata de Bento, minha mente tem vontade própria, meu corpo reage de forma desconhecida, meus hormônios entram em combustão.

— Você estava mesmo pensando em mim nu, não é?

— Não! — grito de novo, irritada.

Paro o carro em frente à casa de minha avó e desço, xingando Bento por todos os nomes horríveis que meu cérebro consegue se lembrar. Entro em casa e bato a porta, com raiva. Subo as escadas correndo, entro no quarto onde estou hospedada e me tranco lá.

E Bento não aparece.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Merda! — esbravejo para o cômodo, o eco de minha voz ressoando pelo aposento.

Esqueci-me de Bento no carro.

Contrariando minha vontade de me manter longe dele e de suas brincadeirinhas, desço correndo as escadas de novo. Sorrio quando abro a porta da frente e meu primo está parado lá, as mãos levantadas, a bengala batendo de leve no chão de assoalho. Ele tirou a camisa e está com areia nos cabelos, e descalço. Umedeço meus lábios, completamente excitada com esta visão. Bento sujo e suado, os cabelos desgrehados e a respiração entrecortada me excitam muito. Devo estar louca.

— Estava brincando, pequena. É maldade sua me largar lá, sabia?

— Desculpe, mas não vou prometer que não farei mais. Gosto quando você precisa de mim. — Toco seu rosto com os dedos, sentindo a pele dele lisinha. — Desculpe de novo.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Antes que ele diga mais alguma coisa, puxo meu primo pelo braço e entramos na casa. Bato a porta, e subimos a escada devagar.

— Cuidado, Bento, tem um degrau que está com o carpete solto. — Guio meu primo pela escada, e entro no banheiro com ele, o espaço grande e ladrilhado iluminado por uma fraca luz que pende da laje.

Ele fica parado no meio do cômodo, e entro no box de vidro, ligando o chuveiro em uma temperatura escaldante. Minha mão queima quando a água atinge meus dedos, e dou um pulo para trás, esbarrando em meu primo, que cai sentado em cima do vaso sanitário.

— Onde estamos? O que está aprontando, pequena? Estou todo sujo, preciso muito de um banho — ele resmunga, encostando a cabeça na parede.

— Mas é claro que precisa.

## PERIGOSAS ACHERON

Olho para meu primo sentado ali, indefeso e sexy demais. Como ele passou de um menino bobo e sapeca para um homem feito, que me tira o juízo? Larguei minha vida em Milão, minha fortuna e meu conforto por ele aqui, em uma cidade pacata e uma vida simples. E ainda assim... nunca fui tão feliz.

— Estamos no banheiro, Bento, e é exatamente o que você vai fazer. Tomar um banho, Chico Bento — respondo a sua pergunta, regulando a temperatura do chuveiro. A água muda de quente para morna, e me dou por satisfeita. — Pronto, a água está uma delícia.

Bento enrijece o corpo, reagindo a minhas palavras. Não sei o que ele está pensando, mas só quero que ele tome um banho e fique por aqui. Já está quase amanhecendo, e ele está sonolento. Depois de um banho, tudo indica que pegue no sono. Quando ele estiver limpo, eu pretendo fazer o mesmo, pois estou grudando com o champanhe da

# PERIGOSAS ACHERON

festa, além de terra nos cabelos e bolo na barra do vestido.

— Pequena, você está tentando me seduzir? Porque se está...

— Estou conseguindo? Porque esta é a intenção — interrompo-o, puxando suas mãos para cima. Ele se levanta e fica de frente para mim, meu rosto encostando em seu peito rijo. Tiro sua camisa suja, a gravata toda torta pelas brincadeiras com as meninas.

— Totalmente. — Ele me dá um sorriso safado, e umedece os lábios ao mesmo tempo que eu. Ficamos assim, um de frente para o outro, ele sem camisa, sujo e malicioso, o desejo explícito na forma como se comporta.

— Que bom — declaro.

Segurando em suas mãos, e pedindo que levante os pés para passar pelo boxe, eu o guio para dentro do espaço menor, onde o chuveiro está ligado. Só

quero que ele tome um banho, e estou prestes a dizer que vou sair para ele tirar a roupa quando sinto as mãos de Bento na minha cintura, apalpando meu corpo todo. Quando ele encontra a base das minhas costas, me puxa em sua direção, e nós dois nos molhamos ao mesmo tempo, a água morna um alívio para nossa sujeira. Ele vai subindo a mão pela minha coluna, o vestido é um grande empecilho neste momento. Quando encontra minha nuca, me puxa em sua direção e me beija com intensidade, sua língua entrando na minha boca com força. A água do chuveiro molha nossos rostos, mas estamos tão ligados um ao outro que nada importa. Seguro sua bunda e o puxo ainda mais para mim, e Bento geme em meus lábios, mordendo de leve o canto da minha boca.

— Pequena...

— Não diga nada, não agora. Só quero que faça tudo o que está pensando em fazer desde o início da

## PERIGOSAS NACIONAIS

noite — sussurro, e ele me morde mais forte, puxando meu lábio inferior.

Ainda de olhos fechados, subo minhas mãos pelo seu peito até chegar ao seu rosto. Coloco as mãos nos óculos escuros, e pela primeira vez, ele não me impede, despertando minha curiosidade, e então abro meus olhos. Eu o retiro, e coloco no suporte para xampu, encarando seu rosto. Senti tanta saudade dos seus olhos, tanta falta que só me dou conta agora, enquanto encaro Bento, a água escorrendo em seu rosto, seus olhos amendoados tão perfeitos quanto sempre foram para mim. O olho direito está quase fechando, e tem uma mancha branca que toma quase o globo ocular inteiro. O esquerdo está como sempre foi, embora ele não fixe o olhar em ponto nenhum. Sinto que vou chorar, e não quero estragar nossa noite com minha piedade. Bento não precisa de nada além do amor que sinto por ele.

## PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

Agarro seus cabelos e colo minha boca na dele. Sua boca molhada é gostosa e atrevida, e logo minhas mãos estão no cóis de sua calça social. Arranco-a de uma vez, fazendo a peça escorregar no piso molhado. Bento entende o que estou fazendo e tira os pés de dentro da roupa. Puxo seu corpo para mim, beijando seu rosto, seus olhos, seus ombros, tudo. Quero tudo dele, e estou desesperada.

— Pequena, eu...

— Não, agora não, por favor, Bento.

Ele assente, e procura o fecho do meu vestido. Levo suas mãos ao fecho, que se abre com maestria. Bento, apesar de tudo, não perdeu a prática. Deixo que ele tire tudo sozinho, embora minha impaciência seja estratosférica.

— Anda logo — resmungo, e ouço sua risada se misturar à água do chuveiro.

## PERIGOSAS ACHERON

— Apressadinha. O que pensa que vai acontecer depois que você estiver totalmente nua? — ele me pergunta, deslizando o tecido molhado pelo meu corpo.

Quando o vestido chega a meus pés, eu saio de dentro dele, ficando apenas de calcinha e sutiã. Encosto meu corpo ao dele, apertando sua bunda, e beijo seu peitoral molhado, descendo minha língua por todo seu corpo. Deslizo minha língua molhada pelo seu abdômen, demorando-me em cada gominho aparente em seu corpo. Quando chego à sua barriga, Bento geme e segura meus cabelos molhados, puxando-os para cima.

— Pequena...

— Oi... — gemo, lambendo cada parte que consigo. Minha boca está na barra de sua cueca azul, e consigo vislumbrar o tamanho de sua excitação. Bento é muito bem-dotado, muito mais do que pude imaginar em minha mente adolescente.

— Vem cá. — Ele me ergue com delicadeza pelos cabelos, e segura meu rosto entre as mãos.

Olho para seu rosto molhado, seus olhos piscando, e respiro fundo, rendida a ele. Mesmo que, em algum momento da minha vida eu quisesse ficar longe dele, jamais poderia. Bento e eu somos um, sempre fomos. Nossa rebeldia e vontade de ficar juntos não era coisa de adolescente imaturo. Além do sangue que nos une, nossas almas sempre foram iguais, em uma sintonia perfeita e indestrutível. Sempre. Treze anos e um oceano não foram suficientes para nos manter afastados, porque quando dois corações batem um pelo outro, ainda há esperança.

Beijo-o mais uma vez, e então suas mãos tocam meu sutiã. A princípio, ele parece retraído, mas quando eu me esfrego em seu membro com vontade, Bento aperta com força o tecido preto rendado, me fazendo gemer. É tão bom sentir as

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

mãos dele em mim, uma intimidade que nunca me proporcionei ter com mais ninguém, nem mesmo com Francesco. Bento e eu sempre estivemos destinados a ficar juntos, e mesmo o tempo não foi capaz de apagar isso.

Ele vai enfiando os dedos pelo tecido até alcançar o bico do meu seio esquerdo. Devagar, ele acaricia-o e eu puxo para baixo, querendo mais. Estou tão excitada, molhada pelo chuveiro e por mim mesma, que só preciso dele dentro de mim o quanto antes. Impaciente, abro a peça e deixo que caia no chão molhado, misturando-se ao vestido dourado. Bento geme quando sente meus seios nas mãos, e aperta de leve, procurando minha boca, sedento. Ele enfia a língua na minha boca com uma vontade avassaladora, e eu retribuo, incapaz de não ceder. Desço sua cueca até o chão e seguro seu membro nas mãos, arrancando mais gemidos de sua boca.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Pequena, caramba, você... — Ele beija meu pescoço, as mãos agora descendo pelo meu corpo até encontrar minha calcinha. — Tão gostoso, pequena, tão...

Seguro-o inteiro, subindo e descendo minhas mãos, e ele emite um grito de prazer, que tenho certeza de que os vizinhos ouviram. Não ligo. Repito o movimento, e ele tira minha calcinha com rapidez, enfiando um dedo de leve em mim.

— Ah... — grito, levando um susto.

Bento para na mesma hora, imóvel.

— Machuquei você?

— Não — respondo, pegando sua mão e guiando-a em meu corpo.

— Pequena, eu machuquei você? Diga — ele exige, ainda imóvel.

Aproximo-me dele e beijo de leve seus lábios molhados, a água morna cada vez mais quente.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Você seria incapaz de me machucar, Bento. Você é o meu protetor. Sabe disto, né?

Vejo um sorriso de alívio em seu rosto, e, mais confiante, Bento me imprensava na parede, nossos corpos saindo debaixo do chuveiro. Segurando minha cintura, ele vai descendo as mãos pelas minhas coxas. Ergue uma perna até seu quadril e, sem que eu perceba, Bento está dentro de mim, nossos corpos se movendo em um ritmo só nosso.

Sinto uma dor forte e fecho os olhos, apoiando-me em seu peito. Ele se move ora devagar ora com força, e a ardência ainda está lá, cada estocada dele me atingindo em cheio. Grito seu nome quando ele enfia com força, beijando meus cabelos e aumentando o ritmo. Minha bunda está grudada no azulejo frio, minhas costas estão arqueadas pela dor, e só consigo pensar em como demorei tanto tempo para experimentar esta sensação assustadora e selvagem.

## PERIGOSAS ACHERON

Aos poucos, vou me acostumando à sensação. A dor forte agora é apenas uma ardência leve no meio das minhas pernas, o líquido vermelho antes no piso, agora ausente, levado pela água. Devagar, começo a me movimentar também, e beijo os lábios dele, com delicadeza, e percebo o quanto ele fica ainda mais atizado pela minha língua. Nossos corpos estão cada segundo mais quentes; Bento se mexe com vontade, sussurrando palavras carinhosas enquanto seu corpo grande arremete no meu, colado à parede fria. Deito minha cabeça no azulejo, fechando os olhos e sentindo uma sensação de pertencer totalmente a ele. Se antes poderia haver algo que nos separasse, agora, com meu primo me penetrando com tanta intensidade, nada mais pode nos separar.

Abro os olhos, ainda sentindo seu membro dentro de mim, minhas pernas mais bambas, e me apoio nele, suspirando. Minha respiração está

## PERIGOSAS ACHERON

acelerada, e consigo vislumbrar as batidas ritmadas do peito de Bento conforme ele diz meu nome, sem parar de me penetrar.

— Pequena, ah, Olívia, como isso é bom — Bento geme, mordendo meus ombros, meu pescoço, descendo a língua pelos meus seios e mordendo de leve o bico.

Grito de novo quando ele me penetra com força, e quando ele grita meu nome alto e encosta o rosto na parede acima da minha cabeça, sei que ele gozou. Comigo.

Deixo que meu corpo relaxe, a ardência ainda ali, como um sinal do que acabamos de fazer, um resquício do que ainda vou me lembrar, mesmo em outros dias. Bento sustenta meu corpo, segurando minhas pernas, que estão moles. Nossas respirações vão voltando ao normal. Fecho os olhos diante da magnitude do acabamos de fazer. Sinto os lábios de Bento nos meus, delicados, e sussurro tão baixo



## PERIGOSAS NACIONAIS

quanto meu cansaço permite, minha boca ainda grudada à dele:

— Te amo para sempre.



A madrugada dá lugar ao dia. O sol tenta entrar pelas frestas da veneziana do quarto escuro, insistente e intruso. Meu corpo está mole, exausto pelas horas com Bento, minha cabeça ainda girando como um carrossel. Estou deitada de costas na cama espaçosa, apenas de lingerie, Bento em cima de mim, a cabeça sobre minha barriga, enquanto suas mãos acariciam minhas pernas estendidas. Ele está deliciosamente nu, o corpo bronzeado uma manta sobre o meu. Acaricio seus cabelos bagunçados, puxando de leve alguns fios.

— Você tem cabelos brancos, sabia? — Puxo um fio com força e ele resmunga, meneando a cabeça.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Não tenho coisa nenhuma, pare de arrancar.

Puxo mais um só para irritá-lo, e ele me belisca.

Passamos boa parte do dia ali, deitados, conversando amenidades, brincando um com o outro, revivendo nosso passado. Meu irmão liga duas vezes, mas não atendo. Quero esquecer o mundo lá fora e só pensar em mim e Bento, aqui, nesta cama, exaustos por tantos anos de ausência e agonia.

À tarde, faço almoço para nós: um macarrão com uns restos da minha última ida ao supermercado, e Bento come duas vezes. Bom sinal. Ele insiste para eu colocar um filme, e quando fico muda, ele faz uso da brincadeira para quebrar o clima estranho.

— Eu sou cego, pequena, não surdo. Ligue a TV um pouco mais alto do que de costume e vá descrevendo as cenas para mim.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Faço uma careta para ele, pois não estou muito a fim disto. Coloco um filme de comédia, e quando um filme vira dois, percebo o quanto estar com ele é meu maior prazer. No terceiro, ele me obriga a colocar um de terror. Eu nego, brigo, xingo, grito com ele, que me ignora.

— Pequena, você é forte e corajosa, lembra? Está vencendo seus medos. Não pode recuar agora.

— Posso recuar quando quiser, não fique me dizendo o que fazer — critico-o, colocando as mãos na cintura.

Ainda estou de lingerie, a mesma de ontem, e Bento com a mesma cueca, que já foi retirada e colocada vezes sem conta. Ele faz uma cara feia para mim, e me pega no colo, quase me derrubando ao fazê-lo.

— Bem, agora não pode. E vai ver o filme, queira ou não. Me diga onde está o sofá ou te jogo no chão.

## PERIGOSAS ACHERON

— Não, Bento, para.

— Pequena, onde é o sofá?

— Me solta, Bento, é sério...

Ele me roda no colo, e eu fecho os olhos, tonta com a brincadeira.

— Onde está o sofá?

— À sua direita — respondo de má vontade, rendendo-me, abrindo os olhos.

Ele ri em meu ouvido e dá três passos hesitantes até esbarrar no sofá. Quando encontra, se joga nele comigo em seu colo, apertando minha bunda.

— Agora, coloque o filme e ligue no volume máximo. Vamos nos divertir!



— Sinto muito que não possa te ver, pequena. Eu daria o que pudesse para ver seu rosto, seu sorriso, suas bochechas redondas e lindas, que ficam vermelhas quando você está envergonhada

com alguma coisa, seus olhos tão azuis e sua boca... eu ainda me lembro de tanta coisa da nossa adolescência — sua fala tem um leve tom de mágoa.

Estamos na sala, ainda estirados no sofá, a TV mostrando os créditos do filme. Não foi tão ruim quanto eu achei que seria, e Bento segurou minha mão o tempo todo. Quando surgia alguma cena que me dava medo, eu encostava a cabeça em seu peito e sentia seus dedos deslizando pelo meu cabelo, enquanto ele sussurrava palavras de incentivo. Por fim, gostei do filme.

Coloco meus joelhos em volta de sua cintura e me sento em suas pernas abertas. No começo, ele tensiona os músculos da perna, como se quisesse sair dali, nervoso pela nossa proximidade, como se não tivéssemos passado horas transando e tocando um ao outro, como se eu tivesse tocado em uma ferida não cicatrizada, porém, eu venço sua

## PERIGOSAS ACHERON

resistência e Bento relaxa as pernas. Ele me segura pela cintura, as mãos em volta de mim em um gesto carinhoso.

Devagar, tão lentamente que é uma tortura para meu corpo agitado, aproximo minha boca de sua orelha e, antes mesmo de pronunciar as palavras, vejo os pelos de sua nuca se eriçarem.

— Mas pode me ouvir — sussurro, beijando o lóbulo. Bento geme de prazer, jogando a cabeça para trás em um gesto de rendição ao que estou causando ao seu corpo. — Pode me tocar — continuo, colocando minhas mãos sobre as suas e deslizando pelo meu corpo. — Pode sentir meu perfume. — Coloco meu pescoço acima de seu nariz e ele inspira profundamente. — E pode me saborear.

Delicadamente, colo meus lábios aos dele, que tenta me afastar, mas, só por este precioso instante, sinto-me mais forte e corajosa do que nunca. De

jeito nenhum ele vai sair daqui, não enquanto eu estiver em cima dele, com uma vontade estupenda de beijá-lo até perder os sentidos, até não sentir mais nada, até perder meu equilíbrio e enterrar o pouco juízo que ainda tenho. Agoniado, ainda tentando me erguer, ele geme em minha boca, alto e profundo, um som que denuncia o quanto seu esforço é inútil. Ele me quer tanto quanto eu o quero, e nem que eu tenha que forçá-lo a fazer isto, farei. Não entendo sua resistência, mas não há espaço para ela aqui.

Seus lábios são quentes e tem um gosto forte do vinho que tomamos há pouco, durante o filme. Sua língua desliza por entre a minha boca, impaciente no início, lenta e torturante depois que ele percebe que estamos mesmo fazendo isso de novo. Intensifico a pressão do beijo e ele me agarra forte, os dedos afundados em meu sutiã, erguendo-o devagar. Quero mais momentos como este, quero

## PERIGOSAS ACHERON

Bento por inteiro, na cama ou fora dela. E, enquanto sugo todo o ar dele em um beijo inacabável, um filme passa por minha cabeça enquanto puxo o pescoço dele em minha direção, ofegante. Antes de realmente acontecer, eu vinha imaginando como seria, em que momento nós dois teríamos esta coragem, em que instante nossos corpos estariam tão colados quanto estão agora, como estiveram durante toda a madrugada e o dia; porém eu subjuguiei o poder de sedução de Bento sobre mim porque, agora, embora eu esteja com o corpo em cima do dele, imprensando com força sua ereção cada vez maior com minha bunda, mantendo-o no lugar, é ele quem tem o controle aqui, não eu. Estou totalmente rendida a ele, como sempre fui. Como fui a noite toda e como acho que serei pelo resto da minha vida.

O beijo vai se tornando mais intenso, e, com cuidado, vou me deitando no sofá, puxando-o para

## PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

cima de mim. O móvel tem uma manta felpuda e espeta minhas costas, e ainda assim eu adoro este sofá.

— Olívia — ele geme, e logo está puxando o bojo do sutiã desajeitadamente. Não interfiro: sei que é importante para ele fazer coisas assim, sozinho, como qualquer homem faria, então espero até ele puxar o tecido para baixo e ter mais acesso ao meu corpo. Não vou ser apressada como fui no chuveiro. Quando meu seio fica exposto, vejo um sorriso se formar em sua boca.

Bento me beija mais forte enquanto suas mãos apertam cada parte de mim, pressionando minha cabeça no sofá. Suas mãos passeiam em cada um dos meus seios, sem pressa. Mesmo com o sutiã atrapalhando, ele parece satisfeito, como se tivesse vencido uma batalha interna. Como se fosse a primeira vez.

## PERIGOSAS ACHERON

— Eu fantasiei com você desde que foi embora, deixando-me aqui com meus hormônios enlouquecidos e uma ereção que não me dava sossego toda vez que pensava em você. Era uma praga, Olívia, um sonho colado em meu cérebro todos os dias.

Abro um sorriso de orgulho. É bom saber que ele também sofreu com a minha ausência, que não fui a única a quase pirar por estar tão longe. Umedeço meus lábios e o beijo de novo, desta vez com muito mais urgência. Estou desesperada embaixo dele, sentindo cada batida do seu coração, sabendo que é por mim, que ainda temos aquela conexão que tínhamos na adolescência, consciente de que, tantos anos depois, nada mudou. Eu ainda sou dele, e ele ainda é meu.

Bento retribui o beijo, sua língua cada vez mais impaciente. Seus lábios vão parar em meu pescoço, e suas mãos passeiam em mim, uma viagem

## PERIGOSAS ACHERON

deliciosa e muito excitante. Estou muito suada agora, minha lingerie causa-me agonia. Quero tirar tudo, mas prefiro que ele faça isso.

Então espero.

Espero.

Espero.

Bento está imóvel.

— O que foi? — pergunto em meio ao silêncio.

Ele vai se afastando de mim aos poucos, e meu desespero aumenta à medida que percebo que ele não está trocando de posição, mas se distanciando de mim de propósito. Com dificuldade, ele fica em pé, cambaleando. Tateia com as mãos espalmadas à sua frente, cada vez mais longe de mim. Seu corpo grande esbarra na parede, e Bento respira fundo, como se estivesse com muita dor, os olhos piscando sem parar.

— Não posso fazer isso, Olívia. Não posso, e não me peça para explicar. Não é justo com você,  
PERIGOSAS ACHERON

logo com você, pequena. Ficar com uma pessoa como eu... — Ele vai tateando até encontrar a porta. Quando sente o metal da maçaneta, sua expressão se suaviza um pouco e ele a gira, atrapalhado. — Preciso ir. Precisamos parar agora antes que...

Em desespero, corro até ele, o medo de que tenha feito algo errado me tortura. Alcanço-o já na calçada, empurrando seu corpo seminu contra a parede de tijolos. Bento se assusta com meu gesto deselegante, porém ele não diz nada, apenas espera que eu o impeça. No fundo, sei que Bento me conhece bem demais para imaginar minhas reações. Seguro seus ombros com força, embora seja desnecessário. Ele não oferece nenhuma resistência.

— Eu fiz alguma coisa errada? — Minha voz sai como um chiado. Sinto as primeiras lágrimas banhando meu rosto com sua quentura típica. Tento me manter calma, sem êxito. O que menos preciso

agora é entrar em pânico com meu primo indo embora assim, de cueca, diga-se de passagem, como se ele não tivesse acabado de arrancar minhas roupas há poucos minutos.

*Minhas roupas. Nossas roupas.*

Consciente do meu estado, olho para baixo, incrédula. Estou na calçada de casa, quase nua, exposta demais em uma cidade pequena, e Bento está de cueca. Qualquer pessoa que passar por aqui pode nos ver. Mas quero respostas, quero saber por que Bento está agindo assim, como se o que acabamos de fazer fosse errado, e não a coisa mais incrível que já fiz em anos.

Encaro seu rosto, sereno. Paradoxalmente, ele está mais calmo que eu. Bento pigarreja e sorri, mas tenho a nítida percepção de que é um sorriso triste.

— Não, pequena, você é perfeita. Como sempre, aliás. Mas não podemos fazer isto, não aqui.

— Então onde, Bento? Onde? — grito, histérica. Meu corpo todo começa a tremer, em fúria. — Somos adultos, Bento, temos idade suficiente para isso. E não aja como se não tivesse acabado de passar horas transando comigo, seu desgraçado. Não me venha com um discurso moralista depois de tirar a minha roupa e me foder boa parte do dia! — sibilo, a raiva dominando cada fibra do meu ser.

— Não fale palavrão — ele me corrige, tateando à minha procura.

Agarro seu braço, nervosa.

— Quer saber, Bento, você é um tremendo idiota. Vai estragar tudo o que fizemos até agora só porque teve um surto?

Ele continua calado, piscando os olhos.

— Vá se foder! — grito, e o solto com tudo. Bento cambaleia para trás, mas não cai.

Estou furiosa demais para me conter. Bento sabe muito bem o quanto eu o quero, o quanto eu o

# PERIGOSAS ACHERON

desejo, o quanto meu corpo pede por ele. Não. Não é só meu corpo que precisa dele: meu coração, minha alma, minha mente. Cada pedaço de mim precisa do meu primo. Mesmo assim, age feito um idiota. Odeio o que ele está fazendo, estragando o tempo que passamos juntos deste jeito. Ele tirou minha virgindade, roubou meu coração e agora vai embora só porque pensa que não é o bastante para mim. Não posso acreditar que isso esteja mesmo acontecendo.

Irritada, seco as lágrimas com as costas de minhas mãos trêmulas. Cubro meu corpo com os braços e o silêncio dele é meu fim. Aos poucos, viro-me e começo a fazer o trajeto de volta para casa. Ainda sem palavras, ouço os passos dele e o barulho de sua bengala batendo na calçada de concreto, quase nu. Olho uma última vez para trás, apenas para confirmar que meu primo segue o caminho até o portão. Quando já está na rua, fecho

## PERIGOSAS NACIONAIS

a porta de casa com um baque e corro para o banheiro, transtornada. Que se dane, então! Se ele quer fugir assim, de cueca, só porque enlouqueceu, que seja!

Quase caio da escada no caminho. Subo xingando em italiano, uma vontade enlouquecida de matar meu primo por ter me deixado aqui, sozinha, depois do que fizemos. O desgraçado virou minha vida de cabeça para baixo, tirou meu juízo junto com minha razão, e age feito um cretino. Entro no banheiro e bato a porta, com raiva. Mas antes de ligar o chuveiro, ouço a porta da frente bater e me viro, esperando.

— Pequena.

É ele.

Ofegante, saio para o corredor e, do alto da escada, vislumbro meu primo, que está parado a poucos centímetros da porta, lindo como nunca.

## PERIGOSAS ACHERON



# PERIGOSAS NACIONAIS

Esqueço a raiva que me consome, desço correndo e me jogo em seus braços.

# PERIGOSAS ACHERON



## Capítulo 15

— POR QUE ESTOU de olhos vendados, Bento? Não estou gostando nada disso — friso meu desagrado, enquanto sou guiada por Vitório para um lugar desconhecido. A venda aperta meus olhos, e Bento segura minha mão, acariciando os nós dos meus dedos.

— É uma surpresa, pequena. Pare de reclamar — ele me recrimina, mas seu tom de voz é suave e baixo.

— Parem com esta melação, senão largo os dois aqui! — meu irmão reclama, enquanto suas mãos

## PERIGOSAS NACIONAIS

espalmadas em minhas costas me forçam a caminhar devagar.

É horrível esta sensação de não poder enxergar. A escuridão que tomou conta de mim no momento em que Vitório colocou a venda é assustadora demais, lembrando-me do meu pavor de escuro. Imagino que esta seja mais uma tentativa da parte de meu primo de me manter sã e sem medo. Ainda assim, estou incomodada e não gosto de pensar que a vida de Bento é assim, uma completa escuridão. Engulo em seco, triste.

— Estamos chegando? — Bento pergunta, e Vitório responde que sim, falta pouco.

— Você está parecendo o burro do Shrek, Bento. Sossegue — brinco, e sinto um beliscão de leve em minhas mãos.

— Vitório, não se esqueça de descrever a cara da sua irmã, como combinamos, ok?

— O quê? Por quê?

## PERIGOSAS ACHERON

Ambos riem, mas não respondem.

Ouço um barulho de música e pessoas conversando. Cheiros de fritura e doces invadem minhas narinas, e tento sentir o ambiente à minha volta, mas é difícil. Há gritos por toda parte, e piso em um buraco, quase caindo.

— Vitório, me ajude!

— Desculpe.

— Aposto que ele estava olhando para uma mulher — Bento zomba, e eu rio. No mínimo, ele tem razão.

Vitório continua me guiando. Ele para em algum lugar, pede um churro e logo estou segurando um em minhas mãos, de doce de leite. Onde geralmente se vendem churros? Festas, shows, parques. Só espero que não seja uma festa muito chique, pois estou usando calça jeans, jaqueta de couro e botas. Nem penteei os cabelos, já que não sabia aonde iríamos. Tento pensar na

roupa deles: Bento estava de jaqueta e jeans, como eu; Vitório estava com uma blusa de moletom brega e uma bermuda. Não sei como as mulheres ainda olham para ele com este tipo de roupa. Meu irmão é um ultraje à moda.

Como o churro, sentindo meu rosto ficar todo sujo. Meu irmão se diverte à minha custa, e de repente sinto os lábios de Bento em mim, com gosto de chocolate.

— Delícia! — Ele passa a língua adocicada em meu lábio superior, e morde de leve antes de se afastar.

Forço meu coração a bater mais devagar, meu corpo todo reagindo a ele e a como ele é gostoso.

— Caramba, sosseguem os dois, aqui não é um motel. — Vitório me puxa e seguimos caminho.

O barulho aumenta conforme andamos. Quando Vitório para e me faz sentar, uma sensação desagradável se instala em mim. É aquela sensação

## PERIGOSAS NACIONAIS

tão familiar do pânico surgindo pelas beiradas, querendo me atingir. Penso nos remédios esquecidos no quarto de hotel, meses já sem eles, meses me sentindo uma pessoa normal e recuperada. Não posso me descontrolar aqui. Se Bento está por trás disso, só pode ser algo bom para mim. Respiro fundo, e aperto as mãos dele.

— Bento, não faz isso comigo — imploro, o desconforto me deixando impaciente.

Sua voz chega até mim pelo lado direito, e viro meu rosto em sua direção.

— Eu jamais faria qualquer coisa que pudesse te machucar, pequena. Não sei quantas vezes terei que repetir este mantra, mas não importa onde estejamos: eu lhe garanto que você está segura comigo.

Sorrio, mesmo sabendo que ele não pode me ver.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Está bem — declaro em voz alta, e tiro minha venda ao comando de Vitório, cada vez mais curiosa.

Merda!

Estamos em um circo.

Lanço um olhar mortal para Vitório, sentado à minha esquerda; ele apenas dá de ombros, e se vira para o picadeiro. Viro-me para Bento, que está sorrindo. Ele não usou mais os óculos desde a noite do casamento, e estou tão orgulhosa dele. Neste momento, porém, mais que orgulhosa eu estou furiosa.

Empurro seu ombro, nervosa, e vocifero, já em pé.

— Eu não posso ficar aqui, Bento, tudo menos palhaço, por favor.

Saio correndo até a entrada do circo, mas meu irmão me alcança antes que eu ande muito. Vitório

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

me segura pelos braços, e quando olho para ele, sua expressão é serena e tranquila.

— Tata, é sério. Você precisa vencer estes medos. Eu também não curto palhaço, mas olha...

— Ele faz uma pausa, olhando diretamente dentro dos meus olhos. — Você é forte e corajosa, muito além do que consegue se dar conta. Tem noção do que enfrentou até hoje? Vamos tentar, sabe. Você tem se esforçado tanto.

— Eu não tenho me esforçado, o culpado é o Bento que me arrasta para estas loucuras — interrompo Vitório, dando alguns passos para trás.

Ele me segura firme no lugar, sem desviar os olhos.

— Eu estou aqui com você, entendeu? Nada vai te acontecer, e o Bento vai cuidar bem de você.

— Ele já cuida.

— Então não há o que temer.

## PERIGOSAS ACHERON



Suspiro, resignada. Não tenho mais argumentos. Ele me abraça e me conduz de volta à arquibancada. Estamos na mais baixa, bem de frente para o palco. Sento-me e seguro o rosto de Bento, beijando sua boca de leve.

— Você voltou.

— Sim, mas só porque sou louca por você.

Ele abre um sorriso genuíno, e me beija de volta.

— Que sorte a minha, então. — Ele encosta a testa na minha, carinhoso. — Eu também sou louco por você, pequena.

— Que sorte a nossa, então — repito, e beijo sua boca mais uma vez.

Sentada, olho o ambiente, já me preparando para a entrada de um palhaço assustador, daqueles filmes de terror que eu evito ao máximo assistir. As arquibancadas envolvem o palco em um ângulo de 360°; no centro do palco, há um lençol que desce

PERIGOSAS ACHERON

até o chão, vermelho. O centro é de terra, e há, em um canto, três caixas grandes e coloridas dispostas uma sobre a outra. As arquibancadas estão lotadas, e logo as luzes se apagam.

Estou tremendo por dentro, e fecho os olhos, tentando respirar. Encosto minha cabeça nos ombros de Bento, que acaricia meus cabelos.

— A gente tenta, mas se realmente quiser sair, eu te acompanho — ele sussurra em meu ouvido.

— Obrigada — respondo.

Os primeiros espetáculos são divertidos: a mulher cortada ao meio, o coelho na cartola, o homem que cospe fogo. Compro um pacote de batata murcha, que Bento come quase todo conforme vou dando em sua boca; Vitório compra refrigerante para nós três, e, por fim, comemos chocolate.

Sinto-me mais relaxada, e só me dou conta de que estou morrendo de rir do teatro quando percebo

## PERIGOSAS NACIONAIS

que os personagens estão vestidos como palhaços. Mas... eles me fizeram rir. E muito. Respiro aliviada rindo com as piadas idiotas, e dou um beijo em Bento melecado de chocolate, em forma de agradecimento. Ele é meu maior protetor, como disse que seria.

Um dos palhaços desce do palco, vem até nós e me entrega uma rosa. Sorrio, envergonhada pelo gesto.

Quando o espetáculo termina, digo a meu irmão que eu e Bento vamos a pé, e nos despedimos dele.

— Obrigada — digo, abraçando seu corpo alto e esguio.

Ele beija meus cabelos, me aperta forte e sai na direção do automóvel, deixando Bento e eu sozinhos.

No caminho para casa, encolho-me de frio. Estamos em maio, e as temperaturas caíram de uma vez na cidade. Sorte a minha ter tantos casacos e

## PERIGOSAS ACHERON

roupas de inverno, metade delas guardadas no guarda-roupa que ocupo na casa da vovó. *Minha casa. Minha e de Bento.*

Bento me abraça forte, e o único barulho que ouvimos é de sua bengala batendo no chão. Tango ficou em casa. Nem sempre Bento o leva aos lugares, e nestes momentos sinto que meu primo precisa ainda mais de mim.

— Ei, pequena.

Levanto meu rosto para ele, em espera.

— Tenho um convite a te fazer. Bem, na verdade não é meu, mas...

Paramos na calçada, próxima à casa dele. Observo de relance que as luzes estão acesas, e a TV deve estar no volume máximo. Não pretendia passar por esta rua, e sinto que Bento, de algum modo, me persuadiu. Toco seus ombros, incentivando-o a falar.

— O que foi? Que convite?

Ele sorri.

— Minha mãe e seu pai vão fazer uma festinha lá em casa, final de semana. No domingo, sabe. Dia 05.

Fecho a cara à menção aos dois. Meu pai e tia Agnes parecem estar sempre comemorando alguma ocasião especial, tão irritante que sinto que vou acabar brigando com meu primo.

— Hum...

— Eles estão comemorando bodas de alguma coisa. Não me pergunte o que é, pois não sei, mas enfim... vai ter uma comemoração, sabe, trocar alianças, estas frescuras todas, e...

— Espera.

Minha mente trabalha a uma velocidade surpreendente. A consciência do que ele acabou de dizer toma forma e solto seus ombros, afastando-me. Fecho e abro os olhos, não conseguindo acreditar no que ele acabou de me dizer.

## PERIGOSAS NACIONAIS

— O que foi, pequena?

— Como tem coragem de fazer isso comigo, Bento? Pior: como a sua mãe e meu pai fizeram isto? Meu Deus, é muita maldade, sabia. O que minha mãe fez para merecer isso? — grito, passando as mãos pelos cabelos.

Meu corpo todo treme de raiva, as memórias das festas que minha mãe dava invadindo meu cérebro, a noção do que eles fizeram com esta data fazendo-me girar na calçada, confusa e perdida.

— Do que você está falando, Olívia? — O tom dele é alto e severo, e o fato de dizer meu nome soa como um alerta de que ele não está para brincadeiras.

Bem, nem eu.

— É aniversário da minha mãe, Bento. Dia 05.

Vejo seu rosto bronzeado mudar de cor em questão de segundos. Bento empalidece, tateando o ar à minha procura.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Pequena, eu... eu não sabia disso. Nem me lembrava da data do aniversário da tia Marisa. Olha, esquece...

— Esquecer? Acho que não estamos falando a mesma língua aqui, Bento, porque se você acha mesmo natural um absurdo destes, então a louca sou eu.

— Mas você é, sempre foi.

— Não estou brincando, Bento. Como eles fizeram isso? Como sua mãe escolheu justamente esta data para se casar com meu pai? E ele então, que desgraçado! — Chuto uma pedra que está na calçada, andando de um lado a outro.

É inconcebível o que eles fizeram, e Bento tomar partido nisto, apoiando esta cachorrada, só me afasta dele, ao contrário do que eu quero.

— Olívia, olha, eles não fariam isso por mal. Minha mãe sempre gostou da sua...

## PERIGOSAS ACHERON

— Cale esta boca, Bento! É sério. Cale esta boca. Meu Deus, se você realmente concorda com esta maluquice de casamento, some daqui! — grito, saindo dali.

Sou incapaz de permanecer mais um segundo sequer perto dele.

— Olívia, por favor... — ele me chama, as mãos no ar, a bengala batendo no chão. — Pequena, volta aqui...

— Me deixa em paz! — grito, e saio em disparada.



Caminho até minha nova casa, mas estou tremendo, de frio e de raiva. Meu cérebro está em curto, prestes a fundir tudo dentro de mim. Ligo para um táxi, pois não quero incomodar meu irmão, e vou para o hotel. Por alguma razão estranha e descomunal, eu preciso ver minha mãe. Quero

# PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

olhar para ela e tornar sua semana um pouco melhor.

A recepção está vazia, pois já é tarde. Passo reto pelo funcionário e entro no elevador, esquecendo-me completamente do meu pânico dele. Há meses não entro em um, e quando o monstro cheio de espelhos se fecha, respiro fundo contendo uma possível crise. Acabei de sair de um circo! “Eu sou capaz de encarar um elevador”, repito a mim mesma enquanto o objeto vai subindo até o andar que quero.

Quando as portas se abrem na cobertura, corro para a porta do quarto da minha mãe, batendo apressada na madeira branca e fina.

— Mãe! — grito, minha voz chorosa ecoando pelo corredor iluminado por minha presença.

Sei que pareço uma louca, mas preciso vê-la. Mesmo que nem eu entenda direito o porquê.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Ouçõ seus saltos do outro lado da porta, batendo de leve no piso. Chamo mais uma vez, e vejo a imagem da minha mãe se formar diante de mim quando ela abre a porta, assustada. Sua camisola comprida arrasta no chão, e ela usa bobes no cabelo. Sua expressão de susto só aumenta quando eu entro no quarto, chorando, e a abraço, desesperada.

— Olívia, o que foi? Aconteceu alguma coisa? Meu Deus, você está machucada? O que aquele marginal fez com você, filha? — ela me enche de perguntas, e apenas balanço a cabeça, ignorando sua forma grosseira de se referir a Bento.

Juntas, vamos até a sua cama grande e quando ela se senta, eu me deito em seu colo, sem saber muito bem por que estou chorando tanto.

— Só me deixe ficar aqui, hoje, sem perguntas agora, por favor.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Mas está nítido que você está machucada, filha. Olívia, foi o Bento? — Ela me ergue pelos braços e me força a olhar para seu rosto pálido. — Responda, Olívia, ele fez alguma coisa com você? — ela insiste, o desespero surgindo em suas feições incrédulas.

— Não — respondo, chorosa. — Ao menos não o que você está pensando. Nós brigamos, mãe, brigamos feio, e foi por causa da tia Agnes...

Seu corpo antes curvado fica ereto na mesma hora, e suas feições mudam de preocupada para irritada, como se fosse um assunto proibido. Sustento seu olhar, soluçando ainda.

— Olívia, eu não acho que...

— Mãe, eles se casaram no dia do seu aniversário. Como puderam fazer isso com você? — atesto, a fúria de minutos antes voltando muito mais forte.

## PERIGOSAS ACHERON

Observo a expressão de minha mãe se suavizar um pouco, como se o que acabei de dizer não fosse grave o bastante, como se ela já tivesse superado tudo.

— Você está assim por isso? Não acredito que tenha brigado com Bento por uma bobagem como esta, Olívia.

— Oi?

Vejo minha mãe se levantar, caminhar até a porta aberta e fechá-la devagar. Seus gestos contidos estão me deixando irritada. Quando ela volta e se senta na cama, acaricia meu rosto, o que me deixa em alerta máximo. Nunca tive carinho da parte dela.

— Ouça, um dia, quando chegar a hora certa, eu pretendo contar o que houve no passado entre nós, mas não assim, e com certeza não com você soltando fogo pelas ventas. Por ora, saiba que nada do que seu pai e sua tia façam têm dimensões

suficientes para me atingir. Nada, Olívia. — Minha mãe faz uma pausa, segura minhas mãos com delicadeza e sorri, compreensiva. — Meu aniversário ainda é uma data importante para mim a despeito do resto. E, como você está aqui este ano, que tal passarmos um dia juntas?

Minha mente dá voltas, como uma mosca intrometida. Primeiro, minha mãe está sendo carinhosa comigo. No mínimo, ela está doente ou vai morrer, por isso quer fazer o papel de boa mãe antes de partir; segundo, ela ignorou o fato mais grave que lhe contei. Não é realmente possível que ela encare como uma bobagem. Obviamente, minha tia escolheu esta data para ferir os sentimentos da minha mãe. Ainda assim... ela não se importou.

Suspiro, tentando clarear a mente. Seu aniversário será no sábado. Ela sempre gostou de festas e presentes, e rapidamente concordo com sua sugestão.

— Eu adoraria comemorar esta data com você, mãe.

Ela sorri, e eu deito em seu colo pela segunda vez na vida.



## Capítulo 16

MAIO DEU LUGAR a junho, e o frio se instalou em definitivo na cidade. Ainda bem que meu estoque de roupas de inverno está garantido. Metade das minhas peças de lã e caxemiras vieram para o Brasil, e meus casacos quentes e pesados que achei que nunca sairiam da mala estão pendurados nos cabides, no guarda-roupa.

Ando pela cidade, o vento frio jogando meus cabelos para trás. Minha roupa de ginástica rosa e meus tênis de corrida não conseguem me esquentar, tampouco minha blusa grossa de moletom

vermelha, e caminho apressada em direção ao Pet Shop. Desde a minha briga com Bento, ele não me procurou: nem uma ligação, um áudio, uma visita nem um sinal de vida. E não posso culpá-lo. Minha mãe me fez enxergar nesses dias que passei com ela que Bento não tem culpa de nada, e que eu errei feio em acusá-lo.

Sim.

Minha mãe.

Marisa Perrone.

A arqui-inimiga de Bento Perrone.

Quem diria.

Respiro fundo e abro a porta da loja, o sininho denunciando minha chegada. Vitório está no caixa, atendendo duas senhoras, que sorriem para mim quando me veem. Aceno para meu irmão e suas clientes, e ele manda um beijo no ar para mim; vou para os fundos da loja, procurando Bento, o motivo de eu ter vindo até aqui.



## PERIGOSAS NACIONAIS

Ele está agachado com uma criança, conversando com uma garotinha de cabelos pretos que segura um coelho nas mãos. Ele sussurra algo no ouvido dela, que sorri e sai correndo, trombando em mim no caminho.

— Ah, meu Deus, eu machuquei você? — pergunto, segurando-a pelos ombros.

Ela balança a cabeça e foge, se espremendo na saia de uma das senhoras.

— Olívia... — Bento pronuncia meu nome, surpreso.

Sorrio diante da imagem dele, um aperto grande no peito. Senti sua falta, de nós dois, e não deveria tê-lo tratado como fiz.

— Sinto muito — digo, e percorro o curto espaço entre nós, jogando-me em seus braços, afundando meu rosto em sua blusa de moletom cinza.

## PERIGOSAS ACHERON

— Estou ficando craque nisto de te segurar, pequena. Já posso até participar de uma maratona de como segurar a namorada nos braços sem cair — ele brinca comigo, beijando meus cabelos soltos.

Ergo meu olhar para ele, que está de óculos de novo, e beijo seus lábios, matando a saudade que me corroeu durante sua ausência.

— Bento, me desculpe. Eu fui uma tola, estúpida. Sinto muito — imploro, enquanto ele me segura pela nuca, apertando com força, e, sem dizer nada, enfia a língua quente na minha boca, calando-me completamente.

Não consigo pensar em nada quando ele faz isso, e gemo quando suas mãos percorrem meu corpo com agonia. Ele sentiu tanta saudade quanto eu, e me agarro ainda mais a ele, puxando seus cabelos em minha direção.

— Pequena, senti tanto a sua falta. Eu queria ir atrás de você, mas não sabia se você ia me matar ou

## PERIGOSAS ACHERON

não.

— Hahaha, ainda quero te matar, sabia? Mas só porque não consigo pensar longe de você, não consigo mais nada sem você, Bento, que droga! — resmungo, e ele me abraça forte.

Seu cheiro de banho me enlouquece, e ele aperta minha cintura. Devagar, puxo ele em direção a uma prateleira cheia de casinhas de animais, e o beijo com vontade, puxando sua blusa.

— Por que vocês dois não procuram um motel?  
Vitório. Merda!

Bento pausa nosso beijo, e abre um sorriso com a boca ainda colada à minha. Viro-me para meu irmão, que está parado ao nosso lado, com as mãos na cintura. Seus olhos estão estreitos e sua expressão se suaviza quando sorrio para ele, piscando os olhos.

— Desculpe — digo, sem me sentir nem um pouco culpada.

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Tudo bem, vocês dois parecem dois imãs mesmo.

— Só quando ela não briga comigo e me larga nos lugares sozinho — Bento entra na conversa, fazendo graça.

Beijo de leve sua boca, um beijo carinhoso e rápido.

— Isto é para você aprender a não me irritar.

— Eu não te irritei, você que ficou doida com...

— Eu não fiquei doida, Bento, já falei para...

— Mas claro que ficou, começou a gritar feito uma maluca de...

— Já chega, os dois! — Vitório grita, interrompendo nossa discussão.

Olho de novo para meu irmão, que vem até mim, me tira dos braços de Bento e me abraça. Ele beija minha testa e me encara com carinho.

— Pare de brigar com ele, Tata, o cara quase me deixou doido esses dias. Sabia que eu tive que

PERIGOSAS ACHERON

ouvir uma ladainha dos infernos desde que os dois brigaram?

— Mas que canalha mentiroso — Bento diz, mas está rindo, o corpo grande encostado na prateleira onde antes eu estava.

— Mentiroso coisa nenhuma. — Vitório me abraça e me solta, caminhando em direção à porta. —Tenho umas coisas para resolver no banco, pombinhos, posso deixar os dois tomando conta dos negócios sem que vocês se matem?

— Não vamos nos matar! — grito para meu irmão, que bate a porta da loja, e sai para a rua.

Levo Bento para trás do balcão, e ele se senta em um banquinho alto, com estofado amarelo. Fico ao seu lado, olhando para a porta. Pelo vidro das janelas consigo ver as pessoas na calçada, seguindo com suas vidas, embora elas não possam me ver por conta da escuridão do vidro. De repente, percebo o quanto é fácil viver aqui: uma cidade

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

pequena, no interior do estado, uma vida pacata; pessoas que se conhecem e se cumprimentam na rua, vizinhos que aparecem para tomar um refrigerante, jovens que saem daqui para estudar em cidades maiores, mas sempre acabam voltando para ver os familiares, passar o final de semana no figueiral, curtindo o clima agradável no verão. Eu poderia viver assim, com Bento.

Mas, e Milão? O que faço com tudo o que construí ao longo de treze anos? Minha carreira, meus negócios, minha fortuna, minha casa, minhas clientes.

Não, eu não poderia abrir mão de tudo isto. Não ainda.

— O que foi? — Bento me pergunta, batendo de leve no balcão de madeira escura.

Levo minhas mãos ao seu rosto, a barba por fazer roçando em meus dedos frios.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Gosto da sua barba, sabia? — desconverso, e ele nota, mas entra no jogo.

— Gosta é? Do que mais você gosta?

— Quando o assunto é você, de tudo — respondo, corajosa.

Aproximo meu corpo dele, e giro o banco para mim, enfiando minhas pernas no meio das de Bento. Ele me segura pela cintura e procura meus lábios, tão ansioso quanto eu. Com uma mão, apalpa meu rosto, descendo até minha bunda, apertando-a de leve. Ele passa a língua quente e sedosa pelos meus lábios, e gemo alto quando sinto a pressão de sua mão em mim. Seguro seus cabelos e, ansiosa, enfio minha língua em sua boca.

— Pequena...

Beijo-o intensamente, o tempo se desfaz entre nós. Dias sem vê-lo, sem poder falar com ele, ouvir sua risada alta e gostosa, saborear sua boca safada me deixaram doida.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Como estou agora.

Abro os olhos e olho para a porta. Está apenas encostada, e se chegar algum cliente, Bento e eu estaremos em apuros. Mas... se eu trancar a porta, ninguém vai saber.

— Espere.

Corro até a maçaneta, tranco a porta e volto para Bento. Sei que pareço uma louca, mas eu preciso dele. O vazio que sinto quando Bento e eu estamos separados é enorme e destrói meu coração.

— O que você está aprontando, pequena?

— Já vai saber.

Encosto meus lábios no ouvido dele, e vejo cada pelinho castanho se arrepiar com meu gesto. Sua respiração está entrecortada, e se chegar mais perto posso ouvir as batidas descompassadas de seu coração. Adoro quando ele fica assim, como seu corpo reage ao meu de modo involuntário, como se uma força muito maior nos unisse ainda mais.

## PERIGOSAS ACHERON



— Pequena...

— Shhh... vou cuidar de você, não se mexa — ordeno, embora minha voz esteja melosa por conta da excitação.

Ele sorri, mordendo o lábio superior. Seu gesto me excita ainda mais, e começo a puxar sua blusa pelos braços. Bento não se intimida, e se deixa levar. Jogo a blusa em um canto, passando as mãos pelos seus braços fortes. Ele usa uma camiseta preta por baixo, tão colada ao seu corpo que tenho a impressão de que o tecido vai se romper a qualquer momento. Puxo a camiseta pela cabeça, e tão logo ele fica exposto, puxo o ar dos meus pulmões com força. Como ele pode ser tão lindo?

— Tenho a impressão, senhorita Perrone, que estou sendo molestado em meu local de trabalho. Posso te denunciar por assédio moral e sexual — Bento solta as palavras devagar, e seu corpo todo estremece conforme vou beijando e lambendo sua

## PERIGOSAS NACIONAIS

barriga, passando meus dentes em alguns pontos estratégicos. Sorrio com suas palavras, animada, sentindo-me ainda mais ousada do que já fui em minha vida.

— Hum, Sr. Perrone, terá que colaborar comigo, caso contrário vou molestá-lo por horas a fio, deixando-o exausto e zonzo.

— Isso é uma promessa?

— Logo saberá.

Mordo seu abdome, e Bento grita quando meus dentes tocam sua pele bronzeada.

— Ah...

— Ficou sem palavras, senhor?

Ele está ofegante, as mãos puxando meus cabelos de leve, sua excitação saltando aos meus olhos pela calça jeans apertada. Vou mordendo sua barriga, e abro o zíper de sua calça, ajudando-o a tirá-la.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Senhorita Perrone, você está mesmo fazendo o que estou pensando que está fazendo?

— Não, isso aqui é só o começo — respondo, a boca enfiada no meio de suas pernas, arrancando a cueca boxer com os dentes.

Bento geme de prazer diante do meu gesto ousado, o corpo arqueado para trás, as mãos em minha cabeça, incentivando-me a continuar.

Quando retiro a peça, ele está completamente nu, excitado ao extremo. Beijo tudo com delicadeza, bem lentamente, deixando-o ainda mais ereto e enlouquecido com minha língua. Quando minha boca engole toda a sua extensão, Bento joga a cabeça para trás, dizendo meu nome repetidas vezes. Chupo repetidas vezes, e ele arqueia o corpo, totalmente entregue.

— Pequena, você... — Seu corpo está tremendo, cada parte dele excitada com a minha boca. —

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Você é incrível... e sua boca, nossa, preciso passar mais tempo com ela.

Esboço um sorriso grudada nele, repetindo os movimentos sem parar. Sei que ele está muito perto, e em algum momento Bento me agarra com força e começa a tirar as minhas roupas. Peça por peça vai se amontoando ao nosso lado. As temperaturas estão muito baixas lá fora, mas aqui, entre nós, está pegando fogo. Ele apalpa meu corpo todo, nu, e se levanta do banco. Ajudo-o a ficar de pé, e ele me ergue lentamente até me encaixar perfeitamente em seu corpo. Encostada ao balcão, enlaço-o com minhas pernas, sentindo cada estocada deliciosa dele, fazendo-me perder os sentidos.

— Senti falta disso — ele fala com a boca colada em meus ouvidos, enquanto arremete tão devagar que é uma tortura.

## PERIGOSAS ACHERON

Preciso senti-lo com mais força, por inteiro, cada pedacinho dele dentro de mim. Arranho suas costas, aperto seus ombros, segurando nele para não cair.

— Bento... ai, caramba! — gemo, quando ele me invade com força. Meus dedos dos pés adormecem, e encosto a testa suada em seu peito, enquanto ele não para de se movimentar.

— Você me deixa maluco, sabia, em todos os sentidos. Fico doido com você, e quando estamos juntos, só quero me perder dentro de você até deixá-la zozna.

— Mais forte — peço, e ele sorri diante do meu pedido, concedendo meu desejo.

Quando sinto que vou explodir em um orgasmo, fecho os olhos, apoiando-me nele. Não consigo pensar em nada, apenas na sensação indescritível que é ter Bento comigo, dentro de mim, meu e apenas meu. Se já tive alguma sanidade na vida, ela

## PERIGOSAS ACHERON

foi para o espaço, e toda a tensão que senti durante estes dias sem ele evapora quando o alívio chega, deixando-me mole e com as pernas bambas. Não tenho forças para mais nada. Mas Bento tem, e continua me penetrando ainda por mais alguns segundos, até que ele balbucia meu nome, baixinho, e sei que ele também sentiu tudo como eu. Nós dois juntos formamos uma bela dupla.

— Amo você, pequena — ele diz, mordendo minha orelha de leve, ainda dentro de mim, o líquido escorrendo por entre as minhas pernas.

— Amo você — sussurro em um fio de voz, deitando minha cabeça em seus ombros.



E então, como se o tempo não mais existisse, julho chegou, carregando uma frente fria permanente sobre Presidente Epitácio. O céu azul e brilhante deu lugar a dias cinzentos, com

PERIGOSAS ACHERON

temperaturas que mal passam dos 15 graus. Passo meus dias encolhida, fugindo de Bento e de suas tentativas de me levar para correr. Nem a pau que vou acordar de madrugada para uma corrida quando posso dormir quentinha e despreocupada.

Com muito custo, comprei um aquecedor e instalei na casa de minha avó. Embora o inverno em Milão seja bem mais rigoroso, não estou acostumada a passar tanto frio. Tanto minha casa quanto meu ateliê possuem aquecedores, e passo pouco tempo fora destes dois ambientes, por isso raramente conseguia perceber o frio que fazia. Contrariamente, aqui sempre estou na rua, e o hotel de minha mãe é o único lugar da cidade com aquecedor, mas me recuso a voltar para lá apenas por este motivo tolo.

Bento e eu passamos nossos dias juntos, sempre colados um ao outro. Quando ele vai para o Pet Shop, eu o acompanho; ajudo a atender os clientes,

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

cuidar dos animais; quando não estamos lá, estamos na casa da vovó, e temos passado nossas noites juntos, aconchegados um ao outro curtindo um bom filme ou conversando bobagens, revivendo nossa paixão de adolescente. Não há possibilidade de eu ficar sem ele. Nunca mais. Quando fiz uma chamada de vídeo para vovô, que está em Abu Dabi a passeio, seus olhos se encheram de lágrimas ao ver Bento, o neto que ele só conhece a distância. Em meio aos olhos embaçados, ele me disse que estava feliz por mim. Feliz por nós.

Olho para a cama, onde Bento dorme profundamente. Seu corpo grande tomou todo o espaço da cama de casal do quarto de hóspedes; ele está de costas, as mãos para trás da cabeça, a camiseta laranja de flanela levemente erguida, revelando sua barriga musculosa; a parte de baixo do corpo está coberta por um edredom enorme,

## PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

azul-escuro. Sua barba está deliciosamente áspera e molda o rosto mais lindo que já vi.

— Bento — suspiro.

Volto-me para meus desenhos, que estão espalhados no tapete felpudo vermelho do quarto. Estou de bruços há horas, desenhando freneticamente. Meus cabelos caem em meus olhos, enquanto termino mais um vestido: ao todo, foram doze. Um dia muito proveitoso. Francesco vai ficar orgulhoso de ver todo o meu empenho, mesmo tão distante. Assino meu nome em cada folha, separo-as em uma pasta e guardo na gaveta da cômoda. Amanhã ou depois preciso escanear e enviar cada um para ele, em Milão. Sorrio ao pensar em como ele tem me ajudado durante minha ausência estendida. Se não fosse pelo meu ex-noivo, nem sei como estariam meus negócios na Itália. Ainda bem que tenho ele como um excelente profissional.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Junto os lápis e o restante de folhas caídas no chão e guardo na gaveta. Meus olhos são atraídos para Bento de novo, que ainda dorme, o peito subindo e descendo a cada respiração. Caminho até ele, subo na cama, tiro meu moletom e me deito embaixo do edredom, enroscando-me em seu corpo aquecido.

Ele se mexe, mantendo os olhos fechados, embora eu veja um sorriso se insinuar em seus lábios.

— Hummmmm, parece que alguém acordou — brinco, deslizando minhas mãos pelo seu peito.

— Totalmente, quer ver? — Ele entra na brincadeira, e eu me engancho ainda mais nele.

Permanecemos abraçados um ao outro, ambos de olhos fechados. Suas mãos sobem e descem pelas minhas costas nuas, e eu suspiro com seu gesto suave.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Quando você pensa em voltar? — ele quebra o silêncio, a boca encostada em meus cabelos desgrenhados.

— Voltar?

— Sim, para sua vida — Bento explica.

Abro meus olhos e levanto meu corpo, ficando em cima dele, que permanece de olhos fechados. Toco seu rosto com delicadeza, e ele beija minhas mãos, roçando a barba entre meus dedos mornos.

Penso em sua pergunta: voltar? Tenho evitado pensar nisso, pois é um assunto desagradável. Voltar para Milão significa ficar sem Bento; voltar para Milão significa abrir mão de tardes como esta, quando eu ainda estou na cama, de lingerie, em uma tarde fria; voltar significa não dormir ou acordar nos braços do homem que amo; voltar representa deixar minha família aqui, mais uma vez.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não quero voltar — as palavras saem antes que eu possa freá-las.

Bento abre os olhos lentamente, esfregando os cílios cansados. Ele se ajeita na cama também, sentando-se e me levando junto.

— O que quer dizer, pequena?

— Não sei, só que não... — faço uma pausa, tentando clarear as ideias. — Só sei que não quero, não sem você — admito.

Ele deixa que minhas palavras ecoem pelo quarto silencioso. Quando fala, sua voz é grave e mais alta:

— Sinto muito desapontá-la, mas acho que não há muito espaço para você aqui.

Estremeço com o que ele acabou de dizer. Minha mente está confusa, e subo em seu colo, sentando-me em suas pernas abertas, de frente para ele. Bento me segura pelos ombros, a expressão distante.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Acho que a cidade é grande o bastante para mim, Bento.

— Acho que a cidade não é grande o bastante para o seu ego e a sua fortuna, pequena.

— O quê? Do que está falando? — pergunto, sentindo ondas de irritação me sacudirem de leve.

— Olívia, a simplicidade não combina com você, não mais. Sei que nossos dias tem sido divertido e você parece ter se curado dos seus transtornos, mas não precisa fingir que isto é para sempre.

Encaro meu primo, aborrecida. Esta postura não combina em nada com o Bento de dias atrás. Temos passado tanto tempo juntos, felizes, que mal consigo acreditar que ele está mesmo me dizendo esta barbaridade.

Saio de cima dele, irritada. Ele tenta me segurar, mas já estou fora da cama. Visto meu moletom, a

## PERIGOSAS ACHERON

raiva irradiando por todos os meus poros. Fito seu rosto confuso enquanto grito:

— Se vai bancar o idiota, é melhor você ir embora, sabia?

Saio do quarto, batendo a porta.

Entro na cozinha como um furacão. Não faz sentido o que ele me disse. Será que Bento pensa que estou brincando com ele? Nossa química sempre existiu, sempre foi muito mais forte do que nós mesmos, muito mais forte do que o preconceito que imperou no início, por sermos primos, ou a vontade de minha mãe de nos afastar. Odeio quando ele fala assim, como se eu fosse uma estúpida fútil e esnobe só porque tenho grana. Tudo o que construí até hoje foi com muito esforço e dedicação, sacrifícios. O fato de ser uma estilista famosa e milionária não desmerece meu trabalho.

Encho um copo com água e bebo de um gole. Ouço seus passos vindos da escada, e repenso todos

## PERIGOSAS NACIONAIS

os xingamentos que tenho em minha mente para quando ele vier atrás de mim. Espero.

Espero.

Espero.

E então, surpresa, ouço a batida da porta da frente. Vou até a janela, e vejo meu primo caminhando devagar, a bengala batendo para todos os lados, seus passos hesitantes, mas decididos. Ele está indo embora.

O desgraçado está indo embora.

Deixo que vá, e volto para o quarto, as lágrimas de raiva molhando meu rosto.

## PERIGOSAS ACHERON



## Capítulo 17

DUAS SEMANAS SEM vê-lo. Duas semanas vivendo um tormento, um verdadeiro pesadelo, porém meu orgulho me impede de ir atrás dele. Não durmo há dias, pareço um zumbi horroroso e assustado, e ainda assim me recuso a procurá-lo.

Brenda me olha de soslaio, enquanto dirige sua caminhonete pela estrada rumo a Dourados, os vidros fechados por conta do frio. As trigêmeas gritam no banco de trás, mas minha amiga está concentrada em mim.



— O que foi? — desdenho de sua expressão, irritada.

— Hum, você fica péssima sem o Bento, sabia? Será que vocês não podem reatar logo este namoro?

— Eu não fico péssima sem ele, Brenda. Na verdade, sinto-me muito melhor — retruco, olhando para a paisagem que se estende à minha frente.

Ela solta uma risada alta, um riso infantil, e as crianças a acompanham, como se fosse uma brincadeira de quem ri mais. Catrina, a mais atenta das três, começa a gritar, e então minha amiga se recompõe, olhando-me com um olhar de desculpas.

— Bem, Olívia, você não parece nada bem. O que houve desta vez? — ela me pergunta, saindo da rodovia.

Não quero falar, mas se não falar com ela, não falarei com mais ninguém. Brenda é minha amiga e

PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

tem sido uma companhia incrível desde que voltei, além de conhecer Bento e eu melhor do que muita gente.

Encosto minha cabeça no banco, suspirando.

— Não sei, sinceramente. Ele me disse coisas estranhas, como se eu estivesse apenas brincando com ele, sabe? Estava frio e estávamos na cama...

— Poupe-me dos detalhes, Olívia — Brenda me interrompe, fazendo uma careta.

Ignoro seu comentário, retomando minha fala:

— ... apenas deitados, quando ele me perguntou quando eu voltaria para Milão. Eu fui sincera: respondi que não sabia, mas que não queria voltar. Disse que só queria ficar com ele, e ele agiu como um escroto.

— Tia Olívia, é palavrão! — Clarice resmunga, e Brenda olha feio para mim.

— Merda, desculpe...

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Tia Olívia, isto também é palavrão! —  
Cecília reclama.

Encaro minha amiga, confusa.

— A tia Olívia vai pagar um milk-shake para as três por ter dito duas palavras tão feias, não se preocupem — minha amiga apazigua a situação, e eu caio na gargalhada, encarando as trigêmeas.

— Desculpem, meninas, a tia Olívia não vai mais dizer palavras feias — desculpo-me e elas voltam a brincar. — Merda não é palavrão — sussurro para minha amiga, que apenas dá de ombros.

— E então? — Brenda me instiga a continuar minha história.

— Então nada. Foi isso. Ele agiu de um modo tão estranho, Brenda, como se fosse uma loucura eu querer ficar.

— Você quer ficar?

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim — confesso, encarando os olhos escuros e incrédulos da minha amiga.

Ela fica em silêncio por algum tempo, dirigindo tranquilamente. As trigêmeas participarão de um concurso de misses infantil, em Dourados. A competição é um evento badalado e famoso na cidade, e este ano Brenda resolveu inscrever as crianças. Como o marido estaria ocupado, ela me chamou para que fizesse companhia. Estamos na estrada há horas, o dia cinzento chegando ao fim. Ao longe, consigo avistar a cidade se erguendo majestosa, as luzes acesas denunciando sua presença.

Vai ser bom ficar afastada de Epitácio neste final de semana. Quero me distanciar um pouco do meu primo, embora cada pensamento meu seja dele: seu sorriso, seu toque, seu beijo, seu corpo, suas brincadeiras, tudo sempre é Bento.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Quando Brenda fala, seus olhos não estão fixos em mim, mas em algum ponto do painel da caminhonete, os cabelos presos no alto da cabeça revelando bem seu perfil.

— Você e Bento são como o fogo e a água, o mar e a terra, a brisa e o vendaval.

— Espero que eu não seja o vendaval — zombo dela, que me olha feio.

— Você é exatamente o vendaval, Olívia, o furacão que voltou para deixar a vida do seu primo de cabeça para baixo — Brenda diz de um modo suave, e não acusatório.

Encosto minha cabeça no vidro do veículo, absorvendo suas palavras.

— E é exatamente por isso que ambos se completam. Você é o desequilíbrio que faltava na vida dele; e ele é a calma que faltava na correria dos seus dias. Vocês são aquele tipo de casal que a

## PERIGOSAS ACHERON

gente torce para que fique junto, mesmo sabendo dos riscos de faíscas.

— Não imagino mais minha vida sem ele, Brenda. Não há espaço para uma Olívia sem Bento. Sinto-me despersonalizada sem ele, e ainda assim, mesmo detestando esta dependência emocional que ele me causa, nada se compara ao alívio que sinto quando estamos juntos, quando sei que tudo vai ficar bem porque eu vou vê-lo. Esses últimos dias foram incríveis, perfeitos. E então ele vem com esta conversa...

— Ele é um homem inseguro, Olívia. Apenas aceite como um fato no relacionamento de vocês. Bento pode ter todos os atributos de um homem desejado como ele, mas não deixa de ser um homem cego, e esta deficiência acaba com a autoestima dele.

— Não me importo que ele seja cego, Brenda, isto nunca teve importância. Porque eu o amo, e só

## PERIGOSAS ACHERON

quero estar com ele, fazer parte da sua vida, assim como quero ele na minha — digo, fechando os olhos.

Talvez minha amiga esteja certa. A deficiência de Bento pode influenciar no modo como encara nosso relacionamento. Será que ele pensa que, por ser cego, não é o bastante para eu amá-lo?

— Você só precisa mostrar a ele, Olívia, e logo vão entender que são incapazes de ficar longe um do outro — Brenda diz por fim, estacionando em um hotel. — Chegamos — ela diz, desligando o carro.



O final de semana voa, embora cada minuto do meu tempo seja pensando em Bento, mesmo que o desgraçado não tenha entrado em contato comigo. Se ele quer agir como um perfeito idiota, vou jogar na mesma moeda. Mesmo assim, as palavras de PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Brenda reverberam em meu cérebro. Se ela estiver certa e meu primo se achar inferior por ser cego, preciso mostrar a ele que nada disso tem importância para mim. Eu quero Bento, o pacote completo, independente de suas limitações.

No sábado pela manhã, Brenda e eu levamos as meninas para o salão onde será realizado o concurso. A primeira etapa é um desfile com roupas countries, e Clarice se joga no chão, chorando, enquanto Brenda corre atrás de Catrina, que fugiu bem na hora em que foi chamada para desfilar. Cecília, a única filha aparentemente normal de minha amiga, sobe no palco e, quando a apresentadora pergunta por que ela deveria ganhar, ela solta a palavra escroto, ganhando “ohhs” ensurdecedores.

— Merda! — digo, subindo no palco e arrancando-a de lá.

## PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

A manhã é um fiasco total, mas Brenda insiste em continuar com a competição, embora não haja chance nenhuma de elas vencerem qualquer categoria, a menos que seja a categoria da vergonha.

Durante a tarde, almoçamos em um restaurante caro perto do hotel e voltamos para a segunda etapa, que consiste em desfilar com uma fantasia. Clarice usa uma roupa de bailarina, que ela faz questão de rasgar na hora de desfilar; Catrina usa uma roupa de pirata, e assim que sobe no palco, começa a gritar e chamar sua mãe; Cecília, a que eu tinha achado ser a mais normal, pisa nos pés de um dos jurados, sendo desclassificada.

— Será que podemos desistir dessa competição e aproveitar e conhecer a cidade? — pergunto para Brenda, quando já estamos de volta ao hotel.

Minha amiga me olha com uma expressão feroz, balançando a cabeça.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu gastei uma nota preta neste concurso, e elas vão até o fim, nem que para isto ganhem como...

— ... as trigêmeas mais loucas da região — completo, rindo.

Brenda bate a porta do seu quarto na minha cara.



No domingo bem cedo, voltamos ao salão. Estou tão envergonhada por ontem que entro no ambiente de cabeça baixa. Hoje, elas devem mostrar suas habilidades no palco para os jurados. Apenas Clarice e Catrina irão participar, e Cecília parece tão entediada quanto eu.

— Fique aqui com a Cecília que vou arrumar estas duas para a final — Brenda me diz, e sai levando as filhas.

## PERIGOSAS ACHERON

# PERIGOSAS NACIONAIS

Sento-me com a pequena em um dos bancos. Logo, as luzes se apagam e começam as apresentações. A primeira candidata canta uma música em inglês, ao que é aplaudida de pé; a segunda faz cambalhotas, e assim todas vão assumindo suas posições.

Quando Catrina sobe ao palco, uma parte de seu vestido de princesa está rasgada, seus cabelos estão erguidos como se tivesse levado um choque, e ela se joga lá de cima, caindo nos braços de um dos jurados embaixo; Clarice entra arrastada, chorando e esperneando. Procuro Brenda com os olhos, e a vejo atrás de uma cortina, o rosto em chamas, meneando a cabeça.

Acho que não foi desta vez.



O concurso foi um completo desastre. Nunca imaginei sentir tanta vergonha em minha vida.

PERIGOSAS ACHERON

Ainda rindo, despeço-me de Brenda e vou para o meu quarto, uma suíte de frente para o quarto da minha amiga. Amanhã voltamos para Epitácio. Ainda é cedo, são apenas dezoito horas, mas estou cansada, com fome e com frio, e não quero sair na rua e ser reconhecida: ainda estou envergonhada pelas trigêmeas.

Tomo um banho de banheira quente, visto um moletom de veludo verde-escuro, e me sento em frente ao espelho, penteando meus cabelos molhados pelo banho. Ouço uma batida de leve na porta: deve ser o serviço de quarto.

Arrasto-me para a porta, e, quando abro, meu coração aperta e meus olhos se enchem de água.

— Bento — sussurro, olhando para o homem que amo.

Ele ergue o rosto que estava abaixado. Seu corpo grande consegue preencher toda a extensão do corredor, inclusive o vazio que venho sentindo

## PERIGOSAS NACIONAIS

desde aquela tarde, quando ele saiu de casa e não me procurou. Bento está encostado na parede, a postura rendida, como se pedisse desculpas apenas por estar ali. Ele usa uma jaqueta de couro preta, calça jeans clara, bem apertada em suas coxas grossas, um boné de um time de futebol que não conheço; óculos escuros completam seu visual. Os óculos escuros. De novo. Como se estivesse se escondendo. Voltamos ao início. Uma mala marrom pequena está a seus pés.

Nas mãos, uma rosa solitária, vermelha.

— Bento, como chegou aqui? — pergunto, aproximando-me a passos lentos.

Vinha pensando em mil formas de ofendê-lo, mil xingamentos em minha mente furiosa. Um milhão de ofensas passaram pela minha mente enquanto estivemos separados. Eu queria que ele sofresse, que soubesse que não estaria disposta a voltar assim, sem um bom pedido de perdão.

## PERIGOSAS ACHERON

Entretanto, qualquer resquício de raiva antes armazenado em meu cérebro desaparece, pois meu coração só tem espaço para amar este homem, cada dia mais, com mais intensidade. Qualquer resto de mágoa desaparece à medida que as lembranças de que como somos perfeitos juntos, uma sintonia ímpar, invadem meu coração, e toco seu rosto com carinho, sentindo a barba que tanto adoro.

— Pequena, eu senti tanto a sua falta. Não podia mais ficar longe de você. O que quer eu tenha que fazer para conseguir seu perdão, farei — ele diz, procurando por mim. Chego ainda mais perto e coloco sua mão livre em meu rosto, beijando seu nariz. Abro um sorriso quando ele faz uma careta.

— Senti sua falta também — revelo, encostando meu rosto em seu ombro.

Bento me enlaça pela cintura, e ficamos alguns segundos ali, no corredor iluminado do hotel, em uma cidade desconhecida. Aos poucos, minha

## PERIGOSAS ACHERON

respiração vai voltando ao normal, e conduzo meu primo para dentro do quarto, carregando sua mala.

— Como chegou aqui? Você nem está de bengala — questiono, conduzindo-o até a beirada da cama.

Bento se senta com cuidado, e me puxa em sua direção, colando a boca na minha. Beijamo-nos pelo que parece uma eternidade, seu hálito quente invadindo e me preenchendo deliciosamente. Ele me ajeita em cima de sua perna, e afunda o rosto em meus cabelos molhados.

— Você está cheirando a banho — desconversa.

— Sim, pois sou limpinha — brinco, puxando alguns fios do seu cabelo castanho.

Ele inspira e expira várias vezes, até se dar conta de que ainda está segurando a rosa.

— É para você. Desculpe ser tão simples.

— É linda, eu amei. — Retiro a flor de suas mãos. Algumas pétalas caem com meu toque, mas

## PERIGOSAS NACIONAIS

seguro-a contra meu peito, suspirando. —  
Obrigada.

— Eu amo você, pequena. E não queria te chatear daquele jeito. Sinto tanto...

— Tudo bem — tento falar alguma coisa, mas Bento faz um gesto com as mãos, calando-me.

— Eu preciso dizer, pequena. Eu fui um idiota, e sinto muito. Só não sei lidar com... — Bento vagueia com as mãos para o ar, o rosto contorcido — nossa relação — diz por fim.

Encaro Bento, a saudade cada vez maior. Como é possível a gente sentir saudade de alguém que estamos vendo? Enlaço seu pescoço com meus dedos, puxando seu rosto totalmente em minha direção. Sem me deixar intimidar, retiro seus óculos, e ele não se move, apenas aceita minha intromissão. Dou um beijo cálido em seus lábios gelados, gemendo em sua boca quando falo:

## PERIGOSAS ACHERON



— Nossa relação foi a melhor coisa que aconteceu comigo em treze anos, Bento. Nada no mundo podia me preparar para reencontrar você. Fico envergonhada de dizer, mas sabe a única coisa que pensei quando soube do falecimento de nossa avó?

— Não, em quê?

— Em você. Em como seria nosso encontro.

— Reencontro — ele me corrige, com um sorriso no canto dos lábios.

— Sim — aquiesço. — Nosso reencontro. Quando desembarquei no Brasil, só pensava em como era estar no mesmo país que você depois de treze anos. Quando cheguei ao funeral, procurei você, e não te encontrei. Dentro de mim, eu tentava me segurar, manter-me no controle, mas meus pensamentos estavam todos direcionados a você. E quando te vi na orla, correndo... — interrompo minha narrativa, engolindo em seco. — Por favor,

PERIGOSAS ACHERON

pare de ser um tremendo escroto — finalizo, a voz seca.

Ele sorri, concordando. Suas mãos apertam meu corpo, e eu deixo que as lágrimas caiam. Não consigo mais imaginar minha vida sem ele. Tenho a impressão de ter vegetado nesses treze anos, sem viver; só voltei a viver depois que o vi, correndo pela orla, um cão gigante ao lado e uma expressão de satisfação que me tirou do eixo. Meu juízo foi por água abaixo depois que pus os olhos em meu primo, mesmo sabendo da presença de um noivo, mesmo sabendo de tudo o que fizera, mesmo sabendo que nossa relação não era bem vista por todos.

Encosto minha testa na dele, que respira, aliviado. Minhas lágrimas molham seu rosto, e Bento ergue o dele para mim.

— Não chore, pequena. Eu prometo nunca mais ser um imbecil, sério. Não chora, linda. Você é a  
PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

melhor coisa que me aconteceu em anos, sabe disso? A melhor, a mais colorida e iluminada em minha vida cheia de escuridão.

— Então por que você fez aquilo?

— Eu estava com medo, medo de não ser o bastante para você — ele admite, beijando meu rosto e secando minhas lágrimas.

— Você é mais do que eu preciso ou mereço, Bento. Você é o que faltava de melhor em mim — soluço enquanto ele me cala com um beijo molhado.

Sua língua procura pela minha, e logo estamos em um beijo intenso, desesperado, um beijo de saudade. Ele se deita na cama, e me leva junto, puxando minhas roupas com pressa. Em instantes, estamos tão conectados, que o mundo lá fora não mais existe.



## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Pequena, ei, acorde. Pequena, você ainda está dormindo?

Ouçõ uma voz ao fundo do meu subconsciente, e resisto a abrir os olhos. Os dedos de Bento passeiam pelo meu corpo nu, embaixo das cobertas, de modo provocante. Encolho-me, esfregando-me nele de propósito. Ele adora me acordar pela manhã, cheio de más intenções. Nunca fui uma boa menina, então cada toque de suas mãos acende uma labareda em meu corpo cada dia mais faminto por Bento. *Meu primo. Meu primeiro e único amor.*

— Hum, se continuar se esfregando em mim desse jeito, não vamos sair desta cama hoje — ele diz, apertando minhas pernas.

— E quem disse que vamos sair debaixo das cobertas hoje?

Viro meu corpo para ele, que resmunga baixinho quando nossos corpos perdem o contato.

## PERIGOSAS ACHERON

# PERIGOSAS NACIONAIS

Ele está com os olhos abertos, procurando por minha voz.

— Bom dia — cumprimento, melosa, e levanto uma de minhas pernas por sobre as dele. Bento emite um gemido ao sentir o calor de nossos corpos, e sorri, procurando meus lábios.

— Bom dia, pequena. Acordar com você é o paraíso na Terra, sabia?

— E olha que nem penteei meus cabelos—brinco, alisando seu rosto áspero.

— Para mim, você sempre será linda, pela manhã, ou pela madrugada. Arrumada ou descabelada, sempre será minha pequena.

Suas palavras carinhosas me excitam, e beijo Bento com vontade, puxando seus cabelos com força. Sei que ele gosta disso, e quando ele geme e gruda ainda mais ao meu corpo, puxo seu corpo para cima do meu, pairando sobre mim com seu peso. Ele está muito excitado, e quando penso que

# PERIGOSAS ACHERON

# PERIGOSAS NACIONAIS

terei uma bela manhã, batidas na porta me assustam.

— Quem será? — pergunto, irritada.

— Pequena, sua voz de irritada não tem preço, sabia. Só queria ver sua expressão agora.

— É sério, Bento, quem pode ser?

As batidas recomeçam, e meu irmão grita do outro lado da porta:

— Chega de sexo, pombinhos! Levantem e saiam deste quarto antes que eu arrombe a porta.

— Vitório! — Bento e eu dizemos em uníssono, e caímos na gargalhada.

— Acho melhor a gente sair da cama — digo, e saio debaixo de Bento, que permanece deitado, rindo.



Tomamos café da manhã juntos no hotel. Anthony, Vitório e Bento resolveram fazer uma  
PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

surpresa, aparecendo na cidade atrás de nós. Brenda e eu iríamos embora hoje, mas com a presença deles, decidimos passar mais tempo na cidade. Bento segura minha mão o tempo todo, e minha amiga diz que ele está tentando marcar território depois da burrada que fez.

— Ele não precisa disso comigo, Brenda, sempre fui dele e de mais ninguém — explico, enquanto caminhamos pelas ruas de Dourados.

Andamos pelo centro da cidade, observando as lojas. Em uma banca de revista, Vitório me puxa para mostrar minha foto estampada na capa de uma revista famosa de vestidos de grife.

— É meio desconcertante ver você assim — ele me diz, abraçando-me e me erguendo do chão.

Dou um beijo em seu rosto, empurrando seu corpo para longe.

— Pode se acostumar, maninho. Não tenho culpa de ser famosa.

## PERIGOSAS ACHERON

Bento se enrijece todo ao meu lado diante do que falo. Aperto seus dedos entre os meus, e brinco com o zíper de sua jaqueta para quebrar o clima estranho. Brenda me olha com reprovação, mas não diz nada.

Passamos o dia assim, perambulando pela cidade desconhecida. Levamos as trigêmeas a um parquinho na praça, cheio de terra e tranqueiras na areia. Sentamo-nos e observamos as meninas. Catrina, claro, é a mais atentada. Joga terra nas irmãs, grita com as crianças do parque, e empurra um menino pequeno que estava subindo no escorregador. Tudo isso em questão de segundos.

Anthony é o escolhido para dar uma bronca na filha, e quando ele sai resmungando que nunca deveriam ter escolhido este nome para a filha, cutuco Bento, que está ao meu lado, quieto.

— Catrina jogou terra nas irmãs, acredita? E ontem foi uma confusão só no concurso. Quase

PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

fomos expulsas — digo, aproximando meus lábios da orelha dele.

Bento se arrepia todo, e sorri, meneando a cabeça.

— Eu ouvi isso, Olívia — Brenda me surpreende, estreitando os olhos em minha direção.

— Desculpe, Brenda, mas olha o nome que você escolheu — ele diz, e se vira na direção da minha amiga quando fala.

— Quando seus filhos estiverem jogando terra uns nos outros, eu vou me lembrar disso, Bento. Não pense que não vai passar por isso — ela diz, apertando os ombros dele com carinho.

Imediatamente, seu corpo fica tenso. Seus ombros caídos ficam eretos, e ele se ajeita no banco desconfortável.

— Nunca vou passar por isso, Brenda, sinto te decepcionar.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Por que não? — perguntamos ao mesmo tempo.

— Porque não pretendo ter filhos — ele diz apenas, encerrando a conversa.

Encaro Brenda com uma pergunta explícita no olhar, mas ela dá de ombros, tão confusa quanto eu. Esse papo não está encerrado, não para mim. Desde quando Bento decidiu que não quer ter filhos? Será que ele tem medo de que nossos filhos herdem a doença dele? Recrimino-me imediatamente pelo rumo que a minha mente sempre toma. Na hora certa, eu pretendo retomar o assunto.

Anthony volta todo sujo, segurando as três nos braços, e decidimos voltar para o hotel.

— Vai ter um show hoje, aqui, do Fernando e Sorocaba — meu irmão fala ao meu lado.

Mal consigo prestar atenção em suas palavras. Só consigo pensar no que Bento acabou de dizer.

## PERIGOSAS ACHERON

Que nunca terá filhos. Fico incomodada com o que ele disse, mas finjo prestar atenção em Vitório.

— Podíamos ir, que tal? O show deles deve ser muito bom.

— Muito, eu já os vi uma vez em Campo Grande. Show top.

— Onde vai ser o show? — Brenda pergunta, do outro lado do marido, segurando Clarice de ponta cabeça.

Encaro minha amiga e sua prole. Brenda sempre foi a mais doida das irmãs, e vê-la assim, segurando a filha, cuidando delas, sorrindo para o marido, enternece meu coração. Em Milão, quando pensava em minha amiga e no que poderia ter se transformado sua vida, a imagem de esposa e mãe não passava nem de longe pela minha cabeça. A vida é como uma ponte grande e desconhecida, e nunca sabemos o que está do outro lado se não

atravessarmos o rio. Brenda atravessou, e olha as surpresas que a vida lhe ofereceu.

Vitório fala alguma coisa para ela, mas meu foco está em Bento, calado ao meu lado, abraçado a mim e andando lentamente pela calçada.

— Ei, o que foi? — Cutuco sua orelha, de brincadeira.

Ele se assusta e ri, mantendo o silêncio. Seguimos para o hotel em um clima desconfortável demais para mim.



Meu irmão, surpreendentemente, conseguiu ingressos para o show da dupla sertaneja. Vitório é a pessoa mais cara de pau que conheço, o cinismo em forma de gente, sua petulância e charme são duas grandes vantagens em sua vida de homem mulherengo. Estamos a caminho do show, que será em um recinto de exposição da cidade. Estou no

PERIGOSAS ACHERON

carro dele, com Bento no banco da frente, fazendo perguntas sobre a cidade para mim; Vitório dirige animado, o som do Corolla nas alturas, uma música da dupla sertaneja eclodindo nas caixas de som. Gosto da música que toca: tem uma melodia lenta e romântica, aquele tipo de música que nos dá vontade de dançar agarrado com alguém, o corpo colado ao ritmo da letra.

Não costumo frequentar este tipo de lugar em Milão: meus passeios lá consistem em galerias de arte, museus, restaurantes (a comida italiana é a minha paixão), bem como livrarias. Nunca fui a um show, muito menos de dupla sertaneja. Se Francesco estivesse aqui, reviraria os olhos para mim e coçaria o queixo, um gesto típico de desdém do meu ex-noivo.

Mas eu me transformei em uma nova Olívia, uma mulher bem mais corajosa e cheia de ousadia do que já fui. Gosto da pessoa que sou, gosto de

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

como me sinto confiante com a presença de Bento, e estou animada para nossa noite.

Brenda e Anthony vão mais à frente, na caminhonete do casal. As trigêmeas estão com eles, e não sei bem como vai ser os cinco neste tipo de festa.

Quando chegamos, desço primeiro e abro a porta para Bento. Ele fecha a cara para mim diante do meu gesto gentil, e Vitório me recrimina com o olhar.

Andamos pela grama até a bilheteria. Vitório entrega nossos ingressos e identidades. Lá dentro, um som alto toca com uma música alegre e dançante. Meu irmão sai me rodopiando pelo espaço de terra, fingindo dançar comigo, enquanto Bento está a um canto, o rosto sério.

— Pare, Vitório, vai me deixar tonta. — Tento empurrá-lo, mas ele me segura ainda mais em seus

## PERIGOSAS ACHERON

braços, a jaqueta de couro marrom aquecendo meu corpo quando ele me abraça forte.

— Vai nada, Tata. Você está linda, a propósito — ele diz, beijando meu rosto em um beijo demorado.

Olho para minha roupa. Escolhi um vestido de mangas longas curto de oncinha colado em meus seios, revelando um decote em coração; coloquei uma jaqueta grossa, caramelo, por cima do vestido, meias escuras e grossas, e bota caramelo de cano longo. Deixei meus cabelos soltos, com algumas ondas. Acabei comprando a roupa de última hora, já que não tinha nada parecido, e Brenda me convenceu de que eu estava gostosa pra caramba.

— Obrigada — digo para meu irmão, indo até onde meu primo está.

Quando chego mais perto dele, sua postura muda radicalmente. Ele abre um sorriso travesso e estende a mão para mim, os olhos piscando.

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Vem cá, pequena.

— Como sabia que era eu? — pergunto, segurando sua mão e me jogando em seus braços.

Ele cambaleia com nosso contato, mas se mantém firme, os braços em volta do meu corpo, a jaqueta de camurça roçando de leve meu pescoço.

— Quando se trata de você, pequena, meu coração simplesmente sabe, mesmo que meus olhos não me ajudem em nada.

Beijo seus lábios gelados por conta do vento frio.

— Amo você, sabia? Nunca me canso de dizer isso. Eu... — faço uma pausa, sentindo a aproximação dos demais de onde estamos. — ...eu não vou voltar mais para Milão — admito, aliviada por contar de uma vez.

Bento abre a boca para protestar, e me aperta ainda mais nos braços, mas quando ouve a voz de Anthony, desiste do que ia dizer:

## PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

— E então, crianças, vamos aproveitar — Anthony fala, segurando duas das filhas nos braços. Cecília já está dormindo, e Clarice parece sonolenta e entediada. Catrina é a única que corre pelo recinto, mostrando os animais expostos e os doces.

Sorrio para Brenda, que torce o nariz.

— Esta noite vai ser interessante! — exclamo, em tom irônico, e minha amiga revira os olhos.

Andamos pelo recinto, a terra do lugar sujam a minha bota de camurça. Os saltos afundam na terra o tempo todo, e me seguro em Bento para não cair. Vitório corre atrás de Catrina, que grita quando ele a segura pelos ombros. Paramos na praça de alimentação improvisada: há muitas opções. Tem barraquinha de churros, cachorro-quente, espetinho, pastéis de muitos sabores, crepes, refrigerante e cerveja de muitas marcas, bem como brigadeiros. Catrina pede um doce, e então todos decidimos comer antes. O local onde será realizado o show é

## PERIGOSAS ACHERON

separado de onde estamos e depois que passarmos por ele, não poderemos mais sair.

Como um pastel de frango e tomo um refrigerante. Bento diz que quer espetinho, e compro dois para ele, assim como um refrigerante. Clarice e Cecília acordam para comer, mas depois de satisfeitas, voltam ao mundo dos sonhos. Brenda e Anthony se revezam entre comer e alimentar as filhas, e meu irmão desapareceu atrás de uma loira alta.

— Vitório já foi atrás de um rabo de saia — digo no ouvido de Bento, e ele ri, assentindo.

— Até que demorou para ele ir atrás de alguém.

— Sim — concordo.

O recinto vai ficando mais cheio, pessoas de todos os tipos, tamanhos surgem com roupas countries, desde as crianças até os mais velhos. Em determinado momento, decidimos ir ver os animais, expostos do lado esquerdo do recinto. Há gado,

## PERIGOSAS NACIONAIS

ovelhas e alguns cavalos. Conforme passamos pela fileira de animais, vou dizendo a Bento o que estamos vendo, ao que ele apenas resmunga alguma coisa ou faz uma brincadeira.

— Olha. — Aponto para um cavalo lindo, de pelos claros, ao fundo da jaula.

Levo Bento pelos braços até o animal, que empina o rabo quando me encosto na jaula.

— Ele é lindo, Bento, branco, com uma crina lisinha e enorme. Nunca vi um animal tão lindo.

— Aposto que sim.

Olho para ele, que está de cara feia, de novo.

Ultimamente, seu humor tem oscilado muito, deixando-me confusa.

— Bento, o que foi?

— Nada — ele diz, seco.

— Claro que tem alguma coisa. Sua cara está péssima.

— Bem, esta é a única que tenho.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Toda a minha animação para a noite desaparece. Desde que Vitório disse que conseguira os ingressos, empolguei-me com nossa noite. Estava tão animada, feliz por poder estar com Bento e meus amigos. Agora, olhando para a postura rígida dele, tenho a sensação de que nossa noite não vai terminar muito bem.

Suspiro, aproximando-me dele ainda mais, tocando seu peito rijo.

— Ei, lindo, amo você, por que não desmancha esta cara e aproveita esta noite comigo?

Imprenso seu corpo a uma árvore, e Bento geme quando agarro sua bunda, enfiando minha língua em sua boca. Ele retribui o beijo, tão sedento quanto eu, e sobe as mãos por meu corpo, encontrando minha nuca e me puxando para ele.

— Pequena... — ele sussurra, os lábios ainda colados aos meus.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Sorrio para sua boca, toda manchada com meu batom vermelho.

— Não quero brigar hoje, Bento. Só quero curtir esta noite com você. Por favor — peço, passando a língua pelo seu lábio inferior.

— Você gosta de me provocar, né?

— Sempre — repito o gesto, e ele arqueia o corpo, piscando os olhos com força. — Você é meu passatempo favorito, Bento.

Ele me puxa em sua direção e me beija lentamente, apertando seu corpo contra o meu. Com dificuldade, ele nos muda de posição, e logo eu estou imprensada na árvore, o corpo de Bento sobre o meu, sua ereção deliciosa roçando em minha virilha. Puxo seus cabelos e ele geme enquanto me beija, passando as mãos pelo meu corpo.

— Você é gostosa para caramba, pequena, não consigo manter minhas mãos longe.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Não estou reclamando — brinco, afastando-o quando percebo a presença de Brenda, uma expressão furiosa no rosto e as mãos na cintura.

Brenda pigarreja, mas está sorrindo quando vou até ela, puxando Bento.

— Hum... acho que nos perdemos — declaro, envergonhada.

— Bem, devem ter se perdido mesmo enquanto procuravam o caminho do motel! — ela rosna, a voz mais alta.

— Não fique com inveja, Brenda — Bento zomba, segurando minha cintura com firmeza.

— Haha, quem me dera. Bem, nós vamos embora. As três dormiram, e o show nem começou. Estou morta de cansaço, e o Anthony está com os braços dormentes de segurar as meninas.

— Que pena — murmuro, olhando para Anthony, ao canto, fazendo malabarismos para segurar as três filhas.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, sei que vão sentir muito a nossa falta...

— Muita — Bento eleva a voz, sarcástico.

— Mas estarei no hotel, caso precisem de algo.

— Está bem — assinto, dando um abraço em minha amiga e acenando para Anthony.

— Amanhã você me conta como foi — ela pede, olhando por sobre o ombro para mim.

— Claro.

Bento e eu seguimos para a entrada do show. Passamos pela catraca, e descemos uma rampa de terra, que nos leva ao que eu imagino que será a pista. É tarde quando os cantores sobem no palco: as luzes fazem uma dança sensual no céu; fogos de artifício queimam enquanto um deles, o de chapéu, aparece dentro de uma bola gigante. Aplaudo, encantada com a performance. Narro a Bento o que está acontecendo, e ele encosta a cabeça em meu ombro, escutando enquanto falo tudo, como uma criança.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

O espaço está lotado, as pessoas trombam em nós o tempo todo, derrubam bebidas em minhas botas caras, empurram Bento quando passam, ao que ele grita alguma coisa. A primeira música é alegre, e Bento me puxa para dançar, todo sorridente e sensual, sua essência de menino levado ultrapassando as barreiras do homem sério e antipático. Não temos muito espaço, mas ele me conduz perfeitamente, nossos corpos grudados, o frio da noite há muito esquecido. Ele me gira, canta a música, e tento acompanhá-lo, mas erro mais a letra do que acerto. As músicas seguintes são mais lentas, e, segurando minha cintura, com o rosto enfiado em meus cabelos soltos, Bento me conduz em uma dança íntima. Posso sentir as batidas do seu coração por sobre a jaqueta grossa, e sei que o meu está batendo tão forte quanto o dele. Juntos, assim, somos um só, um elo inseparável. Ele me beija pausadamente em alguns momentos; canta em

## PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

meu ouvido em outros; e quando começa a tocar uma música de duplo sentido, rio com a voz de meu primo ecoando em meus ouvidos enquanto ele sussurra o que vai fazer comigo quando chegarmos ao hotel.

E assim, a noite vira madrugada, e logo o show termina. Ainda ficamos algum tempo ali, dançando ao ritmo de uma música no som, depois comemos de novo, até conseguirmos localizar Vitório, que está mais descabelado que soldado no Iraque.

No hotel, tiro minhas roupas e as de Bento, e antes que eu tenha tempo de apagar a luz, ele está dormindo na cama, o corpo encolhido de frio.

— Então era isso que você ia fazer comigo quando chegássemos ao hotel? — divirto-me, porém, Bento parece um moribundo.

Apago a luz e me deito, enroscando meu corpo ao dele.

## PERIGOSAS ACHERON



Já faz uma semana que estamos em Dourados. Brenda e Anthony concordaram em permanecer na cidade conosco. Vitório disse que não tinha problema o Pet Shop ficar fechado por uma semana, então decidimos aproveitar a cidade.

A noite é fria, quase congelante, mas combinamos de ir a um bar badalado na cidade. Meu casaco preto e grosso está abaixo dos meus joelhos, roçando de leve nas botas de cano longo pretas, de couro. Bento, ao meu lado, está calado, o rosto abaixado contra o vento cortante que bate em nossos rostos enquanto andamos o curto caminho do carro ao bar. Ele usa uma touca que deixa seu rosto ainda mais bonito, e sua jaqueta jeans está gelada quando seguro seus braços, passando pela porta do bar.

Lá dentro, está lotado. Esperamos cerca de quinze minutos até liberarem uma mesa, e quando nos sentamos, as filhas de Brenda, como se estivessem conspirando contra nós, abrem o maior berreiro, reclamando de fome.

— Nunca tenha filhos, Tata, estou um pouco assustado com estas crianças desde que chegamos — Vitório sussurra em meu ouvido, apertando minha coxa por baixo da mesa de madeira.

— Elas são simpáticas, Vitório, infelizmente estão sendo arrastadas para lugares que não são apropriados para crianças — rebato, olhando com piedade para minha amiga e o marido, que tentam a todo custo fazê-las calar a boca.

— Eu ouvi isso, Vitório. — Minha amiga estreita os olhos para meu irmão, que apenas dá de ombros, com ar de inocente.

— Vamos até o balcão fazer os pedidos. O que vocês querem, garotas? — Anthony toma a frente

## PERIGOSAS NACIONAIS

do grupo, e se levanta. Meu irmão faz o mesmo, puxando Bento com ele.

— Cara, vamos beber até cair — Vitório ironiza, e os três se afastam de nós.

Encaro a silhueta de Bento, enquanto ele se afasta. Hoje, mais do que qualquer outro dia, ele está calado, tenso, esquisito demais até para os padrões dele. Brenda me olha com uma pergunta implícita nos olhos, os cabelos longos e negros presos em um rabo de cavalo alto, revelando seu rosto pálido.

— Não sei também. Ele está estranho desde alguns dias. Não é só aqui. Acho que está cismado com o fato de eu não voltar para Milão — confesso, brincando com uma mecha de cabelo minha, que está pendendo em minha testa.

— Você está decidida mesmo?

— Sim, só preciso de Bento agora, Brenda. Não tenho como voltar, não se ele não for comigo.

## PERIGOSAS ACHERON

— Já propôs isso a ele? — Ela me encara, as sobrancelhas pretas arqueadas para mim.

Penso em minha conversa com ele, há alguns dias. Quando mencionei que estava pensando em ficar por aqui, sua atitude foi tão hostil, que nem conseguimos continuar a conversa, culminando em nossa última briga. Fecho os olhos, tentando clarear a mente. Será que Bento realmente acredita que Epitácio não é o bastante para mim?

Respiro fundo e volto a fitar Brenda, que aguarda minha resposta.

— Eu comentei, mas ele agiu de um jeito nada típico dele, ao menos não do que estou acostumada quando o assunto é Bento. Ele foi grosso, disse coisas nada gentis para mim, e então brigamos...

— Olívia, ouça. — Ela segura minhas mãos por sobre a mesa pequena, levando consigo uma parte da toalha verde que cobre o móvel rústico. — Você não é mais a Olívia que saiu daqui, chorando e  
PERIGOSAS ACHERON

apaixonada, há treze anos. Você se transformou em uma mulher poderosa, famosa, dona de uma fortuna, uma grana que poucos têm o prazer de ver na vida. Além disso, você tem um nome, uma marca, e quais as chances reais de permanecer na cidade?

— Bem, eu...

— Ouça. Bento, apesar de toda aquela aparente felicidade, sofre com a deficiência. Muitas vezes, percebo que ele se sente inferior quando todos nos juntamos, como se fosse uma criança e precisasse de cuidados o tempo todo.

— Eu gosto de cuidar dele — rebato, nervosa.

Ela me olha com reprovação.

— Não se trata do que você gosta, Olívia, mas de como ele se sente com estes cuidados todos. Bento, apesar de ter avançado muito, ainda é um homem cego, cujas limitações ainda o impedem de muitas coisas, atividades que para nós seriam

## PERIGOSAS NACIONAIS

rotineiras — ela conclui, piscando os olhos para mim.

Não posso discordar do que acabo de ouvir. Ainda assim... Não quero que Bento se sinta menos do que é apenas por não enxergar.

— Ele é mais que suficiente para mim, Brenda, só quero que ele saiba que nada disso tem importância desde que fiquemos juntos — concluo, suspirando.

Minha amiga sorri para mim, mas permanece em silêncio.

Os rapazes voltam com nossas bebidas e potinhos cheios de amendoim, castanhas e amêndoas. Bento se senta ao meu lado, e dou um beijo em seu rosto áspero pela barba.

— O que escolheu para mim? — pergunto em seu ouvido, e ele sorri, a pele do pescoço toda arrepiada.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Hum, tequila. Estou querendo reviver aquele dia no bar. — Bento abre um sorriso safado, e me beija com um estalo.

— Você gostou daquela Olívia, né?

— Muito. Na verdade — ele se ajeita no banco —, eu gosto de todas as Olívias dentro de você, pequena.

Encosto minha testa na dele, sentindo seu cheiro gostoso inebriar meus sentidos.

— Até a Olívia brava?

— Sim, até a Olívia brava — ele assente, meneando a cabeça. — Adoro você brava. O sexo fica ótimo depois — Bento confessa, me beijando de novo.

Correspondo ao seu beijo, sentindo seu hálito de cerveja e de Bento. Quando Brenda pigarreja, Bento e eu rimos. As trigêmeas estão nos encarando, boquiabertas.

## PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

— Também quero que suba no palco, como naquela noite — Bento diz contra meus cabelos, a voz melosa.

Sorrio para meu primo, constrangida.

— Aquela noite vai ficar para a história. Olívia, a certinha do grupo, bêbada, subindo no palco e tentando arrancar a roupa do Bento — Brenda entra na conversa, atraindo a atenção de todos.

— Que papo é esse? — Anthony pergunta, interessado.

— Não foi nada — digo, escondendo meu rosto na jaqueta do meu primo, que está rindo com o rumo da conversa.

— Foi exatamente isso, mocinha. Você subiu no palco, me agarrou e tentou tirar a minha roupa.

— Mas que cretino mentiroso! Você nem estava vestido — retruco, socando o braço de Bento de leve.

## PERIGOSAS ACHERON

Todos riem com meu comentário, e as trigêmeas prestam atenção em nossa conversa. Brenda me recrimina com o olhar, e mantenho a boca fechada, enquanto Bento conta os acontecimentos daquela noite.

— Por que ele estava sem roupa, mãe? —  
Catrina, a mais esperta, pergunta.

— Ele não estava sem roupa, querida, apenas queria... — Anthony tenta apaziguar a situação, mas a filha não engole a mentira.

— Estava sim, ele disse — Catrina repete, atenta a tudo.

— Tudo bem, já chega desse assunto. Que tal cantarmos no karaokê? — Brenda sugere, já erguendo Clarice nos braços e conduzindo as filhas para o canto do bar, onde há uma grande tela e um microfone solitários.

— Cara, a gente não pode mais falar nada na frente destas meninas. Tudo é motivo para uma  
PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

cena — Anthony retruca, bebendo sua cerveja.

As meninas começam a cantar juntas, e logo uma pequena plateia se volta para a cantoria. Aperto as mãos de Bento por baixo da mesa, mas percebo o quão pouco relaxado ele está. Viro mais alguns copos da minha bebida, e me levanto para fazer companhia a Brenda.

— Aonde você vai? — Bento me pergunta, puxando minha mão para baixo.

— Vou cantar uma música, já volto.

E saio, rumo ao karaokê.

Depois de muita bebida, sinto minha cabeça leve, os pensamentos um pouco enevoados. Estou irritada com meu primo por estar se comportando como um idiota. Não quero ter que ficar o tempo todo convencendo-o de que o amo, de que só quero ele. Minhas atitudes deveriam bastar bem mais que as palavras. Suspiro, resignada.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Ei, você, venha cantar com a gente — minha amiga me chama, e começo a ler uma música que nunca ouvi na vida, minha voz fina e alta ecoando nas caixas de som.

As pessoas embaixo vão, algumas batem palmas, mas continuo ali, sentindo-me confiante a cada música que canto.

As trigêmeas gritam quando seguro o microfone só para mim, mas estou um pouco bêbada, então que se dane. Canto uma, duas, três músicas. Arrisco-me em um inglês sofrível, quando começa a tocar Beyoncé. Faço aquela dança de “Single Ladies”, tropeçando em alguns momentos, e quando termino, recebo muitas palmas.

Estou me sentindo poderosa agora, aqui em cima. Muito mais poderosa do que minha fortuna poderia me fazer. Brenda tenta arrancar o microfone das minhas mãos quando começo a

## PERIGOSAS ACHERON

# PERIGOSAS NACIONAIS

cantar a décima música; contudo quero cantar, me distrair.

— Olívia, você está bêbada, vamos voltar para a mesa. — Ela tenta me segurar, enquanto eu a ignoro.

Quando a música termina, uma ideia maluca surge na minha cabeça.

Pigarreio, o microfone nas mãos, os olhares atentos em mim. Abro meu casaco preto, pois estou suando com o esforço, revelando minha saia curta de veludo vermelho e minha camiseta jeans, amarrada na cintura. Alguns homens gritam, elogiam, mas meus olhos buscam Bento. Sua expressão é de pura confusão, como se estivesse tentando adivinhar o que a louca da namorada está fazendo.

Bem, lá vamos nós.

— Oi gente — digo, a boca colada ao microfone, deixando algumas marcas de batom. —

PERIGOSAS ACHERON

Meu nome é Olívia, Olívia Perrone — continuo, esperando alguma reação. Algumas mulheres que estão ali presentes me reconhecem, consigo perceber no olhar de admiração delas, e sussurram entre si.

— Sim, sou eu. E... eu estou apaixonada. — prossigo, olhando para a mesa onde Bento está sentado. Noto seus punhos cerrados, e ele tentando se levantar. — Apaixonada por aquele gato logo ali. — Aponto para onde ele está sentado, e os rostos se viram para ele.

Brenda tenta me impedir mais uma vez, ao que eu puxo o microfone para mim, a confiança me levando a um ponto desconhecido.

— Sim, ele é o amor da minha vida, desde que me conheço por gente. Quer dizer, como não ser? Olhem para ele! O cara é lindo, e tem um beijo que me deixa sem ar. — As pessoas começam a gritar e aplaudir, e vejo Bento já de pé, os braços cruzados

no peito, escutando minha ladainha ridícula, esperando o momento quando vai me dar uma bronca daquelas. — Ficamos separados por treze anos, e agora que a gente se reencontrou... — fecho os olhos, sentindo meu rosto molhado pelas primeiras lágrimas — eu não posso mais viver sem ele. Quer dizer, que sentido tem voltar para minha vida em Milão se não terei a pessoa mais importante, a que torna minha vida mais feliz e colorida?

Agora, a pequena plateia está comovida. Vejo Bento tentando se afastar e grito, a uma só voz, o eco estronda pelo bar.

— Bento, quer casar comigo?

Minha frase ecoa pelo espaço cheio de fumaça e desconhecidos. O eco torna a sentença infinita, repetindo-se pelo ambiente. Meu primo está corado, bravo, e consigo ver a fúria em seus gestos. Os punhos cerrados novamente, a cara amarrada de

## PERIGOSAS ACHERON

menino rebelde que sempre me fascinou. As pessoas gritam para que ele diga sim, e meu coração quer tanto ouvir sua resposta que prendo a respiração.

E espero. Muito.

Porém, para meu desgosto e humilhação, ele não diz nada. Com dificuldade, se move para fora da cadeira, e começa a se afastar, em direção à porta de saída, ignorando meu pedido de casamento. Abro minha boca para chamar seu nome, mas não consigo emitir nenhum som. Estou estarecida. Humilhada. Vejo meu irmão conduzir meu primo para fora do bar, a porta se fechando, e eu ali, sozinha, com o microfone ainda em mãos, meu corpo todo tremendo.

Não saberia dizer muito bem o que houve depois, pois foi tudo muito rápido. Brenda tira o microfone de minhas mãos com delicadeza, e me conduz para fora daquele lugar horrível. Na rua,

## PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

não enxergo nada. As lágrimas de revolta e humilhação embaçam meus olhos e massacram minha dignidade, meu orgulho ferido. Choro abraçada a Brenda, que passa as mãos em meus cabelos, freneticamente. Não vejo mais nada, e ouço as vozes das pessoas ao longe, mas não distingo o que dizem.

Quando já estou na caminhonete de Brenda, minha amiga ao volante, as crianças no banco de trás dormindo, choro com a cabeça encostada no vidro, sabendo que perdi Bento para sempre.

## PERIGOSAS ACHERON



## Capítulo 18

— OLÍVIA, POSSO ENTRAR? — A voz grave e alta de minha mãe me tira dos pensamentos melancólicos. Viro-me de lado e encaro a porta ainda fechada, em dúvida.

Não estou em condições de falar com ninguém, tampouco com minha mãe, toda politicamente correta; entretanto, o fato de ter corrido para cá depois que fui humilhada pelo meu primo torna-me uma pessoa menos severa. Contrariamente ao que eu esperava, ela não foi tão desagradável quanto eu

achei que seria durante minha estadia na cidade, e temos mantido uma relação até amistosa.

Sem muito ânimo, caminho até a porta e a destranco, a maçaneta rangendo como uma lata velha, um barulho contrastante com todo o resto do hotel, em sua infinita beleza e luxo. Minha mãe precisa trocar essas fechaduras antes que os hóspedes comecem a reclamar do preço abusivo da diária.

Volto para a cama arrastando-me, enquanto os saltos dela batem com força no piso atrás de mim. Não me dou ao trabalho de encará-la ou dar início a uma conversa. A dor que sinto é mais que emocional; ela é física e atravessa cada fibra do meu ser, percorrendo meu corpo exausto pela noite terrível que tive, imagens da semana passam como um filme de terror em minha cabeça confusa.

Sento-me na cama e encosto minha cabeça na cabeceira alta e almofadada, de veludo azul. Fecho

## PERIGOSAS ACHERON

os olhos com força e aguardo a enxurrada de palavras que sei que virão.

E então... elas não vêm.

Mantenho minha determinação de permanecer onde estou, no estado letárgico e deprimido em que me encontro desde ontem. Os minutos vão passando e não escuto nem a respiração dela; suspiro, cansada, e abro os olhos devagar, rendendo-me.

Ela se encontra em pé, no meio da suíte, fitando-me com um olhar de pena. Por incrível que pareça, seu rosto está contorcido de dor, e me endireito na cama, tentando não parecer uma morta-viva, como sei que estou parecendo.

Minha mãe caminha lentamente até a cama e se senta, sem fazer barulho, ereta e elegante como uma dama, seus gestos tão contidos e calmos que chego a cogitar estar delirando. Seus olhos muito azuis se estreitam em minha direção e noto um leve

franzir de suas sobrancelhas loiras e delineadas. Por fim, ela diz:

— Sei que não sou digna de pronunciar qualquer discurso heroico ou cheio de confiança para você, Olívia, e temo que você não me veja como um ser humano de carne e osso, capaz de expressar algum tipo de sentimento. Sei que não me enquadro na categoria “mãe” que a sociedade espera que eu me enquadre, e sei também, com absoluta certeza, que já passamos da fase de hipocrisia e meias-verdades.

Abro a boca para interromper a fala mais desconexa que já saiu dos lábios de minha mãe, porém seu dedo indicador se ergue em um gesto impaciente, revelando a Marisa que eu conheço tão bem, a única que conheci a minha vida toda, exceto por momentos espontâneos que tivemos semanas atrás, quando me coloquei ao seu lado e contra tia Agnes. E eu apenas me calo.

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Deixe-me falar, Olívia, antes que minha coragem desapareça em uma nuvem de fumaça e eu me arrependa de ter entrado neste quarto. Por favor, apenas ouça o que tenho a dizer e, se no final ainda quiser me condenar ou acusar, serei toda ouvidos.

— Ela faz uma pausa, ajeitando-se mais confortavelmente na cama, nossos corpos distantes, um de frente para o outro. A tensão que acompanha minha mãe ainda está ali, como sempre esteve. Não sei se quero ficar assim, com seus olhos tão em cima de mim. Por isso, bato de leve as mãos ao meu lado na cama, indicando que ela se sente ali, e ela sorri, compreendendo minha tentativa de não ser encarada durante uma conversa que não faço ideia de quanto tempo vai durar.

Ela se arrasta desajeitada, bagunçando os lençóis de seda. Quando encosta na cabeceira, tira os sapatos altos com os pés, que caem no tapete felpudo do quarto.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Minha mãe está nervosa, e este fato por si só já é um indicativo de que nossa conversa não terá um teor agradável. Ela sempre foi muito dona de si, cheia de confiança e argumentos, e este comportamento atípico só demonstra que ela está em desvantagem hoje, como se fosse revelar um grande segredo. Um segredo da família, será? E como se tudo isso ainda não bastasse, ela está próxima a mim, nossos ombros se tocando a medida que ela se mexe na cama, tensa. Mal nos tocamos ao longo dos meus 28 anos. Ainda posso me lembrar de suas tentativas de ser uma mãe mais humana quando confessei minha raiva pela relação do meu pai com minha tia, e seu abraço cálido quando quase me contou sua história. Acho que chegou o momento.

Ouçó seus suspiros inúmeras vezes, mas preciso me controlar e manter a boca fechada. E, quando o

## PERIGOSAS ACHERON

silêncio é quase palpável no quarto, ela dá início a sua narrativa:

— Eu tinha 18 anos quando conheci seu pai. Quer dizer, pela lógica, 17. Ia completar 18 na semana seguinte. Como meu aniversário seria em uma terça-feira sem graça, eu e minhas amigas decidimos comemorar no sábado. Lembro-me de que haveria uma festa na cidade, uma dupla sertaneja vinha tocar, então sua avó acabou cedendo, mas muito a contragosto. Mesmo naquela época, eu tinha meu próprio grupo de amigas, e sua tia Agnes, por ser mais velha, era de outra turma. Ela odiava quando sua avó pedia para ela me vigiar quando saíamos na rua, não gostava deste tipo de compromisso com a irmã mais nova. Ela já era uma mulher casada, e tinha o Bento bebê. Tinha grandes responsabilidades como mãe, e como o pai do Bento quase não ficava aqui, ela praticamente era



mãe e pai. Por incrível que pareça, neste dia ela foi sem reclamar para cuidar de mim.

Assinto, encarando seu rosto, esperando por mais. Ela se remexe na cama e coloca as mãos nos joelhos, inquieta.

Não cheguei a conhecer o pai do Bento, pois ele morreu em um acidente de caminhão, quando transportava uma carga para o Mato Grosso do Sul. Acho que nem meu primo carrega muitas lembranças do pai. Tia Agnes desde sempre foi uma mulher viúva em meu imaginário. Até se envolver com meu pai.

— Foi uma das melhores noites para mim. Ia fazer 18 anos, então tinha aquela expectativa por trás de todo jovem antes de completar esta idade. Achava, em minha ingenuidade, que minha vida mudaria quando ficasse mais velha. No fim, mudou mesmo. Para comemorar no sábado, todos resolveram adiantar os presentes: seu avô me

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

mandou dinheiro de Milão; sua avó me deu uma roupa linda, e até minhas amigas juntaram uma graninha e compraram uma bota para mim, algo que eu nunca tivera na vida. Confesso que, naquele dia, eu me senti a pessoa mais sortuda e importante de Presidente Epitácio, o que era uma grande tolice, claro.

Ela sorri e continua:

— O show sertanejo foi legal. Para ser sincera, nem prestei muita atenção nas músicas nem na dupla, porque assim que chegamos vi um moço tão lindo e tão alto, que ele se destacava na multidão. Fui atraída por ele imediatamente, como uma adolescente bobinha e tola que eu era. Ele tinha olhos castanhos enormes, e o cabelo era comprido, cheio de cachos. Parecia um rock star rebelde. Eu me apaixonei, claro, imagine que não tínhamos muitas opções na cidade naquela época. Os rapazes

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

eram franzinos e tão bobos que nenhuma menina ousaria sequer deixar-se aproximar de um deles.

Rio de sua sinceridade, de sua meticulosidade ao me contar de seu passado. Minha mãe sempre foi tão fechada em seu mundo perfeito, que nunca tive muita chance de entrar e fazer parte de sua vida, como uma filha normal faria, se nossa relação fosse normal.

Ela fecha os olhos, como se este gesto clareasse sua mente sobre aquela noite, há tantos anos.

— Ficamos a noite toda trocando olhares, como nos filmes. Quando o show estava para acabar, ele se aproximou de mim e me roubou um beijo. Um beijo, Olívia. Eu nunca tinha beijado ninguém antes, e foi a coisa mais rebelde que havia feito até aquele momento. Eu morria de medo da sua avó, que era uma carrasca, se quer saber. Ela foi muito severa comigo, e esta noite foi uma das poucas vezes que saí sozinha.

## PERIGOSAS ACHERON

Estou sorrindo por dentro, ouvindo minha mãe falar tão abertamente sobre sua vida. Nem dá para comparar esta mulher com aquela fria e distante com quem estou habituada desde sempre.

Sua voz ganha um timbre mais agudo e alto, dando continuidade à história:

— Conrado foi meu primeiro amor. Recuso-me a dizer único, pois seria clichê demais, porém aquela noite foi um divisor de águas em minha vida. Depois que ele me beijou, eu sabia que o amava, que queria beijá-lo de novo e de novo. Não dá para explicar em palavras estas coisas, filha, mas quero que saiba que amei muito seu pai. Por fim, nos envolvemos de tal forma que começamos a nos ver escondidos, pois minha mãe não queria saber de namoro. Eu era louca por ele, estava apaixonada. Sempre dava um jeito de encontrá-lo, mesmo correndo o risco de ser pega. Foi, sem sombra de dúvida, a época mais rebelde da minha vida. A

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

gente fugia para a orla para se ver, ou então para o Figueiral, que não tinha nada do que tem hoje. Quando eu chegava em casa, molhada e feliz, sua avó me trancava no quarto, berrando aos quatro ventos que não aceitava o Conrado de jeito nenhum, que ele não era homem para mim, que eu estava nova demais para isto, que tinha que estudar. Era sermão após sermão, e cada palavra pronunciada por ela entrava por um ouvido e saía pelo outro. Eu era jovem, Olívia, e comecei a ficar mais impetuosa a cada dia. E era bom, sabe? Foi uma época feliz.

Minha mãe faz uma outra pausa. Respira fundo, como se as lembranças fossem um emaranhado de momentos felizes e tristes. Ela me olha por um tempo, o rosto virado em minha direção, o reflexo de uma vida inteira de memórias. Faço graça, tentando amenizar o clima.

## PERIGOSAS ACHERON

— Conheço uma pessoa igual a vovó. Uma pessoa que também odiava a minha escolha de namorado e que me mandou para o outro lado do oceano para que eu nunca mais o visse — brinco, e ela também sorri.

Sem fazer nenhum comentário, ela segue com sua história:

— Nossos encontros furtivos demoraram alguns meses, até que eu engravidei e não pude mais me esconder. Eu sabia que aquele comportamento era inadequado, que estava errada e me precipitando. Eu sabia, Olívia, desde a primeira vez que fiquei com seu pai, que uma gravidez seria inevitável, mas eu queria ficar com ele e faria o que fosse preciso para isso. Em minha mente de menina-mulher, um filho seria a solução para o nosso dilema. Uma gravidez naquela época era motivo de escândalo, e eu tinha consciência de que sua avó

jamais proibiria a união se tivesse uma criança em jogo.

— Você só tinha 18 anos — interrompo sua fala, mas não é uma pergunta, apenas uma constatação do quanto minha mãe era jovem quando tudo aconteceu. Obviamente, eu sabia a idade que ela tinha quando engravidou de mim, o que só torna ainda mais real seu discurso quando as palavras saem de sua boca. Há uma necessidade, implícita em minha frase, de lembrá-la de seus erros do passado; não como uma forma de punição, apenas um meio de ela perceber que não é perfeita.

Ela concorda com a cabeça, ajeitando alguns fios invisíveis no cabelo.

Dobro meus joelhos e aguardo.

— E então, claro, nos casamos. Foi simples, no cartório, em um dia chuvoso. Eu não estava em minha melhor forma, Olívia, e você sugava todas as minhas energias. Eu vivia com fome e engordei

## PERIGOSAS NACIONAIS

muito durante a gestação. Mesmo assim, contrariando os comentários, fiz questão de me casar de branco, o que foi uma surpresa e uma tortura para todos. Não esperavam que a filha de Teresa Perrone, uma imigrante italiana, tivesse uma desonra tão grande com a filha rebelde. Sua avó, porém, tinha outros planos. Ela comprou um tecido de crepe, horroroso, duro, sem caimento e não assentava de jeito nenhum no meu corpo diametralmente redondo. Ficou curto e erguido, não abaixava e seu pai ficava puxando para baixo, irritado. Para fechar com chave de ouro, não era branco, mas um laranja desbotado, que desbotou mais ainda com o tempo, paradoxalmente transformando-se em um branco velho. Ainda assim, parecendo um botijão de gás, foi um dos dias mais felizes da minha vida. Eu só queria ficar com o seu pai, e mesmo indo morar com sua avó, não me importei.

## PERIGOSAS ACHERON



Ela conta a história de um jeito engraçado, como se toda a tragédia não tivesse efeito algum no cenário que estou imaginando em minha mente. Minha mãe, toda imponente e poderosa, usando um vestido laranja de crepe, é a visão mais engraçada que já tive em muitos anos. Difícil acreditar que ela se casou assim. Não me recordo de ter fotos em casa desse dia, e minha única lembrança de seu vestido horroroso vem do dia em que roubei a peça e me casei com Bento, de mentira.

Meneio a cabeça para ela, demonstrando que entendi, e ela prossegue, satisfeita e bem mais à vontade.

— No começo foi ótimo. Qualquer migalha que seu pai estivesse disposto a me dar era o bastante para eu me esquecer dos problemas. Um carinho que ele fazia em minha barriga me fazia esquecer que ele chegava em casa bêbado, quase todas as noites; um beijo mais demorado apagava de minha

## PERIGOSAS NACIONAIS

memória seu jeito grosseiro de falar comigo; um olhar afetuoso me impedia de recordar os olhares lascivos que ele lançava para todas as mulheres na rua, inclusive sua tia; um sorriso dele me fazia esquecer os gritos que ele dava comigo, quando eu queimava a comida. Eu era jovem e uma tremenda idiota, e só enxergava ele.

Minha mãe fecha os olhos, que agora estão úmidos. Marisa Perrone chorando não é uma visão a qual eu esteja acostumada. Minha confusão é tamanha que nem palavras tenho para consolar esta mulher ao meu lado, frágil como nunca imaginei vê-la. Lentamente e com muita hesitação, levanto minhas mãos e pego as dela, que estão manchadas e enrugadas pelo sol. Incentivo-a a continuar acariciando de leve seus dedos, mas seus ombros começam a balançar freneticamente, e fico ainda mais perdida.

## PERIGOSAS ACHERON

Levo alguns instantes para me dar conta da cena que se desenrola à minha frente. Minha mãe está chorando, inconsolável, ao meu lado. Mudo de posição e abraço seu corpo inclinado, tão apertado quanto posso. Ela afunda o rosto em minha blusa de seda vermelha e não digo nada. Não tenho noção alguma do que ela está sentindo neste momento, da grandeza de seu sofrimento. Palavras parecem frívolas demais agora.

Quando ela se recupera, afasta o rosto do meu, sem olhar para mim. Ela fixa os olhos em algum ponto da cama e diz, a voz tão baixa que preciso me esforçar para ouvir:

— Seu pai e sua tia Agnes eram amantes, e o foram por muitos anos, até culminar em nossa separação. Naquela noite em que o conheci, ela também o conheceu no show, e deram início a um caso extraconjugal que durou tanto tempo que a cidade toda comentava. Era mais como um

PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

relacionamento, ambos me traíam pelas costas. O pai do Bento descobriu, e acabou saindo de casa. Dois dias depois, sofreu o acidente e veio a falecer. Eu expulsei seu pai de casa na época, mais por desespero. Não aceitava a traição, não aceitava ser uma mulher traída, ainda mais pela minha própria irmã. Enquanto ele estava com outras, eu tinha a impressão de que deveria me manter fiel e calada, como uma boa esposa. Se ele procurava outras, a culpa só poderia ser minha.

Estou perplexa com esta revelação. As letras estão embaralhadas em meu cérebro, e nada faz sentido. Tia Agnes e meu pai amantes, no passado? Isto só pode ser mentira, uma confusão daquelas de televisão. Olho para minha mãe, incrédula demais, mas ela não está atenta ao meu comportamento. Ao contrário, parece querer se livrar de uma vez por todas da história, uma forma de esquecer bem rápido seu passado doloroso.

## PERIGOSAS ACHERON

— Infelizmente, eu era muito dependente dele financeiramente — ela continua, as lágrimas escorrendo e borrando sua maquiagem rosada. — Não tinha um emprego e não poderia depender de sua avó. Morar com ela já era um grande transtorno por conta das noitadas do seu pai, imagine ser sustentada por ela. Quando ele saiu de casa, logo descobri que estava grávida de Vitório, e reatamos, não por opção, entende? Eu não tinha escolha, Olívia, tive que voltar. Para termos mais privacidade, ou me trair ainda mais longe dos olhares atentos de sua avó, seu pai alugou uma casa pequena poucas quadras longe da pousada e eu comecei a trabalhar. Mas tudo aquilo era fachada.

— Mas... — encaro minha mãe, que finalmente me olha de volta, banhada em lágrimas. Chego mais perto de seu corpo e acaricio seu rosto, confusa. — Mãe, eu não entendo. Por que vovó aceitou isto? Por que ela deixou você com ele? E

ela não fez nada contra a tia Agnes? — questiono, com raiva.

Minha tia e meu pai foram dois canalhas, ambos enganando a minha mãe. Agora, tantos anos depois, consigo compreender toda a raiva e mágoa que ela guardou por anos a fio. Nunca, em hipótese alguma, cogitei esta possibilidade: que minha mãe pudesse ter sofrido em seu relacionamento. Não é à toa que ela se tornou uma das mulheres mais amargas que já conheci. Ela tinha motivos de sobra para odiar aos dois, sem ser julgada por tal comportamento.

Minha mãe me encara, um sorriso triste estampado em seu rosto envelhecido.

— Estou falando de outros tempos, Olívia. Tudo era mais difícil, mais burocrático. Uma mulher separada não era vista com bons olhos, ainda mais em uma cidade como esta; sua avó tentou falar com a Agnes, mas ela já estava viúva e com um filho

pequeno. Não queria saber de muita coisa, e o caso deles continuou, mesmo comigo grávida e ciente de tudo. Depois da descoberta, eu jurei a mim mesma que nunca a perdoaria, nunca aceitaria nada que viesse dela.

Ela engole em seco, seu autocontrole se dissipando à minha frente a cada lembrança recuperada. Ela está sofrendo e é inédito ver minha mãe neste estado. Pergunto-me se, a partir de agora, serei mais maleável com ela, se serei mais compreensiva. Ela aperta minhas mãos, e se vira totalmente na cama, ficando de frente para mim.

— Depois disso, acho que podemos dispensar o restante da história, pois você conhece o resto. A parte que você nunca soube foi que seu pai e sua tia Agnes sempre foram amantes, desde o dia em que se conheceram naquele show, desde o dia em que eu me apaixonei por ele, mesmo ela sendo uma mulher casada e mãe. Mesmo ela sendo minha

## PERIGOSAS NACIONAIS

irmã, Olívia. Minha única irmã. Quando tudo veio à tona, passei a ignorar as investidas de ambos em festas e aniversários. Era humilhante saber de tudo, e ser obrigada a viver sob o mesmo teto que ele. Com dois filhos pequenos e uma renda menor ainda, minhas opções estavam limitadas a viver com seu pai ou... — ela suspira e balança a cabeça — ou viver com seu pai.

— Ai, mãe — balbucio, e a abraço de novo, sentindo uma vontade incontrollável de consolá-la. — Sinto muito por tudo isso, sinto muito por ele ter sido o que foi e sinto mais ainda por você não ter tido o apoio da vovó...

— Não diga isso, Olívia — minha mãe me repreende, um pouco brusca demais. — Sua avó sempre esteve ao meu lado, em cada decisão boa ou malsucedida que tomei em função de você e seu irmão. A única responsável por ficar com seu pai fui eu.

## PERIGOSAS ACHERON



Assinto contrariada, sem querer discutir. Sempre vi minha avó como uma extensão do que eu queria ser, de tudo o que eu queria para mim, o oposto completo da minha mãe, sempre fria e distante, prática demais para meu gosto. Agora, porém, percebo que ambas foram fortes o bastante para suportar a traição do meu pai e da minha tia, uma história suja e perversa, um passado nojento que ronda minha família há anos.

Minha mãe me encara, o olhar inexpressivo. Os anos de dor devem tê-la tornado ainda mais forte, mais centrada e com as emoções sob controle. Eu, no lugar dela, não teria aguentado tanto tempo na companhia de um homem asqueroso como meu pai, sem contar a presença constante de minha tia.

Suspiro, cansada. Mas, quando minha mãe abre a boca, dou-me conta de que há algo ainda a ser dito, e ela precisa falar tudo agora.

— Quando eu percebi que você e Bento estavam próximos demais, tive um estalo. Para ser sincera, eu surtei, Olívia. Não aceitava a possibilidade de vocês dois se gostarem mais que primos. Era uma loucura e tamanha falta de sorte você se apaixonar pelo único rapaz que eu queria bem longe de você. Sei que parece uma grande bobagem, mas, em minha visão de mulher traída, Bento sempre seria parte daquilo por ser filho dela, por ter o sangue dela correndo em suas veias, o sangue de Agnes. — Minha mãe faz uma pequena pausa, e suas mãos acariciam de leve meu rosto. — Fui ridícula por tempo demais, tenho plena consciência deste fato. Bento jamais esteve envolvido no caso dos dois, no fundo até acredito que ele nem saiba desta sujeira toda, e sempre superou em todos os sentidos a mãe inescrupulosa dele. Ainda assim, naquela época, meu maior desejo era que ficassem separados. Imaginá-los como um casal era um pesadelo, um

PERIGOSAS ACHERON

rumo que eu não permitiria que sua vida tomasse.

— Mãe... — tento dizer algo, defender todos os sentimentos que ficaram guardados dentro de mim por anos, o amor infiltrado pelo meu primo cada dia mais presente desde que voltei de Milão. Preciso, de algum modo egoísta, defender o que eu e Bento fizemos no passado, nossa história era um pequeno resquício de um amor profundo, mas ela faz um floreio com a mão, e me calo.

— Olívia, quando decidi que era insuportável demais imaginar vocês dois juntos, foi apenas um modo de te proteger, proteger minha filha de um rapaz que eu sempre culpei pelos erros de minha irmã. No fundo, era um meio de causar dor e sofrimento em Agnes, uma forma de mostrar que eu era muito mais do que uma simples idiota traída a vida toda. Quando falei com seu avô, ele me garantiu que cuidaria de você nos mínimos detalhes, que seria um pai pelo tempo de sua

## PERIGOSAS ACHERON

estadia na Itália, e eu não tive dúvidas de que estava agindo como a melhor mãe do mundo, cuidando para que sua história não fosse uma extensão da minha, que sempre foi um grande fracasso. Eu estava desesperada, Olívia, com medo de que você e Bento viessem a ser um casal.

Respiro fundo e tento assimilar suas palavras. Culpei por tantos anos a minha mãe pelo rumo que tomou minha vida sem Bento, que nunca tive o desejo real e sincero de compreender seus motivos. Suas atitudes nada tiveram a ver com o fato de sermos primos; ela apenas queria cuidar de mim, proteger-me de um futuro que acreditava ser ruim. Por isso vovó Teresa sempre ficava ao lado dela, mesmo quando eu gritava e esperneava, em pânico. Ela sempre soube de tudo, e nunca se opôs.

Minha mãe se levanta e caminha até o banheiro. Ouço o barulho da torneira, que permanece ligada por alguns segundos. Quando ela retorna, sua

## PERIGOSAS ACHERON

expressão cansada me deixa compadecida, como se ela tivesse passado uma noite horrível, acordada e chorando. Suas olheiras profundas despontam em seu rosto sempre tão cuidado, e noto algumas manchas em sua testa, manchas de sol, imagino. Seus olhos azuis estão tristes e há bolsas grandes embaixo deles, envelhecendo-a em uns vinte anos ou mais. Minha mãe tem apenas quarenta e sete anos, mas hoje, aqui neste quarto de hotel, depois de desabafar sua história de vida, depois de me mostrar seu verdadeiro eu, garanto que ela parece bem mais velha e sofrida, o peso de anos infelizes afundando seu corpo, curvando sua postura sempre rígida.

Sinto um misto de alívio e compaixão por minha mãe ter sido tão corajosa. Saber que ainda há sangue em suas veias me causa algum conforto.

Ela anda pelo quarto, descalça. Seus gestos, após sua revelação, estão mais frenéticos, e sua

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

inquietação me diverte. Entretanto, a tensão de minutos antes desapareceu durante sua narrativa. Revelar tantos segredos do passado, os mais íntimos que ela poderia contar a alguém, aliviaram-na, retirando o fardo de tanto tempo.

Permaneço em silêncio, contemplativa. Deixo que os sons de fora do hotel se acentuem pelo aposento refinado, ainda remoendo tudo o que ela me contou. Meu pai foi um tremendo canalha, e cada atitude da minha mãe durante meus vinte e oito anos é justificada. Marisa foi uma mulher traída e infeliz por tempo suficiente para qualquer mulher enlouquecer, chutar o balde e abandonar a família. Porém, ela não fez isso.

Consigo sorrir, encarando sua expressão aliviada. Ela encosta na parede oposta do quarto, a que dá para a varanda, e retoma a palavra, os pés batucando o piso em um ritmo coordenado:

## PERIGOSAS ACHERON

— Minha intenção não era fazê-la sofrer, Olívia. Eu tinha aquela necessidade de mãe de proteger você, mas sempre quis o melhor. Quando você viajou, o clima ficou ainda mais pesado entre mim e seu pai. Nosso casamento já era uma farsa ultrapassada, e eu esperava, confesso, o momento em que ele diria adeus, o que não demorou muito. Era, afinal, uma questão de tempo. Ainda assim, qual foi meu choque quando descobri que ele e sua tia estavam juntos. Foi um daqueles tapas muito bem dados na cara que deixam a gente zonza e sem fôlego. Foi pior do que todos os anos de traição, porque era real, entende? Eles seriam um casal, com direito a tudo o que eu nunca tive durante nosso matrimônio. De quebra, ela engravidou de Alfredo e eles, enfim, eram uma família, aquele tipo de família de catálogo de cortinas, sabe, que sempre foi meu sonho. Agnes estava vivendo meu sonho.

Franzo o cenho, sentindo cada palavra de minha mãe reverberar dentro de mim. Sua confissão está repleta de uma necessidade de contar tudo, de não guardar mais nada, como se o fato de ela esquecer algum detalhe fosse acompanhá-la por mais vinte e oito anos, e ela não quisesse, de modo algum, este fardo.

Levanto-me da cama, arrastando meu corpo pelo espaço que nos separa. Paro a sua frente, fitando-a com um sorriso triste, as lágrimas escorrendo pela minha face. Eu a amo, e descobrir este fato me causa um certo terror. Passei anos odiando-a, esperando o dia em que eu jogaria em sua cara tudo o que fez a mim e a Bento, e agora só posso amá-la pela pessoa incrível que ela é, que sempre foi. Lentamente, levanto minhas mãos e seguro seus ombros, que estão trêmulos e inconstantes pelo choro silencioso que ela emite. Temo dizer a coisa errada e ela chorar ainda mais.



## PERIGOSAS NACIONAIS

— Não guardo mágoa, não mais — ela me surpreende com suas palavras e eu meneio a cabeça, mostrando que estou atenta. — Algumas feridas demoram a cicatrizar, e esta com certeza demorou demais; entretanto, hoje sinto-me uma pessoa melhor por enfim liberar o perdão. Não que isto faça diferença para eles, mas faz para mim. Eu precisava perdoar, senão ficaria doente de tanto ódio por ambos.

— Entendo — digo, e a abraço apertado, sentindo meus ombros molhados pelas lágrimas dela.

Não sei por quanto tempo ficamos assim, abraçadas uma a outra chorando, mas posso sentir o amor dela por mim, descarregado em partículas intermináveis, tomando conta do meu corpo e do meu coração.

Por fim, quando ela me solta, inclino meu rosto para ela e pergunto, curiosa:

PERIGOSAS ACHERON

— Por que me contou tudo isso apenas hoje? —  
Estou aturdida pela enxurrada de informações que me foram passadas em um dia particularmente deprimente. Não tenho muita certeza de que terei maturidade para lidar com tantas descobertas de agora em diante. Como vou encarar meu pai e minha tia Agnes, consciente de toda a verdade? Se já era difícil antes, quando meus olhos estavam fechados para esta verdade suja, imagine agora, sabendo de tudo.

— Porque seu pai foi embora — ela revela, sem mudar sua expressão. — Vitório me contou há pouco.

Incrédula, encaro seu rosto.

— Embora? — repito, aturdida.

— Sim, embora. Com uma outra mulher daqui da cidade. Eles tinham um caso, parece.

Reflito sobre mais essa revelação: mais uma vez, meu pai estava dando mostras do traste que  
PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

era. Olho para o chão, perdida.

— Ele abandonou tia Agnes — comento, mais para mim mesma.

Minha mãe assente, triste.

— Sim, abandonou mais uma das irmãs Perrone — ela faz graça, porém seus traços são melancólicos. — Ela está sofrendo tudo o que sofri.

— Espero que sim — digo alto, para não deixar margem de dúvida de que nunca apoiei essa maluquice dos dois; pior ainda agora, sabendo de tudo.

Minha mãe levanta meus olhos para si, repreensiva.

— Não guarde mágoa de ninguém, filha. Isso só corrói a você mesma. Você é a única que sofre com esse sentimento.

— Eu sei...

— Aqui se faz, aqui se paga — ela profere o tão conhecido ditado.

## PERIGOSAS ACHERON

Aquiesço, olhando para minha mãe. Minha mãe, Marisa Perrone. E então, a história dela retorna com tudo. Encolho-me de horror quando imagino a humilhação de minha mãe durante o casamento. Ela se casou por amor (uma novidade para mim); contudo, teve seu belo conto de fadas destruído pela traição da própria irmã. Agora, tia Agnes está tendo o que merece, e meu pai, bem... ele nunca foi um pai de verdade para mim. Vovô Rocco foi muito mais.

Minha mãe toca meu rosto com carinho. Um sorriso se insinua em seus lábios manchados pelo batom vermelho.

— Hum... acho que ficou bem mais do que esclarecido seus sentimentos pelo Bento, embora eu os tenha ignorado ou odiado em igual medida como pude. Fiz tudo o que estava ao meu alcance para separá-los, para manter cada um em seu próprio mundo, e fracassei. — Ela solta uma risada alta e

aguda e continua, encarando o chão: — Vocês dois são teimosos demais e muito parecidos, sabia? São apaixonados um pelo outro e mal podem ficar um dia sem se ver, e, ainda assim, lutam contra isso como se fosse a pior coisa do mundo. Sua atitude de ontem só me mostrou que o que vivi não deve ser repetido em sua vida. Você é uma mulher tão corajosa e dona de si que pode muito bem trilhar seu próprio caminho. Você, Olívia Perrone, é dona do seu destino e o que quer que venha acontecer com você e Bento não será um reflexo do meu fracasso.

Dou uma fungada e sou amparada pelos braços dela. Descanso em seu ombro enquanto sou afugentada pelas lágrimas e pela dor da rejeição. Não quero pensar em ontem, nem em como poderia ter sido, embora saiba que em algum momento terei que ser forte o bastante para encarar o mundo lá fora. Sinto minha garganta se fechando quando

## PERIGOSAS ACHERON

abro a boca, e faço um esforço tremendo para falar, a voz baixa e embargada:

— Mãe, o Bento me rejeitou. Você não foi testemunha da cena patética, mas foi horrível vê-lo saindo do bar, deixando-me lá com cara de idiota. Nunca vou me recuperar daquilo, mãe...

— Não diga bobagens, Olívia. O Bento te ama, sempre te amou, aliás. A despeito de todas as minhas ultrajantes interferências, ele sempre foi louco por você, e treze anos, minha querida, não são nada para quem ama alguém como ele ama você.

Por alguma razão, eu vinha conseguindo não pensar no ocorrido. Muito heroicamente, mantive-me controlada, a mente vagando por fatos e acontecidos de minha vida em Milão, com meu avô e Francesco. Passei a pior noite da minha vida, e, quando despertei, ocupei a mente com outros pensamentos. Estava dando certo... até agora.

As últimas palavras de minha mãe são como uma bofetada em meu rosto. Chego a sentir a ardência em minha pele, como se realmente tivesse apanhado, e, sem resistência, choro ainda mais. Minha mãe acaricia meu rosto e me leva até a cama, sem desgrudar de mim nem por um segundo. Ela remexe em meus cabelos já bastante desgrehados, e eu me deito em seu colo, palavras sendo desnecessárias por ora.

A dor da rejeição é tão palpável que sinto dores no peito, como se uma força interior esmagasse cada milímetro do meu coração, sem piedade. Por que Bento fez aquilo comigo? Essa pergunta tem me atormentado desde ontem, quando saí da festa cega de vergonha, a dignidade pisoteada pelo único homem capaz de me fazer implorar, o único que tentei esquecer.

Quando sinto meu corpo se acalmar pelos espasmos do choro, articulo a frase em voz alta, e

## PERIGOSAS ACHERON

minha mãe se curva ainda mais sobre mim.

— Por que, mãe? Eu não entendo... — soluço entre uma palavra e outra, e ela apenas desliza suas mãos gorduchas pelo meu rosto, sem respostas.

Este é o grande problema: ninguém tem uma resposta capaz de aliviar a dor latente em meu peito.

O tempo se arrasta pela manhã, e fico aninhada a minha mãe por horas, deixando que sua presença me conforte. Porém, quando penso que o assunto acabou e que estou livre das lembranças da noite mais macabra que tive, minha mãe ergue meu queixo em sua direção, forçando-me a fitar seus olhos, que me sondam, percrustadores. Quando ela fala, seu timbre é grave e agudo:

— O que pretende fazer a partir de agora? Imagino que não queira ficar aqui...

“Não continue a frase!”, meus pensamentos gritam, em desespero. Ela parece compreender, PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

pois se cala, piedosa. A frase morre no silêncio que paira entre nós, e eu me desvencilho de seu abraço, levantando-me, zozza.

— Vou voltar para Milão. Há coisas demais por lá que foram negligenciadas durante estes oito meses em que estive fora. Francesco foi ótimo durante minha ausência, mas preciso voltar, mãe. Preciso resolver muitos assuntos pendentes. Há uma nova coleção a ser lançada mês que vem, e Francesco só tem os esboços dos desenhos que enviei. Quando estou trabalhando, não costumo ficar mais que dois dias longe do ateliê, e olhe só para mim, mãe. — Gesticulo com as mãos no ar, frustrada. — Tudo aquilo é uma grande máquina de fazer dinheiro em cima do meu nome, e tenho que zelar por ele todos os dias. Os negócios estão parados, apenas esperando que Olívia Perrone retorne a sua vida.

## PERIGOSAS ACHERON

Paro de falar, esgotada. Tudo o que disse é verdade. Eu controlo os negócios, o nome que leva minha grife de vestidos de noiva, e esses oito meses passaram inertes, Francesco cuidando apenas do que lhe cabia. As palavras se materializam em minha cabeça quando percebo, tardiamente, que eu sou a responsável por um grande número de acontecimentos em Milão; entretanto, abandonei minha vida por uma pessoa. A única que não poderia me dizer não, e disse.

Minha mãe me olha, compreensiva.

— Entendo. Se precisar voltar, volte, mas não o culpe por ter ficado, Olívia, e em hipótese alguma se culpe por ter tentado. Você se superou e tenho muito orgulho de você.

Olho para ela, emocionada, e volto para seu colo. Deito minha cabeça em seu peito, sentindo seu perfume, aquele mesmo de minha infância, aquele aroma que sempre me causou repulsa. No

# PERIGOSAS ACHERON

entanto, não torço mais o nariz ao aspirar seu perfume. Sinto que, de um jeito estranho, tudo vai ficar bem.

Sorrio e não falamos mais nada.



Ainda é cedo: quase quatro da manhã. A noite foi um borrão entre risadas e conversas com minha mãe. Passei essa última semana redescobrando uma mãe que nunca tive. Fizemos compras como duas patricinhas, ambas parecendo árvores de Natal enfeitadas para um grande evento, quando na verdade íamos ao centro da cidade e gastávamos uma boa quantia em roupas, joias, sapatos, bolsas e afins apenas para passar o tempo, apenas pelo gosto da companhia singular uma da outra. Fomos ao Figueiral, onde obriguei minha mãe a usar um biquíni e pegar uma corzinha, já que ela é tão branca como uma folha sulfite, e juro que ela

PERIGOSAS ACHERON

passou tanto protetor solar que chegou um momento em que o próprio vidro estava se escondendo dela; fizemos caminhada na orla (ela ainda detesta suar, então nada de corridas). Fomos conhecer um espaço novo na cidade, do outro lado da orla, onde minha mãe pensa em abrir um novo hotel, um ambiente mais pitoresco que o glamour intrínseco do “Porto Feliz”, o hotel que ela e minha avó construíram ao longo de uma vida inteira de dedicação e trabalho árduo; aproveitamos uma tarde de clima ameno e compramos sorvete, assistimos a séries bobas e estúpidas; choramos com uma versão mais sofisticada de Titanic.

Minha mãe foi gentil, engraçada, tagarela, e até confessou uma paixão pelo Erasmo, da recepção, um homem mais novo e viúvo, depois de umas boas taças de vinho tinto na varanda do meu quarto. Entre tantas confissões e gestos de carinho, pedi, em um impulso, que me visitasse em Milão, que ela

## PERIGOSAS ACHERON

iria amar, e ela disse que sim, quem sabe, se tudo corresse bem até o final do ano com o hotel.

Bento me ligou incansavelmente desde que voltei de Dourados, ao que eu ignorei bravamente. Não posso lidar com ele agora; não quero lidar com sua piedade, sua rejeição, seu complexo de inferioridade só porque sou rica, famosa e ele, não. Já chega disso. Chega de piedade, de lágrimas, de recriminações. Eu me esforcei por ele: voltei, larguei meu noivo, passei meses na cidade apenas porque meu amor por ele era demasiado grande e assustador para me fazer voltar para Milão. Bento, por outro lado, não foi forte o bastante para lutar por mim, lutar pela nossa relação, então chega. Chega! Se ele não é capaz de ignorar seus medos por mim, eu não sou capaz de ficar aqui por ele. O amor é uma via de mão dupla: quando amamos alguém, sempre precisamos ceder. Eu já cedi demais, e Bento, por ser cego, acha que vou ficar

## PERIGOSAS ACHERON

me humilhando por ele. Errado. Não vou. Estou pronta para uma vida nova, cheia de surpresas. E quero viver todas elas intensamente.

Ainda estou de camisola, olhando pela janela. O tecido fino da roupa está grudado em meu corpo, levemente suado. Estamos no final de agosto, mas a sensação térmica é de que estamos em uma sauna, e o ar condicionado do quarto não foi suficiente para esfriar minha pele, a ansiedade iminente com minha partida uma sombra constante e presente nestas poucas horas que me restam em Epitácio. Nada que se compare aos transtornos de ansiedade que passei boa parte da vida combatendo: aquilo ficou para trás, com uma Olívia que já não mais existe. O frio no estômago que sinto é incomparavelmente melhor do que o coração acelerado que costumava sentir quando ia realizar qualquer atividade; hoje, consigo me controlar,

aproveitar os pequenos prazeres que a vida tem a me oferecer.

Logo terei que me aprontar para ir embora. Meu voo parte de Presidente Prudente às 8h30, com destino a São Paulo. De lá, pegarei um voo até Milão. Francesco, como sempre, foi muito atencioso e cavalheiro e se prontificou a me buscar no aeroporto Malpensa, e não protestei. Está na hora de começar a aceitar as pequenas gentilezas de pessoas que me querem bem.

Saio da cama irrequieta. Mexo no celular, apagando todos os áudios de meu primo e Vitório, que tentou dar uma de cupido. Não preciso disso hoje. Bento é um idiota, mesmo que ainda não tenha percebido.

Suspiro, inconformada com o desfecho da minha viagem.

Vou ao banheiro, lavo o rosto. Meu reflexo no espelho é de uma idosa, alguém que carrega o

## PERIGOSAS ACHERON

mundo nas costas. Estou um caco.

Ouçó, através da porta do banheiro entreaberta, o serviço de quarto do hotel passando pelo corredor, o barulho do carrinho enrodilhando pelo carpete sofisticado muito próximo. Minha mãe fez questão de deixar tudo organizado para minha viagem, inclusive acordar o hotel inteiro com ordens estapafúrdias, como me servir café da manhã muito antes do horário habitual.

As batidas na porta são curtas, e ando até lá para abri-la. Para meu espanto, minha mãe está atrás do carrinho, parecendo muito satisfeita em me servir. Sorrio para ela, comovida.

— Bom dia, mãe.

— Bom dia, Olívia. Imaginei que já estivesse acordada, embora ainda esteja de camisola. Achei que já estaria pronta, com tudo arrumado — ela continua tagarelando, dando-me um sermão



daqueles com os quais sempre convivi, enquanto eu a ajudo a entrar no quarto com o carrinho.

O carrinho se ajusta ao tamanho do quarto, e sentamo-nos na mesinha ao lado da varanda. É cedo, mas estou faminta, e terei longas horas de viagem pela frente. Embora o medo sempre tenha me impedido de aproveitar qualquer tipo de passeio, tenho a impressão de que hoje vou comer tudo o que encontrar pela frente no avião, um meio de manter-me ocupada.

Minha mãe me serve com muita eficiência, e saboreio um café quente com um creme doce, que ela mesma coloca em minha xícara.

— O que é isso? — pergunto, apontando para o creme que se espalha e se mistura ao líquido quente em minhas mãos.

Ela dá de ombros, sentando-se de frente para mim, e servindo o mesmo para si.

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Um creme que aprendi a fazer ontem à noite. Vi a receita na televisão e desci para a cozinha do hotel. Ficou bom?

— Muito — admito, provando a bebida em goladas grandes. O café queima minha língua, mas ignoro a dor, olhando para minha mãe com curiosidade.

— Você passou a noite toda vendo receitas?

Minha mãe me olha com uma expressão culpada, e abre um sorriso torto, colocando os cabelos loiros para trás da orelha.

— Não consegui dormir a noite toda, Olívia. Cozinhar foi uma bela distração. — Ela enche mais uma vez minha xícara com o líquido preto e joga o creme por cima, sorridente. — Não esperava que ficaria tanto tempo quando chegou à cidade, em janeiro. E agora simplesmente... — ela seca uma lágrima que escorre solitária por seu rosto, borrando a maquiagem — não quero que vá.

## PERIGOSAS ACHERON

Engulo em seco, sentindo que, se me render, vou chorar até não querer mais. Saber que minha mãe de fato se importa comigo é muito mais do que eu poderia esperar desta viagem.

— Mãe, olhe para mim — ordeno, com a voz mais alta para chamar sua atenção. Ela levanta o rosto, obediente. — Já disse e repito que minha casa é grande e confortável o bastante para receber você. Quero que vá me visitar, que fique comigo uns dias em Milão. Conhecendo este seu lado elegante de ser, vai se encantar com a cidade, com o país. Podemos visitar Roma também, e Nápoles. Nossa, tem tantos lugares fantásticos que poderia conhecer, mãe, seria uma ótima ideia você sair um pouco daqui, sabe. Já pensou nisso?

— Sim, já. Mas...

— Mas nada, apenas tire uns dias de folga e vá me visitar. Se o problema for dinheiro, não se preocupe que eu cuido de tudo. Francesco é ótimo

## PERIGOSAS NACIONAIS

em organizar roteiros, a propósito. Ele é muito bom em me obrigar a conhecer lugares que jamais cogitaria em conhecer. Vai ser divertido, mãe — declaro, animada e ansiosa com essa possibilidade.

Quem diria, meses antes, que eu faria questão de ter minha mãe no mesmo país e cidade que eu? A vida é mesmo cheia de surpresas, e elas nos fazem repensar anos de certezas.

Ela sorri para mim, sem graça, e continuamos comendo, até que os minutos agradáveis ao seu lado se transformam em horas, e estou pronta para partir.

Minhas incontáveis malas são levadas para o saguão e colocadas no Corolla preto de minha mãe. Despeço-me de alguns funcionários, aqueles com quem mais convivi nos últimos meses. Brenda vem se despedir, assim como Vitório, que está com uma expressão rabugenta e um humor de cão por levantar tão cedo.

## PERIGOSAS ACHERON

— Mande notícias desta vez, e qualquer hora eu apareço por lá — meu irmão fala em meus cabelos, enquanto seu corpo me esmaga em um abraço de urso, sufocando-me de um jeito fraterno, que só ele sabe fazer.

— Não vou desaparecer, como antes — prometo, e sigo para o carro, acenando para minha amiga, que derrama lágrimas como uma garotinha infeliz. Minha mãe já se encontra ao volante, aguardando.

Peço para minha mãe me levar até a orla, e ela o faz, sem pestanejar. Ela fica distante, mexendo no celular, enquanto eu ando pela grama, o olhar vagando ao longe. O rio está de um azul quase brilhante hoje, a água calma e solitária, como meu coração. Algumas lembranças da minha avó correm por minha memória: sua voz, seu sorriso, sua teimosia, seu amor por mim. Nunca mais serei a mesma pessoa depois dessa viagem; treze anos

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

foram fíchinha para tudo o que senti quando retornei a minha cidade natal. Epitácio sempre foi meu lar, meu refúgio, e agora que estou prestes a partir, de novo, sinto que estou deixando mais coisas para trás do que há treze anos. Está amanhecendo, e percebo que preciso ir. Chegou a hora.

Estou voltando para o carro quando noto uma figura conversando com minha mãe. Ele segura uma bengala e dois cachorros andam à sua frente, tranquilos.

Bento. É Bento. Com dois cachorros, em vez de apenas Tango.

Minha mãe o leva até onde estou, um sorriso cúmplice no rosto, e pisca quando se afasta em direção ao carro, calada.

Bento está aqui, e eu não sei o que dizer, porque só consigo pensar em como ele consegue ser tão lindo mesmo depois de tudo o que me causou.

## PERIGOSAS ACHERON

— Pequena — ele começa, os olhos que eu tanto amo piscando para mim. Ele não está usando os óculos, e me aproximo dele, como um imã.

— Bento.

— Só me escute, tudo bem? Se depois de tudo o que ouvir, não me quiser mais, eu prometo me afastar — ele fala, a voz baixa e quase sussurrada.

Olho para Tango, que está a postos; o outro cão me parece familiar, mas não me recordo de onde. Então, Bento começa.

— Antes de mais nada, desculpe. Desculpe de verdade, pequena. Desculpe pelas vezes que fugi, pelas vezes que não me achei o suficiente; desculpe por zombar do seu dinheiro e da sua fama; desculpe, principalmente, por não dar crédito ao seu amor por mim. — Ele respira fundo, pensativo.

— Eu sempre fui apaixonado por você, mesmo quando era tão proibido nosso namoro; mesmo quando tia Marisa não aceitava, ou quando a gente

## PERIGOSAS NACIONAIS

precisava fugir para namorar. Confesso que eu adorava fugir para namorar. — Ele ri, balançando a cabeça. — Mas então você foi embora, prometeu voltar e nunca voltou.

— Sim.

— Mas não foi bem assim, né? Porque você voltou. E, para meu desespero, eu não era mais o Bento do passado. O seu Bento, pequena. Eu era um homem cego, sem perspectivas...

— Bento... — tento interromper, mas me calo diante de sua expressão séria.

— Olívia, mais do que querer ver você, eu queria entender o porquê de sua ausência. O porquê de ter feito aquilo comigo... eu te amava tanto...

Ele respira fundo, tomando fôlego.

— E então, depois da festa de carnaval, você se abriu comigo. E tudo ficou tão claro que eu só queria você, e, no fundo, sabia que era uma questão

## PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

de tempo que você desse um fim no namoro com o Francisco...

— Francesco — corrijo, mas sei que ele está brincando.

Ele ri, e retoma a palavra:

— E então tudo mudou entre a gente, né? Tudo voltou muito mais forte e intenso, porque nunca foi amor de adolescente, nunca foi bobagem de primo, sempre foi amor verdadeiro.

Não digo nada. Olho para o rio, relembrando nosso passado. Tudo o que poderia ter sido.

— Sei que precisa voltar. Eu sempre soube, pequena, que este dia chegaria. — Ele se aproxima, Tateando à minha procura.

Aproximo-me de seu corpo, colando minha testa na dele, suspirando diante de tantas confissões.

— Não estou pedindo que fique — ele continua, me surpreendendo: — Estou me oferecendo para ir com você para onde você me quiser, pequena.

## PERIGOSAS ACHERON

# PERIGOSAS NACIONAIS

— Bento...

— Estou me oferecendo para ser seu marido, pai dos seus filhos, seu amante e melhor amigo. Estou, também, te oferecendo uma vida nada comum, pequena. Sabe por quê?

— Não — quase engasgo com a fala.

Bento sorri, a boca mais próxima da minha.

— Porque eu não sou um homem comum. Sou teimoso, birrento, pirracento, e vou brigar com você quando me irritar ou quando achar que está errada, pequena. Ah, eu garanto que vou! — Meu primo ri, roçando de leve os lábios entreabertos nos meus.

Seu hálito é quente e fecho os olhos, respirando fundo.

— Eu, Bento Perrone, vou transformar totalmente sua vida, senhorita Olívia — ele recomeça, distribuindo beijos em meu rosto. — Mas se me quiser, eu estou aqui para você.

PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Também vai ter que aceitar dois cães de guarda, e eu só espero que tenha espaço na sua casa em Milão para todos nós.

Milão. Bento está dizendo que vai comigo. Está afirmando, antes de mais nada, que eu não preciso escolher, porque ele me apoia. Apoia qualquer decisão que eu venha a tomar.

Emocionada, calo meu primo com um beijo, sentindo meu coração se expandir com tanto amor. Não sei bem o que ele quer dizer com tudo isso, porém, agora, sentindo sua boca contra a minha, sua língua deslizando pela minha boca, só sei que nunca, jamais, poderia ir embora sem ele. Sem o grande amor da minha vida.

— Eu não vou prometer não ser um idiota— ele confessa, a voz mais alta. — Mas, se quiser, tenho uma passagem de primeira classe para Milão, com direito a levar meus cães.

— O quê?

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Primeira classe, eu disse — ele admite, pegando um papel grande dentro do bolso da blusa.  
— Ah, tem outra coisa aqui.

Aguardo, dando-me conta de que minha mãe não está mais ali. Ela foi a responsável por trazê-lo aqui. Minha mãe.

Bento tira uma passagem, com o desenho da companhia aérea, e um envelope grande, pardo. Encaro o envelope, sem saber do que se trata. Com dificuldade, ele o abre, e tira o papel de lá de dentro.

— Aqui está.

— O que é isso?

— Nossa herança, pequena. Temos uma casa para cuidar e encher de crianças, quando estivermos na cidade.

Vejo o nome em letras garrafais de minha avó: Teresa Perrone. Nossa casa, a casa que um dia foi

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

dela e que, com toda a certeza, ela deixou para nós por saber que nos uniria. Sua herança nos uniu.

Beijo os lábios de Bento, que estão sujos de batom. Ele corresponde, abraçando meu corpo com as mãos. Os cachorros latem, incomodados. Ficamos ali muito tempo, abraçados, colados um ao outro; Bento se desculpa mil vezes, e eu deixo, sabendo que ele precisa disso para que a gente possa recomeçar. Sem recriminações, nem medos, nem limitações. Ele é cego, e eu sou louca por ele, do jeito que é. Nossa vida juntos será uma grande aventura, cercada por muito amor e um passado cheio de histórias para nos lembrarmos de onde saímos. Sobre o futuro: o melhor para nós há de acontecer, no seu próprio tempo.

Enquanto caminhamos de volta, ligo para minha mãe. Ela já está a caminho, e resmunga ao telefone que estamos atrasados, que vamos perder o voo.

## PERIGOSAS ACHERON

# PERIGOSAS NACIONAIS

— Tia Marisa nunca vai mudar — meu primo diz, me puxando para mais perto de si.

— Espero que não — concordo.

Olho para o outro cão mais uma vez: ele me parece muito familiar, talvez um pouco maior do que antes...

— Liam! — grito para Bento, que se assusta com meu estrondo.

O cachorro late ainda mais, saltitando à nossa frente. Bento para ao meu lado, procurando pelo som da minha voz.

— Liam — ele repete, assentindo.

— Por que escolheu ele para fazer parte da nossa vida?

Bento toca meu rosto de leve, carinhosamente.

— Porque ele também precisava de um recomeço.

Assinto, beijando o canto de sua boca. Bento sempre soube, mesmo diante de tudo, que

PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

ficaríamos juntos, e nunca desistiu. Sorrio, enlaçando-o pela cintura. Juntos, seguimos o caminho de volta, nós quatro. Uma família feliz.  
*Bem-vinda a uma nova vida, Olívia Perrone!*

## PERIGOSAS ACHERON



## Epílogo

### *OITO ANOS DEPOIS...*

— CONTA DE NOVO, mamãe! — Teresa pede, pela segunda vez.

Encaro minha filha, a boca banguela e sorridente. Ela é uma miniatura de Bento: os cabelos compridos cacheados e castanhos, os olhos amendoados e os óculos. Tudo do pai, e até a teimosia dele.

Olho para o livro nas mãos, cansada demais.



— Só mais uma vez — digo, soando severa para ela não pedir de novo.

E então recomeço a história da *Chapeuzinho Amarelo*, a preferida dela. Quando estou na metade, Bento surge com Tango, que trota de leve e pula na cama com força total, fazendo Teresa gargalhar. Rocco está em seus braços, dormindo, e ele se acomoda na cama com o filho, procurando pela minha voz.

— Eu adoro essa história, pequena. Quero ouvir do começo — ele pede, e Teresa se empoleira no colo dele, abraçando Rocco pelo pescoço, que desperta com o toque da irmã.

Sorrio para minha família. Minha família linda e feliz. Logo Liam se junta a nós, pulando na cama também. Recomeço a história, o sono desaparecendo. Dramatizo cada cena, faço voz de má quando chega a parte do lobo; Teresa ri, batendo palmas; Rocco, ainda muito pequeno,

PERIGOSAS ACHERON

apenas observa enquanto meu marido acaricia de leve seus cabelos loiros.

Quando a história termina, deito no meio deles, e logo as crianças caem no sono. Liam e Tango vão para fora, e me aninho a Bento, que está com o corpo quente, o coração batendo ritmado.

— Gosto dessa história, e gosto de saber que a Chapeuzinho se entendeu com o Lobo, pequena — ele diz, beijando meus lábios com delicadeza, os olhos fechados.

Encosto minha testa na sua, sentindo sua respiração resvalar em meu rosto.

— Eu também. Às vezes, só queremos o lobo mau no lugar do príncipe.

**FIM**

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



## *Nota da autora*

A ideia para o enredo de “Muito além dos teus olhos” surgiu no final de 2016, depois que li o livro “Beleza perdida”, de Amy Harmon. A história de Ambrose mexeu muito comigo: eu estava diante de um personagem que não era perfeito, que sofreu os horrores da guerra, e que viu sua vida inteira mudar com a aparência modificada. Eu quis, desesperadamente, escrever algo tão magnífico quanto. Então, Bento surgiu. *Ah, Bento!* A princípio, ele teria o rosto queimado em um incêndio, e a história seria a mesma: primos,

apaixonados, separados. Mas então eu percebi que a queimadura não seria suficiente para o que eu estava me propondo a escrever. Eu queria mais. Então, eu pensei: nunca li um livro onde o personagem seja cego. É isso! Uma luz se acendeu, e eu comecei a esboçar a história, aos poucos. Foi a história mais longa e que mais tempo levou para ser concluída. Ela tinha outro final, porque seria uma duologia, porém, eu me dei conta de que Bento e Olívia só precisavam de um livro, uma história única que contaria um pouco sobre a vida deles.

Fui para Presidente Epitácio conhecer um pouco mais do cenário; enquanto estive lá, tudo me levava ao enredo. Eu via Olívia chegando à cidade, ansiosa e temerosa de como seria encontrar a avó em um caixão; via Bento passeando com Tango pela orla; via Vitório paquerando as mulheres nas festas, meu personagem mais engraçado; Marisa imponente em seu hotel (que não existe de

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

verdade); Brenda com as trigêmeas, e Bianca dando em cima de Bento. Tenho uma sobrinha chamada Bianca, e ela até quis que eu alterasse o nome da personagem, porém não o fiz. E eis que, caro leitor, você passou um tempo com esses personagens tão especiais para mim.

Descrever Olívia foi mais fácil que Bento: tive Síndrome do Pânico em alguns períodos da minha vida; foram tempos difíceis, tenebrosos, por isso entendo perfeitamente o que ela passou quando precisou permanecer em Milão com medo de voar. Nunca, em hipótese alguma, subestime o medo de alguém. Só quem vive e sente é que sabe. Cada um tem seu próprio limite, e torci muito por eles. Fico grata por Olívia ter abandonado os remédios, largado o noivo e se juntado a quem ela amou a vida toda. Um casal sofrido, que lutou muito por seu conto de fadas.

## PERIGOSAS ACHERON

Portanto, antes de mais nada, obrigada a você que leu essa história. Não há limites para o amor, por isso reitero: quando o amor é verdadeiro, nem o oceano, a distância ou o tempo podem separar dois corações que batem um pelo outro.

Até a próxima!



## Biografia

JANAINA SOARES tem 29 anos. Formada em Geografia e Letras, seu maior sonho sempre foi estar envolvida com os livros. Leitora assídua e apaixonada pela literatura, tinha um sonho de escrever. Um sonho antes distante, mas que se tornou realidade desde que escreveu sua primeira história: “Ainda não acabou”.

Mora em Emilianópolis, interior do estado de São Paulo, e busca se aperfeiçoar diariamente em sua carreira como escritora.



# *Redes Sociais*

**FACEBOOK**

**SKOOB**

**WATTPAD**

PERIGOSAS NACIONAIS



## Obras



**amazon**  
kindleunlimited

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

# PERIGOSAS NACIONAIS

1)

Fonte: Guia Visual de Bolso. Folha de São Paulo.  
Milão. ↵

# PERIGOSAS ACHERON

2)

Escola de Moda, Design e Arte. Fonte:  
<https://www.istitutomarangoni.com/pt-br/quem-somos/historia-e-missao/>. Acesso em: 06/08/2018. ↵